

Coleção
EDVCERE

[*Dissertações*]

O Estado da Arte sobre juventude na pós-graduação brasileira:

Educação, Ciências Sociais e Serviço Social (1999-2006)

coordenação: Marilia Pontes Sposito

[*Teses*]

Volume 2

ARGUMENTVM
Editora

Coleção
EDVCERE

**O Estado da Arte sobre juventude na
pós-graduação brasileira:**

**Educação, Ciências Sociais e
Serviço Social (1999-2006)**

Volume 2

Marilia Pontes Sposito
coordenação

O Estado da Arte sobre juventude
na pós-graduação brasileira:

Educação, Ciências Sociais e
Serviço Social (1999-2006)

Volume 2

ARGUMENTVM
Belo Horizonte
2009

Todos os direitos reservados à
ARGUMENTVM Editora Ltda.
© Autores

Este livro ou parte dele não pode ser reproduzido
por qualquer meio sem a autorização da editora.

As ideias contidas neste livro são de responsabilidade dos seus autores
e não expressam necessariamente a posição da editora.

CIP-BRASIL CATALOGAÇÃO-NA-FONTE | SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVRO, RJ

E82

Estado da Arte sobre juventude na pós-graduação brasileira : educação, ciências
sociais e serviço social (1999-2006), volume 2 / Marília Pontes Sposito, coordenação. –
Belo Horizonte, MG : Argumentvm, 2009.

264 p. ; 2v. : il. – (Edvcere ; 10)

Inclui bibliografia
ISBN 978-85-98885-77-3

I. Jovens – Educação – Brasil. 2. Educação – Pós-graduação. I. Sposito, Marília
Pontes, 1948- II. Série.

09-5810.	CDD: 379.91	
	CDU: 37.014.5(81)	
09.11.09	16.11.09	016220

CONSELHO EDITORIAL COLEÇÃO EDVCERE

Diana Gonçalves Vidal | USP
José Gonçalves Gondra | UERJ
Luciano Mendes de Faria Filho | UFMG
Maurilane de Souza Bicas | USP

ARGUMENTVM
Editora Ltda.
Rua dos Caetés, 530 sala 1113 – Centro
Belo Horizonte. MG. Brasil
Telefax: (31) 3212 9444
www.argumentvmeditora.com.br

Sumário

Volume 1

PREFÁCIO

O Estado da Arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: Educação, Ciências Sociais e Serviço Social (1999-2006)

Juarez Dayrell e Paulo Carrano 7

Estado da Arte sobre juventude: uma introdução

Marília Pontes Sposito..... 11

CAPÍTULO 1

A pesquisa sobre Jovens na Pós-Graduação: um balanço da produção discente em Educação, Serviço Social e Ciências Sociais (1999-2006)

Marília Pontes Sposito..... 17

CAPÍTULO 2

Juventude e Escola

Juarez Dayrell, Brésia França Nonato, Fernanda Vasconcelos Dias e Helen Cristina do Carmo 57

CAPÍTULO 3

Adolescentes em processos de exclusão social

Marília Pontes Sposito, Livia De Tommasi e Gilberto Geribola Moreno..... 127

CAPÍTULO 4

Jovens Universitários: acesso, formação, experiências e inserção profissional

Paulo Carrano 179

CAPÍTULO 5

Jovens, sexualidade e gênero

Marília Pinto de Carvalho, Raquel Souza e Elisabete Regina Baptista de Oliveira..... 229

Volume 2

PREFÁCIO

O Estado da Arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: Educação, Ciências Sociais e Serviço Social (1999-2006)

Juarez Dayrell e Paulo Carrano 7

Estado da Arte sobre juventude: uma introdução

Marília Pontes Sposito..... 11

CAPÍTULO 6

Jovens e trabalho

Maria Carla Corrochano e Marilena Nakano 17

CAPÍTULO 7

Juventude, Mídias e TIC

Maria da Graça Jacintho Setton 63

CAPÍTULO 8

Os estudos sobre jovens na intersecção da escola com o mundo do trabalho

Monica Peregrino..... 87

CAPÍTULO 9

Os estudos sobre grupos juvenis: presenças e ausências

Elmir de Almeida..... 121

CAPÍTULO 10

Estudos sobre jovens na interface com a política

Marília Pontes Sposito, Ana Karina Brenner e Fábio Franco de Moraes..... 175

CAPÍTULO 11

Estudos históricos sobre a juventude: estado da arte

Maria Lucia Spedo Hilsdorf e Fernando Antonio Peres 213

Apêndice235

*O Estado da Arte sobre juventude na
pós-graduação brasileira: Educação,
Ciências Sociais e Serviço Social
(1999-2006)*

A produção de conhecimento, qualquer que seja o campo do saber, não pode prescindir do esforço sistemático de inventariar e fazer balanço sobre aquilo que foi produzido em determinado período de tempo e área de abrangência. Isso é o que se convencionou denominar de “estado do conhecimento” ou “estado da arte”. Esta é a denominação que foi adotada nos dois volumes deste livro que temos a satisfação de apresentar. Para tratar do inventário de determinado campo do conhecimento, podemos utilizar a imagem de alguém que iniciou uma caminhada e num certo ponto faz uma parada, olha para trás, toma fôlego, reavalia os objetivos do caminhar e se coloca em posição de retomar o percurso, podendo mesmo reorientar o seu rumo em função da “reflexão” e da recuperação que o ato de interromper a marcha possa ter promovido.

O exercício de recuperação analítica da produção sobre os jovens e a juventude no Brasil tem um início que o demarca e que prossegue de maneira ampliada com esta coletânea de pesquisa, resultado dos esforços de uma rede nacional de cooperação científica que se estabeleceu a partir do ano 2000 sob a coordenação da professora Dr^a. Marília Pontes Sposito (USP). A primeira iniciativa de pesquisa conjunta foi o *Estado do Conhecimento Juventude e Escolarização*, que inventariou e analisou a produção discente sobre juventude na pós-graduação em Educação no período de 1980 a 1998.¹ O trabalho tornou-se referência para alunos de graduação, mestrandos, doutorandos, pesquisadores iniciantes e experientes, que puderam dialogar com os textos daquela coletânea os quais apontavam o “momento” em que havíamos chegado com a produção discente da pós-graduação que buscou nos jovens e estudantes seus problemas de investigação científica.

A pesquisa atual realizou um balanço da produção de conhecimentos discente nos programas de pós-graduação no campo dos estudos sobre **Juventude**, de 1999 até 2006, nas áreas Educação, Ciências Sociais (Antropologia, Ciência Política e Sociologia) e Serviço Social, além de estabelecer, sempre que possível, parâmetros comparativos entre a produção anterior (1980/1998) e a atual, verificando as principais inflexões e aportes teórico-metodológicos observados nas áreas de conhecimento analisadas e também sugerindo novas vertentes

¹ Esse estudo foi publicado pelo INEP em 2002 na série Estado do Conhecimento.

de investigação para problemáticas ainda pouco exploradas pelas pesquisas de mestrado e doutorado.

A publicação dos dois volumes deste livro é uma das ações do Projeto *Diálogos com o Ensino Médio*, uma parceria iniciada no ano de 2009 entre o Observatório da Juventude da UFMG,² o Observatório Jovem da UFF³ e a Secretaria de Educação Básica do MEC.

Os objetivos dessa parceria entre os referidos Observatórios e o MEC estão relacionados com a busca do diálogo entre as temáticas do ensino médio e juventude por meio do levantamento, da sistematização e da divulgação da produção acadêmica destas áreas. A finalidade é a de subsidiar a elaboração, a implantação e o monitoramento de políticas públicas que atendam com qualidade o público jovem no espaço da escola pública. E, ao mesmo tempo, fomentar o intercâmbio entre a comunidade acadêmica e outros atores envolvidos nos processos de educação e de produção de conhecimentos relacionados com os jovens alunos do Ensino Médio. Outra ação diz respeito à realização de pesquisas de caráter qualitativo sobre a posição dos jovens estudantes em relação à escola de ensino médio.

O Projeto “Diálogos” criou um espaço virtual – Portal Ensino Médio *EMdiálogo* (www.emdialogo.com.br) – que vem estimulando o intercâmbio de informações e conhecimentos entre jovens alunos, professores e demais interessados acerca da realidade do ensino médio no Brasil. Inventariou também documentos e produções acadêmicas relacionadas ao Ensino Médio, classificando-a e disponibilizando-a num diretório no Portal, além de desenvolver uma pesquisa-piloto no estado do Pará, buscando elevar o nível de conhecimento sobre os jovens alunos do ensino médio, suas condições de aprendizagem, suas expectativas e o relacionamento entre professores e alunos naquele estado.

² O “Observatório da Juventude da UFMG” (www.fae.ufmg.br/objuventude) é um programa de ensino, pesquisa e extensão da Faculdade de Educação da UFMG. Desde 2002 vem realizando atividades de investigação, levantamento e disseminação de informações sobre a situação dos jovens na Região Metropolitana de Belo Horizonte, além de promover a formação de jovens, de professores que trabalham com a juventude, como também de alunos da graduação da UFMG interessados na temática. Situa-se no contexto das políticas de ações afirmativas, orientando-se por quatro eixos centrais de preocupação que delimitam sua ação institucional: a condição juvenil; políticas públicas e ações sociais; práticas culturais e ações coletivas da juventude e a construção de metodologias de trabalho com jovens.

³ O “Observatório Jovem” (www.uff.br/obsjovem) iniciou suas atividades no ano de 2001 como um grupo de pesquisa e extensão universitária e vincula-se ao Programa de Pós-Graduação em Educação da UFF. Suas principais preocupações de estudo, pesquisa e extensão estão relacionadas com a investigação de processos sociais educativos escolares e não escolares, as situações de vida dos jovens na contemporaneidade e suas mobilizações sociais, culturais e políticas. O Observatório produz matérias de conteúdo próprio na forma de entrevistas e reportagens e também procura divulgar informações qualificadas de outras fontes.

Foi no bojo destas ações que o Projeto apoiou o desenvolvimento da análise dos dados produzidos pela pesquisa “*Balanço e perspectivas do campo de estudos de Juventude no Brasil em conjuntura de expansão*”, publicando os dois volumes deste livro com os artigos relacionados aos diversos temas classificados neste estudo e, ao mesmo tempo, disponibilizando a base de dados e este livro no Portal EMdiálogo (www.emdialogo.com.br).⁴

Esta pesquisa não seria possível sem a coordenação da Dr^a Marília Pontes Sposito e seu intransigente compromisso com o rigor analítico e a ética necessária em um trabalho de balanço que se propõe a analisar produtos e processos de investigação. Por fim, registramos o decisivo apoio à pesquisa dado pelo CNPq, pela FAPEMIG e pela FAPERJ, além da Secretaria de Educação Básica do MEC, que aportou recursos para a publicação deste livro, o qual surge com a expectativa de contribuir para a consolidação do campo de estudos sobre juventude no Brasil.

Juarez Dayrell

Paulo Carrano

⁴ A mesma base de dados encontra-se disponível na biblioteca digital da ONG Ação Educativa.

Estado da Arte sobre juventude: uma introdução

Marilia Pontes Sposito

Este livro reúne os resultados do segundo balanço da produção discente sobre o tema Juventude no interior da Pós-Graduação no Brasil. O primeiro balanço – *Juventude e Escolarização* (Sposito, 2002) – cobriu um extenso período (1980-1998) e se dedicou somente à área da Educação. O atual ampliou seu escopo ao incorporar as áreas de Ciências Sociais (Antropologia, Ciência Política e Sociologia) e Serviço Social, fixando como recorte temporal o período 1999-2006 para o levantamento das dissertações e teses.¹

Certamente, outras áreas têm apresentado produção significativa sobre o tema, como a Psicologia, por sua tradição adquirida nos estudos sobre a adolescência, as Ciências da Comunicação e a Saúde Coletiva. No entanto, a investigação realizada privilegiou apenas a produção dessas três áreas, considerando como eixo delimitador os estudos que contemplem, na formulação de seus apoios teóricos, uma *dominante social*. A expressão dominante social é aqui utilizada apenas para delimitar as áreas investigadas no conjunto das disciplinas das Ciências Humanas (Educação e Ciências Sociais) e Ciências Sociais Aplicadas (Serviço Social). Neste caso, a ênfase recai sobre o que pode ser designado como produção de conhecimento fundamentada na teoria social, que compreende a Sociologia, a Antropologia, a Ciência Política e os domínios a elas correlatos como o Serviço Social.

A confiabilidade de um levantamento que pretende caracterizar-se como Estado da Arte depende, em grande parte, do claro recorte do universo a ser investigado, das fontes disponíveis e do seu tratamento (Davies, 2007). A decisão de circunscrever, neste momento, o levantamento em torno da produção discente da Pós-Graduação decorreu do pressuposto de que parte importante, e não muito visível, da produção de conhecimento no país se desenvolveu e ainda se desenvolve no processo de formação de novos pesquisadores no interior da Pós-Graduação.

¹ Os programas de pós-graduação considerados no atual levantamento são aqueles definidos pela CAPES, em seu portal, como pertencentes a uma das áreas (Educação, Serviço Social e Ciências Sociais, esta última compreendendo Antropologia, Ciência Política e Sociologia). Assim, programas interdisciplinares, que não estão alocados numa dessas áreas, não foram percorridos. Omissões de trabalhos que deveriam estar contemplados também podem ser decorrentes de eventuais imperfeições no levantamento realizado junto ao Portal, diante do amplo universo a ser percorrido.

No entanto, a expansão recente dessa modalidade de ensino tornou a tarefa bastante complexa pelo número potencial de trabalhos a serem percorridos e, eventualmente, incorporados.

Os trabalhos foram selecionados a partir das informações contidas no Banco de Teses do portal CAPES.² Foram consolidados 43 descritores (ver anexo),³ que serviram como filtros para se percorrer a extensa base de dados do banco (1987-2006),⁴ a partir de três campos: título, palavras-chave e resumos. A busca mais exaustiva⁵ dos trabalhos evidenciou que considerar apenas o campo palavras-chave não seria suficiente. Assim, os títulos e, principalmente, os resumos poderiam indicar com maior segurança a pertinência do estudo.

Em continuidade aos procedimentos adotados no estudo anterior, foi preciso ter acesso ao conteúdo total das obras selecionadas, pois um balanço de literatura, sobretudo nos moldes Estado da Arte, não pode ser realizado somente a partir de resumos (Ferreira, 2002). A recuperação dos exemplares que não estavam disponíveis em bases eletrônicas exigiu muita persistência da equipe e atravessou muitas dificuldades. As bibliotecas digitais das universidades foram uma fonte importante para a localização das teses e dissertações sobretudo para a produção mais recente (2005 e 2006). A equipe tentou, também, estabelecer contatos com os autores e orientadores dos trabalhos, obtendo, em alguns casos, respostas positivas. Mesmo assim, um lote significativo foi recuperado pelo serviço de intercâmbio entre bibliotecas ou pelo sistema COMUT (Programa de Comutação Bibliográfica do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia – IBICT). Tanto as bases de dados como os intercâmbios entre bibliotecas apresentam suas fragilidades, reconhecidas por outros pesquisadores como Vermelho e Areu (2005).

² O Banco de Teses do portal CAPES foi percorrido em duas etapas: a primeira, entre agosto e dezembro de 2006, quando se levantou a produção de 1999 a 2004, e a segunda, de agosto a dezembro de 2007, quando foram selecionados os trabalhos defendidos nos anos de 2005 e 2006.

³ Os descritores utilizados no primeiro Estado da Arte serviram de base para o levantamento, mas outros foram acrescidos de modo a ampliar as possibilidades de identificação da produção discente.

⁴ Atualmente o Banco de Teses do portal CAPES já contém os trabalhos defendidos em 2007 e 2008, mas a data limite do levantamento atual foi fixada em 2006.

⁵ Apesar do grande avanço no acesso público às informações, o Banco de Teses do portal CAPES ainda apresenta fragilidades que precisam ser consideradas. Uma delas é que o Portal constitui uma base instável, pois, de modo permanente, incorpora arquivos de trabalhos novos ou mesmo de anos anteriores, impossibilitando levantamentos precisos sobre o universo pesquisado. Além de instável, o Banco também não é exaustivo, pois encontramos trabalhos junto aos orientadores que não constavam no Portal, nem mesmo no acervo da biblioteca depositária da instituição responsável pela titulação. As ferramentas de busca no Portal são muito limitadas, pois não permitem pesquisar um único programa de pós-graduação, uma área do conhecimento ou por orientador. Além disso, é impossível fazer buscas a partir de um único campo (palavra-chave, título ou resumo).

Apesar dos esforços, alguns exemplares não foram localizados nas bibliotecas depositárias, sendo considerados perdidos.

Do total de dissertações e teses identificadas (1.427), não foi possível recuperar 134 exemplares. As teses e dissertações foram indexadas em uma base de dados digital,⁶ compreendendo informações descritivas do texto, resumo e tema.

Tabela 1 – Recuperação dos trabalhos por área

ÁREA DO CONHECIMENTO	RECUPERADOS	NÃO-RECUPERADOS
EDUCAÇÃO	883	88
SERVIÇO SOCIAL	131	13
CIÊNCIAS SOCIAIS	279	33
Ciência Política	9	4
Antropologia	107	10
Sociologia	163	19
TOTAL	1.293	134

Tendo em vista a quantidade de trabalhos a serem analisados, a diversidade temática, os limites de tempo e o número de pesquisadores envolvidos, algumas escolhas se impuseram ao grupo, não sendo possível, até o momento, esgotar a análise de todo material empírico levantado. Os artigos desta coletânea analisam os temas que apresentaram maior frequência de estudos no universo de trabalhos indexados.

O texto inicial, *Estudo sobre Jovens na Pós-Graduação: um balanço da produção discente em Educação, Serviço Social e Ciências Sociais (1999-2006)*, examina os dados gerais do levantamento e tece considerações em torno dos traços mais marcantes dessa produção. Um conjunto de três artigos examina os aspectos relativos aos jovens em suas relações com o sistema escolar: *Juventude e Escola*. Estudos relativos à sexualidade e às relações de gênero, em suas interfaces com a juventude, são analisados no artigo *Jovens, sexualidade e gênero*. O texto *Adolescentes em processo de exclusão social* recobre a produção discente que se dedicou, sobretudo, à pesquisa dos segmentos juvenis considerados em situação de extrema pobreza e dos adolescentes em conflito com a lei. Pesquisas que abordaram outros registros da condição juvenil foram examinadas em outros artigos: *Juventude e Trabalho*; *Jovens, mídia e TIC*; *Os grupos juvenis*; *Jovens Negros*; e *Juventude e política*. Finalmente, também foi objeto de análise o tema

⁶ A base de dados se encontra na biblioteca digital de Ação Educativa (www.acaoeducativa.org.br). Utilizando apenas *software* livre, o sistema foi desenvolvido em linguagem php com banco de dados mysql e funciona sob o sistema operacional linux. A opção pelo *software* livre e a execução na intranet de Ação Educativa, um servidor com acesso interno e monitorado, garantiu aos pesquisadores maior acessibilidade ao sistema, facilitando, sobremaneira, o desenvolvimento e a segurança dos trabalhos.

Estudos históricos sobre juventude. Como foram identificados trabalhos que se voltaram para o passado e tentaram compreender aspectos da vida juvenil em outros momentos da sociedade brasileira, julgou-se importante aferir se esse conjunto abre perspectivas, mesmo que de forma bastante incipiente, para uma eventual história dos jovens no Brasil.⁷ No apêndice encontram-se as listagens de todas as dissertações e teses localizadas, agrupadas por eixo temático de modo a facilitar a consulta.⁸

É forçoso admitir que já existe um conjunto de estudos produzidos nos últimos 20 anos no Brasil sobre os jovens, cujo balanço exaustivo é praticamente impossível. Além das teses e dissertações, há outros produtos importantes do processo de conhecimento, como os livros, periódicos e relatórios de pesquisa, não cobertos neste estudo.⁹ Por outro lado, a produção de conhecimentos e informações sobre juventude também não é privilégio do mundo universitário. Institutos privados de pesquisa, organizações não-governamentais e organismos públicos têm produzido, significativamente, nos últimos anos, sobre o tema. A relevância e a qualidade desses estudos ainda estão por ser aferidas, mas de algum modo eles não só traçam diagnósticos ou retratos da juventude como, também, constroem ativamente uma imagem sobre os jovens no Brasil.¹⁰

Um empreendimento coletivo dessa magnitude decorre de múltiplos apoios, da disponibilidade e atenção de colegas e dedicados funcionários de bibliotecas universitárias. Correndo o risco de cometer algumas injustiças, somos especialmente agradecidos a Irene Alves de Paiva, Luiza Mitiko Camacho, Olga Durand e ao inesquecível amigo Nilton Bueno Fischer.

O presente Estado da Arte exprime o trabalho de uma equipe diversificada de pesquisadores, envolvendo professores, alunos da pós-graduação e bolsistas de iniciação científica da Universidade Federal Fluminense, da Universidade Federal de Minas Gerais e da Universidade de São Paulo. Sou particularmente grata a: Ana Karina Brenner, Elisabete de Oliveira, Elmir de Almeida, Fábio Franco de Moraes, Fernando Antonio Peres, Gilberto Geribola Moreno, Juarez Dayrell, Livia de Tommasi, Maria Carla Corrochano, Maria da Graça Setton,

⁷ Um levantamento da produção na área de História certamente traria elementos importantes para a aferição das potencialidades de uma linha de investigação em torno de uma história dos jovens. Por outro lado, é importante registrar que a área de Educação já possui uma tradição consolidada no domínio da História da Educação e que poderia incorporar essa problemática em sua agenda de pesquisa.

⁸ Os trabalhos foram agrupados por área de conhecimento e, no caso das Ciências Sociais, a divisão em subáreas Antropologia, Sociologia e Ciência Política) decorreu do foco predominante apresentado pelo trabalho do aluno nos casos em que os programas de pós-graduação não formalizaram essa divisão.

⁹ Um balanço dos artigos de periódicos nessas três áreas também foi realizado pela equipe de pesquisadores e será objeto de análise em outro momento.

¹⁰ A este respeito consultar a tese de Doutorado de João Paulo Macedo e Castro (2006).

Maria Lúcia Hilsdorf, Maria Nobre Damasceno, Marilena Nakano, Marília Pinto de Carvalho, Monica Peregrino, Monica Sacramento, Nilma Gomes, Paulo Cesar Carrano e Raquel de Souza.

Como afirma Régine Sirota (2006), pesquisadora da disciplina Sociologia da Infância, os balanços da produção científica são importantes porque, em geral, assumem uma dupla feição: contribuem para a emergência do campo de estudos e auxiliam na sua estruturação. Se for considerado o conjunto do que já foi produzido nos últimos dez anos, é possível afirmar que a pesquisa sobre juventude no Brasil não pode ser mais tratada como um dado apenas emergente. A equipe de pesquisadores espera que a divulgação dos resultados deste livro contribua para a estruturação e a consolidação desse campo de estudos.

Referências bibliográficas

- DAVIES, Philip. Revisões sistemáticas e a Campbell Collaboration. In Thomas, Gary e Pring, Richard. *Educação baseada em evidências*. Porto Alegre: Artmed, 2007
- FERREIRA, Norma S A. As pesquisas denominadas ‘Estado da Arte’. *Educação & Sociedade*, ano XXIII, número 79, Agosto/2002.
- MACEDO e CASTRO, João Paulo. *UNESCO – Educando os jovens cidadãos e capturando redes de interesses: uma pedagogia da democracia no Brasil*. Tese de Doutorado. Museu Nacional, UFRJ, 2006.
- SIROTA, Régine. *Éléments pour une sociologie de l’enfance*. Paris: PUF, 2006
- SIROTA, Régine (coord.). *Juventude e escolarização (1980/1998)*, Série Estado do conhecimento, número 7, Brasília, MEC/INEP, Comped, 2002.
- VERMELHO, Sonia Cristina e AREU, Graciela Inês Presas. Estado da Arte da área de educação & Comunicação em periódicos brasileiros, *Educação e Sociedade*, Campinas, vol. 26, n. 93, p. 1413-1434, Set./Dez. 2005.

Jovens e trabalho

Maria Carla Corrochano¹

Marilena Nakano²

O tema *Jovens e Trabalho* abrange um conjunto de teses e dissertações que tem em comum a análise da relação de crianças, adolescentes e jovens com o mundo do trabalho. Diversamente do Estado do Conhecimento Juventude e Escolarização (1980-1998) na área de Educação, em que um dos temas organizava-se em torno da tríade: jovens, mundo do trabalho e escola, aqui se concentram pesquisas que ultrapassam os muros escolares para estudar a relação dos jovens com o trabalho.

As investigações são fortemente inspiradas pela crise e pelas transformações do mundo do trabalho, especialmente o assalariado, a partir dos anos 1990. Este processo levou a interrogações em torno do lugar da esfera do trabalho na vida de crianças, adolescentes e jovens, de suas experiências concretas neste espaço diante de um cenário de desemprego e precarização das relações trabalhistas, das novas (ou não) relações entre educação e trabalho e das ações públicas implementadas por diferentes atores para lidar com esta conjuntura.

Na área de Educação, esta temática é caudatária de uma das linhas mais consolidadas da pesquisa no Brasil – Educação e Trabalho, tal como já havia sido observado no Estado do Conhecimento anterior (Corrochano e Nakano, 2002). Em Ciências Sociais, a subárea de Sociologia no Brasil já consolida uma tradição de estudos sobre o mundo do trabalho que influencia positivamente nos estudos sobre juventude. Em Serviço Social está articulada às discussões do trabalho infanto-juvenil e sua erradicação após a promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente, em 1990.

Um grande número dos trabalhos aqui analisados evidencia uma porosidade entre o campo político e o campo acadêmico, dado que muitos dos atores que estão buscando construir algumas saídas concretas para as mutações do trabalho acabam por realizar estudos a partir de suas próprias experiências, sendo esta perspectiva mais forte nas áreas de Educação e Serviço Social.

¹ Doutora em Educação, assessora de Ação Educativa – Assessoria, Pesquisa e Informação.

² Doutora em Educação, professora do Centro Universitário Fundação Santo André, pesquisadora convidada do Laboratoire EXPERICE – Université Paris 13.

Considerando as três áreas do conhecimento que integram a atual base de análise do estado do conhecimento (Educação, Serviço Social e Ciências Sociais), o tema *Jovens e Trabalho* é contemplado em 91 estudos (74 mestrados e 17 doutorados) entre os anos de 1999 e 2006 (Tabela 1). Eles também tomam como foco diferentes espaços e setores de trabalho, bem como diferentes territórios de procura de emprego, tais como agências públicas ou privadas. Estudam programas/projetos de educação e qualificação profissional e/ou de apoio à inserção de jovens; a precoce inserção de crianças e adolescentes no mundo do trabalho e suas consequências; os significados e as experiências de jovens na relação que estabelecem com o mundo do trabalho; e iniciativas no campo do não assalariamento: cooperativas de produção, empresas de autogestão e iniciativas de empreendedorismo.

Conforme pode ser visto na tabela 1, a maior concentração de investigações ocorre na área da educação (47 trabalhos – 51,6%). Em relação às demais áreas, o tema aparece em 19 estudos na área de Serviço Social (20,9%) e, nas Ciências Sociais, em 25 estudos (27,5%), em sua grande maioria na Sociologia (20 trabalhos) e 05 na Antropologia.

Tabela 1 – Distribuição das dissertações e teses segundo áreas de conhecimento, subtemas e nível – 1999 a 2006

Subtemas	Serviço Social	Ciências Sociais		Ciência Política	Educação	TOTAL
		Sociologia	Antropologia			
Programas/projetos de qualificação e/ou apoio à inserção de adolescentes e jovens	9	6	1	0	33	49
Trabalho de crianças e adolescentes	7	4	3	0	3	17
Mundo do trabalho: experiências e significados sob o ponto de vista dos jovens	1	8	1	0	6	16
Mutações no mundo do trabalho: para além da qualificação profissional e do trabalho assalariado	2	2	0	0	5	9
TOTAL	19	20	5	0	47	91
Mestrados	17	16	4	0	37	74
Doutorados	2	4	1	0	10	17

Observa-se uma grande diversidade de orientadores: apenas 10 orientaram mais de um estudo no interior do tema *Jovens e Trabalho* (tabela 2). Estes foram responsáveis pela orientação de 23 estudos, 25,3% do total recobrando as 3 áreas aqui analisadas, mas com ênfase maior na Educação. Desse conjunto de 10 orientadores, 6 possuem orientações em outros temas sobre juventude. Vale ressaltar a importância deste cenário, pois ele é ao mesmo tempo sinalizador da tendência de configuração do campo de pesquisa sobre jovens no Brasil, como também de potencialidades de cruzamentos de diferentes temáticas e de estudos envolvendo a diáde jovem e trabalho.

Tabela 2 – Orientadores de 2 ou mais estudos no interior do tema Juventude e Trabalho

Orientação	Juventude	Trabalho	Área	Universidade
Manoel Francisco de Vasconcelos Motta	10	2	Educação	Universidade Federal do Mato Grosso
Marília Pontes Sposito	10	2	Educação	Universidade de São Paulo
Denise Câmara de Carvalho	8	4	Serviço Social	Universidade Federal da Paraíba/ João Pessoa
Maria Helena Oliva Augusto	4	3	Sociologia	Universidade de São Paulo
Maria Nobre Damasceno	6	2	Educação	Universidade Federal do Ceará
Nilton Bueno Fischer	5	2	Educação	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Neide Aparecida de Souza Leffeld	2	2	Serviço Social	UNESP-Franca
Vera Lucia Tiekko Suguihiro	2	2	Serviço Social	Universidade Estadual de Londrina
João dos Reis Silva Junior	2	2	Educação	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Antonio Moreira de Carvalho Neto	2	2	Sociologia	Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

Os 91 estudos do tema em questão encontram-se divididos em quatro subtemas: 1) Programas/projetos de qualificação profissional e/ou apoio à inserção de jovens (49 trabalhos – 53,8% do total); 2) Trabalho de crianças e adolescentes (17 teses e dissertações – 18,7%); 3) Mundo do trabalho: experiências e significados sob o ponto de vista dos jovens (16 produções – 17,6%); 4) Mutações no mundo do trabalho: para além da qualificação profissional e do trabalho assalariado (9 trabalhos – 9,9%).

Quando os dados relativos aos subtemas são desagregados por região e área de conhecimento, observam-se tendências diferentes, o que revela cruzamentos que chamam a atenção para configurações diversas que os dados gerais não permitem revelar (tabela 3).

Tabela 3 – Distribuição de subtemas segundo a região do país e a área de conhecimento

Subtema	Região do Brasil					Área de conhecimento		
	Sul	Sudeste	Centro-oeste	Nordeste	Norte	Educação	C. Sociais	Serviço Social
Programas/projetos de qualificação e/ou apoio à inserção de adolescentes e jovens	7 14,3%	26 53,1%	4 8,2%	11 22,4%	1 2%	33 67,3	7 14,3%	9 18,4%
<i>Subtotal</i>	49 = 100%					49 = 100%		
Trabalho de crianças e adolescentes	2 11,8%	6 35,2%	0 0%	9 53%	0 0%	3 17,6%	7 41,2%	7 41,2%
<i>Subtotal</i>	17 = 100%					17 = 100%		
Mundo do trabalho: experiências e significados sob o ponto de vista dos jovens	4 25%	10 62,6%	1 6,3%	1 6,3%	0 0%	6 37,5%	9 56,3%	1 6,3%
<i>Subtotal</i>	16 = 100%					16 = 100%		
Mutações no mundo do trabalho: para além da qualificação profissional e do trabalho assalariado	1 11,1%	3 33,4%	2 22,2%	2 22,2%	1 11,1%	5 55,6%	2 22,2%	2 22,2%
<i>Subtotal</i>	9 = 100%					9 = 100%		
TOTAL	14	45	7	23	2	47	26	18
	91 = 100%					91 = 100%		

Há uma concentração mais acentuada de pesquisas em torno do subtema *Programas/projetos de qualificação e/ou apoio à inserção de adolescentes e jovens no mercado de trabalho* na região Sudeste (53,1%) e na área de Educação (67,3%). Diante desses percentuais pode-se aventar a hipótese de que há um conjunto não desprezível de pesquisadores, aí incluídos os orientadores, que se volta para

estudos referentes às questões de qualificação de jovens trabalhadores e sua inserção no mercado de trabalho por se encontrarem no interior da principal e mais dinâmica região em termos econômicos e que, por isso, sofre os impactos das alterações havidas nesse campo mais rápida e intensamente do que as outras regiões brasileiras. Além disso, dada também a riqueza econômica desta região, encontra-se nela um conjunto de iniciativas diversas em torno da qualificação que abre espaço para um vasto campo de estudos. Finalmente, outro elemento a ressaltar é que a grande concentração de análises de programas/projetos de qualificação/formação profissional parece refletir o próprio campo de ações públicas de trabalho e renda no País: se já para os adultos as iniciativas concentram-se na qualificação profissional, quando se trata de jovens isto ganha ainda mais força. Programas e projetos governamentais (ou não) estão mais fortemente preocupados em “educar”, “qualificar”, “formar” jovens, especialmente jovens pobres, do que construir alternativas efetivas para jovens no campo do trabalho.

Quanto ao subtema *Trabalho de crianças e adolescentes* a maior concentração de trabalhos produzidos ocorre na região Nordeste (53%), sobretudo nas áreas de Serviço Social e Ciências Sociais (41,2% respectivamente). Neste caso específico, parece que o problema social do trabalho de crianças e adolescentes, que se mostra extremamente agudo no nordeste, torna-se questão de pesquisa e a ele vem associada, muitas vezes, a intenção do pesquisador de intervir no problema, seja através da denuncia, seja pela proposição de soluções, o que se verifica em muitas pesquisas.

Em relação ao subtema *Mundo do trabalho: experiências e significados sob o ponto de vista dos jovens*, de novo é na região sudeste que se concentra o maior número de estudos (62,6%), mas aqui é na área das Ciências Sociais, e não em Educação, conforme a tendência geral, que se verifica o maior percentual de estudos (56,3%). A concentração de trabalhos nesta área talvez possa ser explicada pelo histórico debate que nela acontece sobre a centralidade/não centralidade do trabalho, seus significados e as novas (ou não) configurações do mundo do trabalho em virtude das transformações, e também das permanências em curso no mundo capitalista. Além disso, os jovens desafiam os pesquisadores sobre as possibilidades das gerações adultas de transmitirem uma determinada forma de ser e de agir da classe trabalhadora, ancorada numa dinâmica de luta que teve na região sudeste um lócus importante no final da década de 1970.

O subtema *Mutações no mundo do trabalho: para além da qualificação profissional e do trabalho assalariado* não traz em torno de si uma concentração de trabalhos em termos regionais; trata-se de um tema emergente, cujos primeiros trabalhos começam a aparecer no ano de 2003, e é na área de Educação que se encontra o maior percentual dessa produção (55,6%).

Em todos os subtemas chama a atenção o fato de a imensa maioria dos trabalhos, independentemente da área à qual esteja vinculado o pesquisador, apresentar um panorama geral da crise e das transformações no mundo do trabalho e a defesa da centralidade desta esfera na vida dos indivíduos, tomando como base

autores da área da Sociologia e da Economia, com ênfase em políticas sociais e do trabalho. Em geral, as análises se intitulam marxistas e dialogam, para além da concepção de trabalho em Marx (1999), com autores da sociologia do trabalho que questionaram a centralidade da dimensão do trabalho na contemporaneidade, tais como Gorz (1987) e Offe (1989). Sobre as transformações da sociedade salarial e o debate sobre a precariedade, Castel (1998) é o autor mais citado. O conceito de acumulação flexível de Harvey (2002) também é bastante utilizado. Na discussão sobre a questão das competências, Hirata (1996) é citada por diferentes autores de todos os subtemas.

Quanto aos autores brasileiros, os trabalhos se inspiram fortemente no pensamento do sociólogo Antunes (1995, 2000) e na sua defesa da centralidade do trabalho, bem como na produção do economista Pochmann (2000a, 2000b, 2001), particularmente nas suas publicações que tratam da temática do desemprego juvenil. Também são citados com frequência os economistas Singer (1999) e Mattoso (1996).

Verifica-se no conjunto dos estudos da área de Educação uma tendência bastante forte no sentido de estabelecer nexos entre as transformações do mundo do trabalho e as novas exigências em termos de formação e, para isso, são recuperadas as discussões sobre escola unitária e politécnica, e os autores brasileiros mais citados são: Frigotto (1993, 1996, 1998), Kuenzer (1986, 1997) e Saviani (1987).³

A referência a produções sobre jovens e juventude no interior do tema *Jovens e Trabalho* é muito maior do que aquela verificada no Estado do Conhecimento Juventude e Escolarização (1980-1998), quando foram analisados os estudos em torno da tríade jovens, mundo do trabalho e escola (Corrochano e Nakano, 2002), revelando como o tema da juventude passou a ser um desafio teórico-metodológico para muitos pesquisadores. Os autores mais citados são Abramo (1997), Abramo, Freitas e Sposito (2002), Sposito e Carrano (2003), Sposito (2003, 1994), Martins (2000, 2007). A publicação da Anped (1997), “Juventude e Contemporaneidade”, constituiu-se em um forte apoio para muitos dos autores das teses e dissertações no diálogo que estabeleceram com os sujeitos pesquisados.

Quanto à questão metodológica, a imensa maioria das pesquisas é definida pelos autores, genericamente, como sendo de natureza qualitativa. Para a coleta de dados eles utilizam técnicas diversas: entrevista, história de vida, “história local do trabalho” (uma agregação de histórias da empresa, da região, da constituição do grupo operário, do movimento operário, das histórias individuais), entrevista temática. Alguns descrevem detalhadamente a metodologia utilizada, os critérios de escolha dos sujeitos, bem como as ferramentas utilizadas para a análise das entrevistas.

Alguns dos pesquisadores definem a metodologia como sendo de caráter quantitativo e qualitativo, combinando as duas formas. O que chamam de quan-

³ Para uma discussão das intersecções entre escola e trabalho consultar nesta coletânea o texto *Jovens, Escola e trabalho*.

titativo reporta-se, em geral, a um questionário aplicado a parte do universo estudado no interior do programa ou projeto estudado, sem explicitação do tipo de tratamento utilizado para a análise dos dados, evidenciando certa confusão entre método e técnica. Mas, é preciso ressaltar que alguns trabalhos apresentam combinações criteriosas da pesquisa qualitativa e quantitativa e o uso de ferramentas diversas: o *survey*, por exemplo. Quanto à análise de dados, formas diversas também aparecem: do programa informacional, SPSS, ALCESTE à análise das narrativas e da ação.

Finalmente, todas as referências citadas até aqui permitem afirmar que os pesquisadores do tema *Jovens e Trabalho*, independentemente de estarem vinculados ao campo da Educação, do Serviço Social, da Sociologia, da Antropologia, fizeram uma incursão por áreas diversas, especialmente pela Sociologia e pela Economia. A essa certa homogeneidade de referências vieram também associadas reflexões muito assemelhadas nas mais diferentes áreas e no interior dos 4 subtemas aqui trabalhados. No entanto, há um conjunto de teses e dissertações marcadas pela novidade porque seus autores mostraram-se capazes de fazer escolhas e investimentos em torno de questões polêmicas e novas problemáticas, estabelecendo um diálogo com a literatura escolhida de tal forma a compreender a realidade encontrada, e não de realizar uma mera repetição de reflexões feitas por outrem. Além disso, alguns deles enveredaram também por uma nova literatura, enriquecendo o debate. Quanto às questões metodológicas, as pesquisas qualitativas predominam, evidenciando uma clara lacuna de pesquisas quantitativas.

Programas/projetos de qualificação profissional e/ou apoio à inserção de adolescentes e jovens

Neste subtema estão reunidos todos os estudos, num total de 49,⁴ que focalizam programas de qualificação profissional de adolescentes e jovens que podem, ou não, também realizar ações de apoio à inserção juvenil no mercado de trabalho.

⁴ Deste conjunto de estudos, 7 não tiveram seus exemplares localizados e foram acessados apenas por meio de seus respectivos resumos. Trata-se das pesquisas feitas por: Amílcar Eleutério Nogueira (1999), sobre impactos do Programa Trabalho e Cidadania, em Montes Claros-MG; Cristiane Zumpichiati dos Santos (2005) e Eugênio Eduardo P. Moreira (2004), sobre programas desenvolvidos pelo SENAI; Maria Meirelene Lopes Lemos (2006), que pesquisou jovens da periferia de Fortaleza-CE envolvidos em projetos de iniciativa do Estado; Marlene Adame Garcia (2005), que estudou o módulo “Formação cidadã” do Programa Bolsa Trabalho da Prefeitura de São Paulo; Rosângela Ribeiro (2006), que pesquisou o Programa Rio Criança Cidadã; Teone Maria Rios de Souza Rodrigues Assunção (2005), que busca compreender em que medida o Sistema S, as entidades assistenciais de profissionalização e os órgãos de fiscalização estão implementado a legislação sobre o trabalho do adolescente na condição de aprendiz.

Um aspecto peculiar desse subtema é o tradicional debate que se faz no campo da Educação em torno da questão da formação/qualificação para o trabalho, agora agregada à problemática da inserção de jovens no mercado de trabalho. Neste debate a questão da reprodução e das trocas simbólicas tal como introduzidas por Bourdieu (1974) e Bourdieu e Passeron (1975) voltam à cena.

Especialmente neste subtema, de forma mais acentuada que nos demais, muitos autores lançam mão do pensamento de Gramsci (1978, 2001) para tratar da escola unitária e, principalmente aqueles vinculados à área de Educação, tomam Frigotto (1993, 1996, 1998) e Kuenzer (1986, 1997) como referências para as suas análises, dentre outros autores representativos do debate sobre trabalho e educação no Brasil. Alguns recuperam a discussão sobre politécnia através do diálogo que estabelecem com Saviani (1987).

Quando se trata do debate sobre a questão das competências, além de Hirata (1996), são trazidos para o debate Ropé e Tanguy (1997), Tanguy (1997, 1999). A obra organizada por Ferretti *et al.* (1994), *Tecnologias, trabalho e educação*, pelo seu caráter interdisciplinar, serviu de base para inúmeros pesquisadores deste subtema.

Na medida em que há um conjunto de estudos que avaliam as ações de profissionalização dirigida a adolescentes, boa parte do referencial ainda concentra-se nas análises do campo de estudos da criança e do adolescente, tais como as existentes na obra organizada por Fausto e Cervini (1991) e a produção de Rizzini (1997).

Neste grupo de estudos chama atenção uma grande quantidade de pesquisas realizadas por profissionais que trabalhavam nos programas/projetos, em geral como coordenadores ou supervisores e a maneira como esta inserção justifica a escolha da experiência a ser estudada e boa parte do percurso metodológico do estudo. Frequentemente, os pesquisadores não analisam a proximidade que têm com seu objeto de pesquisa e não revelam cuidados necessários para percorrer os caminhos da pesquisa no que lhe é peculiar: a descoberta de elementos não visíveis, especialmente para aqueles estão imersos no contexto do trabalho.

A maioria dos estudos do subtema Programas/projetos de qualificação toma um segmento específico de jovens para análise, os das camadas mais pobres da população, fortemente impactados pelo desemprego e por trabalhos precários, restringindo-se à constatação de que os programas/projetos estudados não garantem a inserção dos jovens no mercado de trabalho, salvo em ocupações temporárias e precárias.

Vale ressaltar, no entanto, pesquisas que introduzem o debate sobre novas questões ou aprofundam temas polêmicos em torno da qualificação. Eles só começam a emergir, timidamente, a partir de 2002, ganhando um fôlego maior nos anos 2005 e 2006. Os estudos são da área de Educação (Santos, 2002b; Oliveira, 2003; Lessa, 2004; Carabajal, 2005; Moura, 2006) e da área de Sociologia (Chaves, 2005; Mesquita, 2006; Soares, 2006).

Eles se destacam por três razões básicas: a) a escolha do próprio tema a ser pesquisado, contendo nele alguma novidade, por exemplo, o estudo comparativo

de programas de qualificação das cidades de São Paulo, no Brasil, e de Berlim, na Alemanha (Moura, 2006), a pesquisa sobre um programa desenvolvido no interior de uma empresa do setor calçadista (Carabajal, 2005); b) um rigor de natureza metodológica, tanto na coleta quanto na análise dos dados, de forma a fazer emergir questões interessantes, por vezes novas, para o debate. Um exemplo desse rigor é a pesquisa realizada por Lessa (2004), que relata e considera como um dos elementos de seu trabalho o fato de ter atuado no Programa estudado. Deste rigor metodológico, além das discussões de natureza teórica, a autora consegue escapar das análises que se pautam apenas pela denúncia da precarização e das dificuldades de inserção dos jovens no mundo do trabalho, apontando para o fato de que um programa de formação, na sua origem assistencialista, ao longo de sua implantação oscila entre uma polivalência precária e uma polivalência mais elaborada em função das pessoas e dos grupos que o concretizam, possibilitando maior ou menor satisfação para os adolescentes envolvidos; c) finalmente, mais do que a existência de outra base teórica, esses trabalhos se destacam pelo diálogo que esses pesquisadores se mostram capazes de fazer com os autores escolhidos de forma a não serem meros reprodutores de ideias elaboradas por outros, como o diálogo que Oliveira (2003) estabelece com Dubar (1997b) para a análise da dinâmica de construção de identidades e formas identitárias profissionais dos jovens pesquisados, vinculadas à profissão ou à empresa.

Para a apresentação de todas as pesquisas deste subtema classificou-se o conjunto das teses e dissertações em duas problemáticas: a primeira delas relaciona-se a análises dos impactos de programas/projetos de “educação profissional”, “qualificação profissional”, iniciação ao trabalho nas chances de uma “formação integral” e/ou de inserção de adolescentes e jovens no mercado de trabalho; a segunda refere-se ao conjunto de estudos sobre a visão dos próprios sujeitos envolvidos nos programas e projetos.

No interior da primeira problemática, as pesquisas têm como foco apontar as potencialidades ou limites dos programas de profissionalização. Muitos pesquisadores defendem uma formação unitária e politécnica, sem fragmentar conhecimentos gerais e técnicos, e criticam o uso e a disseminação dos conceitos de empregabilidade e de competências nas empresas e muitas das entidades que se responsabilizam pela qualificação profissional. Ainda no interior desta problemática, um segundo foco dos estudos preocupa-se em avaliar a capacidade do programa em inserir ou não adolescentes e jovens no mercado de trabalho. Eles buscam desmistificar a ideia de que os programas/projetos de qualificação estudados garantem acesso ao mercado de trabalho.

A segunda problemática aborda a visão dos próprios sujeitos envolvidos nos programas ou projetos. São estudos que analisam os modos como gestores, educadores, adolescentes e jovens percebem o processo de qualificação de que estão participando. No caso destes últimos, alguns dos estudos apontam suas estratégias diante das mutações no trabalho. Outros realizam uma análise das trajetórias dos adolescentes e jovens e do processo de construção de suas identidades profissionais

a partir da participação no programa. Ainda que também preocupados com a questão da inserção, o centro da análise nesta segunda problemática recai sobre os sentidos atribuídos ao programa ou projeto pelos jovens e/ou às perspectivas de futuro construídas por estes a partir da participação em ações de qualificação.

Limites e potencialidades dos programas/projetos de qualificação profissional e/ou apoio à inserção juvenil

De um total de 28 estudos sobre esta problemática, 10 deles se referem a *iniciativas governamentais*, numa arquitetura institucional complexa, muitas vezes envolvendo diversas esferas de governo e parceria com agentes da sociedade civil. Quase todos tomam para estudo crianças, adolescentes e jovens pobres ou em “situação de vulnerabilidade”. Eles denunciam resultados pouco expressivos quanto à inserção no mercado de trabalho, geralmente em trabalhos precários, e um descompromisso da parte do Estado com uma formação adequada (Ferraz, 2000; Guedes, 2003; Ferreira, 2005; Rodrigues, 2002, Machado, 2002; Astigarraga, 2006; Sangaleti, 2005; Santos, 2002a).

Diferentemente desses trabalhos, que criticam os programas pesquisados e seus impactos negativos, duas pesquisas se destacam por ressaltarem também aspectos positivos e potencialidades dos programas e por abordarem temáticas que parecem ter ainda possibilidades de exploração. Este é o caso do estudo de Chaves (2005), da área de Ciências Sociais, que toma para análise a ação da prefeitura de Betim – MG, no campo da qualificação de jovens e do desenvolvimento local. Trata-se de inserir jovens, que vivem no município, como estagiários em empresas que aderem ao programa. O estudo indica uma evolução crescente do número de jovens aprendizes que atuam em empresas sediadas no município, mesmo que ainda haja problemas a serem superados.

O outro estudo que chama a atenção para aspectos positivos e negativos do programa estudado é a pesquisa feita por Lessa (2004), da área de Educação, retomando a discussão sobre a formação profissional de jovens das camadas pobres na modalidade aprendizagem em serviço e as possibilidades de uma formação polivalente. Ela estuda o PTE – Programa de Trabalho Educativo, em nível estadual, da FIA – Fundação para a Infância e Adolescência do estado do Rio de Janeiro. Diferentemente da maioria dos trabalhos acerca desta problemática, discute a categoria juventude e define claramente os sujeitos de sua pesquisa: adolescentes, filhos de famílias trabalhadoras. A autora lança mão da perspectiva da politécnica e da polivalência para analisar o programa, o qual, segundo ela, nasce de uma ação assistencialista, mas é implantado e concretizado segundo visões de projetos distintos, o que revela, também, formas diversas de inserção dos adolescentes bolsistas no mundo do trabalho. Assim, a novidade que a autora traz é que um programa baseado na tradicional ideia do aprendizado em serviço pode oscilar entre uma polivalência precária, marcada por tarefas extremamente simples, e uma polivalência um pouco mais elaborada, se aproximando de um

modelo de formação mais avançada, trazendo então uma maior satisfação junto aos adolescentes.

Outro conjunto de 4 estudos busca analisar os impactos de programas ou projetos de iniciativa de *instituições do Sistema S, exclusivamente o SENAI e o SENAC* (Souza, 2003; Tolentino, 2002; Kay, 2001; Barbosa, 2006). Esses estudos se repetem em suas análises, com poucas diferenças entre eles, ressaltando críticas aos programas/projetos desenvolvidos pelo Sistema S, sendo que a mais comum é a baixa capacidade de inserção dos jovens no mercado de trabalho formal.

Há um conjunto de 10 dissertações e teses que têm como foco o estudo do impacto de *programas/projetos de iniciativa de ONGs*. Deste conjunto, 6 autores questionam o papel das ONGs na formação dos adolescentes e jovens para o trabalho, acentuando mais os aspectos negativos do que os positivos. Eles chamam a atenção para trabalhos que conduzem ao disciplinamento e a moralização de adolescentes e jovens aprendizes, a inserção dos jovens em trabalhos precários, terceirizados e temporários (Colares, 2006; Soares, 2006; Volpe, 1999; Asfora, 2002; Conceição, 2004; Aragão, 2005). Na mesma linha, há duas pesquisas que tomam como objeto de estudo o Programa Capacitação Solidária, de iniciativa do governo federal, mas realizado por organizações não-governamentais nos dois casos. Também nestes casos há a predominância de críticas principalmente pela sua tendência assistencial e o fraco impacto no que se refere à inserção (Pereira, 2003; Faria, 1999). Uma única pesquisa aponta somente aspectos positivos: trata-se do trabalho de Nogueira (2006), que estuda a eficiência do programa de inserção no mercado de trabalho de egressos da Fundação Mirim de Presidente Prudente-SP, do tipo “patrolheiros mirins”.

Neste conjunto de estudos sobre programas/projetos desenvolvidos por ONGs, a questão da socialização aparece de forma difusa, com exceção de Márcia Nogueira da Silva (2000), da área de Serviço Social, que, ao estudar o Programa de Iniciação ao Trabalho realizado pela ONG Associação Cristã de Moços no Centro de Pesquisas da Petrobrás no Rio de Janeiro, chama a atenção, além das críticas que faz na mesma linha dos demais trabalhos, para a importância atribuída à experiência pelos próprios adolescentes, revelada numa identificação profunda deles com a empresa.

Em meio ao conjunto de estudos sobre iniciativas de governos, de organizações não-governamentais e instituições do Sistema S, pouco diferenciados entre si, há 2 pesquisas sobre *programas desenvolvidos por empresas*. Um dos estudos, realizado em uma empresa de construção civil (Pelissari, 2006), aponta a estreita relação entre a oferta de qualificação e a obtenção da certificação de qualidade por parte daquela instituição. Quanto aos trabalhadores, faz-se uma associação entre qualificação, melhoria salarial e novas possibilidades de trabalho, mesmo que isso ocorra informalmente, sem as devidas anotações na carteira de trabalho.

O outro estudo sobre um programa de qualificação de jovens dentro de uma empresa é o de Ademar Alberto Carabajal (2005), da área de Educação. Ele pesquisa o papel do CDP – Centro de Desenvolvimento Profissional da empresa

Azaléia, do setor calçadista, na profissionalização e inserção de um grupo de jovens a partir do processo de qualificação, como multioperadores de calçado, e suas trajetórias. A pesquisa revela que os jovens que passaram pela qualificação, em sua maioria incorporados aos quadros da empresa, cumpriram o papel de estimuladores da mudança cultural da instituição do modelo taylorista-fordista para o da flexibilidade. Ele revela também que esses mesmos jovens tiveram uma carreira ascendente dentro da empresa. O autor analisa que a inserção dos jovens ali, enquanto trabalhadores, faz parte de uma rede social que ultrapassa os muros da fábrica, que tem um papel importante na articulação entre a qualificação e a inserção profissional. Além do impacto positivo da inserção dos jovens no mundo do trabalho, o autor também chama atenção para os mecanismos utilizados pela empresa para se apropriar do tempo dos trabalhadores, examinando a importância da discussão do tempo livre, pois é esta dimensão que repõe a quem trabalha as novas possibilidades de luta.

O estudo feito por Carabajal (2005) no interior de uma empresa revela um campo profícuo a ser percorrido no interior do tema *Jovens e Trabalho*. A qualidade de seu trabalho, além do diálogo com a literatura fartamente utilizada pela maioria dos autores do subtema *Programas/Projetos de qualificação*, se situa no fato de ter se voltado para outras correntes de pensamento que enriqueceram as suas reflexões e abriram possibilidades novas de análise sobre o programa de qualificação estudado. No campo da economia toma os regulacionistas como referência (Boyer, 1986); no debate sobre a questão da formação, estabelece um diálogo com Ropé & Tanguy (1997), Tanguy (1999); sobre a questão da socialização e identidade, Dubar (1997a, 1997b, 1998) é o pensador que busca para suas reflexões.

Por último, ressalta-se a existência de *dois estudos comparativos*, também portadores de novidades e caminhos possíveis a serem percorridos por novas pesquisas. Um deles busca comparar os programas de formação para o trabalho em duas cidades, Berlim e São Paulo (Moura, 2006), e o outro compara duas iniciativas brasileiras de âmbito nacional, o PNPE e o CIEE (Mesquita, 2006).

Programas de formação para o trabalho para jovens “em situação de risco ou desfavorecimento social” são objeto do estudo de Rogério Adolfo de Moura (2006), da área de Educação. O autor busca compreender como o processo de reestruturação e transformação nas instituições das cidades provoca (ou não) alterações nos programas de qualificação para jovens. A novidade do estudo é a perspectiva comparativa, acima referida, entre duas cidades de países diferentes – Berlim (Alemanha) e São Paulo (Brasil). Torna evidente relação de maior ou menor distanciamento entre a estruturação dos programas pela arquitetura político institucional e a forma como ação do programa é convertida em ação pedagógica. Não entrevista os jovens participantes, mas realiza a análise de documentos, entrevistas com coordenadores de programas em 12 instituições – 06 em cada cidade. Com educadores e jovens realiza apenas rodas de discussão.

Assim como Carabajal (2005), Moura enriquece seu estudo pela temática

escolhida, bem como porque alarga o leque de autores consultados. Somente a título de exemplo, ele dialoga, dentre outros, com Dietrich & Chomsky (1999) e Castells (1999) para analisar as duas cidades estudadas.

O segundo estudo comparativo, feito por Marcos Roberto Mesquita (2006), da área de Sociologia, aborda dois programas nacionais, um de iniciativa do poder público federal, o PNPE – Programa Nacional do Primeiro Emprego, e outro do setor privado, o CIEE – Centro de Integração Empresa-Escola, dialogando, dentre outros, com Rua (1998). Ele conclui que há diferenças entre os dois programas. De um lado, o CIEE, que tem como objetivo diminuir os obstáculos ao ingresso ocupacional dos jovens, com uma longa história de existência, vinculado aos setores empresariais, consegue ter impacto quanto à inserção de jovens no mercado de trabalho, na modalidade estágio, mesmo que considere que este tipo de inserção tem se caracterizado cada vez mais como um mecanismo de maior exploração da mão-de-obra. De outro, o PNPE apresenta ainda resultados tímidos em termos de inserção, porém, segundo o pesquisador, é preciso reconhecer a importância da existência de um programa desta natureza, de âmbito nacional. Ele indica também a necessidade de reformulações em seu desenho.⁵

O olhar dos sujeitos envolvidos nos programas

Esta problemática se estruturou em torno de uma preocupação dos pesquisadores mais centrada nos sujeitos e nos seus olhares sobre os programas/projetos, mesmo que eles adentrem também em questões de impacto. Todos os trabalhos estudam adolescentes e jovens de baixa renda. É interessante notar que também neste caso a maioria dos pesquisadores critica os programas/projetos, mas a escuta dos sujeitos envolvidos evidencia uma trama diversificada e complexa, na qual estão envolvidos, o que traz aspectos positivos.

Foram feitos 5 estudos sobre programas desenvolvidos pelo *SENAC* (Pereira, 2002; Sobral, 2005;⁶ Milan, 2004; Oliveira, 2003; Santos 2002b) com conclusões diversas. Eles abordam expectativas, avaliações, ideias incorporadas por jovens relacionadas à qualificação que recebem. Dentre esses estudos chama a atenção a pesquisa feita por Oliveira (2003), da área de Educação, no Rio Grande do Norte. Ela estuda dois cursos diferentes – agentes de viagem e cabeleireiros, a dinâmica de construção de identidades e formas identitárias profissionais dos alunos, dialogando com Dubar (1997b). Conclui que os alunos matriculam-se com expectativas

⁵ Vale acentuar que o PNPE – Programa Nacional de Estímulo ao Primeiro Emprego foi modificado pelo governo federal, passando a integrar o conjunto de ações do ProJovem. Atualmente intitula-se ProJovem Trabalhador e em seu novo desenho a ação de apoio à inserção no emprego formal deixou de existir, restringindo-o a ações de qualificação profissional e preparação para ocupações alternativas de geração de renda.

⁶ Esse estudo aponta para a importância da discussão de gênero. A esse respeito consultar o texto referente ao tema *Jovens, sexualidade e gênero*, do presente livro.

e motivações semelhantes, porém, ao longo do curso e na busca de inserção no sistema produtivo, as identidades e formas identitárias configuram-se de maneiras diversas. No caso dos agentes de viagem, que encontram maior dificuldade de inserção, verifica-se a formação da identidade de empresa, enquanto que para os cabeleireiros, cuja inserção é mais rápida, é a identidade de ofício que se faz mais forte. Uma das características interessantes desse estudo é a preocupação da autora em evitar falsos determinismos e ecletismos, o que lhe permitiu abrir-se não só para a escuta dos jovens, como também para novas possibilidades de abordagens sobre suas identidades na relação que estabelecem com o mundo do trabalho.

Desse conjunto, outro estudo que merece destaque é o de Santos (2002b), da área de Educação. A autora pesquisa o Programa Educação para o Trabalho do Senac-São Paulo, abordando representações dos jovens sobre o tempo futuro, uma vez que o programa trabalha com “elaboração de projetos de vida dos jovens”, num diálogo privilegiado com autores da área de Psicologia Social, dentre eles Moscovici (1978). O confronto entre as imagens e os sentimentos de futuro projetados pelos jovens para si e as imagens e os sentimentos concebidos para o futuro do conjunto social é evidenciado por contradições; de um lado, eles imaginam a vida futura como um estado absoluto de felicidade e, de outro, como um mundo que se desgasta à medida que se adiantam os anos. Para a pesquisadora, o projeto evoca possibilidades momentaneamente impossíveis, indicando uma força homogeneizadora das representações sociais que impede a captação dos indivíduos e também introduz dificuldades de ações pedagógicas transformadoras a partir de dados do presente.

Além do SENAC, há um conjunto de 7 estudos que tomam para análise *programas/projetos desenvolvidos por ONGs* (Costa, 2003a; Albuquerque, 2003; Villela, 2004; Arbache, 2000; Zucchetti, 2002; Silva, 2002a; Souza, 2003b). Os estudos revelam que alguns jovens manifestam a ideia de que a qualificação e a escolarização são possibilidades de alcançar um futuro melhor, ao mesmo tempo em que percebem as dificuldades para fazê-lo. Eles aparecem como uma figura de desordem quando fazem emergir sentidos e valores diversos, relativos ao trabalho. Para Silva (2002a) os jovens se apropriam do discurso da reestruturação do sistema produtivo neoliberal e, por isso, mostram-se preocupados com as exigências do mundo do trabalho. E a pesquisa de Souza (2003b), sobre a experiência da ONG CAMP – Círculo dos Amigos Patrulheiros na Mangueira – RJ, aponta divergências entre as visões dos que conceberam o programa e dos adolescentes que o frequentam no que diz respeito ao lugar que o trabalho ocupa na vida dos próprios adolescentes e as razões que os conduzem a buscá-lo.

A partir do *local de moradia*, Olga Vieira (2001), da área de Educação, investiga as representações socioculturais dos egressos dos cursos do SECOP – Sociedade de Estudos Comunitários e Organização Participativa realizado em Ilha Grande dos Marinheiros – RS. Sua pesquisa é um retorno à sua própria experiência passada de educadora e de sua opção religiosa. A partir do diálogo com inúmeras pessoas, a pesquisadora conclui que se trata de uma experiência

a ser reproduzida porque no cotidiano do processo de constituição do *ser gente* se cruzam educação e trabalho, sendo que este último não é visto como a centralidade da vida, mas como uma de suas dimensões.

Finalmente, merece destaque o estudo de Soares (2006b), da área de Sociologia, sobre o PNPE – Programa Nacional do Primeiro Emprego, implantado em São Leopoldo – RS e de *iniciativa governamental*, que estabelece um diálogo com autores do campo da Ciência Política, dentre eles Draibe (1987, 1998). O pesquisador, dentre poucos no interior desta problemática, aborda teoricamente o tema da juventude e define claramente, dentre as juventudes existentes, que seu trabalho recai sobre jovens de classe popular. Alerta para o fato de que esse grupo tem características que lhes são específicas e que precisam ser levadas em conta pelo PNPE. A análise dos dados permitiu verificar a forte presença de três elementos que precisam ser articulados nas políticas públicas: trabalho, educação e família. No caso da família, o autor evidencia os múltiplos arranjos familiares aos quais pertencem os jovens e sua importância como base de apoio e de relações afetivas. No caso da educação, trata-se da importância que eles atribuem ao conhecimento e à instrução. Em relação ao trabalho, eles apontam sua importância enquanto fonte de renda e de autorrealização. Eles valorizam inúmeros momentos de aprendizagem que são também momentos de moratória, algo que não lhes é possível viver porque, como jovens de classe popular, começam a trabalhar cedo e o fazem em condições precárias, na maioria das vezes. O pesquisador explicita seu cuidado com a metodologia de pesquisa, técnicas e instrumentos utilizados, mas, mesmo assim, ressalta que seu trabalho apresenta limites nesses campos, os quais devem ser enfrentados em outras pesquisas.

O conjunto de 49 estudos do subtema Programas/projetos de qualificação profissional e/ou apoio à inserção de adolescentes e jovens, focados principalmente na educação, acentua os limites das ações governamentais, de instituições do sistema S e de ONGs, criticando a precária e a baixa capacidade de inserção dos jovens no mundo do trabalho e a existência de uma perspectiva de formação que não toma o trabalho como princípio educativo. Dentre esses estudos, os que mais contribuem para o avanço dos debates são aqueles que problematizam questões relativas à formação e ao modo como jovens se inserem no mundo do trabalho a partir de: a) estudos sobre novos espaços, como a empresa; b) discussão sobre a dinâmica de construção das identidades, das relações entre representações de jovens sobre projetos futuros e da formação; c) estudos comparativos, sejam de programas de abrangência nacional, sejam de programas de cidades de países diferentes; d) análise sobre possibilidades de programas de qualificação garantirem uma formação na perspectiva da polivalência.

Trabalho de crianças e adolescentes

Neste subtema estão agrupadas 17⁷ pesquisas que buscam analisar a situação de crianças e adolescentes que trabalham a despeito das determinações legais do Estatuto da Criança e do Adolescente.⁸ Os estudos estão mais concentrados em torno das consequências do trabalho realizado por estes sujeitos, em geral em lugares e condições extremamente precárias, tais como em lixões e na rua. Há pesquisas que focalizam as consequências para a saúde da criança e do adolescente e os riscos de acidentes de trabalho e outras que retomam o debate sobre as decorrências do trabalho para esses sujeitos no que se refere à permanência ou à evasão escolar. Ainda neste conjunto, uma das pesquisas tem como foco a questão etária e as desigualdades de gênero. Por fim, outro conjunto de pesquisadores analisa programas/projetos de erradicação do trabalho de crianças e adolescentes, seus avanços e limites. Mesmo se tratando de estudos que analisam um determinado programa, decidiu-se por sua incorporação neste subtema porque seu eixo central é o debate em torno da erradicação do trabalho de crianças e adolescentes e não da qualificação e/ou da inserção do jovem e do adolescente, tal como emerge no subtema anterior.

A maior concentração dos trabalhos está na área do Serviço Social (7), seguida pelas Ciências Sociais (6) e, por último, pela Educação (3). Essa diferença não tem grande significado quanto à escolha dos referenciais teóricos utilizados para a realização das pesquisas e para a análise dos dados. A ressalva a ser feita é que as contribuições teóricas mais significativas para permitir avanços no debate vieram do campo da Sociologia, independentemente do lugar de produção das teses e dissertações.

Nas três áreas, os estudos acerca deste subtema preocupam-se em situar o debate sobre o trabalho de crianças e adolescentes no interior da crise e de transformações do trabalho, bem como do questionamento da função integradora do trabalho na sociedade como a nova questão social, em função do desemprego em massa e da precarização das relações trabalhistas. Trata-se de evidenciar a importância da compreensão do trabalho precoce no interior do movimento mais amplo de produção e reprodução das relações capitalistas e das contradições que as constituem. Ou seja, os estudos enfatizam que, mesmo em um cenário de desemprego elevado, crise no

⁷ Deste conjunto de estudos, 2 não tiveram seus exemplares localizados e foram acessados apenas por meio de seus respectivos resumos. Adriana Franco de Queiroz (2002), que aborda o trabalho infanto-juvenil em Salvador, através de estudo de caso com crianças e adolescentes de Saramandaia; Maria Rosilene da Silva (2003), que estuda adolescentes “rodeiros” (limpadores de pára-brisas), que trabalham nas ruas de Natal.

⁸ Os estudos sobre o trabalho de crianças e adolescentes no mundo rural foram considerados em uma temática específica. Aqui foram analisados apenas estudos que se concentravam no espaço urbano.

trabalho, regulamentações consubstanciadas no ECA (Costa, 1994), programas de erradicação, o trabalho de crianças e adolescentes persiste. Em grande parte dos casos, a explicação para esta persistência relaciona-se à imagem do trabalho como disciplinador de crianças e adolescentes pobres. Os estudos, de modo geral, fazem uma reconstituição da história do trabalho de crianças e adolescentes no país, de como ele era utilizado sob o argumento de disciplinamento e de afastamento destes sujeitos dos “perigos” da rua e de sua regulação.

O debate central neste subtema acontece em torno de crianças e adolescentes, seja como trabalhadores, seja a partir de políticas destinadas a esse segmento da população. O clássico estudo sobre a construção social da infância produzido pelo historiador Ariès (1978) é bastante citado. Dentre os brasileiros, o diálogo é estabelecido principalmente com as obras de Rizzini (1996, 1997), Priore (1999), Fausto e Cervini (1991). Ganha destaque o debate sobre a questão da exclusão social (Martins, 1997) e sobre os limites em estabelecer uma relação direta entre evasão escolar e pobreza (Madeira, 1993). A relação entre sofrimento e trabalho também emerge em um diálogo com Dejours (1992) em função da presença de crianças e adolescentes trabalhadores em lugares degradados, como os lixões; espaços que se configuram perigosos, como a rua; e o exercício mesmo do trabalho precoce. As reflexões sobre educação também se fazem presentes e, neste caso, Frigotto (1993, 1996, 1998) é o autor mais citado. A família é a instituição que se faz presente em quase todos os estudos e, muitas vezes, pais e mães são entrevistados, inclusive em conjunto com as crianças, dada a proibição de se entrevistar uma criança sozinha ou sem autorização dos pais, mas não há, neste caso, uma literatura que seja predominante. Também neste subtema, a obra coletiva organizada por Del Priore (1999), *História da criança no Brasil*, foi bastante utilizada como referência.

Uma primeira problemática neste subtema refere-se à denúncia dos danos objetivos e subjetivos causados pela “inserção precoce” de crianças e adolescentes e uma segunda relaciona-se aos efeitos dos programas de erradicação do trabalho desses sujeitos. É interessante notar que os trabalhos no interior dessas duas problemáticas são datados e vinculados a determinadas áreas do conhecimento. Assim, a maioria dos estudos que denunciam o trabalho precoce foi elaborada entre 1999 e 2004, quase todos no interior da área de Serviço Social e, aqueles relativos aos programas de erradicação do trabalho infantil e novas problemáticas como socialização de jovens empregadas domésticas e a invisibilidade de acidentes de trabalho em adolescentes, entre 2005 e 2006, são exclusivamente das áreas de Sociologia e Educação. Apesar dessas diferenças em relação às áreas, há referenciais teóricos comuns a todos, tal como já observado anteriormente. Já as pesquisas sobre novas temáticas enveredam por uma nova literatura, que será abordada quando da descrição dos trabalhos.

Crianças e adolescentes trabalhadores: inserção precoce, danos subjetivos e objetivos, processos de socialização

Nesta problemática, os pesquisadores que tomam crianças e adolescentes trabalhadores como seus sujeitos de estudo partem de espaços de trabalho e tipos de atividades distintos.⁹

Dois pesquisadores estudam *o cotidiano de trabalho de crianças e adolescentes em lixões* (Raymundo, 2002; Lira, 2001). Eles enfatizam a presença dessas atividades a despeito do ECA e da legislação trabalhista e apontam que esta situação está ligada à trajetória da família. Raymundo (2002) chama a atenção para a existência de danos irreversíveis à saúde. Apesar disto, crianças e adolescentes afirmam que o trabalho no lixão é compensador, pois pode ajudá-los a permanecer ao lado da família e brincar, havendo aí a existência do lúdico. Lira (2001) afirma que o cotidiano vivido acarreta a dificuldade de acesso à escola e ao lazer. Tece considerações em torno das desigualdades entre meninas e meninos, apontando que aquelas acabam sendo as mais prejudicadas, pois têm ainda menor possibilidade de acessar a escola e o lazer, uma vez que ajudam nas tarefas domésticas.

Os 4 pesquisadores que estudam crianças e adolescentes trabalhadores em *espaços urbanos: a rua* (Alberto, 2002), *a cidade que cresce* (Assis, 2002), *a feira livre* (Barreto, 2001), *a rodoviária* (Moreira, 1999) partem da denúncia da situação vivida por esses sujeitos. Dentre eles, alguns realizam pesquisas de campo reveladoras dos efeitos do trabalho nesses locais.

É o caso da tese de doutorado de Maria de Fátima Pereira Alberto (2002), da área da Sociologia. Chama a atenção o trabalho dessa pesquisadora pela qualidade do diálogo que estabelece com diferentes áreas do conhecimento: ergonomia, psicodinâmica do trabalho, economia, política, além da Sociologia, e pela descrição cuidadosa do seu percurso metodológico para acessar os sujeitos de sua pesquisa. Trabalha com dados colhidos entre meninos e meninas em condição de rua em João Pessoa (PB), explorando a relação entre trabalho precoce e psiquismo. Opta pela categoria “trabalho precoce” com a intenção de também incluir adolescentes até 16 anos. Em seu estudo, diferencia meninos *de rua* e meninos *na rua*. Entrevista crianças e adolescentes que trabalham como vendedores no sinal, olheiros de carro e no campo da prostituição, em áreas do centro da cidade, onde eles estão mais concentrados. Opera com a questão de gênero, trazendo para o debate relações sociais de sexo e a divisão sexual do trabalho e chama a atenção para o fato de que a inserção precoce nas ruas não é algo homogêneo: trabalhos considerados hierarquicamente inferiores são vistos como “coisa de mulher” e trabalhos que requerem força, destreza, esperteza, como “coisa de homem”. Também aponta diferenças entre sofrimento das meninas

⁹ Maria Inês Fontana Pereira de Souza (2001) estuda adolescentes inseridos em um órgão público do município de Bauru-SP.

e dos meninos. Concluí confirmando sua hipótese inicial: o trabalho precoce de meninos e meninas em condição de rua nas atividades informais em João Pessoa propicia vivência do sofrimento e tem implicações psicossociais.

Há duas pesquisas que se diferenciam daquelas que foram apresentadas até aqui porque fazem incursões por temáticas até então ausentes: a invisibilidade de acidentes de trabalho em adolescentes (Mariani, 2004), da área de Serviço Social, que estuda a inter-relação do trabalho de crianças e adolescentes com questões de saúde. A pesquisa está inserida em estudo mais amplo sobre a necessidade de dar visibilidade ao tema dos *acidentes de trabalho*. A autora busca tornar visível as grandes desvantagens que jovens vivem depois que sofrem acidentes.

A segunda pesquisa que merece atenção é de Mauricio Antunes Tavares (2005), da área de Sociologia, que tem como tema central *a socialização de jovens empregadas domésticas*, de 12 a 17 anos, na cidade de Recife-PE, a partir de sua inserção na “casa dos outros”. Ele associa gênero, idade e trabalho em seu estudo, percorrendo a literatura existente sobre cada um dos elementos dessa tríade. Dialoga com autores já citados, mas naquilo que eles trazem de específico referente ao tema de sua pesquisa. Assim, toma Madeira (1996) como referência na sua produção específica sobre a trajetória de meninas de setores populares. O seu estudo se situa nos marcos dos modos de vida dos trabalhadores e de como o trabalho doméstico torna-se uma alternativa importante para adolescentes se inserirem no mercado de trabalho e de consumo, ainda que este tipo de ocupação não seja desejado, em virtude de sua desvalorização.

Programas de erradicação do trabalho de crianças e adolescentes

No interior dessa problemática estão 5 estudos, sendo 4 deles sobre o PETI – Programa de Erradicação do Trabalho Infantil. Fonseca (2006) aborda os limites das políticas públicas, dentre eles a falta de organicidade. Santana (2006) e Souza (2005) estudam o PETI e indicam a existência de efeitos positivos nele, embora ambos critiquem a natureza compensatória do programa, que, por isso, se mostra incapaz de erradicar a miséria e a pobreza. Cândido (2005), por sua vez, ressalta a positividade do programa na cidade de Campinas na medida em que tem contribuído para a diminuição do contingente de crianças que trabalham nas ruas e defende a sua expansão. Hofstätter (2005) faz uma análise das representações que beneficiários do PETI têm acerca do trabalho e das políticas de inserção, concluindo que para eles o trabalho é visto da perspectiva do direito, enquanto que a política de inserção é percebida como um favor, uma ajuda do Estado.

As pesquisas dentro do subtema *Trabalho de crianças e adolescentes* podem ser organizadas em torno de duas grandes vertentes: aquelas focadas na compreensão das razões estruturais para a persistência do trabalho de crianças e adolescentes, mas também subjetivas, ao analisar as motivações dos próprios sujeitos, e aquelas que revelam os limites e potencialidades dos programas de erradicação do chamado “trabalho infantil”. Em boa medida ainda persiste certa indiferenciação entre crianças, adolescentes e jovens no interior dos estudos, mas é importante observar que alguns deles trazem à tona a necessidade de estabelecê-la, tais como duas pesquisas da área da Sociologia que procuram escapar à tendência de homogeneização temática e à indiferenciação dos sujeitos. Uma delas faz a opção pela categoria “trabalho precoce”, de forma a garantir a incorporação aí de adolescentes de até 16 anos, e chama a atenção para o fato de que a inserção precoce não é algo homogêneo, estudando ainda a divisão sexual do trabalho (Alberto, 2002); o outro associa gênero, trabalho e idade, entrando pelo debate da complexa socialização de jovens nas relações que estabelecem com o mundo do trabalho e a família (Tavares, 2005).

Também se observam alguns estudos focados exclusivamente sobre o trabalho do adolescente que não necessariamente é realizado em caráter ilegal, inclusive introduzindo temáticas pouco exploradas neste grupo, tais como dos acidentes de trabalho (Mariani, 2004). Alguns desses estudos em muito podem contribuir para a necessidade de um olhar específico para as condições de trabalho e de vida de adolescentes em idade legal para trabalhar, bem como para os sentidos do trabalho entre estes sujeitos, algo pouco explorado tanto nas pesquisas quanto nas ações públicas.

Mundo do trabalho: experiências e significados sob o ponto de vista dos jovens

Em torno deste subtema estão 16¹⁰ estudos que focalizam os sentidos atribuídos pelos jovens ao trabalho, bem como suas experiências concretas em diferentes ambientes produtivos: fábrica, *call centers*, mundo das artes, dentre outros. Estão também estudos de processos de socialização e de construção identitária dos jovens, na relação com o mundo do trabalho.

É neste subtema que se concentra o maior número de estudos da área das Ciências Sociais – 8 de Sociologia e 1 da Antropologia –, seguidos pela Educação, com 6 estudos. Nele, diferentemente dos subtemas *Programas/Projetos de*

¹⁰ Deste conjunto de estudos, um não teve seu exemplar localizado e foi acessado apenas por meio de seu respectivo resumo. Maria Elena Melchiades Savadego de Souza Lima (2002) realiza um estudo no campo da antropologia sobre as representações sociais dos jovens envolvendo o “fazer o que gosta” e o “gostar do que faz”.

Qualificação e Trabalho de crianças e adolescentes, as questões da educação, das políticas de qualificação, de erradicação do trabalho infantil ficam secundarizadas, dando lugar a um variado e rico diálogo com pensadores do campo da juventude e de temáticas que emergiram nos outros dois temas, mas que foram pouco aprofundadas pela maioria dos autores, como, por exemplo, o papel e as relações entre jovens, trabalho e família.

No interior deste subtema e independentemente da área considerada, verifica-se uma maior preocupação em torno do debate sobre a categoria juventude. Alguns estudos também apontam os limites de se deter apenas na questão etária, avançando para as discussões sobre ciclo de vida, a existência de muitas juventudes, às vezes no contexto das gerações e no interior de processos de socialização.

As referências utilizadas permitem visualizar os avanços nos estudos sobre Jovens e Trabalho no interior desta temática. Assim, da produção brasileira sobre jovens e juventude, entre outros, estudos clássicos aparecem citados, como o de Foracchi (1965) e o de Ianni (1968), ao lado de teses e dissertações produzidas recentemente (Corrochano, 2001; Oliveira, 2001), o que permite diálogos profícuos.

Além da produção brasileira, os pesquisadores recorrem também a uma literatura internacional, seja para se aproximar da noção de juventude, percorrendo o clássico texto de Mannheim (1968) e fazendo referência, por exemplo, à produção de Pais (1990) sobre a construção sociológica da juventude. Além disso, outras referências são incorporadas para a análise de temáticas específicas trabalhadas, por exemplo: juventude operária, Keil, Riddel e Green (1968); jovens, valores, cultura e emprego, Pais (1998, 1991, 1993); movimento estudantil, Bourdieu e Passeron (1968).

Além da literatura sobre jovens e juventude, os pesquisadores deste subtema mergulham também numa vasta literatura sobre família, utilizando-se dos estudos de Sarti (1996), Fausto (1982), Hirata e Humphrey (1994), Gomes (1996). Também a questão das representações sociais fez parte de inúmeros estudos deste subtema, tendo sido tomados, entre outros, Lefebvre (1980) e Martins (1996) como referências.

Os trabalhos foram organizados em torno de três grandes problemáticas. A primeira delas relaciona-se aos modos de jovens viverem o presente e projetarem o futuro a partir das relações com o mundo do trabalho; a segunda, a um grupo de pesquisas que busca compreender experiências e sentidos atribuídos ao trabalho por jovens operários e operárias. As tensões entre o presente e o futuro aparecem novamente no interior dessa problemática, mas sob a ótica das rupturas e continuidades nas relações intergeracionais e questões sobre a ética, neste caso entendida como o regime de verdades utilizado para explicar a realidade e justificar as ações por diferentes gerações face ao mundo do trabalho. Por fim, como terceira problemática vem a aproximação de jovens a formas de trabalho flexível.

Jovens: identidade, vivência do presente e projetos de futuro

No interior desta problemática todos os estudos, num total de 8 pesquisas, ouvem jovens pertencentes a camadas populares. Aqui os pesquisadores tratam da situação de precariedade, pobreza, exclusão, desigualdade em que vivem esses sujeitos e de como essa mesma situação é vivenciada nas relações que eles estabelecem com o mundo do trabalho, o que não impede que o valorizem e lhe atribuam um importante lugar em suas vidas.

Cinco desses trabalhos tratam de como essa condição vivida introduz tensões quando se combinam *projetos futuros e a realidade presente* (Oliveira, 2001; Costa, 2003; Oliveira, 2006; Gamberini, 2000; Dalsico, 2002). Dentre esses trabalhos merece destaque a tese de doutorado de Regia Cristina de Oliveira (2006), da área de Sociologia. Ela estuda o processo de constituição do jovem adolescente enquanto trabalhador(a) e enquanto indivíduo a partir de suas relações no local de trabalho, no interior do Programa Adolescente Assistido, desenvolvido pela Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos. A importância de seu estudo reside na focalização da empresa como esfera de socialização, local onde um conjunto de valores é partilhado ou reapropriado. Em suas conclusões aponta que a família é importante para os jovens; que princípios e valores da empresa penetram também outras esferas da vida desses adolescentes. Sobre a valorização do trabalho na empresa atribuída por esses sujeitos, ela relacionava-se mais fortemente à chance de exercício de trabalho com carteira assinada e não com determinado modo de ser trabalhador. Além disso, o período vivido na empresa é percebido como transitório, relacionado ao período da adolescência.

Três estudos focalizam questões de *identidade* juvenil relacionadas ao trabalho, cada um deles de uma área específica: Serviço Social (Quiroga, 2001), Educação (Raitz, 2003) e Sociologia (Silva, 2002b). Os três merecem atenção.

Quiroga (2001) busca revelar o significado do trabalho e suas repercussões na área dos valores constituintes das identidades sociais dos indivíduos, realizando um estudo comparativo de jovens pobres dos centros urbanos das cidades brasileiras de Belo Horizonte e do Rio de Janeiro e do bairro periférico de San Blas, de Madri, capital da Espanha. Sustenta o reconhecimento da importância individual e social do trabalho enquanto referência para a constituição da identidade juvenil. Sua hipótese central é de que o trabalho, seja o existente ou o vivido, seja inexistente e idealizado, e suas modificações repercutem significativamente na formação identitária da juventude. Conclui que o trabalho assalariado continua sendo um referente simbólico/ideológico significativo para a juventude pobre dos centros urbanos e, por isso, questiona as hipóteses de Gorz e Offe.

O trabalho de Raitz (2003) busca analisar redes de significados dos processos identitários de jovens egressos dos cursos de educação profissional da CUT e do SENAI em Florianópolis. Analisa as relações dos jovens com a família, o lugar e o sentido do trabalho, a experiência do desemprego, os projetos e sonhos, a relação com a escola e as interfaces com a educação profissional, procurando

revelar os processos de construção de identidades individuais e coletivas nestes espaços. Conclui que a identidade dos jovens é marcada por elementos que vão além do trabalho formal como eixo estruturante, pois eles estão imersos numa rede complexa e heterogênea de relações que passam pela família, que guarda ainda uma forte centralidade, embora não sem conflitos; pela escola, numa relação de encantamento e recusa; pelas incertezas e inseguranças de um mundo do trabalho diverso, múltiplo; pelos cursos profissionalizantes, que não garantem sua inserção no mercado de trabalho; pelo pertencimento a diferentes grupos.

Por sua vez, Cristiane Aparecida Fernandes da Silva (2002) estuda jovens operários de reduzida qualificação, inseridos no mercado de trabalho, vinculados à produção, direta ou indiretamente, em diferentes profissões: eletricista, torneiro mecânico, operador de furadeira e de máquina, inspetor de qualidade, ferramenteiro. Em seu estudo, pretende compreender o conflito entre trabalho real e o trabalho idealizado. A pesquisadora estuda também as estratégias que os jovens utilizam face a esse conflito à medida que delineiam suas identidades. Inúmeras são as conclusões a que chega, evidenciando grupos diferentes quanto aos projetos de futuro e estratégias de sua realização, bem como a configuração de diferentes subjetividades. Conclui que o jovem estudado não possui identidade endereçada à ocupação específica que exerce, pois não é o que almeja para si, de modo que sua identidade é efêmera, característica da modernidade.

Jovens metalúrgicos: sentidos do trabalho e relações intergeracionais

No interior desta problemática estão três trabalhos. Todos eles dialogam com a região do Grande ABC Paulista, palco de intensas lutas operárias; dialogam também com um segmento específico do operariado, os metalúrgicos, em função da visibilidade que ganharam no Brasil a partir das lutas entre o final da década de 1970 e o início da década de 1980, tornando-se visíveis não só pelas conquistas obtidas no campo do trabalho, como também pela sua importância política.

Maria Carla Corrochano (2001), em seu mestrado em Educação, estuda jovens operários e operárias a partir do espaço produtivo de três fábricas do setor de autopeças, situadas na Região do Grande ABC, em São Paulo. Ela busca captar quais são as percepções que eles têm sobre o trabalho. Conclui que o lugar do trabalho fabril que esses jovens ocupam não está dissociado do seu perfil: naturalidade, estado civil, renda, família, escolaridade, e que a idade e a pouca experiência os colocam em desvantagem com relação aos adultos, no interior de relações muito hierarquizadas. A pesquisadora observa que jovens vivem a experiência do trabalho de formas diferentes, desfazendo a ideia de um operário unitário. Ela observa também que os sentidos do trabalho não são homogêneos, extrapolando a relação com o mundo fabril. A pesquisadora conclui que, em um campo de possibilidades e limites, o trabalho permanece como esfera importante para a maioria dos jovens operários e operárias que estudou. Muito além de um sentido meramente instrumental, o trabalho ainda é um lugar significativo de seu

intenso mundo, no qual depositam boa parte de seus sonhos e projetos.

Kimi Aparecida Tomizaki (2005), em seu doutorado em Educação, busca compreender os processos complexos pelos quais se produz e se reproduz um grupo operário por meio do estudo das relações entre duas gerações de trabalhadores da região do ABC Paulista. Trata-se de operários metalúrgicos da maior montadora de veículos comerciais instalada nesta região. Seus pais têm uma imagem positiva de si, fruto das lutas da categoria e das conquistas que obtiveram. Eles tiveram percurso ascendente e desejam que seus filhos trabalhem na mesma empresa em que atuam como operários. Os filhos, mais escolarizados, vivem hoje as inseguranças impostas pelas transformações em andamento. Para esta geração manifesta-se um conflito entre suas expectativas profissionais e a realidade do trabalho. O filho do operário qualificado hoje realiza um trabalho repetitivo que prescinde de qualificação especial. A insatisfação e o desconforto se revelam e os jovens metalúrgicos do ABC não desejam continuar a trajetória de seus pais, e aspiram a deixar a condição operária, deixar o “chão de fábrica”. Mas eles se deparam com a realidade marcada pelo desemprego estrutural. Assim, pais e filhos abandonam, ainda que temporariamente, o sonho de ascensão social e profissional, sentindo-se satisfeitos por estarem empregados. Por isso, para os jovens, ser operário configura-se como um momento de passagem.

Henrique Caetano Nardi (2002), em seu doutorado em Sociologia, também realiza um estudo sobre duas gerações de metalúrgicos, porém seu território é a cidade de Canoas, no Rio Grande do Sul, a partir de tempos e contextos distintos: a década de 1970 e o fim dos anos 90. O autor caracteriza a década de 1970 como um tempo de industrialização acelerada, de crescimento econômico, de luta operária nascida no chão de fábrica, de sindicato forte, de desigualdades sociais, mas também de mobilidade ascendente, de orgulho e identificação com a profissão, de existência de um discurso gerencial que controla e conduz à obediência, porém que não penetra a subjetividade dos trabalhadores. Para a geração dos mais velhos a solidariedade no trabalho teve uma importância essencial na construção da reflexão ética que guia seus julgamentos morais. O fim dos anos 90 é marcado pelo tempo de novas tecnologias, de novas formas de organização do trabalho, do neoliberalismo, de desemprego, do fim do orgulho da profissão, da existência do “operador multifuncional”, do discurso da qualidade, do companheiro de trabalho como cliente e ao mesmo tempo como concorrente, do discurso gerencial que invade a subjetividade dos trabalhadores. Os jovens são marcados por incertezas quanto ao futuro, pela instabilidade e insegurança, o que limita o planejamento possível da vida e impõe uma forma de viver marcada por um individualismo solitário, pois os laços de solidariedade no trabalho se encontram fragilizados. A reflexão ética que caracteriza a geração dos aposentados é pautada pelos princípios de solidariedade e de justiça. Os novos metalúrgicos estabelecem uma reflexão ética na qual os princípios de solidariedade no trabalho desaparecem, ao passo que eles são mais individualistas. As transformações na organização do trabalho e a insegurança ligada aos altos índices de desemprego

funcionam como dispositivos na definição desses diferentes processos de subjetivação. A partir desses elementos o pesquisador questiona sobre o futuro dos laços sociais ancorados no trabalho.

Jovens em sua aproximação às formas de trabalho flexível

Três estudos focalizam a questão da aproximação de jovens às formas de *trabalho flexível* a partir de experiências concretas, uma delas num programa de *trainee* em uma grande empresa (Dobermann, 2006), outra em *call centers* como teleoperadores (Silva, 2006) e, finalmente, em atividades diversas no mundo das artes (Nascimento, 2006).

Lenise Mitidieri Garcia Dobermann (2006), em seu mestrado em Educação, estuda jovens de classe média, egressos de cursos universitários e envolvidos com um programa de *trainee* em uma empresa multinacional de grande porte, como já referido. Na análise que faz da trajetória profissional desses jovens verifica que eles tiveram a oportunidade de fazer escolhas de cursos e faculdades com o apoio da família, tendo na figura do pai, mais do que na da mãe, o personagem que mais fortemente influenciou suas escolhas. Como parte da trajetória profissional, o estágio vivido ao longo do curso universitário é visto como algo positivo, de iniciação, mesmo que sem os direitos trabalhistas. O programa de *trainee*, por ser “generalista”, prepara o jovem para ser um profissional flexível e polivalente, capaz de ter posturas e comportamentos que condizem com a situação que lhe é imposta a cada momento. O programa e a empresa se constituíram em um bom local de aprendizado e, ao mesmo tempo, em passaportes importantes na busca de um novo emprego. Para os jovens, duas trajetórias se configuraram: uma parte deles busca ocupar cargos de direção dentro das empresas em que atuam, e a outra valoriza posições de comando e de poder, o que se expressa no desejo de possuir um negócio próprio. A pesquisadora conclui que os dois grupos reproduzem a lógica do capital e que fazem parte do processo de construção do trabalhador flexível.

Já a pesquisa específica sobre *call centers* foi realizada por Luis Fernando Santos Correa da Silva (2006), em seu mestrado em Sociologia. O pesquisador busca se afastar de tendências que marcam certos estudos fortemente configurados a partir do posicionamento ideológico do pesquisador e/ou que tomam o Estado como controlador das ações coletivas dos trabalhadores e, finalmente, da tendência de focar as ações coletivas dos trabalhadores. Seu estudo se situa no campo das relações de trabalho e dos perfis sócio-ocupacionais de teleoperadores, trazendo para o debate a questão política de administração de recursos humanos e de como ela configura o *modus operandi* da empresa. As relações de trabalho orientam-se em alguma medida por estratégias de flexibilidade laboral, mas essas estratégias se configuram de maneira singular em cada uma das empresas pesquisadas, passando pela polivalência dos teleoperadores, pela lógica da qualidade no atendimento ao cliente e por atividades que exigem menor qualificação do trabalhador.

Por sua vez, Aurélio Eduardo do Nascimento (2006), da área de Sociologia, estuda jovens que trabalham no mundo das artes, em diferentes profissões. Eles são tomados a partir da ideia de pluralidade da condição juvenil, como fase de vida, e não simplesmente circunscritos a limites etários, e também no contexto das gerações. O pesquisador aborda inúmeras questões, dentre elas a das escolhas profissionais com múltiplos sentidos; dos processos complexos de socialização que ocorrem em tempos distintos; do intenso, do contínuo e do infinito investimento que trabalhadores do mundo da arte fazem em torno da sua formação profissional; dos sonhos diversos que essa prática de trabalho congrega, associando arte e sonho; da não separação entre trabalho e ludicidade. Sobre a rotina profissional dos jovens “trabalhadores artistas” o pesquisador conclui que ela se entrecruza com as metamorfoses do mundo do trabalho nas sociedades contemporâneas no que se refere, por exemplo, à flexibilização da jornada. Contudo, esta flexibilidade não se circunscreve aos modelos de organização industriais tão criticados, uma vez que são outros os conteúdos, outras as práticas de trabalho que se desenrolam em tempos e espaços próprios. O jovem “trabalhador artista” é protagonista de outras formas possíveis de organização dos processos de trabalho, das rotinas de trabalho “flexibilizadas”, porém desejam conciliar simultaneamente a liberdade da produção e a segurança, novos estilos de viver e meios de ganhar a vida. É a partir desses dilemas que o pesquisador introduz o debate sobre a *flexi-guridade*, que contém a ideia força da “flexibilidade” do trabalho aliada à “segurança e proteção”.

A maioria dos trabalhos do subtema *Mundo do Trabalho: experiências e significados sob o ponto de vista dos jovens* revela-se portadora de novas possibilidades temáticas e de reflexões ao centrar-se na análise das reais condições de trabalho dos jovens, do lugar que o trabalho ocupa em suas vidas e das relações entre o trabalho e a constituição de suas identidades.

Os autores, tanto os da área da Educação como os da Sociologia, tomam como base de suas reflexões a literatura das áreas da Sociologia – do trabalho e da juventude. Eles se mostram capazes de aprofundar debates sobre a centralidade/não-centralidade do trabalho, afirmando a importância deste na vida dos sujeitos jovens. Adentram por temas diversos como: identidade de jovens na relação com o mundo do trabalho, numa configuração extremamente complexa; projetos futuro e realidade presente; jovens e gerações; jovens e a questão da flexibilidade do trabalho.

A maioria dos pesquisadores deste subtema revela uma capacidade de escuta dos jovens e de análise dos dados a partir de um diálogo profícuo com os autores escolhidos como referências, permitindo conhecer melhor os sujeitos pesquisados na relação que eles estabelecem com o trabalho. Os resultados de seus estudos

podem conduzir a novas pesquisas que tomem: a empresa como espaço de socialização, jovens de diferentes países e a importância do trabalho em suas vidas, gerações diferentes de forma a captar transformações sociais em andamento e o papel e lugar dos jovens nesse processo, segmentos sócio-econômicos diversos e não apenas os das camadas empobrecidas, a configuração de determinados setores de trabalho e a presença dos jovens e, finalmente, a relação das jovens gerações com a chamada flexibilidade no mundo do trabalho.

As mutações no mundo do trabalho: para além da qualificação profissional e do trabalho assalariado

Neste subtema estão alocados 9 estudos que tratam especificamente as temáticas do desemprego juvenil e outras formas de trabalho não assalariadas fomentadas pelos próprios jovens ou por atores diversos para fazer face à crise e às mudanças no mundo do trabalho. Eles trazem problemáticas novas a serem aprofundadas.

Uma primeira problemática relaciona-se a análises que focalizam a relação dos jovens com o desemprego e o trabalho informal. Neste caso, os autores focalizam a questão da precariedade, da exclusão e do sofrimento. O tema do sofrimento aparece em estudos da área de Serviço Social, e a principal referência teórica é da área da Psicologia: Dejours (1992). Os autores da área de Sociologia estudam o desalento e baseiam-se na produção de Troyano (1985a, 1985b). Disso decorrem resultados de pesquisas bastante diferentes, revelando contribuições diversas marcadas pela área à qual o autor se vincula e pela literatura com a qual dialoga.

A segunda problemática diz respeito aos estudos que buscam evidenciar a relação dos jovens com propostas de geração de emprego e renda para além do trabalho assalariado, tais como cooperativas, empresas de autogestão, empreendedorismo. Como as questões abordadas se revestem de novidade, no campo das referências teóricas incursões diversas são feitas sem que se constitua ainda um corpo mais claro e consolidado de teorias.

Desemprego juvenil, trabalho informal e precariedade

O conjunto de 4 trabalhos que aborda a questão do *desemprego e trabalho informal* apresenta um cenário de desalento e de sofrimento para os jovens (Cruz, 2003; Cruzinha, 2003; Rocha, 2005; Jardim, 2004).

Os estudos de Rocha (2005) e Jardim (2004) trazem o desalento, o sofrimento, e as dificuldades vividas por jovens desempregados. Eles são aqui tomados para análise porque têm como base teórica referenciais diferentes para analisar

objetos semelhantes e chegam a conclusões bastante distintas quando se trata de desemprego.

Rocha (2005), em seu mestrado na área de Serviço Social, busca compreender a repercussão do desemprego na vivência subjetiva de jovens desempregados(as) da cidade de Camaragibe, tomando a psicologia como base de sua análise, e conclui que aqueles(as) desempregados(as) vivem uma situação carregada de sofrimento, marcada pelo temor do futuro em relação à falta de garantia financeira no presente. Estar desempregado significa ficar diante de um embate principal: a vontade do outro (impedimentos de inserção) e a vontade do sujeito (desejo de trabalhar). Disso decorrem sentimentos como desqualificação, indignidade, inutilidade, o que aproxima esses jovens da “vivência depressiva”.

Preocupada em compreender o modo como as mutações do trabalho atingem os indivíduos, Jardim (2004), em seu mestrado em Sociologia, realiza um estudo em torno do desemprego por desalento. Partindo de uma agência pública de emprego, a autora chega à análise de trajetórias de jovens e adultos, de ambos os sexos, que haviam em algum momento de seus percursos atravessado um período de desistência de busca por trabalho. Diferentemente de Rocha (2005), a pesquisadora toma o desemprego a partir da noção de desalento e enquanto construção social e, por isso, variando fortemente não apenas em função do perfil dos sujeitos, ou seja, se homem, mulher, jovem ou adulto, mas também quanto aos dispositivos institucionais que estão ao alcance deles. Ela observa também a existência de uma distinção entre a percepção sobre trabalho e emprego, este último relacionado à maior segurança e à estabilidade nas quais a preocupação com a seguridade torna-se central em relação não apenas ao futuro, mas também ao presente. Do mesmo modo, sua análise tece significativas comparações entre jovens e adultos, revelando diferenças entre eles. Os jovens vivem num momento em que esta cultura do emprego está posta em xeque e, para estes, o caráter privado da experiência do mundo do trabalho se revela com mais nitidez. Os adultos, ao contrário, dispõem de referências pautadas em suas experiências que lhes permitem avaliar o sentido das perdas. Já os jovens têm a instabilidade como a condição normal da experiência de trabalho e assumem, com mais facilidade, o discurso da empregabilidade. Ficam, assim, enclacrados entre as promessas de realização individual e a estreiteza das possibilidades que lhes são abertas. Por isso, os jovens apresentam grandes doses de realismo. Nas suas análises, a autora dialoga com uma literatura específica da Sociologia do Trabalho e de jovens e também faz referências a produções da Sociologia do Desemprego (Guimaraes, 2001, 2002; Demazière, 1995a, 1995b; Maruani, 2002).

Para além do trabalho assalariado

A segunda problemática aborda outras formas de trabalho não assalariadas em que se inserem jovens. As posições dos pesquisadores oscilam entre as críticas e a percepção de novas possibilidades de inserção juvenil num mundo do trabalho

com novas configurações. Aparecem os temas do empreendedorismo (Souza, 2006; Martins, 2003; Corbellini, 2004) e das iniciativas no campo da economia solidária: empresas autogeridas (Nakano, 2004) e associações (Cavalcante, 2006).

Os trabalhos sobre *empreendedorismo* seguem duas linhas opostas, a da crítica e a de sua defesa. Adriano Mohn e Souza (2006) faz a crítica a partir da leitura e análise de documentos, denunciando a inserção de jovens como empreendedores no mercado de trabalho como uma forma de o capital fazer com que esses sujeitos se responsabilizem individualmente pela sua própria inserção, pelo seu sucesso ou pelo seu fracasso. De forma oposta, Eber Luis Capistrano Martins (2003) e Marilda Lili Corbellini (2004) consideram o empreendedorismo como algo importante a ser desenvolvido entre os jovens. Para Martins (2003), o “casamento” entre jovens e empreendedorismo é recente e imperam ainda a esperança e o otimismo. Concorreu para este “casamento” mais os interesses familiares do que os individuais ou uma pressão social. Corbellini (2004) analisa um programa voltado para formação de empreendedores e conclui que os conteúdos e a metodologia adotados contribuíram para descoberta de novos significados pessoais, sociais, produtivos e cognitivos do jovem em sua preparação para a vida futura.

Dentre os estudos no campo da *economia solidária* está a tese, no campo da Educação, de Marilena Nakano (2004). Ela pesquisa o que jovens aprendem e ensinam em empresas da região do ABC paulista, em São Paulo, as quais, após um processo falimentar, são assumidas pelos trabalhadores, que as transformam em empresas solidárias e as conduzem de forma autogerida. As ações para manter as empresas em funcionamento sob uma nova forma de gestão não acontecem sem conflitos. Tudo isso é produzido num contexto em que jovens, a geração das oscilações – conforme denominação da pesquisadora –, e adultos, a geração do novo sindicalismo, se relacionam, cada qual com as peculiaridades da fase de vida que se encontram. Os jovens trazem para dentro da empresa elementos aprendidos nos pequenos grupos, como a amizade e a solidariedade, os quais são reforçados no espaço econômico. E os adultos, as aprendizagens da luta sindical. A pesquisadora conclui que jovens e adultos nessas empresas produzem relações mais democráticas, sinalizam para a produção de relações marcadas pela lógica do *dom*, no sentido atribuído por Mauss (1999), portanto não de compra e venda, estruturadas não apenas na esfera da produção material.

Luciana Matias Cavalcante (2006), também da área de Educação, investiga o potencial formador presente nas experiências de trabalho coletivo com jovens, principalmente desenvolvendo atividades artesanais a fim de identificar saberes que são produzidos mediante o trabalho cooperado, entendendo esse espaço como escola de vivências e parte de uma educação que é comunitária. Pesquisa três associações de produção em comunidades afastadas dos centros urbanos, no Piauí: Rendeiras do Morro de Mariana, Artesãos de São Vicente de Paulo e de Trançados da Ilha. A autora aponta que a economia solidária resgata formas antigas de interação social, pautadas pela ajuda mútua, não devendo, entretanto, ser confundidas com filantropia ou caridade, pois são um sistema de trocas.

Para os jovens o trabalho coletivo realizado nas cooperativas aparece como um elemento importante nessa discussão e remete para relações de solidariedade e aprendizagem mediadas pelos vínculos familiares, fortalecidos pela afetividade. Elementos de inserção dos jovens nos grupos firmam-se primeiramente pela necessidade de colaboração na renda familiar, não de forma a imprimir na família uma característica reguladora do trabalho do jovem, mas de representar um espaço de convívio e solidariedade, a primeira vivência coletiva dos indivíduos, um espaço de divisão de ganhos e perdas, um elemento mediador das relações entre esses sujeitos e a esfera social maior. Os sentidos que os jovens atribuem ao trabalho nos grupos de produção não estão ligados somente à esfera material, de produção e reprodução da sobrevivência, mas estão diretamente vinculados às relações de proximidades entre pessoas, ao encontro, ao prazer impresso pela arte, à autonomia, ao reconhecimento dentro do grupo, numa pedagogia do encontro, da parceria.

Os estudos deste subtema, *As mutações no mundo do trabalho: para além da qualificação profissional e do trabalho assalariado*, situam-se ainda num campo novo a ser consolidado. Dentre as pesquisas feitas, aquelas referentes às experiências subjetivas do desemprego entre os jovens, inclusive em comparação com os adultos (Jardim, 2004) parecem ser as que apresentam maiores possibilidades de consolidação, dada a literatura já existente sobre desemprego e a sua incorporação ao debate sobre jovens que vivem esta condição.

Os demais temas, como empreendedorismo e autogestão, têm ainda um longo caminho a percorrer, no entanto, podem se constituir em temas promissores, caso se estabeleçam nexos mais claros entre jovens e essas modalidades de trabalho não-assalariados e a sua participação na produção desses campos de atuação.

Considerações finais

O conjunto dos 91 pesquisas produzidas revela a enorme riqueza em torno das relações entre jovens e trabalho na sociedade brasileira. Frente aos estudos anteriores (Sposito, 2002), não há dúvida de que os progressos foram imensos. Como alguns apontamentos acerca delas já foram introduzidos no corpo do presente texto, o caráter das observações que se pretendem fazer agora é o de introduzir reflexões que possam contribuir para o avanço das pesquisas nesta temática.

Um número razoável de pesquisadores escolheu um objeto de estudo com o qual teve ou tem algum vínculo existencial, o que exige de sua parte cuidados

redobrados para que julgamentos existentes sobre o objeto estudado, no ponto de partida, não se constituam em impedimentos para a descoberta de novos elementos. Nesse caso, se a aproximação, às vezes imersão, pode ser positiva, há a necessidade também do movimento oposto, o de distanciamento, de forma a garantir no momento da coleta e da análise dos dados um olhar que permita descobrir elementos por vezes ocultos e que a prática cotidiana muitas vezes impede visualizar.

Em alguns trabalhos foi possível perceber esse movimento de aproximação e distanciamento, resultando em produções que trouxeram contribuições importantes para a compreensão da temática de jovens e trabalho. Outros pesquisadores, entretanto, partiram de posicionamentos político-ideológicos e a eles voltaram em suas conclusões, ignorando muitas vezes dados obtidos através das falas dos sujeitos pesquisados que estão presentes em seus textos. Assim, mais do que entender os sentidos que os interlocutores traziam para o debate, prevaleceu o posicionamento do próprio pesquisador e as falas das pessoas transformaram-se em meros relatos.

Em vários desses estudos, chama a atenção também a forma como os pesquisadores utilizaram as referências escolhidas. Assim, por exemplo, um grande número deles tratou da crise da sociedade salarial e da instalação da precariedade nas relações de trabalho assalariado a partir da produção de Castel (1998). Entretanto, os autores não realizaram um verdadeiro debate com o pensador escolhido, deixando de verificar aproximações e distanciamentos, neste caso entre a realidade francesa e a brasileira, e como jovens, em situação de precariedade, se movimentam e se relacionam com diferentes mundos do trabalho marcados pelas histórias e características de cada país. No caso brasileiro, um mercado de trabalho com forte incidência de informalidade, desemprego estrutural e proteções precárias ligadas ao estatuto do trabalho assalariado, do que decorrem formas de estar e de ser neste universo muito diversas daquelas que existem em países cuja relação de assalariamento foi marcada pelo chamado “pleno emprego” e por um sistema público de proteção, como é o caso francês, e que entrou em crise a partir dos anos 70. Nessa medida, conceitos potentes para analisar a relação dos jovens e do trabalho no Brasil, como o de precariedade, passaram a ter capacidade operatória limitada para fazer emergir novas análises e novas questões, na medida em que o que é específico da realidade brasileira deixou de ser explorado em sua plenitude.

O apego a conceitos gerais como o de precariedade foi muitas vezes operado de forma reducionista, e veio acompanhado de uma indiferenciação também dos sujeitos pesquisados. De modo geral, jovens e adolescentes definidos a partir de um único elemento: a sua condição etária.

Esses trabalhos revelam um esgotamento de certo tipo de estudo baseado na perspectiva da “educação unitária”, ou seja, pesquisas que buscam encontrar nos programas/projetos de qualificação e inserção de jovens no mundo do trabalho a articulação entre educação geral e específica, ou entre educação básica e

formação técnico-profissional, e também a existência de uma dimensão política que contribuiria para a constituição de uma nova cultura voltada para a transformação da sociedade. A partir desta perspectiva, os resultados a que chegaram os pesquisadores mostraram-se repetitivos, predominando a existência de críticas às ações desenvolvidas em função da não presença dos elementos buscados, o que talvez revele as orientações dos próprios programas/projetos estudados. Na mesma trilha também parece haver um esgotamento das pesquisas focadas na denúncia das condições precárias de trabalho de crianças, adolescentes e jovens pobres.

Ao lado desses estudos, se encontram outros que se destacaram pelo cuidado metodológico, pela capacidade de seus autores dialogarem com as referências escolhidas e pela escolha de novas temáticas, o que indica que o tema de jovens e trabalho começa a ganhar outra configuração no Brasil, escapando à denúncia da precariedade, da formação parcelar e que não garante a inserção no mercado de trabalho.

Outro aspecto a ressaltar desse conjunto de teses e dissertações é que o número de pesquisadores que desenvolveu a discussão específica sobre jovens e juventude cresceu muito, se comparado ao Estado do Conhecimento anterior. Há estudos de todas as áreas trilhando esse caminho com a preocupação de compreender o jovem como sujeito sociológico e a busca de referenciais para o estudo de questões específicas, tais como identidade e socialização, gênero, idade e trabalho.

A análise desse conjunto de pesquisas permite identificar questões que comecem a demarcar o campo das pesquisas sobre jovens e trabalho no Brasil e que, se ampliadas e aprofundadas por meio de novas pesquisas, que partam da escuta dos jovens, poderão permitir o aprofundamento do conhecimento sobre este objeto. Assim, temas como os que seguem podem ser sugestivos de caminhos a percorrer:

- a) diferentes grupos de jovens, levando em conta diferentes condições sócio-econômicas, questões de gênero e raça;
- b) processos identitários e de socialização complexos envolvendo a família, o mundo de trabalho, grupos e espaços diversos como, por exemplo, o sindicato;
- c) jovens e geração como forma de aproximação às permanências e às rupturas existentes na sociedade brasileira, aprofundando a discussão sobre solidariedade e individualismo;
- d) a empresa como espaço de socialização, de novas aprendizagens, de participação juvenil na configuração mesma desse mundo;
- e) novas profissões, competências e campos econômicos, estudados a partir de processos de formação, bem como das/os aproximações/distanciamentos em relação às características do grupo juvenil;
- f) desemprego juvenil abordado a partir dos múltiplos sentidos que pode ter entre os próprios jovens e comparando-se jovens e adultos;

- g) estudos comparativos sobre jovens do Brasil e de diferentes países, de forma a revelar configurações diversas dos mercados de trabalho, das políticas públicas, de estruturação dos estados-nações e seus respectivos estados de bem-estar social.

Verifica-se, em contraste com a produção internacional, uma enorme lacuna que diz respeito à relação entre jovens e trabalho e a transição para a vida adulta. Estudos dessa natureza poderão abrir o debate no Brasil sobre a complexidade crescente de ser jovem quando se toma como referência o mundo adulto, que também se encontra em mutação.

A realização de pesquisas comparativas sobre jovens brasileiros e de outros países, assentadas em sólidos bancos de dados estatísticos, também é uma lacuna a ser preenchida. Isso remete a instigar as instituições oficiais brasileiras a construir bancos de dados que permitam captar questões relativas aos jovens, no presente e longitudinalmente, de forma que possamos ter, tal como os pesquisadores estrangeiros, uma outra relação, de diálogo tanto sobre a teoria quanto sobre as metodologias utilizadas e as características de nossos jovens, quando comparadas aos de outros países. Neste caso, um bom começo seria o de realizar estudos que operem com as bases de dados já existentes, mesmo que ainda incompletas, como, por exemplo, Rais, Pnads, PED – Pesquisa emprego/desemprego Seade/Dieese.

Outra observação diz respeito às possibilidades de aproximação aos jovens por meio da utilização de tecnologias de informação e comunicação (TIC), adentrando espaços virtuais como espaços de encontros, de trocas, de produção de novas formas de ser e estar no mundo, bem como novas formas de socialização e solidariedade. Este talvez possa ser um desafio a ser enfrentado pelo grupo de pesquisadores do tema *Jovens e Trabalho*, ultrapassando os limites até aqui existentes quanto ao modo de fazer pesquisa, alargando o universo do que tem sido produzido até aqui. Pesquisadores de países estrangeiros têm realizado incursões neste campo.

Finalmente, outra riqueza existente neste Estado do Conhecimento refere-se à presença de pesquisadores de diferentes áreas, o que amplia o debate sobre os jovens e o trabalho e sua entrada por áreas diversas do saber. Para a compreensão do próprio tema, o pesquisador parece ser obrigado a percorrer uma ampla literatura, com um foco privilegiado em Sociologia – do trabalho, do desemprego, da juventude – e em Economia, muitas vezes entrando por debates antes não enfrentados.

Referências bibliográficas

- ABRAMO, Helena Wendel. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. *Juventude e Contemporaneidade. Revista Brasileira de Educação*, nº 5 e 6, maio/dezembro 1997.
- ABRAMO, Helena Wendel. *Cenas juvenis: punks e darks no espetáculo urbano*. São Paulo: Editora Página Aberta Ltda., 1994.
- ABRAMO, H. W.; FREITAS, M. V. De; SPOSITO, M. P. (orgs). *Juventude em debate*. São Paulo: Editora Cortez, 2002.
- ANTUNES, Ricardo. *Adeus ao trabalho?: ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho*. São Paulo: Cortez, 1995.
- ANTUNES, Ricardo. *Os sentidos do trabalho*. São Paulo: Boitempo, 2000.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1974.
- BOURDIEU, P. e PASSERON, J.C. *A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino*. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1975.
- BOURDIEU, P. e PASSERON, J.C. O tempo e o espaço no mundo estudantil. In: BRITO, S. *Sociologia da Juventude*, vol. 4. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.
- BOYER, Robert. *La flexibilidad del trabajo en Europa: un estudio comparativo de las transformaciones del trabajo asalariado en siete países, entre 1973 y 1985*. Madrid: Ministério de Trabajo y Seguridad Social, 1986.
- CASTEL, Robert. *As metamorfoses da questão social: uma crônica da questão do salário*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- CASTELS, Manuel. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CORROCHANO, M. C. *Jovens olhares sobre o trabalho*. Um estudo dos jovens operários e operárias de São Bernardo do Campo. 2001. Dissertação (Mestrado em Educação). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2001.
- CORROCHANO, M. C.; NAKANO, M. Jovens, mundo do trabalho e escola. In: SPOSITO, M.P. (coordenação). *Juventude e escolarização (1980 – 1998)*. Brasília: MEC/Inep/Comped, v.7, p. 95-134, 2002
- COSTA, A.C.G. *O ECA e o trabalho infantil: trajetória, situação atual e perspectivas*. Brasília: OIT, São Paulo, 1994.
- DEMAZIÈRE, D. *Sociologie du chômage*. Paris: La Découverte, 1995a.
- DEMAZIÈRE, D. *Le chômage de longue durée*. Paris: Presses Universitaires, 1995b.
- DIETRICH, Hans; CHOMSKY, Noam. *A aldeia global*. Blumenau: Furbe, 1999.
- DEJOURS, C. *A loucura do trabalho: estudos da psicopatologia do trabalho*. São Paulo: Cortez, 1992.
- DRAIBE, Sônia Miriam. A construção institucional da política brasileira de combate à pobreza: perfis, processos e agenda. *Cadernos de pesquisa*, Campinas, v. 34, 1998, p.4-36.
- DRAIBE, Sônia Miriam. Políticas públicas e gestão da crise um balanço da literatura internacional. *Cadernos de Pesquisa*, nº 1, Campinas, mar. 1987.
- DUBAR, Claude. Formação, trabalho e identidades profissionais. In: CANARIO, Rui (org.). *Formação e situações de trabalho*. Porto Alegre: Porto Editora, 1997a.

- DUBAR, Claude. *A socialização: construção das identidades sociais e profissionais*. Porto Alegre: Porto Editora, 1997b.
- FAUSTO, A.M.Q.N. *Família operária e reprodução da força de trabalho*. Petrópolis: Editora Vozes, 1982.
- FAUSTO, A.M.Q.N. A sociologia do trabalho frente à qualificação e à competência. *Educação e Sociedade*, Campinas, ano XIX, nº 64, setembro/1998.
- FAUSTO, Ayrton. CERVINI, Rubem (org.). *O trabalho e a rua*. Crianças e adolescentes no Brasil urbano dos anos 80. São Paulo: Cortez, 1991.
- FERRETTI, C. et al. (org.). *Tecnologias, trabalho e Educação*. Um debate multidisciplinar. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- FORACCHI, M.M. *O estudante e a transformação da sociedade no Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1965.
- FRIGOTTO, Gaudêncio. *A produtividade da escola improdutiva*. São Paulo: Cortez, 1993.
- FRIGOTTO, Gaudêncio. *Educação e a crise do capitalismo real*. São Paulo: Cortez, 1996.
- FRIGOTTO, Gaudêncio (org.). *Educação e crise do trabalho*. Perspectivas de Final de Século. Petrópolis: Vozes, 1998.
- COMES, Jerusa. *Família, escola, trabalho: construindo desigualdades e identidades subalternas*. Livre docência – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo. 1996.
- GORZ, André. *Adeus ao proletariado – para além do socialismo*. Rio de Janeiro: Editora Forense, 1987.
- GRAMSCI, A. *A concepção dialética da história*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- GRAMSCI, A. Americanismo e fordismo. In *Cadernos do Cárcere*. Vol. IV. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- GUIMARAES, Nadya. Por uma sociologia do desemprego: contextos societais, construções normativas e experiências subjetivas. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 17, n. 50, 2002.
- GUIMARAES, Nadya. Trabalho: uma categoria-chave no imaginário juvenil? IN: ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. M. (Org.). *Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005a. p. 149-174.
- HARVEY, David. *Condição pos-moderna*. São Paulo: Loyola, 2002.
- HIRATA, Helena. Da polarização das qualificações ao modelo das competências. In: FERRETTI, C. et al. *Novas tecnologias, trabalho e educação: um debate multidisciplinar*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.
- HIRATA, H; HUMPHREY, J. Estruturas familiares e sistema produtivo: famílias em crise. Dossiê modo de vida. *Tempo social*, São Paulo, vol. 4 (1-2), p. 11-131, 1994
- IANNI, O. O jovem radical. In BRITTO, S. de. *Sociologia da juventude*, vol. I, Zahar, 1968, p. 225-242.
- KEIL, E.T.; RIDDELL, D.S.; GREEN, S.R. Problemas de uma Sociologia da juventude operária. In: BRITO, S. (org.). *Sociologia da Juventude II*. Rio de Janeiro: Zahar, 1968, p. 89-115.
- KUENZER, Acácia Zeneida. *A pedagogia da fábrica*. As relações de produção e a educação do trabalhador. São Paulo, Cortez, 1986.

- KUENZER, Acácia Zeneida. *Ensino Médio e profissional: as políticas do Estado Neoliberal*. São Paulo, Cortez, 1997.
- LEFEBVRE, H. *La présence et l'absence – contribution à la théorie des représentations*. Belgique: Castelmans, 1980.
- MADEIRA, F. Pobreza, escola e trabalho: convicções virtuosas, conexões viciosas. *São Paulo em Perspectiva*, São Paulo, v.7, n. 1, p. 70-83, jan/mar 1993.
- MADEIRA, F. A trajetória das meninas dos setores populares: escola, trabalho ou... reclusão. In: MADEIRA, F. (org.). *Quem mandou nascer mulher?* Estudos sobre crianças e adolescentes pobres no Brasil. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos/UNICEF, 1996. p. 45-134.
- MANNHEIM, Karl. O problema da juventude na sociedade moderna. In: BRITO, S. (org.) *Sociologia da juventude I*. Rio de Janeiro: Zahar, 1968, p. 69-95.
- MARTINS, H.H.T.S. A juventude no contexto da reestruturação produtiva. In: ABRAMO et al (orgs.). *Juventude em debate*. São Paulo: Cortez, 2000, p. 17-40.
- MARTINS, H.H.T.S. O jovem no mercado de trabalho. Juventude e contemporaneidade. *Revista Brasileira de Educação*, Anped, n.5-6, 1997, p. 37-53.
- MARTINS, José de Souza. *Exclusão social e a nova desigualdade*. São Paulo: Paulus, 1997.
- MARTINS, José de Souza. As representações do possível. In: MARTINS, J.S. (org.). *Henri Lefèbvre e o retorno à dialética*. São Paulo, Hucitec, 1996. p. 87-98
- MARUANI, M. *Les mécomptes du chômage*. Paris: Bayard, 2002
- MARX, Karl. *O capital*. Livro I, volume 1. 17a. edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.
- MAUSS, Marcel. Essai sur le don. Forme et raison de l'échange dans les sociétés archaïques. In: *Sociologie et anthropologie*. Paris: Quadrige/PUF, 1999. p. 143-279.
- MOSCOVICI, Serge. *A representação social da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- MATTOSO, J. *A desordem do trabalho*. São Paulo: Scritta, 1996.
- OFFE, Claus. Trabalho como categoria sociológica fundamental? In: *Trabalho e Sociedade*, Vol. I, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.
- OLIVEIRA, Regia C. *Jovens trabalhadores: representações sobre trabalho na contemporaneidade*. 2001. Dissertação (Mestrado em Sociologia). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2001.
- PAIS, José Machado. A construção sociológica da juventude: alguns contributos. *Análise Sociológica*, v. 25, n. 105-106, 1990.
- PAIS, José Machado. Emprego juvenil e mudança social: velhas teses, novos modos de vida. *Análise Social*, 1991, p. 945-988.
- PAIS, José Machado. *Culturas juvenis*. Lisboa: Imprensa Nacional da Casa da Moeda, 1993.
- PAIS, José Machado. *Gerações e valores na sociedade portuguesa contemporânea*. Lisboa, 1998.
- PERALVA, Angelina; SPOSITO, Marília (orgs.). Juventude e Contemporaneidade. *Revista Brasileira de Educação*, nº 5 e 6, maio/dezembro 1997.
- POCHMANN, Marcio. *A batalha do primeiro emprego*. São Paulo: Editora Publisher Brasil, 2000a.

- POCHMANN, Marcio. *O trabalho sob fogo cruzado*. Exclusão, desemprego e precarização no final do século. São Paulo: Contexto, 2000b.
- POCHMANN, Marcio. *O emprego na globalização*. São Paulo, Boitempo Editorial, 2001.
- PRIORE, Mary Del (Org.). *História da criança no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1999.
- RIZZINI, Irene. *O século perdido: raízes sociais das políticas públicas para a infância no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Santa Úrsula e Amais Livraria e Editora, 1997.
- ROPE, F.; TANGUY, L. *Saberes e competências: o uso de tais noções na escola e na empresa*. Campinas, Papirus, 1997.
- RUA, Maria da Graça. *As políticas públicas e a juventude dos anos 90*. Brasília: CNPD, 1998.
- SARTI, C.A. *A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres*. São Paulo: Editora Autores Associados, 1996.
- SINGER, Paul. *Globalização e desemprego: diagnósticos e alternativas*. São Paulo: Editora Contexto, 1998.
- SPOSITO, M.P. A sociabilidade juvenil e a rua: novos conflitos e a ação coletiva na cidade. *Tempo Social*, vol. 5 (1-2), Revista de Sociologia da USP, 1994, p. 161-178.
- SPOSITO, M.P. (coordenação). *Juventude e escolarização (1980-1998)*. Brasília: MEC/Inep/Comped, 2002.
- SPOSITO, M.P. *Os jovens no Brasil: desigualdades multiplicadas e novas demandas políticas*. São Paulo: Ação Educativa, 2003.
- SPOSITO, M. P. Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre juventude e escola no Brasil. In: ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. M. (Org.). *Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005. p. 87-127.
- SPOSITO, M.P.; CARRANO, P.C.R. Juventude e políticas públicas no Brasil. *Revista Brasileira de Educação*, n° 24, set-dez, 2003.
- TANGUY, L. Do sistema educativo ao emprego. Formação: um bem universal?. *Educação e Sociedade*, n° 67, 1999.
- TANGUY, L. *Saberes e competências: o uso de tais noções na Escola e na Empresa*. São Paulo: Papirus, 1997.
- TROYANO, Annez Andraus. A necessidade de uma nova conceituação de emprego e desemprego: a pesquisa da Fundação SEADE/DIEESE. *São Paulo em Perspectiva*, 1 (1), jan/abr, 1985a, p. 2-6.
- TROYANO, Annez Andraus. Pesquisa de emprego e desemprego SEADE/DIEESE: operacionalização dos conceitos. *São Paulo em Perspectiva*, 1 (2), maio/agosto, 1985b, p. 4-13.
- VELHO, Gilberto. *Subjetividade e sociedade: uma experiência de gerações*. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.
- ZALUAR, Alba. *A máquina e a revolta*. As organizações populares e o significado da pobreza. São Paulo: Brasiliense, 1985.

*Teses e Dissertações Analisadas***EDUCAÇÃO***Teses*

- ASTIGARRAGA, Andrea Abreu. **Fundamentos da formação artesanal: a concepção dos jovens aprendizes sobre o processo de profissionalização “nostálgico” e “futurista” da Oficina Escola de Artes e ofício (2001 a 2005)**. 2006. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Ceará, 2006.
- CAVALCANTE, Luciana Matias. **Economia dos setores populares: juventude e educação para o trabalho**. 2006. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do Ceará, Ceará, 2006.
- COLARES, Marcos Antonio Paiva. **Do labor infantil ao trabalho dos adolescentes**. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Ceará, Ceará, 2006.
- FONSECA, Laura Souza. **Trabalho infanto-juvenil: concepções, contradições e práticas**. 2006. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2006.
- MOURA, Rogério. **Programas de formação para o trabalho para jovens em São Paulo (Brasil) e Berlim (Alemanha) – os processos de encenação social, as organizações e as pessoas nos espaços das cidades do século XXI**. 2006. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.
- NAKANO, Marilena. **Jovens no encontro de gerações: democracia e laços solidários no mundo do trabalho**. 2004. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.
- OLIVEIRA, Patricia Weber Souza. **Pedagogia, Formação profissional e construção de identidades – a experiência do SENAC – RN**. 2003. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Rio Grande do Norte, 2003.
- RAITZ, Tania Regina. **Jovens, trabalho e educação: rede de significados dos processos identitários na Ilha de Santa Catarina**. 2003. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2003.
- TOMIZAKI, Kimi Aparecida. **Ser metalúrgico do ABC: rupturas e continuidades nas relações intergeracionais da classe trabalhadora**. 2005. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2005.
- ZUCCHETTI, Dinora Tereza. **Jovens: a educação, o cuidado e o trabalho como ética de ser e estar no mundo**. 2002. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2002.

Dissertações

- ALBUQUERQUE, Miriam de Souza Leao. **A inserção do jovem no mercado formal de trabalho**. 2003. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2003.

- BARBOSA, Maria Simara. **A profissionalização do adolescente aprendiz no limiar do século XXI**. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Maranhão, Maranhão, 2006.
- CANDIDO, Maria Cristina Machado. **Trabalho infantil e as experiências de erradicação**. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2005.
- CARABAJAL, Ademar Alberto. **Tem gente atrás da máquina. A educação profissional em uma fábrica de calçados: um estudo de caso**. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2005.
- CONCEIÇÃO, Neusa Maria da. **Educação, trabalho e juventude: realidade e contradição no cotidiano de jovens de uma instituição filantrópica em Goiânia**. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Goiás, Goiás, 2004.
- CORROCHANO, Maria Carla. **Jovens olhares sobre o trabalho: um estudo de jovens operários e operárias em São Bernardo do Campo**. 2001. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.
- COSTA, Arnaldo Martins da. **Jovens, educação e mercado de trabalho: um estudo sobre as representações sociais dos jovens e educadores do programa Casa de Jovens das Aldeias SOS**. 2003a. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Paraíba/João Pessoa, Paraíba, 2003a.
- CRUZ, Midia Mônica de Oliveira. **Estudo exploratório sobre a inserção de jovens no mercado de trabalho em Curitiba**. 2003. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Paraná, Paraná, 2003.
- DALSICO, Arali Maiza. **Migração: trabalho e educação – na perspectiva de pais e filhos migrantes**. 2002. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Mato Grosso, Mato Grosso, 2002.
- DOBERMANN, Lenise Mitidieri Garcia. **O trainee e a construção do trabalhador flexível**. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2006.
- FARIA, José Portirio de. **Capacitação solidária: adaptação social ou qualificação para o mercado de trabalho?** 1999. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1999.
- FERRAZ, Ana Maria. **A ação da Sudene na formação profissional: exame do projeto Iniciação do Adolescente no Mercado Formal de Trabalho**. 2000. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2000.
- GAMBERINI, Ana Lucia. **A escolha profissional: um estudo dos referenciais do adolescente nos dias atuais**. 2000. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São Paulo, 2000.
- GARCIA, Marlene Adame. **Um estudo sobre a cidadania no programa Bolsa Trabalho**. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro Universitário Nove de Julho, São Paulo, 2005.
- GUEDES, Nelson de Souza. **Processo ensino-aprendizagem de jovens numa perspectiva interacionista: o caso PIAT**. 2003. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Metodista de São Paulo, São Paulo, 2003.

- KAY, Marcia Regina. **Formação profissional de jovens de baixa renda nos anos 90: um estudo sobre o programa de educação para o trabalho – SENAC/SP**. 2001. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001.
- LESSA, Simone Eliza do Carmo. **A formação no Programa de trabalho educativo da Fundação para a Infância e Adolescência/RJ: possibilidades e limites da experiência**. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2004.
- MARTINS, Eber Luis Capistrano. **A educação de jovens da classe média para o empreendedorismo (Um estudo com egressos do Instituto Evaldo Lodi em Cuiabá, Mato Grosso)**. 2003. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Mato Grosso, Mato Grosso, 2003.
- MILAN, Zeneide Gimenez. **A concepção neoliberal de formação profissional para jovens de baixa renda**. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Sorocaba, São Paulo, 2004.
- MOHN E SOUZA, Adriano. **Jovens e educação empreendedora: que discurso é esse?** 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Católica de Goiás, Goiás, 2006.
- MOREIRA, Eugenio Eduardo P. **A formação profissional e adolescentes: limites, perspectivas e contradições dos cursos de aprendizagem industrial no SENAI – Ceará**. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Ceará, 2004.
- NOGUEIRA, Amílcar Eleuterio. **Avaliação do programa de educação profissional “trabalho e cidadania” no município de Montes Claros – MG**. 1999. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Católica de Brasília, Brasília, 1999.
- NOGUEIRA, Fabio Luis. **A Fundação Mirim de Presidente Prudente como instituição educacional: um estudo do ingresso de jovens socialmente desfavorecidos no mercado de trabalho**. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Oeste Paulista, São Paulo, 2006.
- PELLISSARI, Neiva Terezinha. **Alfabetizar e qualificar o Orelha-seca e o Meia-colher: um desafio político pedagógico para a construção. A experiência da Concremax com alfabetização e qualificação de jovens trabalhadores em Cuiabá/MT**. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Mato Grosso, Mato Grosso, 2006.
- PEREIRA, Jacira Rodrigues Mendonça. **Um estudo com egressos do programa educação para o trabalho do SENAC/SP: Em Busca da Cidadania**. 2002. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2002.
- RIBEIRO, Rosângela. **Representações sociais de adolescentes do programa Rio Criança Cidadã sobre adolescente e trabalho**. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro, 2006.
- RODRIGUES, Perciliana Costa. **Trabalho educativo – a que será que se destina?** 2002. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

- SANTOS, Antonio Pereira. **O modelo de Educação profissional da FUNDAC no programa de atendimento a meninos e meninas “em situação de rua”**. 2002a. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Bahia, Bahia, 2002a.
- SANTOS, Maria Inês. **Projetos de vida e perspectivas futuras: um estudo sobre as representações sociais do tempo futuro presentes nos projetos de vida dos jovens**. 2002. Dissertação (Mestrado em Psicologia da Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2002b.
- SILVA, Ana Maria de Vasconcelos. **Trabalho e Educação profissional: uma análise sob a ótica dos jovens**. 2002a. Dissertação (Mestrado em Educação) – Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Mato Grosso do Sul, 2002a.
- SOARES, Ozias de Jesus. **Para além de uma “incubadora de mostrinhos”. A formação do jovem trabalhador sob a Lei da Aprendizagem**. 2006a. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2006a.
- SOBRAL, Marcos Paulo de Oliveira. **A formação profissional – projetos e perspectivas dos atores sociais do SENAC em Sergipe**. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Sergipe, Sergipe, 2005.
- SOUZA, Giordanni Rodolfo Gomes. **Estudo sobre a inserção profissional de jovens aprendizes do SENAI – Santa Luízia/MG**. 2003a. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2003a.
- SOUZA, Maria Elizabete Costa de. **O programa de erradicação do trabalho infantil (PETI) e o desempenho escolar de crianças e adolescentes: um olhar avaliativo**. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Paraíba, Paraíba, 2005.
- TOLENTINO, Soraya. **Educação profissional e o SENAC – cidadania ou submissão?** 2002. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Passo Fundo, Rio Grande do Sul, 2002.
- VIEIRA, Olga. **“Semu genti”. Da SADI à SECOPI: relação trabalho-Educação-formação humana com egressos de cursos profissionalizantes, na Ilha Grande dos Marinheiros**. 2001. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2001.
- VILLELA, Ana Lucia de Mattos Barretto. **Educação, trabalho e perspectivas de futuro, segundo jovens alunos de uma ONG**. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

CIÊNCIAS SOCIAIS

Teses

- ALBERTO, Maria de Fatima Pereira. **A dimensão subjetiva do trabalho precoce de meninos e meninas em condição de rua – Joao Pessoa**. 2002. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Pernambuco, 2002.
- LIMA, José Carlos Franco de. **Vencer na vida: os mitos referentes à obtenção de renda presente entre os adolescentes do complexo Avelino-Olímpico-Tur-**

- quino**. 2000. Tese (Doutorado em Antropologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2000.
- NARDI, Henrique Caetano. **Trabalho e ética: os processos de subjetivação de duas gerações de trabalhadores metalúrgicos e do setor informal (um resumo 1970 – 99)**. 2002. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2002.
- OLIVEIRA, Regia Cristina de. **A construção de si e a significação do mundo – uma análise sociológica sobre jovens trabalhadores**. 2006. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

Dissertações

- ARAGAO, Ailton de Souza. **A (des)institucionalização de adolescentes: o processo disciplinar dos jovens egressos do Serviço de Integração de Menores (1998-2001)**. 2005. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São Paulo, 2005.
- ARAUJO, Marcia Assunção. **Vontade de ter, vontade de acontecer, trajetórias e projetos de jovens vinculados a programas de políticas públicas**. 2005. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal do Ceará, Ceará, 2005.
- ASSIS, Marcia Meirelles de. **Adolescentes-maes na periferia de Rio Branco: estratégias de sobrevivência**. 2002. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2002.
- CHAVES, Dener Antônio. **O programa Bolsa-Emprego na cidade de Betim – MG: uma análise a partir do olhar dos gestores públicos, dos empresários e do público alvo**. 2005. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Minas Gerais, 2005.
- COSTA, Janaina Moutinho. **Inserção deo jovem de baixa renda no mercado de trabalho formal – estudo da Vila São Rafael – Belo Horizonte**. 2003b. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Minas Gerais, 2003b.
- CRUZINHA, Marlene Nascimento. **Precarização das condições de trabalho: trabalho independente e informalidade- faces e disfarces**. 2003. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal do Pará, Pará, 2003.
- HOFTÄTTER, Leila Suzana. **Trabalho, política de inserção e representações sociais**. 2005. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2005.
- JARDIM, Fabiana Augusta Alves. **Entre o desalento e a invenção: experiências de desemprego em São Paulo**. 2004. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.
- LIMA, Maria Elena Melchades Salvadego de Souza. **As representações sociais dos jovens sobre o trabalho: entre o “fazer o que gosta” e o “gostar do que faz”**. 2002. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Estadual de Londrina, Paraná, 2002.

- MACHADO, Letícia Maria. **O trabalho do jovem e a política de qualificação profissional**. 2002. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Minas Gerais, 2002.
- MESQUITA, Marcos Roberto. **O desemprego dos jovens e as políticas públicas no Brasil pós 1990**. 2006. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2006.
- NASCIMENTO, Aurélio Educardo do. **Fazer arte entre jovens: escolha, formação e exercício profissional**. 2006. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.
- OLIVEIRA, Regia Cristina. **Jovens trabalhadores: representações sobre o trabalho na contemporaneidade**. 2001. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.
- QUEIROZ, Adriana Franco de. **O trabalho infanto-juvenil em Salvador – Um estudo de caso com crianças e adolescentes de Saramandaia**. 2002. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal da Bahia, Bahia, 2002.
- SANTANA, Matilde Paes da Costa. **Políticas Sociais e inclusão no Brasil: o programa de erradicação do trabalho infantil em Itabaiana (2000 – 2005)**. 2006. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal de Sergipe, Sergipe, 2006.
- SANTOS, Cristine Zumpichiati dos. **Formação profissional no Brasil: o SENAI e os jovens no mercado de trabalho**. 2005. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.
- SILVA, Cristiane Aparecida Fernandes da Silva. **Trabalho e quimeras: dilema vivido pelo jovem operário**. 2002b. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002b.
- SILVA, Luis Fernando Santos Correa da. **Relações de trabalho em call centers: flexibilidade laboral e perfis sócio-ocupacionais em novo cenário de emprego**. 2006. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2006.
- SOARES, Sergio Amarildo Evangelista. **Necessidades juvenis, trabalho e políticas públicas: um estudo do Programa Nacional de Estímulo ao Primeiro Emprego**. 2006b. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Rio Grande do Sul, 2006b.
- SOUZA, Cynthia Teixeira. **Nem todo mundo nasce para o samba**. 2003b. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003b.
- TAVARES, Mauricio Antunes. **Diferenças e desigualdades sociais naturalizadas no trabalho de adolescentes empregadas domésticas na cidade de Recife**. 2005. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Pernambuco, 2005.

SERVIÇO SOCIAL*Teses*

- CORBELLINE, Marilda Lili. **Empreendedorismo juvenil: caminhos e travessias**. 2004. Tese (Doutorado em Serviço Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2004.
- QUIROGA, Consuelo. **Trabalho e formação da identidade juvenil – reconhecimento da trajetória de jovens pobres**. 2001. Tese (Doutorado em Serviço Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001

Dissertações

- ARBACHE, Nazira. **Uma aproximação ao estudo da Educação profissional para jovens: projetos de capacitação profissional da RMSP**. 2000. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São Paulo, 2000.
- ASFORA, Maria Valeska. **Tempo de não escolher. Formação profissional para adolescentes**. 2000. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Universidade Federal do Paraíba, Paraíba, 2000.
- ASSUNÇÃO, Teone Maria Rios de Souza Rodrigues. **Trabalho do adolescente aprendiz: sua efetivação no município de Londrina**. 2005. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Universidade Estadual de Londrina, Paraná, 2005.
- BARRETO, Luciana Augusto. **Vai querer balaio ai dona – As estratégias de sobrevivência dos adolescentes balaieiros de Cajazeiras – Paraíba**. 2001. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Universidade Federal da Paraíba/João Pessoa, Paraíba, 2001.
- FERREIRA, Vera Jeani Martins. **Programa Primeiro Emprego – o olhar de quem viveu**. 2005. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Universidade Federal do Maranhão, Maranhão, 2005.
- LEMOS, Maria Meirelene Lopes. **Juventude, pobreza e trabalho: desafios para o mundo contemporâneo**. 2006. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Universidade Estadual do Ceará, Ceará, 2006.
- LIRA, Terçalia Suassuna Vaz. **Exclusão social: o cotidiano dos adolescentes trabalhadores na cata do lixo**. 2001. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Universidade Federal da Paraíba/João Pessoa, Paraíba, 2001.
- MARIANI, Flavia da Silva. **Acidente de trabalho na adolescência: uma perversa realidade**. 2004. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2004.
- MOREIRA, Patrícia Crispim. **Entre a fraxa e a bola – trabalho no cotidiano dos adolescentes**. 1999. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Universidade Federal da Paraíba/João Pessoa, Paraíba, 1999.
- PEREIRA, Margarida Maria de Oliveira. **A formação profissional de jovens no município de Belém realizada por ONGs em parceria com o programa Capacitação Solidária**. 2003. Dissertação (Mestrado em Serviço Social)- Universidade Federal do Pará, Pará, 2003.

- RAYMUNDO, Carmem Maria. **O trabalho infanto-juvenil em “lixões”: expressão cruel das contradições da modernidade brasileira.** Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.
- ROCHA, Euda Kaliani Gomes Teixeira. **Vivência subjetiva de jovens desempregados/as: sofrimento invisível e medo do futuro frente à instabilidade econômica e à ausência de cobertura social.** 2005. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Universidade Federal de Pernambuco, Pernambuco, 2005.
- SANGALETI, Silvia Terezinha Biesdorf. **A perspectiva pedagógica do Centro de Atendimento e Amparo à Criança e ao Adolescente.** 2005. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Universidade Estadual de Londrina, Paraná, 2005.
- SILVA, Marcia Nogueira da. **Até que a morte nos separe ou os 18 anos cheguem: processo e construção de identidade de adolescente num programa de iniciação ao trabalho.** 2000. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.
- SILVA, Maria Rosilene da. **Do outro lado do para-brisa relatos e experiências dos rodeiros na cidade de Natal/RN.** 2003. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Rio Grande do Norte, 2003.
- SOUZA, Maria Ines Fontana Pereira de. **O trabalho juvenil em perspectiva.** 2001. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São Paulo, 2001.
- VOLPE, Regina Aparecida Furlan. **Um vôo possível rumo à efetivação dos direitos do adolescente trabalhador.** 1999. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São Paulo, 1999.

Juventude, Mídias e TIC

Maria da Graça Jacintho Setton¹

Introdução

As discussões relativas às interfaces entre Jovens e Mídias nas áreas da Educação, Ciências Sociais e Serviço Social estão ainda em fase de consolidação. Embora um grupo de estudiosos venha se debruçando sobre esta articulação de temas, falta-nos um corpo de pesquisas teóricas e empíricas com expressividade e visibilidade acadêmica nacional. Neste sentido, este artigo visa contribuir para com esta discussão fazendo um esforço de pensar as características da produção de estudos de mestrado e doutorado concluídos entre os anos de 1999 a 2006. Com relação ao estado de conhecimento anterior, referente ao período de 1980-1998, observamos um crescimento expressivo de trabalhos. Se nos dezenove anos anteriores o tema *Juventude e Mídias* tinha sido incorporado ao item *Estudos Emergentes*, apresentando apenas treze trabalhos, o intervalo atual de sete anos registra o número de 74 dissertações e teses.

A área da Educação é majoritária, apresentando-nos 61 trabalhos, seguida de longe pelas Ciências Sociais com treze estudos (quatro na área da Antropologia e nove na Sociologia). A área de Serviço Social registrou apenas uma dissertação de mestrado. Ao todo foram escritos 64 mestrados e dez doutorados. Dada a concentração de Programas de Pós-Graduação nas Regiões Sudeste e Sul, é esperado que ambas se destaquem com uma produção significativa. As outras regiões brasileiras, embora registrem interesse pelo tema, ainda não apresentam uma produção expressiva, sendo que a Região Norte nada produziu neste período acerca da articulação entre Juventude e Mídia.

Para darmos continuidade à discussão, seria importante esclarecermos o que entendemos por *Mídias*. Consideramos *Mídia* todo o aparato material e simbólico relativo à produção e veiculação de mercadorias de caráter cultural. Como aparato simbólico, consideramos o universo das mensagens que são difundidas com a ajuda de um suporte tecnológico como livros, CDs, vídeos, computadores, etc.; todo o conteúdo e todas as técnicas expressos nas revistas em quadrinhos, em

¹ Doutora em Sociologia, professora da Faculdade de Educação, USP.

novelas, filmes, publicidade, hipertextos e espaços virtuais; ou seja, a totalidade da produção de cultura (material e simbólica) que chega até nós pela mediação de uma tecnologia eletrônica ou digital, sejam elas as emissoras de TV, rádio, Internet ou mesmo as impressas. Uma produção de cultura realizada de maneira industrial, sistematicamente veiculada por um conjunto de instituições do campo editorial, fonográfico, televisivo, radiofônico, cinematográfico, bem como a publicidade e a fotografia, pois, em seu conjunto, possibilitam uma ampla circulação de referências de estilos identitários.

Para melhor compreendermos o espectro de interesse destes estudos iremos, inicialmente, dividi-los em suas áreas de concentração, isto é, as Ciências Sociais, o Serviço Social e a Educação. Num segundo momento faremos a classificação em quatro subtemas: *Velhas Tecnologias* (TV, cinema, publicidade, rádio, fotografia, imprensa), *Novas Tecnologias* (computadores, Internet e seus variados usos, tais como *blogs*, *chats* e videoconferências), *TICs* (*Tecnologias da Informação e Comunicação*) enquanto *Recursos Pedagógicos* e *Imagens e Representações dos Jovens pelas Mídias*.

Tabela 1 – Dissertações e Teses por Área de Conhecimento e Subtemas – 1999-2006.

Área Conhecimento	Ciências Sociais		Serviço Social		Educação		Total
	Mestrado	Doutorado	Mestrado	Doutorado	Mestrado	Doutorado	
<i>Novas Mídias</i>	3	-	-	-	22	4	29
<i>Velhas Mídias</i>	5	2	1	-	16	3	27
<i>Recursos Pedagógicos</i>	-	-	-	-	11	-	11
<i>Imagens e Representações</i>	2	-	-	-	4	1	7
Total	10	2	1	-	53	8	74

É curioso observarmos, contudo, que grande parte dos trabalhos (27 ao todo) se dedica a estudar as velhas mídias; logo à frente, com um número mais significativo temos o interesse pelo uso das novas mídias digitais oferecidas pelos computadores em rede (29 ao todo). É forçoso lembrar, por outro lado, a ausência de estudos acerca de tecnologias de informação e comunicação (TICs) bastante populares e disseminadas entre nós. Por exemplo, não encontramos nenhum trabalho sobre telefones celulares ou as próteses auditivas representadas pelos *Ipods* e *MP3*. Nenhum trabalho sobre audiência radiofônica, ainda que seja a mídia mais utilizada no Brasil em todos os estratos sociais (*Mídias Dadas* 2007, 2008). Apenas um trabalho sobre rádios comunitárias.² O cinema, o vídeo, a

² Trata-se de uma dissertação, a que tivemos acesso apenas por meio de seu resumo, de autoria de Robson Terra Silva (2006). Por outro lado, talvez possamos interpretar a ausência dessas próteses musicais devido a sua recente penetração no universo jovem.

publicidade, a fotografia e os *rocks*, enquanto gêneros musicais, aparecem, todavia, com baixa expressividade.

Grande parte dos trabalhos utiliza a categoria juventude como sinônimo da categoria adolescente sem se preocupar em circunscrever teoricamente suas diferenças. A faixa etária analisada na maioria das investigações está entre 14 a 25 anos. O interesse em trabalhar com este segmento da população deriva do fato de acreditarem que os jovens estão em fase de construção de suas identidades e, portanto, são mais vulneráveis na apreensão e influência das mídias em seus comportamentos e subjetividades. As características culturais e sociais específicas desta faixa etária são pouco problematizadas tanto do ponto de vista psicológico quanto do sociológico.

De uma forma geral, foi possível observarmos nestes estudos certa tendência para o enfoque psicológico ainda que quase todos desenvolvam raciocínios interdisciplinares na confluência das áreas da Comunicação, Educação, Psicologia ou Sociologia e, em menor número, da Filosofia.

Por fim, verificamos a presença de algumas orientações que inferem a articulação de núcleos informais, todavia atuantes, de pesquisa sobre jovem e suas experiências a partir dos usos das mídias. Destacam-se quatro nomes de professoras orientadoras como vemos no quadro abaixo.

<i>Orientação</i>	<i>Trabalhos</i>	<i>Área</i>
Márcia Regina Costa (PUC-SP)	2	Antropologia (PUC-SP)
Maria Aparecida Morgado	3	Educação (UFMT)
Maria Teresa Assunção Freitas	2	Educação (UFJF)
Rosa Maria Dalla Costa	2	Educação (UFPR)

A leitura das Ciências Sociais sobre a interface Juventude e as Velhas Mídias³

Em linhas gerais é possível observarmos uma produção acadêmica bastante heterogênea nesta área do conhecimento. A maioria dos trabalhos tem como foco central a força da produção televisiva representada pela ficção na TV, mais especificamente na novela *Malhação* (Alves, 2000; Kohlsdorf, 2002) e *Torre de Babel* (Vanini, 1999), nas mini-séries *Anos Rebeldes* (Dores, 2000) e *Cidade dos Homens* (Melo, 2006). Seria possível classificar esta produção como a que Jesús

³ Em função do número reduzido de trabalhos da área do Serviço Social, a única dissertação de mestrado encontrada será analisada no escopo da área do conhecimento das Ciências Sociais.

Martín-Barbero considera como uma vertente dos estudos de recepção via gêneros televisivos (Martín-Barbero, 1995). Por último, o estilo musical *Rock* também foi avaliado como veículo específico de expressão e crítica do segmento jovem (Santa Fé Junior, 2001).

Todos os estudos utilizaram a metodologia de investigação qualitativa a fim de observar como os jovens são ou não influenciados e se apropriam das mensagens midiáticas.

Ao todo foram seis mestrados e dois doutorados, a maioria vinculada às universidades públicas da Região Sudeste.

A referência ao jovem não é unanimidade nesses estudos. Apenas dois trabalhos fazem menção explícita a esta categoria sociológica (Campos, 2004; Alves, 2000), apoiando-se em um referencial teórico especializado no tema; dois estudos pouco exploraram as características comportamentais desta faixa etária (Amarante, 2005; Sá, 2005) e, no restante, esta discussão está totalmente ausente. A maioria faz referência ao segmento adolescente como uma fase de transição entre a infância e a maturidade.

Mais especificamente, a bibliografia acerca do tema juventude é clássica e bastante antiga, sobretudo aquela relativa ao aspecto geracional. Marialice Foracchi (1965) e S. Eisenstadt (1976) são os autores mais citados. No aspecto da cultura jovem, autores como Helena Abramo (1994), Hermano Vianna (1988), Angelina Peralva (1997), José Machado Pais (1993) são lembrados; no aspecto das mídias Raymond Willians (1992, 1969), Beatriz Sarlo (1997), Edgar Morin (1984), Jesús Martín-Barbero (1997) são os autores mais utilizados.

Em algumas reflexões a cultura jovem assume certo protagonismo, pois se destaca das demais expressões de comportamento das outras faixas etárias. Os estudos fazem uma séria e estreita associação entre cultura pós-moderna, globalização e cultura do consumo veiculada, sobretudo, pelas mídias e pelo lazer. Os jovens são mais suscetíveis a esta forma de assimilar valores, pois estão em fase de experimentação; outro aspecto lembrado é que, na falta de modelos consensuais a se imitar, a TV e sua programação são vistas muitas vezes como prescrevendo modelos, comportamentos e modas. A presença nas mídias como veiculadora de papéis sociais que reforçam o *status quo* pode ser associada ao mundo da publicidade (Felix, 2003; Kohlsdorf, 2002).

Nesses estudos, é importante salientar que o jovem ou o adolescente não é passivo. É um receptor que, não obstante fortemente influenciado por estas instâncias socializadoras, possui um poder de ressignificar sentidos, é capaz de criticar ou inovar a partir das mensagens recebidas. A TV é vista com um grande poder socializador, destacando-se uma das dissertações que enfoca explicitamente este aspecto (Kohlsdorf, 2002). Socialização é compreendida nessas análises como prática social de transmissão de papéis sociais a serem apropriados.

Em síntese, poderíamos afirmar que a pergunta central desses trabalhos é: qual o diálogo entre o jovem, a TV e as expressões da cultura musical? Segundo estas reflexões, o diálogo explora uma influência, uma reprodução ou afirmação

de valores, bem como uma ressignificação de comportamentos. O processo de recepção implica sempre considerar a bagagem anterior dos sujeitos. Por outro lado, considera-se o jovem enquanto um segmento vulnerável, ávido por experiências de conduta e modelos identitários que as mídias prodigamente oferecem. Independentemente da classe social, os jovens são considerados como grupo identitário que está e é suscetível à absorção de padrões de conduta que reforçam o *status quo*.

A leitura das Ciências Sociais sobre a interface Juventude e as Novas Mídias

Todos os quatro trabalhos desse grupo querem conhecer este usuário, seu perfil cultural e social, bem como as razões do interesse do jovem por esta nova forma de comunicação. Para chegar a este conhecimento, a maioria dos estudos fez uso de uma etnografia virtual com usuários da Internet a partir de contatos não presenciais e presenciais. Ainda do ponto de vista metodológico, foram unânimes as discussões sobre as dificuldades conceituais e teóricas acerca de um assunto pouco trabalhado pelas Ciências Sociais na atualidade.

São estudos que se autodefinem como exploratórios, pois enfrentam uma dificuldade de interlocução teórica e metodológica. A bibliografia mais utilizada refere-se às obras de Pierre Levy (1996, 1999), Manuel Castells (1999), Sherry Turkle (1997), Howard Rheingold (1996), Anthony Giddens (1991, 1994) e André Lemos (2000, 2002). Sobre jovens a referência bibliográfica é bastante tímida. Helena Abramo (1994) e Márcia Regina Costa (1993) são as autoras mais citadas.⁴

No geral, para caracterizar este grupo, fazem uso da expressão *Geração @*, uma boa definição de um segmento que tem grande familiaridade com as tecnologias. Estariam eles em sua maioria na faixa dos 14 aos 25 anos. Consideramos interessante salientar que a discussão de todas as investigações acaba por desmistificar a ideia ou o preconceito muito em voga de que estes usuários da Internet são adolescentes aficionados e viciados neste tipo de atividade. Segundo estas pesquisas, os jovens desenvolvem outras práticas de lazer e leitura. São jovens em grande parte pertencentes às camadas privilegiadas e escolarizadas dos centros urbanos mais desenvolvidos. Neste sentido, alimentam a ideia de que este segmento é multi-determinado. Estes jovens têm facilidade em múltiplas atividades, se interessam por elas e poderiam ser classificados como geração *zapping*. Jovens com uma percepção sensorial rápida e aguçada (Amarante, 2005; Campos, 2004). Observa-se, também, uma ligeira predominância do sexo masculino neste

⁴ Temos notícia do trabalho intitulado “Jovens e a Telemática no Rio de Janeiro”, de autoria de Alexandre Alves Lima (1999), mas não tivemos acesso à sua integra.

universo de prática de cultura. Por fim, valeria lembrar que os jovens aparecem como protagonistas da mudança, com facilidade de manejo tecnológico e rapidez na cognição.

De acordo com estas investigações, o espaço cibernético é um meio de expressão de si, veículo de diálogo com seus semelhantes, espaço de construção de novas amizades, sociabilidade e reflexividade. O ciberespaço é compreendido como um local de tolerância e liberdade de expressão para os que criam e produzem a cultura virtual, bem como para os receptores desta nova linguagem. A construção teórica de grande parte destas reflexões apoia-se em Anthony Giddens (1991, 1994) e Zygmunt Bauman (2001), destacando-se as considerações sobre o processo moderno de construção das identidades e a crescente necessidade de se sentir pertencente a uma comunidade, seja ela virtual ou não.

Um estudo específico dedica-se a compreender os *hackers* (Sá, 2005) e, diferentemente do senso comum, tenta desconstruir a ideia negativa acerca destes usuários. Nesse estudo os *hackers* são apresentados como grandes conhecedores do ciberespaço que buscam novas e comunitárias formas de se relacionar no espaço virtual, hoje, quase na totalidade mercantilizado pelas grandes empresas. Iguais a seus companheiros usuários, os *hackers* estão interessados em estabelecer amizades com seus pares.

A pergunta central desses trabalhos poderia ser sintetizada em: quem são esses jovens e por que fazem uso da Internet?

A leitura da Educação sobre a interface Juventude e as Velhas Mídias

O número de trabalhos dedicados a discutir as Velhas Mídias, principalmente a TV, na área da educação, é expressivo. Ao todo são dezesseis mestrados e três doutorados.⁵ A grande maioria está inquieta com a força das mídias na construção do imaginário do jovem, dando continuidade às preocupações levantadas no Estado da Arte de 1980-1998 (Sposito, 2002). Alguns chegam a chamá-las de aparelho ideológico da classe dominante e do Estado. A palavra ideologia é bastante citada; ora no sentido de visão de mundo, como corpo de valores e símbolos de comportamento socialmente aceitos, ora com um caráter alienante a serviço da manutenção do *status quo*. Mais especificamente, a TV está associada a uma sociedade de consumo, presente na vida de todos de maneira inexorável, capaz, portanto, de veicular modismos e estilos de comportamento, bem como modelos identitários. Suas estratégias são comparadas às da publicidade a partir

⁵ O número de quinze trabalhos conta com a participação de quatro dissertações que não foram lidas em sua íntegra, pois seus exemplares não foram localizados. Trata-se dos trabalhos de Silva (2005); Silva, (2002); Tomita (2006); Silveira (2005); Rafael (2006).

de uma sedução subliminar. Neste sentido, o poder de socialização informal desta mídia é uma evidência trabalhada por quase todos (Teruya, 2000; Marqueze, 2003; Silva, 2004a; Wenzel, 2002; Marinho, 2002; Honório, 2005; Oliveira, 2003). No entanto, diferentemente das discussões do anterior Estado da Arte, a preocupação não está na escola como aliada nos processos de conscientização crítica acerca dos meios de comunicação de massa.

Muitos estudos podem ser enquadrados na teoria da recepção, ainda que alguns façam um uso pouco apropriado desta postura teórico-metodológica, pois não articulam a bagagem anterior dos sujeitos e, conseqüentemente, desprezam a noção de *mediação*. Usando a classificação de Martín-Barbero (1995), poderíamos dizer que grande parte das dissertações se enquadra nos estudos de recepção e, dentro desta tendência, se apoia nas pesquisas sobre gêneros narrativos destinados ao público jovem (Vasconcelos, 2000; Soares, 2005; Rauth, 2006; Oliveira, 2003; Fernandes Filho, 2005; Duarte, 1999; Cardoso, 1999; Silveira, 2005; Silva, 2002).

Poucos trabalhos abordam a força da TV no cotidiano jovem, ajudando a discutir a existência de uma possibilidade crítica e reflexiva por parte deles diante do que veem na TV (Fernandes Filho, 2005; Vasconcelos, 2000; Cardoso Junior, 1999; Soares, 2005). Estas análises auxiliam a evidenciar que o uso da TV é fragmentado e coexiste com uma série de outras atividades, reforçando a ideia de que o jovem tem uma capacidade cognitiva invejável, sabendo conciliar muitas atividades ao mesmo tempo. Os meios de comunicação de massa são um importante espaço mediador de produção de significado, mudança intelectual e sensitiva.

É possível afirmarmos também que as dissertações e as teses sobre este eixo abordam um leque de programas que são altamente significativos na vida cotidiana dos jovens. A novela ou série *Malhação* (Oliveira, 2003) foi discutida com a intenção de se compreender o que se veicula como padrão de comportamento nesta programação. A preocupação com os papéis familiares e sexuais, bem como com a estética corporal, é o aspecto mais enfatizado. Temos uma discussão sobre a figura dos *super-heróis* (Silva, 2004), uma sobre o desenho animado *Os Simpsons* (Wenzel, 2002), com forte apelo crítico às mídias e a seu poder manipulador. Ainda que se faça um esforço de não compreender o sujeito receptor como passivo, o argumento montado e a ênfase atribuída ao poder ideológico dos conteúdos acabam por dissipar a resignificação de sentidos.

Por outro lado, em alguns poucos trabalhos vemos que as considerações tecidas sobre este veículo são extremamente negativas, às vezes até com certa dose de maniqueísmo. Assim, segundo esta perspectiva, a figura do jovem é a de um sujeito alienado, passivo e incapaz de dialogar com o que vê e escuta (Marqueze, 2003; Teruya, 2000).

O Programa *Pânico* (Rauth, 2006) na sua versão radiofônica, os *Programas Ratinho, Sai de Baixo* (Duarte, 1999), bem como *Superpositivo* (RB) e *Programa Livre* (SBT) (Marinho, 2002), e, por fim, o programa *Cadeia Neles* (Rafael,

2006) são analisados como sendo responsáveis pela divulgação de um padrão de comportamento que deve ser criticado, pois reforçam uma sociedade preconceituosa. Ainda que nem todos sejam dirigidos para o segmento jovem, são os mais assistidos, segundo o depoimento dos jovens investigados.

Encontramos um único trabalho (Honório, 2005) que discute a linguagem e a estética dos programas da MTV como uma marca que expressa um estilo de ser jovem. A discussão é bem menos maniqueísta e aposta na novidade estética desta nova expressividade.

Observamos também uma pequena produção acadêmica no nível de doutorado. São apenas três trabalhos, um dos quais bem distante da questão da juventude (Teruya, 2000). A produção reflexiva é também bastante distinta entre eles. Destacamos a produção da Região Sul, pois ela oferece uma discussão interessante sobre o Programa *Fica Comigo* (Soares, 2005) da Emissora MTV, bem como uma outra tese, que discute a publicidade e os editoriais da Revista da mesma emissora (Schmidt, 2006), com a intenção de observar o que se mantém e o que se transforma como padrão no comportamento afetivo e sexual entre os jovens (Soares, 2005) e a ambiguidade de ser jovem em um mundo onde o apelo é por ter atitude firme e segura (Schmidt, 2006).

A grande maioria dos estudos utiliza a metodologia de pesquisa qualitativa e, em menor número, as técnicas quantitativas, aplicando questionários e entrevistas. Contudo, as apropriações apresentam-se bem diferenciadas entre os trabalhos. O espaço de investigação invariavelmente se dá dentro das escolas públicas e, em menor número, em escolas privadas, nas séries finais do fundamental e ensino médio.

Verificamos uma produção em que os autores mais citados na área da comunicação são: Jesús Martín-Barbero (1997), N. Garcia-Canclini (1999), Maria Luisa Belonni (2001), Rosa Fischer (2001), Zygmunt Bauman (2001); autores da Teoria Crítica, como Adorno, Horkheimer (1985); e Hall Stuart (2001) e Renato Ortiz (1989, 1988) na vertente dos Estudos Culturais. No que se refere à bibliografia sobre jovens e educação, os autores mais citados são Helena Abramo (1994) e Marília Sposito (2002a). Vale salientar que existe uma discussão consistente sobre a categoria juventude em apenas um dos trabalhos (Schmidt, 2006). A ênfase sempre é colocada na força socializadora das mídias. No total dos estudos a grande maioria faz pouca referência à categoria jovem ou juventude.

Poderíamos afirmar que a produção neste grupo, ainda que volumosa, não chega a surpreender, sendo na sua grande maioria um exercício acadêmico de reprodução e reutilização de ideias há muito divulgadas pela bibliografia da área. Seria o caso então de questionar o papel dos mestrados nos programas de Pós-Graduação em Educação, na atualidade, pois, na medida em que vão encurtando os prazos dos cursos, simultaneamente comprometem o trabalho de formação de pesquisadores. Observamos também que o olhar do investigador determina o resultado da pesquisa. Poucos são os que levantam uma hipótese que não seja comprovada no final (Schmidt, 2006; Fernandes Filho, 2005; Vas-

concelos, 2000). Podem partir da mesma questão de investigação, como, por exemplo, o poder de influência das mídias na vida dos jovens, mas os resultados de pesquisa serão diferentes, pois a bibliografia que os acompanha, ora filiada à Teoria Crítica da Escola de Frankfurt, ora aos Estudos Culturais vão determinar diferentes interpretações. Neste sentido, é visível a dificuldade de se atender a um dos quesitos básicos da pesquisa científica de fazer da teoria uma hipótese de trabalho em constante mutação (Brandão, 2002). Por fim, dois estudos são relativos à força da publicidade no universo juvenil e não fogem da linha geral das reflexões anteriores, que enfatiza o poder manipulador e dissimulado das mensagens publicitárias (Goidanich, 2002; Schmidt, 2006).

A pergunta central dessa produção seria: qual o poder de influência da mídia TV e/ou da publicidade na vida do jovem? Para a maioria das investigações, ela é determinante e cumpre um papel alienante; para a minoria dos estudos, ela é forte, mas não tem o monopólio, pois, partindo de uma perspectiva relacional, eles consideram outras instâncias que compõem o imaginário simbólico do jovem.

As TICs como recurso pedagógico na Educação

Neste item temos uma produção pouco expressiva, todavia, bastante significativa, pois aponta para uma discussão mais atual e inovadora. Ao todo são onze trabalhos de mestrado que se dedicaram a fazer uma discussão específica sobre o potencial reflexivo e, por vezes, crítico dos usos das tecnologias. Numa tentativa de explorar o potencial ainda desconhecido dos recursos que as TICs e suas linguagens criativas podem oferecer, alguns estudos apostam na produção desse material no interior das instituições educativas.

Com um conceitual amplo como *videoprocesso* (cunhado por Johan Ferres, 1987) (Noronha, 2001), *videotransformação* (criação de Silvia Mejia{ }) (Santiago, 2005), ou *mídia educação* (Leite, 2005) algumas discussões versam sobre a linguagem audiovisual como instrumento de transformação, reflexão ou veículo de auto-sensibilização dos jovens (Silva, 2004; Laerchert, 1999; Costa, 2004,⁶ Ramos, 2003; Bezerra, 2005). Por outro lado, um outro grupo de trabalhos, enfatizando a produção de pequenos vídeos (Bezerra, 2004; Ramos, 2003), programas com o formato televisivo (Costa, 2004) ou atividades multimídias (Laerchert, 1999; Losada, 2003) exprimem a tentativa de trazer para dentro da escola ou dos espaços de educação não formal um pouco do universo das linguagens tecnológicas tão conhecidas e absorvidas pelos jovens. Três desses estudos também se dedicaram a fazer um estudo exploratório sobre o uso da educação estética e artística a partir de imagens fotográficas produzidas pelos próprios jovens (Magro, 2006; Rêgo 2006; Penteado, 2001).

⁶ Esse trabalho não foi localizado e, portanto, não foi lido na íntegra.

Para o primeiro grupo de estudos em questão estes novos recursos tecnológicos seriam uma via para a democratização dos meios de produção das imagens e do saber, novos meios de controle e poder por parte dos grupos sociais minoritários que os ajudariam a quebrar estereótipos, bem como seriam instrumentos de sensibilização estética. São estudos que refletem sobre mídias participativas a partir de uma metodologia alternativa na qual a população faz uso direto de sua produção; seus usuários são narradores de sua própria história (Noronha, 2001; Santiago, 2005; Leite, 2005). Uma discussão que inova, pois enfoca o processo de produção e não o produto; uma reflexão que propõe uma comunicação horizontal das mídias. Neste sentido, eles se filiam a uma perspectiva que valoriza a articulação interdisciplinar da comunicação, uma educação associada à política, seguindo de perto as discussões de Jesús Martín-Barbero (1997).

Por outro lado, ressaltamos que a produção de alguns estudos, ainda que enfatizem uma perspectiva de trabalho interessante, apresentam uma análise reflexiva bastante frágil, que pouco acrescenta para futuros interessados nesta metodologia investigativa. Somado a isso, a categoria jovem ou juventude continua não sendo enfatizada. O eixo central que orienta a discussão de todos esses estudos está na possibilidade de fazer uso das TICs dentro da escola ou de centros de educação não formal e explorar seu potencial educativo.

A pergunta central seria: as mídias podem ser usadas como recurso didático inovador para os alunos jovens? É possível apreender que os estudos alertam para a necessidade de um trabalho pedagógico coletivo no interior das instituições educativas e, sobretudo, para a necessidade de discutir concepções de conhecimento e aprendizagem no interior de cada uma delas. As escolas ou os organismos aplicadores devem estar envolvidos minimamente com a proposta, pois, do contrário, o aproveitamento das TICs não será plenamente alcançado. Desta feita, os trabalhos concluem que as mídias como recurso pedagógico servem não apenas para sensibilizar o alunado, mas também para capacitá-los tecnicamente, bem como os auxiliam na exploração de seu potencial criador.

A leitura da Educação sobre a interface Juventude e as Novas Mídias

É interessante observar que dos trabalhos na área da Educação e sua interface com a *cibercultura* encontramos quatro teses de doutorado (Cordeiro, 2006; Garbin, 2001; Oliveira, 2000; Vermelho, 2003). Grande parte dos estudos não faz nenhuma referência explícita à categoria jovem ou juventude, com exceção de Campos (2004) e Costa (2003). Entretanto, a faixa etária em questão é do interesse dos pesquisadores, pois são eles os legítimos representantes da *Geração @*. São os seus maiores usuários, principalmente no tema mais desenvolvido entre eles, que é o uso das TICs, disponibilizadas pelo computador. São reflexões sobre

games (Bittencourt, 2003; Cordeiro, 2006; Guimaro, 2005) *chats* (Alves, 2002; Costa, 2003; Di Schiavi, 2003; Guedes, 2001), *blogs* (Castro, 2006; Spinosa, 2005), listas de discussão (Gadelha, 2005; Pinheiro, 2004), *LMS* (Learning Management System, ou sistema de gerenciamento do aprendizado), procurando compreender a cultura, os modos de ser, pensar e agir deste segmento etário a partir do uso das novas tecnologias. Vale ressaltar, não obstante, que este tema parece ser recente na área da Educação, dado que no Estado da Arte de 1980-1998, nenhuma pesquisa se dedicou a trabalhar com estas novas tecnologias.

Duas são as perguntas centrais destas pesquisas que poderiam se associar: como os jovens se subjetivam e forjam suas próprias identidades a partir da especificidade desta cibercultura? Elas poderiam se constituir em recursos educativos produtivos na construção de suas subjetividades?

Segundo estas investigações a cibercultura peculiar à pós-modernidade é qualificada como responsável por uma nova forma de escrita, percepção do tempo e do espaço, novas formas de organizar e representar ideias, pensamentos e fantasias (Castro, 2006; Estacia, 2003; Garbin, 2001; Lima, 2006). As características desta cultura não estariam nas máquinas eletrônicas, mas sim na relação dialética entre os modelos de pensamento inconscientes que construímos em afinidade com o ideal e o potencial tecnológico digital. Concluem que a tecnologia interfere na produção da cultura destes jovens produzindo um novo *sensorium*. Ainda que não utilizem o referencial teórico de Walter Benjamin, a ênfase das discussões recai invariavelmente nesta tônica (Bittencourt, 2006; Campos, 2004; Castro, 2006; Costa, 2003; Estacia, 2003; Gadelha, 2005; Lima, 2006).

Alguns tópicos interessantes foram levantados em um trabalho (Lima, 2003) para se investigarem as características específicas da Cibercultura. Seriam eles:

- 1- rapidez tecnológica; 2- socialização virtual; 3- ressignificação de espaço e tempo; 4- linguagem; 5- conhecimento; 6- ludicidade; 7- espaço terapêutico; 8- necessidade de se auto afirmar; 9- poder das imagens; 10- confusão virtual/real; 11- agressividade; 12- recurso pedagógico; 13- documento de uma época.

Existiria certo consenso de que as tecnologias não são neutras, portanto pergunta-se sobre as diferentes formas de se fazer uso dela. É necessário atribuir significado aos conteúdos disponibilizados pelo aparato a fim de que ela seja produtiva. Segundo esta leitura, o uso das TICs na educação dependeria de uma série de fatores que começaria, sobretudo: a) na estrutura física e pedagógica das escolas; b) na qualificação dos professores, bem como c) na integração de esforços no nível acadêmico, administrativo e técnico. As novas tecnologias impõem um novo tipo de registro do conteúdo, novas formas de avaliação que deveriam enfatizar o processo, uma nova postura do professor; bem como exigem uma reavaliação de seus valores e conduta (Alves, 2002; Castro, 2006; Guedes, 2001; Machado, 2006; Meirelles, 2005; Oliveira, 2001; Pinheiro, 2004; Vermelho, 2003).

A maioria das pesquisas contou com investigações empíricas qualitativas em que a aplicação de um questionário *on-line* foi seguido, por várias vezes, de

encontros presenciais e entrevistas. Grande parte delas teve como lócus privilegiado a escola.

Ressaltamos como informação importante o fato de que, de uma forma geral, os trabalhos acadêmicos aqui discutidos desenvolvem uma argumentação positiva acerca dos usos destas novas tecnologias da comunicação. Mais especificamente, diferentemente das discussões acerca da TV, a polêmica interna sobre o caráter ideológico dos meios de comunicação de massa é bem menor nas reflexões acerca das *Novas Mídias*. Enquanto a programação televisiva é vista com um poder manipulador muito grande, as TICs são vistas como um recurso pedagógico potencialmente desconhecido, mas prontamente aceito como fonte de acesso ao conhecimento e a novas formas intelectuais, sensitivas e cognitivas.

O espaço virtual e as interações não presenciais proporcionados pelas TICs são usados e considerados como: a) espaço de integração e sociabilidade com pares em comunidades específicas; b) possuidores de uma linguagem própria, um novo *gênero discursivo*, um *internetês*, uma mistura polissêmica de símbolos orais, símbolos escritos, apresentando-se muitas vezes híbrido e extremamente criativo; c) detentores de uma linguagem própria em função da pressa, do descompromisso e da agilidade no manejo das teclas. Uma linguagem em que o hipertexto é já bastante conhecido; d) formas de redimensionamento do tempo e do espaço que ampliam a flexibilidade dos relacionamentos; e) comunicação interativa, virtual e viva; f) possibilidade de expressão dos sentimentos e g) facilitador no intercâmbio virtual de experiências (Guedes, 2001; Lima, 2006; Campos, 2004; Castro, 2006; Lima, 2003; Jesus, 2005; Losada, 2003).

Aposta-se na ideia de que este recurso tecnológico é pedagógico ou educativo porque o indivíduo passa a ter autoria na sua produção, sente-se estimulado a produzir, escrever e ler a produção dos outros. E, segundo este ponto de vista, é na produção autoral que nos constituímos como sujeitos de nossa história individual e coletiva. Estas TIC teriam um potencial incomensurável de formação e de reconstrução de experiências identitárias (Gadelha, 2005; Guedes, 2001; Lima, 2003; Lima, 2006; Souza, 2006).⁷

Neste sentido, o jovem passa a ser reconhecido como um sujeito criativo em potencial. Em alguns poucos trabalhos associou-se a cibercultura com a contracultura devido ao potencial de ruptura com as convenções que ambas desenvolveram (Lima, 2003; Guedes, 2001). Em um único trabalho o indivíduo moderno foi considerado como um homem híbrido por associar sua vivência a uma série de máquinas, uma série de próteses como *cel*, *Ipods*, mini-computadores, etc. (Meirelles, 2005).

Se existe certo consenso entre os autores desses trabalhos sobre a positividade da prática de cultura cibernética é possível também observar alguns poucos

⁷ Sobre este aspecto consultar três estudos, discutidos no artigo desta coletânea intitulado *Adolescentes em processos de exclusão social*, de autoria de Jamile Borges da Silva (1999) e Vanderlei Kriesang (2003).

que alertam para uma tendência à fuga e à alienação dos jovens com o uso da comunicação virtual (Lima, 2003; di Schiavi, 2003; Vermelho, 2003; Guimaro, 2005). Por outro lado, a maior parte dos autores advoga a ideia de que os jovens aproveitam estes instrumentos como táticas (de Certeau, 1994) de ampliar as oportunidades de reflexão de si e dos outros. Neste sentido, desenvolvem novas habilidades na percepção sobre o mundo que os rodeia – escola, família, amigos e futuro. A Internet é um espaço de discussão, de trocas de referências e liberdade de manifestação; os *chats*, *blogs* e *games* nas suas mais variadas feições contribuem para uma nova forma de projeção identitária. Desta forma, a cultura cibernética tem um poder estruturante e identificatório que precisaria ser mais investigado.

Para finalizar, vale salientar que em algumas discussões observamos certo desconforto em relação à hierarquia do acesso a este novo bem da cultura. A Internet, ainda que esteja ampliando seu público, constitui-se num espelho de nossa modernidade inconclusa (Martins, 2002). Uma camada privilegiada tem acesso a *hardwares*, programas, sistemas sofisticados e caros de conexão e, sobretudo, ao tempo para poder conectar-se com facilidade. Apresentam-se noções como *infoalfabeto* e *e-cidadão* para comparar os *não usuários* com os *usuários* das TICs (Gadelha, 2005; Lima, 2003; Castro, 2006).

Os autores mais citados são Pierre Levy (1996, 1999), André Lemos (2000, 2002), L. Vygotsky (1984). Teorias da linguagem, nas análises dos discursos, teorias dos estudos culturais e da pós-modernidade, nas reflexões sobre a especificidade da cibercultura, são as mais utilizadas.

Imagens e Representações sobre a Juventude

Por fim, um grupo de estudos dedica-se a analisar as imagens que as mídias constroem sobre a juventude. Dos sete trabalhos que se dedicaram a fazê-lo seis de mestrado se debruçam sobre a mídia impressa (jornais de grande circulação e a Revista MTV) e um de doutorado, sobre a mídia televisiva (Leiro, 2004). Em todos os estudos depreende-se a ideia de que os meios de comunicação de massa (MCM) têm um poder informativo e formativo, pois são capazes de contribuir para com o estatuto da percepção dos seus receptores. A grande maioria chega à conclusão de que a mídia constrói estereótipos acerca do jovem, corroborando discussões acerca da força socializadora destes veículos.

No entanto, valeria considerar que na maioria das reflexões os jornais (Capobianco, 2004; Leiro, 2004; Forechi, 2006), as revistas, seus textos, editoriais (Lima, 2004) e imagens (Gouveia, 2003) surgem como técnicas ou documentos de verificação de hipóteses de pesquisa. Ou seja, os MCM teriam a capacidade de espelhar as visões de um coletivo relativas à figura do jovem, figura esta construída a partir de categorias do julgamento pouco críticas e baseadas em um senso-comum ideologizado. Neste sentido, a tônica das discussões, ainda que bastante

variada, não recai na análise dos veículos midiáticos, mas na possibilidade de estes veículos retratarem e/ou documentarem pré-julgamentos coletivos sobre este segmento social. É como se a partir da análise de situações específicas, como da violência (Cardoso, 2005; Forechi, 2006), a transgressão (Capobianco, 2004; Gouveia, 2003), o estilo *hip-hop* (Souza, 2003) ou o esporte (Leiro, 2004), os autores pudessem revelar a imagem consensual que a sociedade brasileira constrói sobre o jovem. É possível considerar que, desta forma, existiria um certo consenso de que as mídias seriam propagadoras de imagens juvenis já cristalizadas no social. Desta feita, a perspectiva do diálogo entre o público e a produção midiática é contemplada, ainda que se enfatize o caráter manipulador dos meios de comunicação de massa. Em outras palavras, as mídias não seriam vistas apenas como construtoras, mas também como difusoras de valores.

As discussões relativas à juventude estão presentes nos trabalhos de Leiro (2004), Lima (2004) e Capobianco (2004) e os teóricos mais citados são Marília Sposito (2002a), H. Abramo (1994) e Jose Machado Pais (1993). No que se refere às discussões sobre mídias, bastante desigual entre os trabalhos, destacam-se Jesús Martin-Barbero (1997) e Rosa Maria Fischer (2001), entre outros. Vale a última observação de que dois trabalhos deste subtema foram desenvolvidos na área das Ciências Sociais, todavia, não se diferenciam dos demais de acordo com a abordagem ou com o desenvolvimento teórico analítico (Souza, 2003; Cardoso, 2005).

Considerações finais

O objetivo destas reflexões foi traçar, em linhas gerais, os principais apontamentos de ordem teórica e metodológica dos trabalhos de dissertações e teses, produzidos nos anos de 1999 a 2006, acerca da interface Juventude e Mídia, nas áreas do conhecimento das Ciências Sociais, do Serviço Social e da Educação. Embora tenhamos ciência dos limites deste tipo de abordagem, foi possível realizar um significativo balanço a respeito desta produção.

Primeiramente, gostaríamos de ressaltar que o número de estudos lidos nas diferentes áreas é um dado que consideramos ser interessante. A questão das mídias e sua presença na vida do jovem não parece ser um tema prioritário na agenda das áreas das Ciências Sociais e do Serviço Social. Ao todo, treze estudos, que pouco agregaram em termos teóricos, mas que avançaram em termos de qualidade analítica no que se refere aos estudos sobre *blogs* e *hackers* a partir de uma etnografia virtual.

No que se refere às reflexões destinadas às velhas mídias como a TV, os argumentos apresentados na maioria dos trabalhos destas áreas, ainda que não venham acrescentar ao muito do que já foi escrito sobre o assunto, têm o notável cuidado de problematizar a mediação entre produção e recepção das mensagens a partir do referencial teórico dos Estudos Culturais, sem abandonar, no entanto,

as críticas relativas ao poder ideológico da linguagem televisiva. Neste sentido, acompanhando o debate atual, estão alinhados a uma perspectiva de análise de observar a tensão existente entre uma cultura hegemônica expressa nas mídias e suas diversas apropriações.

Por contraste, é possível observar que a temática Juventude e Mídia vêm aos poucos assumindo um volume expressivo nas discussões da área da Educação. Um número não desprezível de trabalhos, em um espaço de sete anos, responde, sem dúvida, a uma inquietação acadêmica legítima desta área. Contudo, a qualidade reflexiva realizada ainda é frágil, demandando um maior adensamento teórico, bem como um refinamento nas análises do material empírico coletado.

É interessante ressaltar que a polêmica há muito conhecida sobre o caráter manipulador das mensagens e bens simbólicos divulgados pelas mídias continua sendo a grande tônica dos trabalhos na área da Educação. Alertamos para a dificuldade evidente de muitos trabalhos em usar de maneira cuidadosa as contribuições da Teoria Crítica da Escola de Frankfurt. Poucos são os estudos na área da Educação que são estimulados a pensar a relação entre emissor e receptor a partir de uma metodologia relacional, enfatizando o caráter dialógico e dialético das trocas comunicativas via circulação midiática. Poucos são aqueles que se apropriaram dos ensinamentos de Morin de “seguir a cultura de massa, no seu perpétuo movimento da técnica à alma humana da alma humana à técnica, lançadeira que percorre todo o processo social” (Morin, 1984: 21).

É possível afirmarmos ainda que, na grande maioria dos trabalhos lidos, independentemente da área do conhecimento, depreende-se um certo tom moralista e missionário de parte dos pesquisadores. Os adolescentes ou jovens, bem como o mundo adulto, deve ser alertado para os riscos de uma socialização pelas mídias. A capacidade de gestão dos processos criativos de um sujeito receptor é pouco desenvolvida, dando-se ênfase no caráter, se não manipulador, pelo menos, determinante da cultura das mídias no universo jovem. Neste sentido, aconselhamos uma postura que consiga desenvolver novos olhares sobre as diferentes possibilidades de *usos dos recursos e conteúdos possibilitados* pela cultura midiática. Ainda que muitos dos trabalhos tenham levantado informações importantes, vale alertar que a profundidade das análises, sempre deixada para os capítulos finais, não cumpre as expectativas anunciadas no início. É como se o fôlego, o tempo de escrita ou o tempo de amadurecimento das reflexões dos autores fossem reduzidos, dada a complexidade das articulações necessárias para este eixo de investigação.

Mas, sem dúvida nenhuma, no que se refere aos subtemas *Novas Mídias e Imagens e Representações sobre Juventude*, as áreas das Ciências Sociais e Educação se aproximam em termos de leitura teórica e metodológica. Em ambas, ainda que o número de pesquisas seja muito diferente, observamos que a ênfase está em mostrar o potencial criativo e emancipador das TICs. A velha polêmica sobre o caráter profano, vulgar e alienante da TV, desprovido de potencialidades educativas nobres, desaparece quase totalmente quando se discutem o computador e seu novo universo de realizações. O computador e a Internet surgem

como instrumentos de trabalho, suportes educativos com um poder ainda pouco conhecido. Somados a isso, podem ser vistos como espaço emancipador na medida em que seu uso seja controlado continuamente por um projeto pedagógico claro; a Internet é compreendida como um espaço de autonomia e reflexividade, já que provoca estímulos e motivação criativa nos jovens; em síntese, considera-se o computador como um instrumento quase indispensável para a produção e transmissão do saber contemporâneo.

De certa forma, poderíamos afirmar que existe uma polarização entre o caráter positivo das novas mídias e o caráter negativo das velhas mídias em ambas as áreas do conhecimento (Ciências Sociais e Educação). No nosso entender, leituras pouco produtivas para o campo acadêmico. Falta-nos, portanto, um olhar mais equilibrado que seja capaz de *observar as condições e propósitos de utilização destes recursos culturais ou suportes materiais* nos vários segmentos sociais.⁸

Por fim, ainda que timidamente pelo número de trabalhos e pelo resultado das análises, podemos afirmar que três estudos na área da Educação se destacam dos demais (Noronha, 2001; Santiago, 2005; Leite, 2005). Trata-se das discussões acerca das TICs como recurso pedagógico transformador e conscientizador em situações de pobreza e injustiça social. Os estudos em questão refletem sobre TICs a partir de um ponto de vista que poderia ser qualificado como alternativo e participativo, pois partem de uma metodologia em que a população faz uso direto de sua produção. Em síntese, seus usuários são narradores de sua própria história, apontando na direção de um novo material didático que estimularia a formação de sujeitos politicamente participativos e conscientes de sua condição de vida. Neste sentido, a distância entre criação e autonomia seria tênue, trazendo à luz a possibilidade de uso destes suportes para dentro das instituições educativas, hoje profundamente abaladas em seu projeto pedagógico. No nosso ponto de vista, uma discussão que inova, pois enfoca o processo de produção e não o produto; uma reflexão que propõe uma comunicação horizontal das mídias. Neste sentido, eles se filiam a uma perspectiva que valoriza a articulação interdisciplinar da comunicação, ou seja, como já dissemos, uma educação associada à política, seguindo de perto as discussões de Jesús Martín-Barbero (1997).

Com uma certa dose de cuidado, poderíamos afirmar também que o tema Mídias vem se consolidando, sobretudo nas instituições universitárias da Região Sul do país. Entretanto, chamamos a atenção para a pequena frequência de nomes de pesquisadores ou de grupos de pesquisa que se dedicam a esta interface. Apenas quatro pesquisadoras surgiram com mais de um trabalho sob sua orientação. Os demais estudos foram orientados de maneira dispersa.

Para concluir, valeria lamentar a ausência de uma série de reflexões que poderiam em muito ajudar a compreender a interface Jovem e Mídia. Ainda que muito do que foi escrito, de fato, acrescente sobre o universo jovem, pois se trata

⁸ Como poderíamos esperar, no subtema *TICs como recurso pedagógico*, nenhum estudo foi desenvolvido nas áreas das Ciências Sociais e do Serviço Social.

de um material de pesquisa amplo, sobretudo no que se refere à familiaridade que desenvolvem com as novas técnicas sociais de integração e socialização, temos muito o que investigar. Por exemplo, nenhum estudo se debruçou sobre as políticas públicas de implantação das mídias nas escolas como, por exemplo, *edcom.radio*; nenhuma reflexão sobre as comunidades *Orkuts*, plataforma mais utilizada, no Brasil, pelo segmento jovem; nenhum trabalho sobre a recepção pelos alunos das mídias impressas, como as revistas *Nova Escola*, *Veja*, *Carta Capital*, no interior dos estabelecimentos escolares; nenhuma investigação sobre a introdução dos *softwares*-livres, iniciativa necessária para a democratização do acesso ao universo virtual; pouca análise acerca dos processos educativos à distância; nada relativo aos usos inesperados e/ou emergentes da cibercultura como, por exemplo, a mobilização política juvenil a partir desta nova *ágora*. Ou seja, pesquisas que poderiam apontar para os usos imponderáveis que expressam a riqueza da dinâmica das forças sociais das sociedades imersas na cultura midiática. Estes são apenas alguns poucos eixos de investigação que estão por vir. Posto isso, valeria perscrutar com mais cuidado as contribuições já conquistadas pela interface em construção, a fim de não repetir a fragilidade existente e avançar na busca da consolidação ainda não alcançada.

Referências bibliográficas

- ABRAMO, Helena. *Cenas juvenis – punks, darks no espetáculo urbano*. São Paulo, Scritta, 1994.
- ADORNO, T. & HORKCHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento*. Rio de Janeiro, Zahar, 1985.
- Anuário de Mídia* São Paulo, Editora Meio e Mensagem, 2007.
- BAUMAN, Z. *A modernidade líquida*. Rio de Janeiro, Zahar, 2001.
- BELLONI, Maria Luiza. *O que é mídia-educação*. Campinas, SP; Autores Associados, 2001.
- BENJAMIN, Walter. “A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica” in *Os Pensadores*, Ed. Abril. Pp165-196. 1983.
- BRANDÃO, Zaia. *Pesquisa em Educação*. Rio de Janeiro, Editora Loyola, PUC-RJ, 2002.
- CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. São Paulo, Paz e Terra, 1999.
- COSTA, Marcia Regina. *Os carecas do subúrbio*. Rio de Janeiro, Vozes, 1993.
- EISENSTADT, S. *De geração a geração*. São Paulo, Perspectiva, 1976.
- FERRES, Joan. Desfer confusions: cinema, televisão, vídeo, em *Perspectiva* escoar, n 113, Barcelona, 1987, p. 3-8.
- FISCHER, Rosa Maria. *Televisão & Educação – fruir e pensar a TV*. Belo Horizonte, Autentica, 2001.
- FORACCHI, Marialice. *O estudante e a transformação da sociedade brasileira*. São Paulo, Companhia editora nacional, 1965.

- GARCIA-CANCLINI, Nestor. *Consumidores e Cidadãos – conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro, UFRJ, 1999.
- DE CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano - artes do fazer*. Petrópolis Ed. Vozes, 1994.
- GIDDENS, Antony. *As conseqüências da modernidade*. São Paulo, UNESP, 2001.
- GIDDENS, Antony. *Modernidade e Identidade Pessoal*. Oeiras, Celta, 1994.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro, DP&A, 2001.
- KRIESANG, Vanderley. *Informática educativa – construção e resgate de espaços sociais para os jovens*. Mestrado, Educação, Universidade do Vale dos Sinos, RS, 2003.
- LEMONS, Andre. A ciber-socialidade. Tecnologias e vida social na Cultura Contemporânea – <http://www.facom.ufrb.br/pesq/cyber/lemos/cibersoc.html>.
- LEMONS, Andre. *Cibercultura – tecnologia e vida social na sociedade contemporânea*. Porto Alegre, Ed. Sulinas, 2002
- LEMONS, Andre. *Janelas do ciberespaço. – comunicação e cibercultura*, Porto Alegre, Ed. Sulinas, 2000.
- LEVY, Pierre. *O que é virtual*. São Paulo, Ed. 34, 1996.
- LEVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo, Ed. 34, 1999.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. América Latina e os anos recentes: o estudo da recepção em comunicação social. In *Sujeito, o lado oculto do receptor*. (org.) Mauro Wilton de Souza. Ed. Brasiliense – ECA-USP. São Paulo.1995.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações – comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro, UFRJ, 1997.
- MARTINS, Jose de Souza. As hesitações do moderno e as contradições da modernidade no Brasil. in *A sociabilidade do homem simples*. São Paulo, Editora Contexto. 2008.
- MORIN, Edgar. *Cultura de massas no século XX – o espírito do tempo -I Neurose*. Rio de Janeiro, Ed. Forense-Universitária, 1984.
- ORTIZ, Renato. *A moderna tradição brasileira - cultura brasileira e indústria cultural*, São Paulo, Brasiliense, 1988.
- ORTIZ, Renato. & outros, *Telenovela – História e Produção*. São Paulo, Brasiliense. 1989.
- PAIS, Jose Machado. *Culturas Juvenis*. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1993.
- PERALVA, Angelina. Juventude e Contemporaneidade. In *Revista Brasileira de Educação*. Maio a dez. número 5 e 6, 1997.
- RHEINGOLD, Howard, *A comunidade virtual*. Lisboa: Gradiva, 1996.
- SARLO, Beatriz. *Cenas da vida pós-moderna. Intelectuais, arte e vídeo-cultura na Argentina*. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 1997.
- SILVA, Jamily Borges. *O significado social da escola, do trabalho e da tecnologia par adolescentes em situação de cidadania*. Mestrado, Educação, Salvador, UFBA, 1999.
- SPOSITO, M. P. & CORTI, A. P. “A pesquisa sobre juventude e os temas emergentes”. In: SPOSITO, Marília P. *Juventude e escolarização (1980/1998)*. Brasília, MEC/ INEP/Comped (Estado do Conhecimento, 7), 2002.
- TURKLE, Sherry, *A vida no écran – a identidade na era da Internet*. Lisboa: Relógio d’Água, 1997.

WILLIANS, Raymond. *Cultura e Sociedade*, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1969.

WILLIANS, Raymond. *Cultura*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992.

VIANNA, Hermano. *O mundo funk carioca*. Rio de Janeiro, Zahar, 1988.

VYGOTSKY, Lev. *A formação social da mente*. São Paulo, Martins Fontes, 1984.

Teses e Dissertações

EDUCAÇÃO

Teses

CORDEIRO, Filomena M. S. **Games – contexto cultural e curricular juvenil**. 2006. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2006.

GARBIN, Elisabete M. **www.identidadesmusicaisjuvenis.com.br um estudo de chats sobre música da Internet**. 2001. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.

LEIRO, Augusto C. R. **Educação e mídia esportiva: representações sociais da juventude**. 2004. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004.

OLIVEIRA, Maria Cláudia Santos Lopes de. **Internet e educação: uma análise das novas mediações nos processos de interação e construção de conhecimento**. 2000. Tese (Doutorado em Educação), Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2000.

SCHMIDT, Sarai P. **Ter atitude: escolhas da juventude líquida: um estudo sobre mídia, educação e cultura jovem global**. 2006. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

SOARES, Rosângela F. **Namoro MTV – juventude e pedagogias amorosas\sexuais no Fica Comigo**. 2005. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

TERUYA, Teresa K. **Trabalho e Educação na era midiática: uma visão sociológica**. 2000. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Marília, 2000.

VERMELHO, Sônia C. S. D. **Educação e virtualização: as mídias e a formação do indivíduo**. 2003. Tese (Doutorado em Educação), Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2003.

Dissertações

ALVES, Rozane S. **Jovens, chats e escola – as relações que emergem desse contexto**. 2002. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2002.

- BEZERRA, Gilson M. **Educar para a vida: uma pedagogia da resiliência na escola.** 2005. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2005.
- BITTENCOURT, Cristiane. **Jogos eletrônicos: deuses e demônios na formação do homem.** 2006. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.
- CAMPOS, Silvana I. F. G. **Hip hop na Internet: o site bocada forte como espaço hipertextual de construção e expressão de uma cultura jovem.** 2004. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade de Brasília, Brasília, 2004.
- CAPOBIANCO, Janaina C. M. **Educação e comunicação: o jornalismo impresso e a transgressão juvenil na classe média.** 2004. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal do Mato Grosso, Cuiabá, 2004.
- CARDOSO JUNIOR, Wilson. **Juventude e Televisão: um estudo das representações de jovens sobre a TV.** 1999. Dissertação (Mestrado em Educação), Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 1999.
- CASTRO, Fernanda S. **Navegadores na escola: identidade cultural em tempos de internetês.** 2006. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Luterana do Brasil, Canoas, 2006.
- CASTRO, Tatiane B. de. **Jovens Blogueiras- um estudo sobre identidade juvenil na Internet.** 2006. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Luterana do Brasil, Canoas, 2006.
- *COSTA, Daniela P. **A produção videográfica como instrumento pedagógico: representações da TV na cultura de estudantes do ensino fundamental e médio.** 2004. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro, 2004.
- COSTA, Patrícia M. D. **Os jovens e o mundo virtu@l: as artimanhas dos valores nos chats da Internet.** 2003. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.
- DI SCHIAVI, Rinaldo. **A Internet, mascara dos “bailes” modernos e a educação.** 2003. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.
- DORES, Fabiola. **Anos rebeldes: o que ficou?** 2000. Dissertação (Mestrado em Sociologia), Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, 2000.
- DUARTE, Aldimar J. **A escola pública como espaço de mediação na recepção de programas televisivos.** 1999. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 1999.
- ESTACIA, Jamile. **Os efeitos do uso do computador na subjetividade do adolescente.** 2003. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal de Passo Fundo, Passo Fundo, 2003.
- FERNANDES FILHO, Jose A. **A violência na mídia e sua relação com o comportamento agressivo dos adolescentes em suas relações escolares.** 2005. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005.

- FORECHI, Marcilene. **Jornalismo e Educação: da invenção da realidade à formação de jovens**. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2006.
- GADELHA, Gustavo. **Educação para a produção do conhecimento politicamente comprometido e o que as Tecnologias de Informação e Comunicação tem a ver com isso?** 2005. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005.
- GUEDES, Ana P. O. **Nas salas de bate papo da Internet: praticas e experiências de leitura e escrita de adolescentes**. 2001. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2001.
- GUIMARO, Maria L. O. **A individualização na linha de fogo: videogames de guerra e dessubjetivação**. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2005.
- GOIDANICH, Maria E. **Consumo e Cidadania: a publicidade e a identidade dos adolescentes**. 2002. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.
- GOUVEIA, Maria J. A. **Imagens de “meninos de rua”: da enunciação ao evanescimento**. 2003. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.
- HONÓRIO, Wesley L. **A educação pela estética MTV**. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2005.
- JESUS, Olga M. S. **Informática para jovens na educação média de formação profissional: a democratização do conhecimento através da INTERNET**. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal do Mato Grosso, Cuiabá, 2005.
- LARCHERT, Jeanes M. **Educação e as novas linguagens de comunicação**. 1999. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal da Bahia, Ilhéus, 1999.
- LEITE, Camila. **O grupo nós na fita – análises de uma pratica mídia educativa protagonizada por jovens moradores do Morro Preventório**. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação), Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2005.
- LIMA, André L. D. **A Juventude no texto literário e na Indústria Cultural**. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação), Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2004.
- LIMA, Nadia L. **Fascínio e alienação no ciberespaço: uma contribuição para o campo da educação**. 2003. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.
- LIMA, Yara P. P. **Navegando.com: um estudo acerca do papel da mediação do computador / Internet na produção da subjetividade jovem**. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2006.
- LOSADA, Márcia. **Que bicho é esse? Jovens do EJA em interação com o computador**. 2003. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.
- MACHADO, Magale C.o. **A constituição da personagem em ambiente virtual: possibilidades da informática educativa**. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

- MAGRO, Adriana R. **Estética no cotidiano educacional: um estudo etnográfico com adolescentes**. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade do Oeste Paulista, Presidente Prudente, 2006.
- MARINHO, Álvaro F. F. **Educação e Televisão: a intencionalidade político pedagógica de programas voltados para o público jovem**. 2002. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal do Mato Grosso, Cuiabá, 2002.
- MARQUESE, Adriana. **Educação e Comunicação: a influência da TV no comportamento de adolescentes de uma escola pública de Passo Fundo**. 2003. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal de Passo Fundo, 2003.
- MEIRELLES, Mauro. **As redes que se tecem nas escolas públicas de Ensino Médio em Porto Alegre: o uso das tecnologias digitais e a construção de indicadores de fluência digital a partir de uma abordagem sociotécnica**. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.
- NORONHA, Marcelo. **Brincando de cinema: um estudo sobre o vídeo processo num contexto de ensino aprendizado**. 2001. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.
- OLIVEIRA, Eva A. **O cotidiano na tela da TV e a esfera educacional**. 2003. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2003.
- OLIVEIRA, José A. C. **Utilização espontânea da Internet pelo público adolescente – uma pesquisa junto aos estudantes do ensino médio do Colégio Anglicano Santa Margarida, Pelotas – RS**. 2001. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2001.
- PETEADO, Clea. **A arte e a educação na escola; o caminho da apreciação estética de jovens e adultos**. 2001. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.
- PINHEIRO, Karen M. **A construção do conhecimento no meio virtual: uma experiência com adolescentes do ensino básico interagindo sobre orientação sexual**. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.
- *RAFAEL, Josiley C. **Educação e Punição: a infração juvenil no programa de televisão “Cadeia Neles”**. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal do Mato Grosso, Cuiabá, 2006.
- RAMOS, Joanita A. **Comunicação, política e culturas da educação**. 2003, Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2003.
- RAUTH, Carin W. **Adolescentes curitibanos e a recepção do programa pânico – um estudo de caso**. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2006.
- REGO, Ivana D. **Ensino de Artes e Fotografia: um clique na educação**. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade de Sorocaba, Sorocaba, 2006.
- SANTIAGO, Lílian S. **Pela lente da transformação – vídeotransformação através de experiências realizadas no Brasil e na Colômbia**. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

- *SILVA, Isabela M. B. B. **O adolescente e a violência que vê na TV – uma pesquisa sobre socialização/formação na televisão.** 2002. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.
- SILVA, Rogério M. **Super-herói: educação alienante a estética do mito tecnológico.** 2004. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2004.
- *SILVA, Robson T. **O rádio na escola e a escola no rádio.** 2005, Dissertação (Mestrado em Educação), UFF, Niterói, 2005.
- SILVA, Roseli P. **Cinema e educação de valores: lidando com a formação moral na escola.** 2004. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.
- *SILVEIRA, Fabiana S. **Amor jovem como espetáculo: sobre a pedagogia sentimental da mídia.** 2005. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.
- SOUZA, Maria J. C. **Nos (en) cantos da EJA: a desconstrução e construção da imagem na formação do leitor visual.** 2006. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2006.
- *SPINOSA, Patricia N. **Cibercultura e educação escolar: um estudo de blogs e de tecnologias do eu.** 2005. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade de Sorocaba, Sorocaba, 2005.
- *TOMITA, Íris Y. **Em busca do sujeito: a formação do olhar no ensino superior de publicidade e propaganda.** 2006. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2006.
- VASCONCELOS, Geni. **O que o jovem fabrica com o que a TV produz? Um estudo sobre a recepção como negociação de sentido.** 2000. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.
- WENZEL, Maria C. R. **O desenho animado: o discurso imagem.** 2002. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

CIÊNCIAS SOCIAIS

Teses

- ALVES, Maria I. M. **O adolescente e a TV – o caso da Telenovela Malhação.** 2004. Tese (Doutorado em Ciências Sociais), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.
- MELO, Taciana V. S. **O eu a partir do outro – a concepção de desigualdade social elaborada por adolescentes da classe popular do Recife a partir da serie Cidade dos Homens.** 2006. Tese (Doutorado em Sociologia), Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006.

Dissertações

- AMARANTE, Maria T. T. **Os blogs e os blogueiros: entendendo as transformações da intimidade nas casas digitais.** 2005. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política), UFSC, Florianópolis, UFSC, 2005.

- CAMPOS, Ivelise F. **Alice no País do Espelho: O MUD – Jogo e Realidade Virtual baseado em texto.** 2004. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais), Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2004.
- CARDOSO, Bruno V. **Briga e Castigo: sobre pit-boys e “canais de fofoca” em um sistema acusatório.** 2005. Dissertação (Mestrado em Sociologia e Antropologia), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.
- FELIX, Fabíola. **Juventude, estilo de vida: cultura de consumo, lazer e mídia.** 2003. Dissertação (Mestrado em Sociologia), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.
- KOHLSDORF, Nara. **Televisão: socialização na sociedade de consumo.** 2002. **Dissertação** (Mestrado em Sociologia), Universidade de Brasília, Brasília, 2002.
- *LIMA, Alexandre M. A. **Jovens e Telemática no Rio de Janeiro: a cidade global em projeto.** 1999. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais), Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999.
- SÁ, Vera L. V. **Hackers: mocinhos e bandidos: estudo de grupos brasileiros desfiguradores de Sites.** 2005. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais), Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2005.
- SANTA FÉ JUNIOR, Clovis, **O rock “politizado” brasileiro dos anos 80.** 2001. Dissertação (Mestrado em Sociologia), Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, 2001.
- SOUZA, Marcilene G. **Juventude negra e racismo: o movimento Hip-Hop em Curitiba e a apreensão da imagem de “Capital Européia” em uma harmonia racial.** 2003. Dissertação (Mestrado em Sociologia), Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2003.

SERVIÇO SOCIAL

Dissertações

- VANINI, Valéria. **Adolescência e Telenovela – numa perspectiva crítico-interpretativa.** 1999. Dissertação (Mestrado em Serviço Social), Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Franca, 1999.

- as citações com * refere-se aos trabalhos não consultados na íntegra.

Os estudos sobre jovens na intersecção da escola com o mundo do trabalho

Monica Peregrino¹

Introdução

Segundo dados da PNAD 2007, os jovens entre 15 e 29 anos representam 61,4% dos desempregados do país. Destes, os jovens entre 18 e 24 anos constituem a população mais presente entre os desempregados, com participação de 35,6%. Mesmo assim, o IPEA, com base em pesquisa da PNAD 2007, afirma que as condições de vida dos jovens vêm melhorando, pela formalização do trabalho neste grupo etário e pelo aumento do nível de escolaridade dentre estes. Os jovens estão postergando sua entrada no mercado de trabalho, tendo sido constatada uma queda no nível de ocupação na população mais jovem, se tomarmos como referência os números concernentes aos últimos 10 anos. Nos grupos mais velhos (de jovens), porém, houve a manutenção dos níveis de ocupação.

Dos 7 milhões de jovens entre 14 e 15 anos, 80% deles residentes em áreas urbanas, 18,1% estavam trabalhando na época da pesquisa. Os jovens do sexo masculino (67,7%) e os pretos e pardos (60,9%) são a maioria neste contingente. Vinham de famílias cujo rendimento médio domiciliar per capita girava em torno de R\$ 275,00. Dos 6,7 milhões de jovens de 16 e 17 anos, 81% residentes em áreas urbanas, 34,7% estavam trabalhando em 2007. Também nesta faixa, os do sexo masculino e os de cor preta e parda constituem a maioria (respectivamente 63,5% e 55,4%). Tinham origem em domicílios cujo rendimento médio per capita era de R\$ 352,00.

Em contrapartida, o número médio de anos de estudos cresceu, de 1995 até 2007, em todas as faixas etárias: passou de 5,4 para 7,3 anos na faixa dos 15 aos 17 anos; de 6,3 para 8,8 anos entre 18 e 19 anos ; subiu de 6,7 para 9,3 anos na faixa de 20 a 24 anos; passou de 5,3 para 6,9 anos na faixa daqueles com 25 anos ou mais. Nos últimos 15 anos, o percentual de pessoas com 11 anos ou mais de estudos (na população com 10 anos ou mais de idade) passou de 14,1%,

¹ Doutora em Educação, professora da FFP/UERJ.

em 1992, para 30,4%, em 2007.

A tabela abaixo é bastante demonstrativa da convivência entre escolarização e trabalho entre os jovens no país. Ela expressa a taxa de escolarização de pessoas de 5 a 17 anos por situação de ocupação por grupo de idade, mostrando que, mesmo que as taxas de escolarização tendam a ser progressivamente maiores entre os não ocupados, ela se mantém significativa entre os ocupados. Por estes dados é possível verificar que a convivência com o trabalho é parte constitutiva do processo de escolarização de uma porção significativa dos jovens no Brasil.

Taxa de escolarização/grupo de idade/situação de ocupação

<i>Situação</i>	<i>Ocupada</i>	<i>Não-ocupada</i>
Total	80%	94%
5-13 anos	94,7%	95,7%
14-17 anos	74,9%	88,9%
14-15 anos	84,7%	93,6%
16-17 anos	69,7%	82,8%

Brasil/dados da PNAD 2007

A convivência entre os mundos da escola e do trabalho é relativamente nova em nosso país, em especial entre os jovens pobres. Para estes, contudo, a novidade consiste na convivência prolongada para com a escola, e não com o trabalho.

Vale lembrar que a entrada dos jovens pobres na escola se dá mais sistematicamente a partir da década de 70, num processo que, no decorrer dos anos, mais do que democratizar, massificou os processos de escolarização, delineando, ao mesmo tempo, a circunscrição da escola pública aos pobres. Ainda assim, até a década de 1990, os jovens pobres que logravam entrar na escola não se mantinham nela por muito tempo, perfazendo trajetórias marcadas por repetências múltiplas e coroadas por evasão antes mesmo do final do ensino fundamental.

A década de 1990 assiste à universalização do acesso ao ensino fundamental e à expansão do ensino médio por meio de políticas que tentam (e conseguem) manter os jovens na instituição por tempo alongado. Através da composição entre programas que aceleram processos de escolarização e ações de controle das taxas de reprovação, tem sido possível manter o jovem pobre dentro da escola, ainda que ao custo da precarização dos processos de escolarização, do trabalho escolar e da própria instituição.

A “novidade”, porém, persiste. Hoje, inegavelmente, a escola é uma instituição diretamente envolvida nos processos de socialização dos jovens pobres, e, ainda que os dados colhidos em pesquisas de amplo espectro venham apontando a diminuição do trabalho durante a infância e o início da adolescência, para os

jovens a partir dos 15 anos, a relação com o mundo do trabalho se mantém, marcada, agora, por uma convivência mais prolongada também com o universo da escola.

A década de 1990 foi fértil na implementação de políticas que reestruturaram os sistemas educativos em seus vários níveis no Brasil. O período que se seguiu foi testemunha de seus efeitos sobre as instituições e seus atores, levantando um sem número de novas perguntas e reposicionando antigas certezas naquilo que tange a relação entre os três elementos envolvidos nesta temática. É, portanto, no cruzamento entre manifestações e demandas de uma realidade em mudança e a tradição teórica do campo da educação (permitindo ou não formas interpretativas emergentes, como veremos) que os trabalhos que analisaremos no tema *Juventude, Escola e Trabalho* são produzidos, no período percorrido por esta investigação.

É no quadro da retração dos empregos registrados, da precarização dos postos de trabalho, da universalização do ensino fundamental, da expansão do ensino médio e da reforma do ensino técnico, que a convivência ampliada entre escola, trabalho e juventude se dá.

Neste sentido, as interrogações presentes nos 65 trabalhos selecionados neste tema refletem as mudanças em curso no período. De forma geral, podem ser encontradas aqui as teses e dissertações que tratam: da reforma do ensino técnico e seus efeitos sobre as instituições de ensino, sobre seus jovens alunos e seus processos de formação, sobre os agentes envolvidos na formação técnica e a receptividade dos novos currículos; das relações entre os jovens trabalhadores e a escola noturna; por fim, da maneira como escola e trabalho são percebidos pelos jovens, tanto de forma direta na interrogação de suas expectativas e experiências quanto, indiretamente, a partir do acompanhamento de suas trajetórias.

ÁREAS	SUBTEMA 1 <i>Os Jovens estudantes e a reforma do Ensino Técnico</i>	SUBTEMA 2 <i>Os Jovens e a Escola Noturna</i>	SUBTEMA 3 <i>Escola e Trabalho: trajetórias cruzadas e perspectivas juvenis</i>	TOTAL
Educação	28	11	22	61
Sociologia	2	1	-	3
Serviço Social	1	-	-	1
Antropologia	-	-	-	-
Ciência Política	-	-	-	-
TOTAL	31	12	22	65

As temáticas caras ao campo da Educação, como podemos perceber, dão o tom neste conjunto de trabalhos que, se não se destaca pelo percentual de teses defendidas no período (são apenas 7 teses num universo de 65 trabalhos, perfazendo pouco mais de 10% da produção), é singular no percentual de trabalhos

pertencentes ao campo da Educação. São, ao todo, 61 trabalhos de um total de 65, perfazendo 94%, que, em suas melhores produções, nos permitem enxergar os jovens a partir de duas das instituições envolvidas em seus processos de socialização: escola e trabalho.

Por outro lado, há a ausência absoluta de estudos nas áreas de Antropologia e Ciência Política, relativos ao tema, no período delimitado para este levantamento, o que é acompanhado da discreta participação das áreas de Sociologia e de Serviço Social (seus 4 trabalhos perfazem 6% do total neste tema). É importante destacar, porém, que, mesmo com um conjunto tão discreto de trabalhos, um deles é uma tese de doutorado da área de Sociologia, ainda que esta mantenha – como será mais bem detalhado na análise específica do subtema que trata da reforma do ensino técnico – sólidos vínculos para com a área de educação.

Também foi observado que os orientadores pouco se repetem no conjunto de trabalhos que compõem este grupo, tendo a maioria absoluta orientado apenas uma produção que tratasse das relações entre os jovens, a escola e o trabalho. De todo o conjunto, apenas cinco orientadores destacaram-se por terem orientado dois trabalhos nesta temática.

Ao observarmos, porém, a quantidade de trabalhos orientados pelos professores recorrentes em nossa temática, em relação ao conjunto mais amplo dos trabalhos que compõem este Estado da Arte, perceberemos que, em sua maioria, esses orientadores não apenas ampliam o número de trabalhos orientados, como também as supervisionam em campos fronteiriços àqueles de que aqui tratamos. Isto nos permite supor que possivelmente o grau de consolidação da temática que relaciona os jovens a duas das mais importantes instituições envolvidas na sua socialização seja maior do que este estrito conjunto de trabalhos nos leva a concluir.

Quanto à forma de tratar os trabalhos selecionados, seria interessante esclarecer que, como em todos os demais temas desta pesquisa, eles foram agrupados em subtemas a partir de problemáticas comuns ou convergentes. Em nosso caso, foram construídos três subtemas: *os jovens e a escola noturna* (com 16% dos trabalhos); *os jovens estudantes e a reforma do ensino técnico* (com 43% dos estudos); *escola e trabalho: trajetórias cruzadas e perspectivas juvenis* (com 41% dos trabalhos).²

A maneira com que os subtemas se organizam no conjunto de trabalhos que compõem o período de 1999 até 2006 guarda algumas semelhanças em relação ao período que demarca o levantamento anterior. Porém, entre os dois levantamentos podem ser estabelecidas algumas diferenças significativas, naquilo que se refere à forma de organização e ao conjunto geral de subtemas obtidos a partir de uma primeira análise.

Há um subtema no conjunto atual, *os jovens e a escola noturna*, que encontra traços diretos para com o subtema *jovens e cursos noturnos*, presente no estudo

² As características de cada um dos subtemas, suas problemáticas, quadros teóricos, perspectivas metodológicas e investigações em destaque serão analisados separadamente no decorrer deste texto.

anterior. Por outro lado, o atual subtema *escola e trabalho: trajetórias cruzadas e perspectivas juvenis* equivale ao anterior *significados do trabalho e da escola para os jovens*, incorporando ainda *escolha profissional*, daquele levantamento. Em contrapartida, o subtema que no trabalho anterior agregava as preocupações que relacionavam os jovens e seus processos de profissionalização foi assimilado por um novo subtema, que emerge com força significativa no período atual: *os jovens estudantes e a reforma do ensino técnico*.

Parece-me interessante esclarecer, de maneira bastante breve, a constituição dos subtemas, a forma com que os trabalhos foram classificados em cada um deles, assim como os critérios que determinaram sua classificação.

No processo de classificação do presente conjunto de trabalhos, duas linhas de forças tensionavam o processo de construção de subtemas: por um lado, este é o segundo estado do conhecimento sobre juventude, o que determinou a necessidade de criarmos formas de classificação dos trabalhos que permitissem, se não a comparação direta, ao menos a “comunicação” entre os subtemas, de maneira a não perdermos essa perspectiva longitudinal de análise que os estudos de períodos temporais mais longos proporcionam. Por outro lado, não só o período de realização deste estudo presenciou um conjunto significativo de mudanças estruturais, que implicaram efeitos diversos que os estudos presentes na temática que percorre as relações entre escola e trabalho buscaram captar, como também a expansão da pós-graduação no país implicou num volume de trabalhos a serem analisados, inédito no estado do conhecimento realizado anteriormente.

Nosso desafio era, portanto, o de, sem reduzir ou simplificar a riqueza presente nos conjuntos de problemáticas abertas pelos trabalhos atuais, manter os elos que permitiam as conexões para com o estudo anterior.

Finalmente, decidimos organizar a apresentação dos trabalhos agregados neste tema como um roteiro de leituras do conjunto das produções, ordenando-as a partir de problemáticas comuns. Vamos a elas.

Os jovens estudantes do ensino técnico

O subtema *os jovens estudantes do ensino técnico* constitui-se num conjunto composto por 31 trabalhos. Conta com quatro teses de doutorado e 27 dissertações de mestrado. É um grupo com grande representação da área de educação, numa proporção de 90%. Os outros 10% são representados por exatamente três trabalhos: dois da área de Sociologia e um de Serviço Social.

O processo de reforma do ensino profissional que separou o ensino médio do ensino técnico, mas que permitiu a criação dos cursos de concomitância interna, que instituiu os cursos pós-médios e que criou três categorias de formação – básica, técnica e tecnológica –, uma das quais com *status* de formação superior, foi o mote para a realização de quase todos os estudos agregados neste subtema.

Neste quadro, é possível entender a recorrência das referências bibliográficas que analisam a reforma, explicando-a e posicionando-a em relação ao conjunto de problemas que se acumulam a respeito da formação técnica e média no país. O sentido da formação média no Brasil, seu caráter dual, a politecnia, a formação do técnico especializado e do técnico de múltiplas habilidades e de sólida formação geral, são temas que se repetem e aos quais se agregam outros, trazidos pelas mudanças anunciadas pela reforma: a formação modular, competências, empregabilidade.

É interessante ainda apontar que todas essas reflexões se dão num contexto muito claramente definido na grande maioria dos trabalhos: a reestruturação produtiva, as novas formas de acumulação do capital e a globalização, redefinindo as maneiras de trabalhar, os sentidos do trabalho e a sua centralidade.

É possível também compreender a centralidade que toma a instituição no âmbito das problemáticas, objetivos e abordagens de pesquisa. Neste subtema, a instituição é o objeto da maior parte das pesquisas, mas os jovens são também objeto de investigação. São, porém, percebidos muito parcialmente. Os jovens aqui são, de maneira geral, alunos, trabalhadores ou aspirantes a uma ocupação, estudantes ou egressos de cursos técnicos. Eles são percebidos, especificamente, a partir da posição que ocupam na instituição. Com poucas exceções, quando a análise toca na temática dos jovens, é para defini-los como um dos grupos mais atingidos pelo desemprego, a partir da nova fórmula de acumulação do capital.

É necessário registrar, porém, o esforço de alguns trabalhos, no sentido de definir, debater ou dialogar com a noção de juventude. O esforço, contudo, manifesta-se, no mais das vezes, apenas no âmbito da discussão teórica, sem que a preocupação para com a problematização do termo “juventude” penetre nas formas de delimitar os objetos das pesquisas. Assim, acabamos por depararmo-nos com trabalhos que, mesmo discutindo a noção de juventude, continuam a abordar “o jovem” parcialmente, a partir de critérios que lhe são externos.

Finalmente, se os trabalhos não incorporam ao seu corpo teórico, às suas abordagens investigativas, o conjunto de indagações que compõem as interrogações presentes no campo de estudos da juventude, em compensação, as constatações e os dados neles arrolados, em especial nos perfis de alunos, de egressos, em suas trajetórias de inserção profissional, de ingresso nos cursos técnicos, ou, ao contrário, seus percursos de saída, de evasão, dão-nos um panorama das condições: de vida, de profissionalização e de inserção profissional dos jovens estudantes e egressos do ensino técnico, ainda que este panorama forme um conjunto bastante fragmentado.

Iniciaremos a apresentação dos trabalhos contidos neste subtema dando destaque a dois deles, ambos teses de doutorado, que podem funcionar como linhas mestras na apresentação das demais produções. As duas têm como centro da problemática a análise da reforma. O mais interessante, porém, é que elas constroem suas abordagens a partir de fundamentações diversas, permitindo uma visão do mesmo fenômeno de perspectivas muito diferentes.

“O Novo sistema de educação profissional brasileiro: análise crítica da experiência cearense”, tese defendida em 2005, na Universidade Federal de São Carlos, por Francisca Clara de Paula Oliveira, se propõe a fazer um exame da política de ensino profissional implantada no governo FHC a partir do estudo de 4 diferentes instituições de formação profissional no Ceará. São analisados os CENTECs (Centro de ensino Superior Tecnológico) e os CVTs (Centros Vocacionais Tecnológicos), implementados pelo Governador Tasso Jereissati. Segundo a autora, os centros são Organizações Sociais que postulam um ensino profissionalizante subordinado às exigências da economia regional. Foram estudados ainda o SENAI e o CEFET .

Interroga-se, nesse trabalho, as origens mais remotas da reforma do ensino profissional da década de 90, buscando delinear um sentido para ela. Para a sustentação da hipótese de estudo, a autora procura fundamentar-se nas relações que a formação técnica vem mantendo para com o sistema econômico no Brasil.

Como veremos mais adiante, a busca pelas intenções mais recônditas e pelos sentidos mais escondidos da reforma em debate se dá, em um percentual significativo dos trabalhos agrupados neste subtema, a partir das relações entre os processos de formação de técnicos e as mudanças nos campos da economia e do trabalho (que necessariamente não passam por uma análise específica do caso Brasileiro, mas que, de forma geral, discutem essas mudanças de maneira abstrata). Neste sentido, se não podemos dizer que a tese de Oliveira (2005) é precursora neste conjunto, já que sua defesa está entre as mais recentes dentre os trabalhos aqui analisados, ela certamente é bastante representativa de uma tendência para a análise daqueles que têm como temática central a reforma do ensino técnico: sua problematização no quadro das mudanças pelas quais vêm passando as economias capitalistas e as formas de trabalho que lhes dão sustentação.

Como referência na área, não podemos deixar de citar a tese de doutorado de Sonia Regina Mendes, “Cursos técnicos pós-médios: um estudo sobre educação profissional”, do programa de pós-graduação da UFRJ, defendida em 2000, que analisa a organização dos cursos técnicos pós-médios na cidade do Rio de Janeiro, abordando-a sob três perspectivas: histórica (a partir dos debates das políticas de ensino médio e profissional no âmbito do Conselho Federal de Educação e do Conselho Estadual de Educação do Rio de Janeiro); institucional (pelo resgate da experiência das instituições que conceberam e implementaram a reforma no Estado do Rio de Janeiro) e pelo resgate dos percursos escolares dos alunos, após a conclusão do ensino de 2º. Grau, até a finalização do ensino técnico. A tese demonstra a importância da reforma para a contenção da demanda por ensino superior num país que vem, desde meados da década de 90, buscando expandir a escolarização dos jovens pela aceleração e desobstrução dos fluxos escolares, em especial nas séries finais do ensino fundamental e no ensino médio.

Essa tese permite conclusões importantes, tanto para aqueles que pretendem compreender a complexidade que marca os processos de inserção de jovens no mundo do trabalho no Brasil quanto para os que buscam perceber o papel relativo do sistema escolar nesta inserção.

Finalmente, seu caráter distintivo, que singulariza sua abordagem e dá um caráter inovador à contribuição que traz, encontra-se – para além da pesquisa de campo vasta, densa e consistente, de objeto recortado de forma a permitir a generalização das conclusões – no deslocamento da interrogação acerca da reforma do ensino técnico do interior das mudanças no mundo do trabalho e da economia para o interior dos sistemas educacionais com suas formas próprias de hierarquização e de valorização.

Passaremos agora à apresentação dos conjuntos de problemáticas encontradas nos trabalhos deste subtema.

A reforma do Ensino Médio

Estabelecida a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação, a reforma dos ensinos médio e técnico define-lhes novas diretrizes. Através das leis 9394/96 e do decreto-lei 2208/97, novas relações são estabelecidas, configurando, na prática, a separação da educação geral da educação profissional, na qual a educação técnica passa a ser vista como um complemento da educação geral (Kuenzer, 2000).

Por serem objetos de implicações mútuas, as reformas do ensino técnico e do ensino médio serão analisadas, aqui, no âmbito da mesma subtemática: aquela que trata da reforma do ensino técnico, mais ampla e numerosa em volume de trabalhos.³

São três os trabalhos que tratam especificamente da reforma do ensino médio no conjunto daqueles contidos neste tema. Um deles, uma tese de doutorado (Vianna, 2001), que, num movimento bastante semelhante àquele realizado pelos trabalhos que analisam o ensino técnico, trata da reforma do ensino médio à luz das transformações econômicas, no quadro da reforma neoliberal, remetendo a reforma do ensino ao quadro das transformações econômicas. Realizando uma pesquisa de cunho qualitativo, a autora propõe três hipóteses norteadoras no processo de investigação: em primeiro lugar, a reforma do ensino não representaria um avanço em relação ao processo de universalização do ensino médio; em segundo lugar, esta agudizaria o dualismo entre formação geral e formação para o trabalho; por fim, a reforma não alteraria as condições de precariedade com que se realiza o trabalho de ensino e aprendizagem no ensino médio.

³ Lembramos que a disparidade quanto à representatividade das duas reformas presente neste levantamento deve-se, certamente, ao delineamento específico que toma a temática que analisamos aqui, pensando as relações entre escola e trabalho na vida dos jovens. Provavelmente, trabalhos especificamente voltados para a reforma do ensino médio e seus demais desdobramentos devem ser encontrados na temática que trata das relações entre os jovens e a escola. É importante declarar, ainda, que serão encontrados trabalhos que tratam do ensino médio nos outros dois subtemas que compõem esta temática. Nestes, a reforma do ensino não constitui o centro da problemática abordada, tomando maior evidência nestas produções outras forma de relação da escola média para com o trabalho.

Em seguida, duas dissertações: a de Cruz (2005) realiza uma avaliação da formação média, interrogando as competências cognitivas e sociais de alunos recém-egressos do ensino médio, para se adaptarem, com flexibilidade, às condições atuais do trabalho. A de Brito (2002) se propõe a discutir os efeitos da reforma do ensino médio sobre escolas públicas e privadas da cidade de Goiânia, mostrando que esta consolida mecanismos de reprodução de desigualdades sociais no âmbito do sistema educacional e concluindo, ao final, que as classes médias e altas frequentam um curso que se mantém propedêutico nas escolas particulares, enquanto que, nas públicas, o ensino é tecnológico na intenção, mas precariamente propedêutico na realidade.

A Reforma do Ensino técnico

- Efeitos da Reforma

Nove trabalhos discutem os efeitos da reforma do ensino técnico. São estudos que, de maneira geral, partem da crítica ao novo delineamento tomado pela formação técnica a partir da reforma da década de 90, realizada durante o governo de Fernando Henrique Cardoso. Desta maneira, as discussões sobre os efeitos produzidos pela nova formação técnica acabam tomando as feições de avaliações, tanto da reforma quanto da formação que ela implementa sobre as instituições de ensino técnico. Dos nove trabalhos, sete pesquisam escolas técnicas federais, um trata de uma escola estadual de ensino médio regular e técnico (Pereira-Lima, 2002), e o último aborda a reforma tomando como ponto de observação empresas de recursos humanos (Suhr, 2004).

Quando analisamos os conteúdos das problemáticas, observamos que os efeitos da reforma do ensino técnico e sua nova proposta de formação são interrogados: em seu potencial para a inserção dos jovens formando no mercado de trabalho⁴(Mansor, 2005), mas, também, ampliando o escopo dos parâmetros de “medição” dos efeitos produzidos pela nova formação, pela capacidade de manutenção de postos de trabalho ligados à formação recebida, pela melhoria dos postos de trabalho e pelo caráter “integral” da formação recebida. Destaca-se no conjunto, com essa coleção de interrogações, o trabalho de Porto (2004).

Avançando na análise das problemáticas deste grupo, gostaríamos de dar ênfase a quatro trabalhos, pela especificidade nas formas de abordagem dos objetos recortados, permitindo-nos uma visão ao mesmo tempo abrangente e plural naquilo que concerne ao tratamento da problemática em questão. Primeiramente, o trabalho de Vieira (2006), que toma o ponto de vista dos jovens estudantes como base de seu estudo, interrogando sua motivação para a escolha profissional, o significado da formação e os caminhos percorridos em busca de

⁴ Interrogando assim, a “empregabilidade” dos sujeitos formados no novo modelo de formação profissional

inserção profissional. Depois, Matias (2003), que aborda os efeitos da reforma a partir das condições institucionais de acesso e de permanência; e Suhr (2004), que, com o objetivo mais amplo de relacionar a reforma às mudanças ocorridas na economia e no trabalho, toma o olhar do mercado e dos jovens trabalhadores como referência. Por fim, o trabalho de Tavares (2002), que, abordando a evasão em uma instituição técnica federal, tenta demonstrar a ação social da seleção escolar, a partir do perfil dos evadidos de curso técnico.

Pode-se dizer que há certa unidade nos quadros teóricos que fundamentam esses estudos. A análise da formação profissional no Brasil, sua mais recente reforma e os efeitos desta sobre os processos, sujeitos e modelos de formação para o trabalho, são posicionados, teoricamente, no quadro mais amplo das transformações econômicas.

Neste sentido, destacamos o trabalho de Ale (2002), que, no quadro da reforma dos modelos de formação profissional, se propõe a estudar o papel seletivo das instituições de formação, analisando os concursos responsáveis pelo ingresso de alunos. Nesta configuração, usa Bourdieu e Passeron (1975), mas o faz agregando a matriz interpretativa da reprodução ao quadro referencial clássico dos estudos que relacionam trabalho e educação. Assim, quando trata das relações entre o Estado e a seletividade na escola contemporânea, propõe como foco central as análises de Marx (1983, 1976) e Lênin (1978). Bourdieu e Passeron ficam circunscritos à análise do objeto (a seletividade no âmbito de sociedades capitalistas).

É necessário destacar também o trabalho de Menezes (2003a). Interrogando os efeitos da reforma do ensino técnico a partir de uma investigação em uma instituição federal do Espírito Santo, Menezes aborda seu objeto de pesquisa a partir de uma fundamentação teórica que, sem deixar de situar a reforma do ensino técnico no quadro das tensões que marcam a formação profissional no Brasil, situa o problema da formação para o trabalho no quadro mais amplo da expansão geral da escolarização no mundo e, ao mesmo tempo, no âmbito dos novos requerimentos de qualificação para o trabalho.

- Avaliação da formação

Do conjunto de trabalhos que compõem este subtema, temos sete em que os problemas que delineiam a investigação constam de modalidades diversas da “Avaliação da formação” fornecida por instituições de formação técnica. O objeto da avaliação pode variar, abarcando desde cursos de escolas para formação técnica de nível médio, públicas ou ligadas a entidades privadas como é o caso de seis dos sete trabalhos, até a formação profissional básica.

Alguns trabalhos avaliam a formação fornecida aos futuros técnicos à luz das necessidades apontadas pelas empresas (Albuquerque, 2002). No âmbito deste tipo de problema, vale chamar a atenção para o estudo (Ungaretti, 1999) que busca avaliar o grau de aproximação entre as expectativas das empresas e a formação

fornecida por determinado curso técnico, analisando o “grau de interação escola-aluno-empresa” e recortando o “estágio” como objeto da investigação.

Ainda no âmbito dos trabalhos que têm como objetivo a avaliação do tipo de formação oferecida, encontra-se o estudo de Silva (2004a), que toma como parâmetro para a avaliação de um programa, desenvolvido na escola de um sindicato do Rio de Janeiro, a proposta de “Escola Unitária” de Antonio Gramsci. Há ainda o trabalho de Barbosa (2001), que busca avaliar a reforma do ensino técnico com base no desempenho profissional de egressos formados em curso de edificações no modelo anterior ao da reforma.

Os trabalhos de Vrubel (2000) e Coelho (1999) avaliam a formação de técnicos de nível médio. O primeiro em uma escola técnica federal de Sergipe, o segundo em uma escola técnica Federal do Rio de Janeiro, a partir do ponto de vista de alunos, egressos e professores das instituições. Vrubel, operando com um instrumental metodológico de sondagem de opinião, interroga professores e alunos. Já Coelho⁵ se propõe analisar “o resultado” da formação técnica, interrogando a identidade do ensino técnico, as expectativas de alunos e a experiência de egressos quanto à inserção profissional.

Por fim, há um estudo (Miranda, 2002) que, investigando os componentes que influenciam a empregabilidade dos egressos de um centro de profissionalização básica da cidade de Campinas/SP, discute algumas variáveis que envolvem a aquisição de empregos para adolescentes pobres com formação profissional básica em cidades “intermediárias” tal como Campinas, localidade onde o estudo toma curso.

- Estudos que tratam de formações específicas

O menor dos conjuntos de estudos, contendo três trabalhos, trata de forma muito específica de formações técnicas também particulares. Nesses estudos, as reformas do ensino médio e da formação profissional, inclusive a formação técnica, não constituem objeto de preocupação. De maneira geral, tratam de problemas referentes à especificidade da formação abordada.

O primeiro deles discute a formação do técnico contábil (Stone, 2000), interrogando os impasses e possibilidades contidas no processo formativo do profissional contador. O segundo (Carvalho – 2003) tem como objetivo levantar o perfil dos estudantes de nível médio das Escolas de Enfermagem de Juiz de Fora, analisando, comparativamente, as características dos alunos de duas escolas de formação: uma escola da rede particular de Juiz de Fora e um curso financiado pelo Projeto de Profissionalização dos Trabalhadores da Área de Enfermagem, o PROFAE/MS.

⁵ É necessário destacar, porém, que o trabalho de Coelho trata da identidade do profissional formada numa modalidade já extinta pela reforma do ensino técnico, ainda que esta tenha sido editada no ano anterior ao da defesa de seu estudo (como o próprio autor afirma em suas páginas introdutórias).

Gostaríamos de destacar um estudo (Alves, 2004a) que busca desvelar as contradições e impasses que marcam a formação do policial militar no Espírito Santo, interrogando que aspectos do currículo⁶ de formação *contribuem para o distanciamento entre os objetivos democráticos propostos para a formação do profissional e o efetivo exercício da profissão*. Fazemos o destaque por ser este o único trabalho do conjunto a fazer um esforço em caracterizar os sujeitos da pesquisa, os policiais militares em formação, como jovens, ainda que este esforço, aqui, acabe acontecendo à parte do corpo da reflexão e da investigação principais, e que a discussão sobre a “juventude” dos policiais em formação não seja o centro mesmo do problema proposto pela dissertação.

- Para além da Reforma

Lidando com problemáticas variadas, tais como: a política de assistência ao estudante (Menezes, 2003b); a relação entre diploma e ocupação no Brasil (Maciel, 2005); a importância do internato na melhoria das condições de escolarização (Pires, 2005); as variáveis envolvidas nas variações de desempenho para alunos com trajetórias escolares diferentes (Pereira, 2005); a importância da instituição escolar e da família na produção do *habitus* escolar (Freitas, 2006); a forma com que se posicionam os atores sociais de determinada instituição de formação técnica diante da necessidade de formar para o trabalho num contexto de desemprego (Freitas, 2004); as trajetórias de inserção profissional de jovens em determinada escola técnica (Picinini, 2006); este conjunto de sete trabalhos (seis dissertações e uma tese de doutorado) não posiciona a reforma do ensino técnico como o centro da problemática abordada, ainda que esta possa se constituir no contexto a partir do qual os problemas são construídos, ou em mediação fundamental para a emergência dos problemas em destaque.

Podemos dividir o grupo de problemas encontrados neste conjunto de trabalhos em dois tipos: primeiramente, aqueles que operam no interior de problemas estruturais que posicionam a formação técnica e sua função dentro das dinâmicas de estratificação social, e diante das modificações sofridas pelo trabalho (Maciel, 2005; Freitas, 2004). Em segundo lugar, aqueles que tratam de problemas que envolvem os processos de escolarização/profissionalização de jovens, em especial daqueles pertencentes aos grupos sociais mais vulneráveis – suas trajetórias de inserção profissional, as políticas de assistência ao estudante, suas condições de escolarização, a produção de *habitus* escolar (Freitas, 2006; Pereira, 2005; Pires, 2005; Menezes, 2003b; Picinini, 2006).

⁶ A autora faz uma distinção entre o que chama de currículo formal – aquele claramente documentado nas grades e propostas curriculares – e aquilo que denomina como currículo real – produto da relação entre o currículo formal e as práticas e ações dos agentes escolares.

Se neste conjunto de trabalhos percebemos que o tema da reforma do ensino médio e do ensino técnico é deslocada do centro das problemáticas abordadas, não é de se estranhar que também aqui, coerentemente, os quadros teóricos mostrem singularidades.

Em dois deles as referências à obra de Pierre Bourdieu (2001, 1997, 1988), em especial ao conceito de *habitus*, são centrais. No trabalho de Picinini (2006) a noção de *habitus* dialoga com a de autonomia em Piaget (1982, 1972), numa discussão que aborda as trajetórias dos jovens alunos de instituição de formação técnica, tendo como eixo o conceito de socialização. O trabalho de Freitas (2006) também estabelece uma clara interlocução teórica com a obra de Pierre Bourdieu, particularmente com as reflexões que tratam da reprodução das desigualdades sociais através das práticas escolares e de sua relação com o desempenho acadêmico. O estudo, assim como o anterior, dá especial atenção ao conceito de *habitus*.

O trabalho de Freitas (2004) mantém um quadro teórico de fundamentação bastante semelhante àqueles, já discutidos aqui, que operavam com a reforma do ensino técnico e seus efeitos como eixo da problemática central, ainda que nesse estudo a reforma do ensino técnico seja o contexto no qual o problema, mais amplo, se dá. Nessa tese da área de sociologia,⁷ a autora, afirmando o trabalho como práxis social, opera a interrogação de como formar jovens para ele num contexto de desemprego, no quadro da interação entre escola e setor produtivo, por um lado, e da ambiguidade contida na noção de competências, por outro.

Em três dos trabalhos desse grupo, as referências teóricas são tão diversas quanto as abordagens para as quais servem de fundamentação. São estudos de áreas diferentes. A origem em campos diversos provavelmente explica a diversidade de abordagens e de quadros de fundamentação teórica. Apesar de tantas diferenças, optamos por analisar os três em conjunto porque, em todos eles, os problemas, apesar de não terem como centro a reforma do ensino técnico, elegem, para a investigação, questões relativas aos processos de escolarização de jovens, mas com a peculiaridade de terem sido abertas ou expostas por desdobramentos trazidos pela reforma.

Assim, esses trabalhos contêm discussões que permitem situar suas problemáticas no cruzamento entre as abordagens sobre os processos de escolarização de jovens (especialmente de jovens pobres no quadro da expansão do ensino

⁷ O estudo tem contornos bastante singulares, a começar pela sua origem: nos agradecimentos, a autora da tese, na área de Sociologia, indica que a origem de suas reflexões (o mestrado em educação na UFF) encontra não apenas continuidade num doutorado que, segundo ela própria, traz uma discussão bastante cara ao campo da educação para dentro do programa em Sociologia da UNB, mas também se realiza a partir da manutenção da interlocução dentro de um grupo de pesquisas ligado ao programa de Pós-Graduação em Educação da UFF. É, portanto, uma tese da Sociologia, com um recorte da problemática e desenvolvimento da investigação que deitam raízes no campo de pesquisas de trabalho e educação.

médio no Brasil a partir da década de 90) e os estudos a respeito da reforma do ensino técnico.

No estudo realizado por Pereira (2005) na área de educação, o problema emerge da convivência, numa mesma disciplina, de alunos provenientes de cursos médios diferentes: um dos grupos provém das muitas modalidades de ensino médio oferecido pelo sistema público regular (geralmente estadual), enquanto o outro cursa o ensino médio na própria escola técnica, no sistema de concomitância interna.⁸ Constatada a desigualdade entre os desempenhos dos dois grupos, com prejuízo para aqueles que cursaram o ensino médio na rede pública estadual de escolas, a tarefa da investigação passa a ser a de colher e analisar os muitos determinantes (intra e extra-escolares) para o baixo desempenho dos alunos.

O quadro teórico que dá sustentação à discussão do autor sobre as desigualdades de desempenho fundamenta-se nos autores que discutiram, a partir da década de 80, o problema do fracasso escolar no Brasil. Colares (1992), Valla (1994), Patto (1991) são alguns autores de referência no tema, recuperados na dissertação de Pereira, num quadro referencial que não se repete em nenhum dos trabalhos analisados neste subtema. Nesse estudo, portanto, uma questão que emerge no cruzamento entre a expansão precária do ensino médio e os impasses trazidos pela reforma do ensino técnico é inserida no âmbito de uma das mais discutidas questões do campo da educação brasileira: o fracasso escolar.

Já Menezes, em sua dissertação defendida em 2003, na área de Serviço Social, parte do impasse criado pela reforma, que, ao separar o ensino médio do ensino técnico, imputou a concomitância para os alunos que quisessem obter a formação técnica no decurso do ensino médio, implicando numa formação de horário integral e tornando esse tipo de formação mais custosa. É nesse contexto, de aumento da procura pelo setor de serviço social, e pela bolsa de trabalho oferecida pela instituição, que a autora se propõe a investigar a relação entre a política de assistência ao estudante e sua formação profissional, bem como o significado desta para o aluno da instituição, tendo como elemento mediador o programa Bolsa de Trabalho. O quadro teórico que dá sustentação à pesquisa aborda a educação como um direito no Brasil, estabelecendo uma relação entre este e a reforma do ensino médio. A esses referenciais, a autora agrega a discussão sobre a assistência social, também como um direito.

A dissertação de Maciel, defendida em 2005 na área de Sociologia, num recorte bastante caro à sua área de origem relaciona, em sua problemática, educação, desigualdade e mobilidade social no Brasil a partir de um quadro referencial

⁸ Os cursos de concomitância interna são o reflexo de um dos impasses trazidos por uma reforma que, ao separar o ensino médio do ensino técnico, no quadro geral de um sistema público de ensino médio que se expandia precariamente, criou, no interior das instituições de formação técnica, um problema: como garantir a qualidade de uma formação técnica que necessita de conhecimentos básicos e prévios para se realizar, com um sistema de ensino médio público que se expande no mesmo ritmo com que perde consistência acadêmica?

que posiciona a reforma do ensino técnico no âmbito das relações entre educação e sociedade. Utiliza, ao final, Machado Pais (1993) e Sirinelli (1996) para indagar acerca das formas de entrada na vida adulta (aqui entrada no mundo do trabalho) no quadro das desigualdades que marcam a vida no Brasil, através da investigação de uma instituição de formação no Rio de Janeiro.

Sua singularidade encontra-se exatamente no fato de que, fora da área da educação, aborda o “lugar da escola técnica”, a partir do perfil do jovem que nela estuda. Fortemente calcado em uma bibliografia que aborda a temática da juventude, o estudo traça um perfil sócio-econômico e cultural bastante preciso do jovem estudante do CEFET. Nesse trabalho, é a partir do perfil do jovem que entendemos o lugar da escola técnica no âmbito da reprodução das posições sociais no Brasil.

Os jovens e a escola noturna

Este subtema constitui-se num conjunto de 12 trabalhos que tentam entender a escola noturna, suas especificidades, suas condições de funcionamento, o valor social que lhe é atribuído, as representações que se fazem a seu respeito. Seus atores, especialmente seus usuários, os chamados estudantes trabalhadores, são também objeto de investigação de parte significativa desses trabalhos. Elas interrogam a forma com que a esta escola e o trabalho se relacionam na vida de seus usuários.

Do total de trabalhos há uma tese de doutorado e 11 dissertações de mestrado. Quanto às áreas de conhecimento representadas, temos aqui, como em todo o tema *Escola e Trabalho*, a predominância quase que absoluta da área de educação. Do conjunto de trabalhos deste subtema, apenas uma dissertação de mestrado pertence à área de Sociologia.

“Ensino Noturno” é uma expressão que esconde, aqui, muitos significados. Apesar de todos os trabalhos usarem a escola como lócus da investigação, são tratadas, neste conjunto, instituições de perfis muito diferentes, uma vez que estão submetidas a sistemas educacionais de origens administrativas diversas, em modalidades – regular e EJA – distintas, nos patamares Fundamental e Médio, e em municípios como Goiânia, Porto Alegre, Teresina, Manaus, Belo Horizonte, Teresópolis/RJ e Rio de Janeiro, capital.

Os sujeitos das pesquisas, aqueles a quem ou sobre quem são feitas as interrogações que movem as investigações nos trabalhos aqui reunidos, são os alunos dos cursos noturnos. Nomeados com termos como “jovem trabalhador e estudante”, “aluno trabalhador”, de forma geral caracterizados como a fração de mais precária inserção social e econômica no conjunto da classe trabalhadora, os sujeitos pesquisados aqui, paradoxalmente, continuam muito pouco conhecidos, a não ser naquilo que pensam e esperam da escola.

Com raras exceções, o trabalho, nestas investigações, é discutido de maneira abstrata, condição genérica (a de aluno trabalhador) que serve muito mais para indicar a origem social dos que ocupam os cursos noturnos do que para interrogar esta prática social que, de maneira geral, convive com a escola na vida dos jovens, assim como os efeitos produzidos por esta convivência sobre os processos de escolarização.

A dissertação de Silva (2004b) contraria esta tendência geral. Investigando a não permanência de adolescentes, jovens e adultos na escola, esse trabalho, que opera com o conceito de ancoragem em Moscovici (1978), interroga a capacidade da instituição escolar, em sua modalidade de educação de jovens e adultos, de se constituir em uma referência para alunos adolescentes, migrantes de origem rural, “desenraizados”. Enraizamento/desenraizamento são categorias fundamentais da pesquisa, apresentada teoricamente a partir das formulações de Simone Weil (2001), Eclea Bosi (1994) e Constantino Ianni (1972).

O trabalho também é uma categoria central nessa pesquisa, sendo construído na tessitura mesma das vidas que a investigação persegue. O que nos permite a compreensão dos sujeitos (alunos) para além da escola: o trabalho os faz sair do campo; o trabalho os traz para a cidade; o trabalho os leva à escola; a relação que se estabelece entre trabalho e escola impede sua escolarização.

A conclusão, tímida diante da originalidade na abordagem teórico-metodológica da problemática, aponta para a necessidade de trazer, para dentro da escola, a vida do trabalhador. A autora defende ainda que os conteúdos e metodologias sejam construídos e desenvolvidos a partir das experiências dos seus sujeitos.

Mas os alunos trabalhadores dos cursos noturnos são, antes de tudo, jovens. Cinco investigações incorporam o tema da juventude aos seus conjuntos de preocupações: Terribelle (2006); Dias (2000); Siqueira (2004); Santos (2005) e Goissis (2002). De maneira geral, tais trabalhos, apesar de buscarem suporte teórico em autores que discutem a temática da juventude, e de, portanto, terem um olhar sensível para a questão, o fazem sem incorporar as questões produzidas no âmbito da temática aos problemas enunciados nas pesquisas.

Novamente, é importante apontar as exceções. Dois trabalhos fogem à tendência descrita: o de Deise de Souza Dias (2000), que, apropriando-se da perspectiva de Bourdieu (1983) para o tratamento da questão, afirma a importância do recorte de classe para a análise da juventude, construindo, com sua pesquisa, uma triangulação entre juventude trabalho e escola na maneira de abordar seu objeto. Destacamos ainda o trabalho de Vilma Abdala Goissis (2002), que, partindo da constatação de Dubet (1987) de que a compreensão da vida escolar hoje exige aportes de pesquisa que tomem como objeto a emergência, na escola, de formas de sociabilidade juvenis ainda pouco investigadas, coloca a juventude no centro de uma investigação que busca compreender a crise da escola noturna a partir da perspectiva de seus jovens alunos.

Quanto às problemáticas abordadas, percebe-se que estas interrogam problemas muito diferentes daqueles investigados no primeiro Estado da Arte sobre

o tema. Se na análise feita sobre as teses e dissertações produzidas na área de educação, cobrindo o período que se estende de 1980 até 1998, perguntava-se sobre repetência, evasão e fracasso escolar na escola noturna, hoje, as dissertações e teses que interrogam as relações entre escola e trabalho no ensino noturno, tratam, basicamente, de dois grupos de problemas.

Primeiramente, encontram-se aqueles trabalhos que buscam entender as situações e condições em que se relacionam trabalho e escola na vida do aluno dos cursos noturnos. Neste grupo encontram-se os estudos de Terribelle (2006), Dias (2000), Siqueira (2004) e Silva (2004b).

Destacamos dois deles.⁹ A tese de doutorado de Siqueira (2004), a única do grupo que estuda as condições escolares e de trabalho dos jovens do Ensino Fundamental e do Ensino Médio e da EJA, das escolas estaduais da cidade de Porto Alegre, assim como o significado do trabalho para os jovens, seus pais e seus professores. A pesquisa, realizada em três escolas de Porto Alegre, nos turnos da manhã e da noite, concluiu que o tempo na escola é curto para as tarefas que a instituição necessita desempenhar; as condições materiais da escola e da formação de professores não correspondem nem aos desejos dos alunos nem aos dos professores; não há nas escolas uma política geral que atenda aos que trabalham e estudam.

Em seguida, a dissertação de mestrado de Terribelle (2006), o único dos trabalhos que não pertence à área de educação, originário que é da Sociologia. De objeto delineado, recortado e caracterizado com precisão, o estudo busca compreender a situação de trabalhador estudante vivida pelos jovens que cursam o ensino médio regular noturno, em escolas estaduais da periferia da cidade de Goiânia. Conclui que diante da desestrutura da escola e do trabalho predatório ao qual são submetidos os alunos trabalhadores, o que ainda prende os jovens à escola é o fato de ela figurar como a única possibilidade para um emprego melhor e para a ascensão social, o que, segundo o autor, pode ser demonstrado nas representações destes acerca da instituição.

Em segundo lugar, encontram-se os trabalhos que buscam entender o significado da escola e do trabalho para os jovens alunos do ensino noturno. Neste conjunto, encontram-se os trabalhos de Santos (2005), que pesquisa as condições e o significado da escola e do trabalho, a perspectiva de futuro e a trajetória escolar para jovens de periferia urbana; de Brito Filho (2001), que analisa as representações sociais de professores e alunos sobre o ensino noturno e as influências das condições locais no fracasso escolar; de Silva (2003a), que investiga o valor social dado à escola pública noturna; de Silva (2005a), que se propõe a identificar as representações que os alunos, jovens e adultos, do ensino noturno fazem da escola que vivenciam; de Goissis (2002), que busca compreender a crise da escola noturna a partir das falas de seus jovens alunos trabalhadores; de Soares

⁹ Os trabalhos de Silva (2004) e de Dias (2000) foram já devidamente destacados em parágrafos anteriores.

(2006), que procura entender se a EJA proporciona alguma mudança na vida de seus egressos e o de Navarro (2005), que, percebendo o ensino médio noturno como um espaço de negação dos saberes dos sujeitos que o frequentam, tem por objetivo identificar o significado de estar na escola para os estudantes do ensino médio noturno, assim como suas expectativas em relação a este.

Por fim, fora dos dois eixos de problemáticas que agregam a maior parte dos trabalhos agrupados neste subtema, temos a dissertação de mestrado de Silva (2005b), que se propôs a discutir as políticas para a educação no Brasil, em especial as políticas compensatórias nas quais o trabalho situa a educação de jovens e adultos, através da investigação de programa de EJA no nível médio de uma escola estadual de Goiás, por meio de entrevistas com alunos e professores.

Os trabalhos agrupados neste subtema não possuem um conjunto de problemáticas próprias que permita a identificação de um leque de questões que dê certa autonomia e identidade à temática da escola noturna. Não constituem, pelo conjunto de trabalhos que analisamos a partir do recorte realizado em nossa pesquisa,¹⁰ um campo de estudos. Apesar disso, é possível fazer um breve balanço acerca dos debates evocados pelo conjunto desses trabalhos, a partir das discussões que evocam e das conclusões a que chegam. Neste sentido, são três as grandes questões levantadas aqui.

A primeira delas interroga o significado da escola noturna. São muitas as interpretações presentes nas elaborações contidas nos trabalhos. Não é possível realizar qualquer análise acerca do problema neste artigo, pois os trabalhos que chegam a conclusões que apontam sentidos às vezes conflitantes para a instituição tomam como referência pontos de vista e posições de análise bastante diversos, tornando impossível tanto generalizações quanto comparações. É fato, porém, que a escola noturna é um espaço carregado de significados, e não nos furtaremos, aqui, a expor alguns dos sentidos expressos nesses estudos. Condição para conciliar trabalho e estudo; esperança de dias melhores; espaço de socialização; engodo, falácia; instituição de categoria inferior para alunos trabalhadores, excluídos dos processos regulares de escolarização; espaço propício para a produção de novas formas de sociabilidade, são algumas das formas com que a escola noturna se dá a ver.

A segunda das questões que emerge dos debates acerca da escola noturna refere-se ao tipo de relação mantida por escola e trabalho na vida dos jovens alunos do ensino noturno. A pergunta que se faz aqui é: em que medida os pólos (trabalho e escola) excluem-se mutuamente na vida de seus jovens estudantes? Afinal, o trabalho impede a escolarização? As respostas são muito variadas e oscilam, de forma geral, entre a denúncia do trabalho do jovem como elemento

¹⁰ Quando faço referência ao recorte, quero lembrar que o grupo de trabalhos aqui analisados consiste daqueles que, tratando da escola noturna, o fazem a partir de um viés de análise que permite a emergência da triangulação: juventude, escola e trabalho, no âmbito de sua problemática.

que obstaculiza a escolarização, e uma outra perspectiva, que, buscando compreender a vida dos jovens estudantes, aponta, a partir da perspectiva daqueles sujeitos, trabalho e escola como elementos inseparáveis na socialização dos jovens pertencentes aos grupos populares.

A última das questões, que, se não aparece explicitamente em todos os trabalhos aqui tratados, o faz na maioria deles, podendo aparecer como problema, como dado ou como discussão, e que em certa medida recupera uma das problemáticas centrais identificadas neste mesmo subtema no Estado da Arte que precedeu este estudo, é a da evasão dos alunos nas escolas noturnas.

Por que os alunos não permanecem nas escolas noturnas, parece ser a pergunta que, como questão transversal, perpassa a maior parte dos trabalhos deste subtema. Em dois deles, porém, a questão atinge o núcleo mesmo dos problemas que dão sustentação às pesquisas.

As dissertações “Ou trabalha e come ou fica com fome e estuda: o trabalho e a não-permanência de adolescentes, jovens e adultos na escola em Goiânia” de Ivonete Maria da Silva (2004b) e “O jovem aluno e suas falas: ecos da escola noturna em tempos de novas propostas educacionais” de Vilma Abdala Goissis, defendida em 2002, são dois trabalhos que, a partir de lugares diferentes, interrogam a não permanência dos alunos na escola noturna. Silva o faz a partir do estudo de um grupo de alunos, migrantes rurais, “desenraizados”, que buscam a permanência na escola noturna de educação de jovens e adultos. Goissis estuda os jovens urbanos, alunos de uma escola noturna de ensino médio, desejosos de novos horizontes, de uma nova escola.

Tais trabalhos abordam, de forma absolutamente diversa, a mesma e antiga questão das razões da evasão no ensino noturno. E assim, dessa forma diferentes, e em conjunto com os outros agrupados sob a mesma temática, demonstram, por fim, a atual heterogeneidade da escola noturna.

Escola e trabalho: trajetórias cruzadas e perspectivas juvenis.

O conjunto de trabalhos presentes neste subtema é talvez o único entre os aqui apresentados que trata efetivamente trabalho e escola como mundos que se cruzam. Ele está dividido em dois conjuntos de problemáticas que tratam esse “cruzamento” de mundos a partir de perspectivas diversas. “Trajetórias e experiências juvenis” lida com esse encontro de “mundos” a partir da re-construção das trajetórias (de escolarização e de trabalho) que se cruzam e a partir das experiências relatadas pelos jovens acerca desta convivência. “Escolhas profissionais e perspectivas de futuro”, por sua vez, traz um conjunto de trabalhos que projetam a convivência entre trabalho e escola, colocando em cheque, em alguns de seus mais fecundos momentos, o grau de liberdade do jovem naquilo que toca à escolha de seu futuro profissional.

Neste grupo também não temos um conjunto coeso de problemáticas e muito menos de quadros teóricos consolidados que articulem as argumentações presentes nas pesquisas aqui contidas. Em compensação (novamente com a ressalva dos estudos já destacados nos subtemas anteriores), é neste conjunto que conseguimos perceber com maior clareza as condições, as experiências e os projetos de vida dos jovens.

Se é certo que ainda não podemos dizer que tenhamos aqui um campo de estudos, é possível afirmar, não sem certa ousadia, que particularmente o conjunto de trabalhos que tratam das trajetórias e experiências juvenis constitui uma maneira de abordar a relação entre os jovens, a escola e o trabalho bastante fecunda em sua capacidade de ampliar nosso conhecimento acerca dos jovens e de suas vidas.

Trajelórias e experiências juvenis

Como o longo, difícil e acidentado processo de entrada no mundo do trabalho – que implica frequentes mudanças de emprego, modos de trabalho que incorporam precariedades diversas, tendo na busca de emprego uma das formas mais constantes de atividade – relaciona-se com os igualmente acidentados processos de escolarização nas escolas médias públicas do país? Como os jovens enxergam tais trajetórias? Com que valores as enfrentam e que valores vão produzindo nos caminhos percorridos? Como experimentam o desemprego? Qual o papel do trabalho e da escola em suas projeções de futuro?

Essas são as perguntas feitas ao longo dos onze trabalhos que compõem este conjunto. São todos da área de educação, sendo nove dissertações de mestrado e duas teses de doutorado. O que eles têm em comum é a forma com que abordam a relação entre escola e trabalho. Tratando tanto um quanto outro como processos, tais abordagens conseguem captar as imbricações entre ambos, permitindo-nos a percepção da importância fundamental destes para a entrada dos jovens (em especial daqueles pertencentes aos grupos populares) na vida adulta.

Como em outros subtemas, nove dos onze trabalhos têm suas investigações sediadas em instituições escolares. Um deles toma como base de sustentação o local de moradia dos jovens, uma cidade metalúrgica paulista (Gandolfi, 2001). O outro (Poli, 1999), o departamento de seleção de trabalhadores de uma lanchonete McDonalds da cidade de Campinas. Dos demais trabalhos agrupados neste conjunto, quatro (Ferreira, 2004; Garcia, 2002; Rodrigues, 2001; Queirós, 2001), mesmo buscando o acesso aos jovens informantes a partir de instituições escolares e fazendo da escola o lócus do trabalho investigativo, conseguem explorar a experiência contida na multiplicidade que caracteriza a condição juvenil. Nessas pesquisas, os sujeitos são vistos, ao mesmo tempo, como jovens, como alunos e como trabalhadores.

Nestes casos, é importante frisar, ao contrário do que vimos acontecer na imensa maioria dos trabalhos contidos na temática que nos coube para análise, a centra-

lidade da escola, seja como lócus da pesquisa, seja como núcleo da problemática abordada, não implicou a submissão da condição de jovem à condição de aluno.

A análise das problemáticas permitiu-nos agrupar esses onze trabalhos em três conjuntos. O mais numeroso deles, contendo ao todo sete trabalhos, agrega os estudos que buscam compreender a escola, a escolarização e o trabalho, a partir das representações, dos valores e dos sentidos atribuídos pelos jovens a estes (Dalmaso, 2005; Machado, 1999; Queiros, 2001; Gandolfi, 2001; Poli, 1999; Aguiar, 2002; Silva 2003b).

A seguir, temos os estudos que tratam das trajetórias entabuladas pelos jovens alunos trabalhadores, buscando compreender a dinâmica que organiza as relações entre os mundos da escola e do trabalho nas vidas destes sujeitos (Garcia, 2002; Ferreira, 2004; Rodrigues, 2001).

Por fim, temos a dissertação de Andrioli (2000), que trata do cooperativismo como experiência pedagógica, numa produção em que trabalho e escola, de forma geral tratados como instâncias separadas e até excludentes na experiência dos jovens, se articulam no processo de escolarização. O estudo chega a apontar o caráter novo da forma de gestão dos alunos, mas não chega a tentar relacionar o vigor da experiência à condição juvenil dos mesmos.

As perguntas a respeito das formas de convivência entre trabalho e escola compreendidas nas problemáticas referentes ao conjunto de estudos de que tratamos neste momento estão fundadas em quadros teóricos que, consolidando a importância das discussões em torno das mudanças nas formas de trabalho, mantendo a denúncia acerca da precariedade crescente deste, especialmente naquilo que toca ao tipo de ocupação oferecida à juventude pobre; enfrentando, no âmbito da teoria, o leque de problemas que se abrem com a expansão do ensino médio, no quadro de sua crônica crise de identidade (e que, de acordo com as pesquisas analisadas, vem perdendo, nas instituições públicas, seu caráter propedêutico, sem contudo preparar para o ingresso no mundo do trabalho); agrega a essas bases, na metade dos trabalhos agrupados neste conjunto, as reflexões referentes ao campo de estudos sobre juventude.

É importante esclarecer que, ao contrário do que vinha acontecendo, nos outros dois subtemas que compõem a temática em análise, no conjunto que aqui tratamos, encontramos alguns trabalhos (Queiros, 2001; Gandolfi, 2001; Rodrigues, 2001) em que as questões que envolvem o campo de estudos da juventude são incorporadas aos problemas de pesquisa.

Descreveremos, a seguir, alguns trabalhos que se destacaram no conjunto da produção neste grupo. Começaremos com as teses de doutorado contidas nesse conjunto tratando, primeiramente, daquela de Garcia, defendida no ano de 2002 e que procurou apreender os aspectos preponderantes das práticas e representações dos jovens trabalhadores e estudantes, quanto à educação escolar e ao trabalho, em sua transição para a vida adulta.

Operando com uma abordagem do objeto de pesquisa, ao mesmo tempo precisa e singular, a autora lidou com dados que se cruzavam a partir de três instâncias:

aqueles por ela nomeados como “condicionantes sociais remotos” (tais como políticas econômicas e sociais nacionais), os “condicionantes sociais próximos” (instituições tais como família e escola), e, finalmente, as trajetórias dos alunos, suas representações e seus projetos de vida.

A partir daí, a autora nos leva a concluir que as trajetórias dos jovens decorrem da combinação de fatores sociais e individuais, envolvendo estratégias familiares, fatores intra-escolares, do trabalho e, também, fatores próprios da conjuntura social mais ampla e colocando-nos em contato com uma realidade complexa, marcada por heterogêneas trajetórias escolares e de inserção no mundo do trabalho, diversificados projetos de futuro e representações acerca dos sentidos da educação e dos sentidos do trabalho, múltiplas práticas de sociabilidade, a despeito de todos os jovens pesquisados terem origens sociais semelhantes.

Em seguida, temos a tese de Machado, que, apresentada em 1999, interroga as representações dos alunos acerca dos conhecimentos adquiridos na escola e do valor desses conhecimentos para o seu desempenho no trabalho, a partir de uma análise comparativa realizada em 3 escolas localizadas em regiões com características sócio-econômicas diferentes na cidade de São Paulo, e atendendo a um conjunto de alunos que possuem características diversas. A autora, sem tratar “juventude” como eixo analítico central de seu trabalho, contribui para que conheçamos mais profundamente as condições de vida dos jovens, na variedade dos grupos sociais que compõem as classes trabalhadoras.

Ela conclui demonstrando, por um lado, que o modo de conciliar trabalho e estudo diferencia-se conforme a localização da escola, que a trajetória ocupacional do aluno depende do local de moradia e, às vezes, do gênero destes, e que o que os jovens esperam da escola de ensino médio é, dentre outros, preparação para desempenho no trabalho, convívio social e compreensão do mundo contemporâneo.

A seguir, destacamos três trabalhos pela forma com que o conjunto de problemas ligados ao campo da juventude foi incorporado às problemáticas que os fundamentam. Já citados anteriormente, o trio composto pelas produções de Gandolfi, Queiros e Rodrigues, todos apresentados no ano de 2001, serão apresentados.

Gandolfi (2001) trata da relação formulada por seis adolescentes, provenientes de famílias metalúrgicas de São Bernardo do Campo, sobre o sentido do trabalho e da escolaridade nessa fase da vida, num momento em que se assiste ao dilaceramento da condição operária, com a crise do paradigma fordista/taylorista. A questão que orienta o estudo é: como os jovens têm concebido o trabalho e a escolaridade neste contexto? Como as novas gerações pensam trabalho e escola, num quadro bastante diferente daquele com o qual as famílias operárias tiveram que lidar em um passado recente?

A partir de uma pesquisa qualitativa, e utilizando um referencial teórico fortemente influenciado pelas ciências sociais, o estudo conclui que, no grupo de jovens fortemente referenciados pelos valores da família operária, o ideal da ascensão pela escola predomina. Por outro lado, no único jovem em que a influência familiar toma rumos mais complexos, naquela em que o padrão de

existência familiar se afasta daquele seguido pelo restante dos jovens estudados, o modelo de referência para com a escola e o trabalho se modifica. Para o sujeito criado fora dos padrões regulares da família operária local, a escola reduz sua importância à certificação. Os outros jovens, apesar de fazerem indicações de que a escola desempenha um papel importante em suas vidas, apontam o desejo por um ensino norteado pela instrumentalização do saber.

Em trabalho cujo propósito foi o de investigar o universo sócio-cultural do jovem aluno trabalhador, temos Queiros (2001), que a partir de uma pesquisa de abordagem qualitativa, num trabalho empírico de grande riqueza em termos tanto dos dados levantados quanto de sua interpretação, permite-nos compreender a forma com que uma determinada faixa da juventude pobre experimenta os mundos da escola e do trabalho, e a importância de ambos na construção de suas identidades, autonomia e sociabilidade. São analisados ainda o significado do lazer, da religiosidade, da cultura, permitindo-nos traçar um quadro bastante denso dos valores e experiência dos jovens alunos trabalhadores, pertencentes a determinado grupo social.

Finalmente, o trabalho de Rodrigues, defendido em 2001, propõe-se a revelar os caminhos que levam jovens a retomar o EM, no curso noturno, em busca de melhores oportunidades de emprego, suas dificuldades neste trajeto e a avaliação das dificuldades e dos resultados desse empreendimento.

Através da análise das variações contidas nas formas de relação entre escola e trabalho na experiência de um conjunto de jovens pertencentes a um estrato social comum, a autora analisa as variações nas formas de relação entre escola e trabalho, a fim de compreender a importância relativa da escola de ensino médio nos tempos atuais.

Os casos estudados na pesquisa permitem à autora afirmar que a conclusão do ensino médio tende a ser um fator de ampliação da empregabilidade, quando conjugado a certo grau de inserção de um indivíduo (ou de uma população) no mercado de trabalho.

Escolhas profissionais e perspectivas de futuro

Como o jovem antecipa, projeta e enfrenta (ainda na escola) seu futuro profissional? Quais as motivações mobilizadas na realização de suas opções? Quais são os sujeitos e instituições determinantes na realização da escolha? Qual o papel da escola e, mais especificamente, do ensino médio, no acúmulo das condições necessárias para que as projeções de futuro, no âmbito do trabalho, envolvam, efetivamente, escolhas?

Essas são algumas das perguntas fundamentais que o presente conjunto de trabalhos busca responder. São 11 trabalhos num grupo composto exclusivamente de dissertações, todas pertencentes à área de Educação. Aqui se encontram as produções que, de maneira geral, abordam o tema da orientação profissional ou ocupacional de alunos em processo de finalização do ensino médio.

Trajetória ocupacional, escolha de carreira, expectativas ocupacionais, estratégia de inserção profissional, expectativas em relação ao mercado de trabalho, projetos de carreira e de profissão, são problemas que apontam nuances nas formas de abordar a escolha profissional dos jovens, núcleo da temática que predomina neste conjunto.

Todos os trabalhos aqui tratados fazem suas pesquisas com alunos do ensino médio regular e, a partir de escolas deste tipo, interrogam, mais ou menos explicitamente, o sentido deste patamar de ensino, na esteira da crise de identidade que se abate sobre o ensino médio e sua proposta formativa, no longo processo que marca sua expansão.

Antes de iniciarmos a descrição dos trabalhos em suas problemáticas específicas, é importante esclarecermos que nem todas as dissertações que tratam da orientação profissional e da escolha de carreira estão contidas no conjunto que aqui apresentamos. Algumas das produções, por conta da especificidade teórica relativa à natureza do debate travado, foram alocadas na temática dos “Estudos psicológicos” acerca da juventude, área de tradição no tratamento do tema da orientação profissional. Ficaram localizados na temática relativa às relações entre escola e trabalho aquelas que, tratando dos problemas concernentes à orientação profissional, buscaram mesclar (ou, em alguns casos, romper) a perspectiva teórica de fundamentação psicológica, tradicional neste campo do conhecimento, com problemáticas e fundamentações teóricas que estendem a “escolha profissional” ao âmbito das relações sociais.

Três estudos operam no registro dos trabalhos sobre escolha profissional e de carreira, com referencial ainda grandemente influenciado pelos estudos psicológicos (Teodoro, 2005; Serpa, 2003; Bastos, 2005, Taioli, 2005). Destacamos o de Teodoro (2005), que discute o alcance explicativo da perspectiva exclusivamente psicológica no tratamento do tema, colocando em cheque a própria noção de “escolhas” profissionais. No desenrolar de seu estudo, a autora conclui que as escolhas possíveis dependem de um conjunto de fatores que determinarão os graus de liberdade para tais escolhas, as quais variam, em cada história pessoal, em relação aos determinantes envolvidos, parte significativa destes de caráter social.

Destacamos ainda a dissertação de Alves (2004), que busca identificar e compreender os fatores e os atores que mais influenciam na aspiração e na escolha profissional de estudantes da terceira série do ensino médio. A autora, em uma pesquisa que parte da distinção entre aspiração e escolha profissional, investiga não somente os elementos que fazem a mediação entre uma e outra, mas interroga as formas de produção de ambas. Ao final, conclui pela absoluta ausência de suporte por parte das instituições de referência (as escolas) dos jovens neste difícil momento de decisão, fazendo do futuro profissional uma escolha quase que aleatória.

É necessário destacar ainda o trabalho de Pires (2005) pelo esforço em relacionar, no interior da temática aqui tratada, escola, trabalho e juventude, no quadro da atual forma de manifestação da crise de sentido do ensino médio.

Três dissertações (Budim, 2004; Nascimento, 2002 e Ferraz, 2006) tratam das representações, expectativas e estratégias de inserção profissional de alunos que terminam o ensino médio. Esses trabalhos mostram os impasses vividos por esses sujeitos, que terminam um patamar de escolarização que é hoje exigência mínima para a profissionalização, em condições que não lhes garante, por um lado, preparação suficiente para ingresso na universidade, sem oferecer-lhes, por outro, qualquer tipo de preparação para a inserção no mundo do trabalho.

Finalmente, dois trabalhos recuperam as discussões em torno da noção de vocação como determinante para a escolha profissional: um deles (Nascimento, 1999), evocando o antigo debate circunscrito ao âmbito da formação de professores, recupera a dicotomia vocação/profissão (atualizando-a) para interrogar os motivos pelos quais os jovens ingressam no magistério hoje. O outro (Moreno, 2005), mais radical na interrogação da vocação, busca construir sua fenomenologia, num claro debate para com as teorias da escolha profissional.

Conclusão

O conjunto da produção discente presente na temática que analisamos está circunscrito a uma das três áreas de conhecimento contempladas neste Estado do Conhecimento sobre Juventude. Como já deve estar claro, a quase totalidade dos trabalhos aqui presentes (94%) pertence à área da Educação. Por isso, seria interessante lembrar que de uma década para cá se implementa uma expansão significativa no número de trabalhos produzidos, a partir da expansão e da multiplicação de programas de pós-graduação no país. Sabemos que tal expansão não se restringe à área da Educação, mas ela é particularmente expressiva nesta área.

Os mecanismos de controle e de regulação desta expansão delimitaram prazos fixos e, em geral, pequenos para a dos estudos de mestrado e de doutorado, o que, para uma área cuja tradição em pesquisa apenas inicia seu processo de consolidação, não constitui um determinante de pouca importância.

A premência do tempo, aliada à multiplicação de programas e à frágil tradição em pesquisas, poderia ser uma chave para justificar a ausência quase que completa de estudos de ampla amostragem. Os trabalhos operam, basicamente, com pesquisas qualitativas.

Ocorre que na ampla maioria desses trabalhos (e as exceções estão destacadas no corpo deste texto) percebemos alguns problemas. Em primeiro lugar, uma preocupação excessiva para com a delimitação teórica do objeto, sem que essa preocupação se manifeste na delimitação do campo ou do objeto da pesquisa. Isso faz com que a investigação tome a forma de um simples exercício de confirmação de hipóteses, aparentemente já dadas como verdadeiras desde o momento de sua apresentação. Este é um problema particularmente presente nos subtemas que

tratam da reforma do ensino técnico e da escola noturna. São estudos que acabam por operar com categorias abstratas, derivadas da teoria, que mais testam do que interpretam ou interrogam a prática.

Em segundo lugar, mas não menos importante, percebemos o problema fundamental do alcance possível para as análises e conclusões dos estudos de campo. Todos já conhecemos a regra segunda a qual os estudos são generalizáveis, uma vez explicitadas as condições específicas de sua produção. É necessário, portanto, por um lado, ser absolutamente claro na descrição dos passos e etapas que envolveram o processo de realização da pesquisa. Por outro lado, é necessário ser claro também na delimitação do campo da pesquisa, pois é a partir deste núcleo bem definido que derivam não só as conclusões possíveis para as interrogações da investigação, mas, sobretudo, a partir daí é possível estabelecer o alcance das mesmas.

Desta forma, ao tratarmos um conjunto de trabalhos que, declaradas as exceções, ou realizam pesquisas de campo como exercícios de confirmação de quadros teóricos que se repetem, ou acumulam dados extraídos de objetos precariamente delimitados e definidos, acabamos por nos deparar, ao final, com um conjunto que, se, por um lado, inegavelmente contribui para que tenhamos uma compreensão mais extensa de alguns dos problemas que envolvem as relações entre os processos de escolarização e sua convivência para com a prática ou a formação para o trabalho na vida dos jovens, por outro, forma um conjunto fragmentário, parcial e irregular.

Quanto aos vértices do triângulo dos quais esta temática é a síntese – escola, trabalho e juventude –, se os trabalhos aqui presentes trazem algumas contribuições importantes, como de resto deve ter ficado suficientemente claro na análise dos subtemas, é importante também destacar brevemente que o conjunto deixa lacunas.

O delineamento do tema – a convivência entre escola e trabalho na vida de jovens durante o ensino médio ou técnico – acabou por circunscrever os estratos sociais dos jovens “cobertos” pelo conjunto dos trabalhos às frações baixas das camadas médias e ao conjunto dos grupos populares. Ficaram de fora desta temática os estratos superiores e as frações mais dinâmicas das camadas médias.¹¹

¹¹ Mesmo as produções que tratam de estudos que dialogam com o campo de estudos da orientação profissional, onde poderíamos encontrar uma discussão a respeito da orientação para o trabalho, ainda durante o ensino médio, para jovens pertencentes às camadas médias e superiores, não estão representados no conjunto de trabalhos tratados nesta temática. Os trabalhos aqui alocados, em diálogo com as discussões que envolvem a orientação profissional, de forma geral, interrogam as escolhas de carreira como produto de escolhas pessoais, problematizando mesmo as possibilidades de escolha em condições sociais adversas, e, ao mesmo tempo, fazendo a crítica da conduta das escolas médias públicas no tratamento da questão. Os poucos trabalhos que tratam das escolhas profissionais entre os grupos médios e superiores de jovens, por sua abordagem calcada nos estudos psicológicos, foram encaminhados ao tema que agrega os trabalhos que operam com esta fundamentação.

Por outro lado, a multiplicação das formas e das modalidades de ensino médio e de ensino técnico, como frutos visíveis de sua expansão e reforma, são muito claramente perceptíveis no conjunto dos trabalhos aqui tratados. Lê-los é entrar em contato com a multiplicidade e com a desigualdade de condições e de experiências de ensino médio presentes no país. É ainda fazê-lo a partir dos inúmeros pontos de observação e de análise adotados nas pesquisas: das políticas públicas (aquelas que trazem efeitos diretos sobre as instituições como as que determinam a estrutura e a função das instituições, como outras, aparentemente acessórias, mas que acabam por ter efeitos importantes, tais como as políticas de assistência aos estudantes); dos projetos pedagógicos de formação técnica ou média; dos eventos, amostras e feiras escolares; dos agentes escolares (especialmente os alunos), suas características sócio-econômicas, seus hábitos culturais, sua visão da escola que frequentam, da formação que obtêm, de seus projetos e possibilidades de continuidade escolar.

É verdade, contudo, que as análises sobre as escolas, na riqueza das formas variadas descritas, o fazem, no mais das vezes, no quadro teórico das relações econômicas. Com exceção de três trabalhos,¹² a reforma dos ensinos médio e técnico e a expansão da escola, em especial a de ensino médio, não são abordados em termos dos impactos gerados no interior dos próprios sistemas de ensino. Os problemas de como os sistemas se reorganizam, produzindo novas hierarquias internas, novos espaços de excelência; a forma com que os agentes escolares posicionam-se frente aos novos ordenamentos, a forma com que os jovens estudantes posicionam-se frente a essas mudanças, não são problemas abordados, a não ser como questões periféricas.

De toda forma, se é possível traçar um panorama bastante rico em informações sobre as formas de cursar a educação média e técnica no país, para jovens de determinadas camadas sociais, não se pode dizer o mesmo sobre as contribuições referentes ao trabalho dos jovens, se tomarmos como referência a produção discente agregada sob esta temática. Como já foi mencionado durante a análise dos subtemas, a discussão sobre o trabalho na vida dos jovens tomou delineamentos bastante diferentes ao analisarmos coletivamente cada um desses subtemas: no primeiro, a discussão ficou circunscrita à formação técnica, e submetida à avaliação e aos efeitos da reforma nesta modalidade de ensino; no segundo, o trabalho foi usado, basicamente como adjetivação de aluno dos cursos noturnos.

O terceiro dos subtemas foi o único dos três em que foi possível reunir um conjunto de problemáticas que trataram escola e trabalho como mundos que se cruzam, promovendo uma efetiva ampliação do conhecimento acerca da dimensão destas instituições de socialização nas vidas dos jovens.

Em um artigo recentemente publicado, Frigotto (2008) nos instiga a pensar o trabalho, ao mesmo tempo, como construção histórica e como processo tecido cotidianamente. Como construção humana, ao mesmo tempo, simbólica e concreta. Ao tomar de empréstimo a formulação de Wolfgang Leo Maar, recupera,

¹² Os estudos já descritos e destacados de Mendes (2000), Maciel (2005) e Brito (2002).

utilizando como referências para sua argumentação a favor da polissemia da categoria trabalho, pensadores que buscam na pesquisa e na análise sistemática, sem se afastarem dos fundamentos da análise de Marx, a saturação das categorias e conceitos fundamentais nesta forma de pensamento e obedecendo simultaneamente ao movimento mais universal do sistema do sistema do capital e àquele concernente às formações histórico-sociais específicas.

Tensionando as interpretações literais da obra do autor alemão, Frigotto nos ajuda a enxergar que, se a história carece da coerência que abunda no pensamento racional, é ela, no mais das vezes, mesmo correndo os riscos da confrontação para com processos de difícil apreensão, que nos permite, pelos caminhos contraditórios da realidade concreta, contribuir para sua transformação.

Mas, mesmo levando em consideração as lacunas apontadas, estas pesquisas, em suas mais fecundas contribuições, foram capazes de tornar mais complexa e mais matizada, interrogando mesmo, em determinadas circunstâncias, a perspectiva, corrente no âmbito das teorias críticas acerca das relações entre educação e sociedade, de que as origens sociais comuns correspondem aspirações profissionais e destinos sociais semelhantes.

Mostram ainda que as condições diversas e desiguais de escolarização, em suas muitas composições com forma variadas de incursão no mundo do trabalho, correspondem, por parte dos jovens a elas submetidos, a uma gama variada de perspectivas, fundamentais se não nos contentarmos somente em descrever os jovens como a fatia de mais precária inserção no mundo do trabalho e quisermos ousar compreender o significado desta posição para os sujeitos que a ocupam.

Por isso, entendemos, é na reconstrução direta, precisa e detalhada das experiências e representações dos jovens acerca da temática que aqui analisamos, por um lado, ou, por outro, de forma indireta, na descrição de suas trajetórias de escolarização e de trabalho, é nestas abordagens, concentradas num dos subtemas, mas também presentes em trabalhos isolados nos demais conjuntos deste balanço, que está contida a perspectiva que emerge com maior vigor no conjunto das produções aqui contidas.

Referências bibliográficas

- BOSI, Eclea. *Memória e Sociedade: lembrança de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BOURDIEU, Pierre e PASSERÓN, Jean Claude. *A Reprodução : elementos para uma teoria do sistema de ensino*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.
- BOURDIEU, Pierre. A Juventude é apenas uma palavra. In: BOURDIEU, Pierre. *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- BOURDIEU, Pierre. *La Distinción: critérios y bases sociales del gusto*. Versão espanhola de Maria Del Carmen Ruiz de Elvina. Madrid: Altea, Taurus, Alfragará, 1988.

- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1997.
- BOURDIEU, Pierre. *Meditações Pascalinas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- COLLARES, Cecília . Ajudando a desmistificar o fracasso escolar. *Ideias*, n.6, 1992
- DUBET, Françoise. *La Galère: jeunes en survie*. Paris: Fayard, 1987.
- FRIGOTTO, Gaudêncio. A Polisssemia da categoria trabalho e a batalha das idéias nas sociedades de classe. *Revista Brasileira de Educação*, v. 14, n. 40, Janeiro/abril de 2009.
- KUENZER, Acácia. Ensino Médio agora é para a vida: entre o pretendido, o dito e o feito. *Educação e Sociedade*. Ano XXI, n. 70, abril de 2000.
- LENINE. *O Estado e a Revolução*. São Paulo: Hucitec, 1978.
- MACHADO PAIS, José . *Culturas Juvenis*. Lisboa : Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1993.
- MARX, Karl. Da Manufatura à Fábrica. In: GORZ, André. *Divisão social do trabalho e modo de produção capitalista*. Porto-Portugal: Publicações Escorpião, 1976.
- MARX, Karl. Crítica da Economia Política: o processo de produção do capital. In: MARX, Karl. *O Capital*. São Paulo: Abril Cultural, Livro 1, Vol. 1, 1983.
- MOSCOVICI, Serge. *A Representação social da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- PATTO, Maria Helena de Souza. *A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia*. São Paulo: T.A. Queiróz, 1991.
- PIAGET, Jean. *A epistemologia genética*. Petrópolis: Vozes, 1972.
- PIAGET, Jean. *O nascimento da inteligência na criança*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- RAMOS, Marize. A educação profissional pela pedagogia das competências e a superficialidade dos documentos oficiais. *Educação e Sociedade*, n. 80, vol 23, setembro de 2002.
- SIRINELLI, J. F. A Geração. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e FIGUEIRA, Janaína P. Amado Batista (Orgs). Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996.
- VALLA, Victor Vincent. Fracasso escolar e a democratização da escola pública. *Ideias*, n 23, 1994.
- WEIL, Simone. *O enraizamento*. São Paulo: EDUSC, 2001.

Teses e Dissertações analisadas

EDUCAÇÃO

Teses

- GARCIA, Dirce Maria Falcone. **Juventude em tempo de incertezas: enfrentando desafios na educação e no trabalho**. 2002. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, São paulo, 2002.
- MACHADO, Marlene Marques. **Ensino Médio na Escola Pública Noturna frente às novas demandas sociais**. 1999. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

- MENDES, Sonia Regina. **Cursos técnicos pós-médios : um estudo sobre educação profissional.** 2000. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.
- OLIVEIRA, Francisca Clara de Paula. **O Novo sistema de educação profissional brasileiro: análise crítica da experiência cearense.** 2005. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, 2005.
- SIQUEIRA, Janes Terezinha Fraga. **A Luta do Jovem estudante trabalhador nas escolas estaduais de PoA: um estudo de caso.** 2004. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2004.
- VIANNA, Cleide Maria Quevedo Quixada. **O ensino médio noturno sob o signo da reforma: implicações na formação do trabalhador.** 2001. Dissertação (mestrado em educação) – Universidade Federal do Ceará, Ceará, 2001.

Dissertações

- AGUIAR, Eliane Nascimento. **A inserção dos jovens no mercado de trabalho (enfoque sobre os valores e princípios morais que regem essa inserção pesquisando os valores dos alunos do ensino médio do colégio Pedro II – Unidade de São Cristóvão III – RJ).** 2002. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.
- ALBUQUERQUE, Stella Lima. **A educação e o mercado de trabalho.** 2002. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Paraíba, Paraíba, 2002.
- ALE, Maria Beatriz Sandoval Filartiga. **A seleção para o trabalho e a sua interface escolar: uma análise marxista.** 2002. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Paraná, 2002.
- ALVES, Emília. **A face oculta do ensino policial militar e a formação do jovem policial.** 2004a . Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Espírito Santo , Espírito Santo, 2004a .
- ALVES, Simone do Carmo. **Formação da Identidade Profissional: um produto de relações sociais?.** 2004b. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2004b.
- ANDRIOLI, Antonio Inácio. **Trabalho coletivo e educação: um estudo das práticas cooperativas do PCE – programa de cooperativismo nas escolas – na região fronteira noroeste do estado do Rio Grande do Sul.** 2000. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2000.
- BARBOSA, Gisela Amaral. **A Reforma do ensino técnico: avanço-retrocesso imposto.** 2001. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Pelotas, Rio Grande do Sul, 2001.
- BASTOS, Juliana Curzi. **Trajetória de egressos do ensino médio público no município de Juiz de Fora: a questão da escolha profissional.** 2005. Dissertação (Mestrado em educação) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais, 2005.
- BRITO, Wanderlei Azevedo. **O “novo” ensino médio: entre o discurso e a realidade.** 2002. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Católica de Goiás, Goiás, 2002.

- BRITO FILHO, Galdina Toscano. **Ensino Noturno: representações sociais de professores e alunos**. 2001. Dissertação (Mestrado em educação - Universidade Federal da Paraíba, Paraíba, 2001.
- BUDIM, Elisa. **Expectativas e aspirações sobre projetos de carreira e de profissão entre alunos da terceira série do EM do colégio Estadual “Dr Carlos Firpo”**. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Sergipe, Sergipe, 2004.
- CARVALHO, Adriana Leite. **Escolas técnicas de enfermagem em Juiz de Fora: a quem atendem? .** 2003. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Católica de Petrópolis, Rio de Janeiro, 2003.
- COELHO, Carlos Alberto Gouvêa. **Preparando para o trabalho ou preparando para a vida? O caso da formação de técnicos de eletrônica no CEFET-RJ**. 1999. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999.
- CRUZ, Marilza Larraganhas da. **Educação e Trabalho: a negação de um direito – os jovens do ensino médio**. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Mato Grosso, Mato Grosso, 2005.
- DALMASO, Tereza Maria Copetti, **Educação e trabalho no contexto da escola pública de ensino médio em tempos de crise civilizatória: um estudo de caso**. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, Rio Grande do Sul, 2005.
- DIAS, Deise de Souza. **Jovem aluno trabalhador do ensino médio: articulação entre trabalho e educação**. 2000. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2000.
- FERRAZ, Roberto. **Ensino médio e preparação da juventude para o mercado de trabalho: contradições**. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.
- FERREIRA, Adélia Doraci de Oliveira. **“A batalha pela sobrevivência no mundo do trabalho”: trajetórias ocupacionais de egressos do ensino fundamental**. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, 2004.
- FREITAS, Sonia Maria Pereira. **Educação profissional e qualidade de ensino: traçando um perfil sociográfico dos estudantes da EAF, Alegre, ES**. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação Agrícola) - Universidade federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.
- GANDOLFI, Cristiane. **A relação entre escola e trabalho na ótica de jovens de São Bernardo do Campo, provenientes de famílias metalúrgicas**. 2001. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001.
- GOISSIS, Vilma Abdala. **O jovem aluno e suas falas: ecos da escola noturna em tempos de novas propostas educacionais**. 2002. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, 2002.
- MANSOR, Paulo Robson. **Egressos da escola agrotécnica federal de Alegre e sua inserção regional**. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação Agrícola) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

- MATIAS, Irlene dos Santos. **Centro Federal de Educação Tecnológica do Amazonas: uma reflexão sobre as condições de ingresso, permanência e evasão.** 2003. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2003.
- MENEZES, Marilusi Machado. **A estrutura modular da formação do técnico profissional no contexto das novas exigências de qualificação para o mundo do trabalho: o caso do Centro Federal de Educação Tecnológica do ES - CEFET/ES.** 2003a . Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Espírito Santo, Espírito Santo, 2003a .
- MIRANDA, Antonio Carlos. **A importância do ensino profissionalizante básico para adolescentes de baixo poder aquisitivo, diante das novas exigências do mercado de trabalho.** 2002. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas , São Paulo, 2002.
- MORENO, Ivanilze Valéria dos Santos Lima. **Projeto de vida e escolha profissional: fenomenologia da vocação.** 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais, 2005.
- NASCIMENTO, Manoel Nelito Matheus. **Expectativas educacionais e ocupacionais no contexto do capitalismo contemporâneo: um estudo com alunos do ensino médio público.** 2002. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas , São Paulo, 2002.
- NASCIMENTO, Verônica Salgueiro. **A escolha pelo curso normal: para além do discurso da vocação.** 1999. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Ceará, 1999.
- NAVARRO, Karina da Motta. **O Significado da escola para o jovem estudante do ensino médio noturno.** 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2005.
- PEREIRA, Marcos Gonçalves. **O perfil do aluno egresso do EM e análise comparativa do processo de ensino-aprendizagem com os de concomitância interna : estudo de caso na disciplina Topografia.** 2005. Dissertação (Mestrado em Educação Agrícola) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.
- PEREIRA-LIMA, Eliane Figueras. **Escola técnica Irmão Pedro: mudanças no ensino técnico de nível médio.** 2002. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2002.
- PICCININI, Terezinha Backes. **Trajetórias de jovens em processo de inserção profissional do curso técnico de eletrotécnica e curso técnico em química na escola estadual técnica S. João Batista /Montenegro, RS, no período de 2001 a 2004.** 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do sul, Rio Grande do Sul, 2006.
- PIRES, Sonia Maria. **O Jovem, o ensino médio e as expectativas com relação ao mercado de trabalho: um estudo de caso.** 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Metodista de São Paulo, São Paulo, 2005.
- POLI, Cristina Maria. **Ensino médio profissionalizante: quem o quer ? A quem ele serve? .** 1999. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade estadual de Campinas, São Paulo, 1999.

- PORTO, Márcia Maria Coimbra. **Educação Profissional e Emprego: um estudo de caso de egressos dos cursos técnicos do CEFET-GO.** 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2004.
- QUEIROZ, Edna Mendonça Oliveira. **Trabalho diurno/escolarização noturna: o cotidiano do jovem trabalhador.** 2001. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Católica de Goiás, Goiás, 2001.
- RODRIGUES, Dirce Spedo. **Ensino Médio como fator de empregabilidade entre jovens das camadas populares.** 2001. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.
- SANTOS, Rita Pereira. **Trajetórias de escolarização de jovens de classes populares: elementos para uma análise da relação sociedade, educação e trabalho.** 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Amazonas, Amazonas, 2005.
- SERPA, Helvécio Savedra. **As representações sociais sobre escolha profissional na adolescência.** 2003. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Católica de Petrópolis, Rio de Janeiro, 2003.
- SILVA, Carmem Andrea. **Trajetórias em conflito com a lei em cumprimento das medidas sócio-educativas, em Belo Horizonte.** 2003b. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2003b.
- SILVA, Cecília Maria. **Educação de Jovens e Adultos Trabalhadores: a experiência do Programa Integração.** 2004 a. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2004 a.
- SILVA, Ivonete Maria. **“Ou trabalha e come ou fica com fome e estuda”: o trabalho e a não-permanência de adolescentes, jovens e adultos na escola em Goiânia.** 2004b. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Goiás, Goiás, 2004b.
- SILVA, Josélia Saraiva. **A representação social da escola noturna: uma construção psicossocial do espaço escolar.** 2003a. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Piauí, Piauí, 2003a.
- SILVA, Kátia Dumard. **As Representações de escola vivenciadas pelos alunos, jovens e adultos, no ensino noturno do município de Teresópolis – RJ, e suas influências no trabalho profissional.** 2005a. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005a.
- SILVA, Suely dos Santos. **Educação de Jovens e adultos: implicações da escolarização básica, noturna e tardia.** 2005b . Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Goiás, Goiás, 2005b.
- SOARES, Sonia Ribas de Souza. **As contradições na vida e no trabalho dos alunos da EJA em Porto Alegre/RS: um estudo de caso.** 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2006.
- STONE, Jorge Kraemer. **Formação profissional Contábil - Um Desvelar de Significados.** 2000. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2000.
- SUHR, Inge Renate Fröse. **Os propósitos da reforma do ensino médio e os desígnios do mercado: o olhar de recrutadores e de jovens inseridos no**

- trabalho.** 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Paraná, 2004.
- TAIOLI, Sergio. **Imaginário e adolescência: o trajeto antropológico no processo de orientação profissional.** 2005. Dissertação (Mestrado em educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.
- TAVARES, Ilda Maria Santos. **Dá Licença, eu vou embora: um estudo sobre o fenômeno da evasão escolar na escola técnica federal de Sergipe.** 2002. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, Sergipe, 2002.
- TEODORO, Elinilze Guedes. **Escolhas profissionais de adolescentes em carreiras técnicas no Centro Federal de Educação Tecnológica do Pará.** 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Pará, Pará, 2005.
- UNGARETTI, Regina Leitão. **Ensino técnico - uma incompletude capaz de reconciliar o inseparável: fazer e ser.** 1999. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia universidade Católica do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 1999.
- VIEIRA, Lucio Olímpio de Carvalho. **escola ao trabalho: competência e inserção profissional, na visão dos estudantes de química da escola técnica da UFRGS.** 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2006.
- VRUBEL, Joarez. **Educação tecnológica: realidade e utopia da formação profissional em uma escola técnica federal.** 2000. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Paraíba, Paraíba, 2000.

SERVIÇO SOCIAL

Dissertações

- MENEZES, Joselene Estácio. **A Bolsa de trabalho como instrumento de direito para o aluno do CEFET-AL.** 2003b. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Universidade Federal de Pernambuco, Pernambuco, 2003b.

SOCIOLOGIA

Teses

- FREITAS, Maria da Conceição da Silva. **Educação profissional da Juventude na Crise do emprego.** 2004 . Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2004.

Dissertações

- MACIEL, Claudia Monteiro. **O lugar da Escola Técnica frente às aspirações do mercado de trabalho.** 2005. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.
- TERRIBELLE, Alexsandra de Oliveira. **Juventude, trabalho e ensino noturno: um estudo sobre os jovens da periferia de Goiânia.** 2006. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal de Goiás, Goiás, 2006.

*Os estudos sobre grupos juvenis:
presenças e ausências*

Elmir de Almeida¹

Ao longo do Século XX, as Ciências Sociais do mundo acadêmico norte-americano ou europeu têm examinado determinados modos de agir dos jovens, pertencentes a distintos estratos sociais, que desembocaram em formas associativas diversas, o que possibilitou uma sólida tradição de estudos sobre esse fenômeno social. O movimento elementar que tem caracterizado a produção de conhecimentos sobre a juventude e suas formas associativas articula-se a partir de três dimensões inter-relacionadas: a compreensão sistemática da dinâmica societária, a constatação de problemas sociais, econômicos, culturais e de poder emergentes e/ou recorrentes e o problema de teoria social ou de pesquisa (Canclini, 2006 e 2007; Foracchi, 1982; Lenoir 1999; Melucci, 1997; Sposito, 1989, 1997, 2002 e 2009).

Alberto Melucci e Nestor Garcia Canclini (2007) corroboram minha afirmação. Melucci (1997) defende a ideia de que para melhor entender as tendências emergentes da cultura e da ação juvenil temos que considerá-las mediante a combinação de uma perspectiva macro-sociológica entrelaçada às experiências individuais na vida diária, pois a juventude, em decorrência de suas condições culturais e biológicas, é o conjunto social mais diretamente exposto aos dilemas da construção histórica do tempo e da realidade social na contemporaneidade, “o grupo que os torna visíveis para a sociedade como um todo.” (Melucci, 1997: 8). Canclini se aproxima de Melucci, ao afirmar que o avanço no estudo da juventude e das experiências juvenis em qualquer sociedade se dá quando formulamos uma indagação social, quando empreendemos “uma averiguação sobre o sentido intercultural do tempo”, não apenas em função das características etárias da juventude, mas porque é a sociedade que deseja apreender as mutações do presente e como começa seu futuro: “a averiguação sobre o que significa ser jovem é também uma pergunta pelo tempo” (Canclini, 2004: 209).

¹ Doutor em Educação, professor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – USP.

Não é o caso de aprofundar as contribuições produzidas pelas diferentes escolas ou paradigmas elaborados sobre as formas associativas juvenis, mas é oportuno trazer algumas referências do acima afirmado.²

Ao discorrer sobre as perspectivas de atuação da Escola Chicago, no início do século XX, Howard Becker (1996)³ observou que pelo menos dois temas marcaram a agenda de investigação daquele centro: o primeiro era dedicado à compreensão da sociedade norte-americana do período, preocupação que se articulava aos problemas de organização e desenvolvimento da cidade e da vida urbana.⁴ O segundo, co-relacionado ao primeiro, se voltava para o que era tomado como “problema da delinquência juvenil” ou das “gangues de jovens”. Para Becker tais questões implicavam, simultaneamente, problemas de “reforma social”,⁵ de socialização das novas gerações e de “teoria social”.

Outra contribuição das Ciências Sociais norte-americanas proveio de William Foote Whyte⁶ (2005), que, na primeira metade do século XX, imergiu no cotidiano de um bairro popular de migrantes, situado na cidade de Boston, interagiu com distintas gerações de migrantes e se voltou à compreensão de grupos juvenis lá organizados – os *corner boys* e os *college boys*. Whyte, entre outras, deu especial atenção às sociabilidades juvenis, às relações de poder predominantes no interior de suas formações coletivas, àquelas que modulavam as interações como o

² Balanços mais ou menos abrangentes sobre a temática estão disponíveis nos textos de Dubet (1987), Criado (1998), Pais (2003), Feixa (2006), Sposito, (1989), Zaluar (1997), Freire, 2005; Weller (2005).

³ Becker assinala que integrou a segunda geração de pesquisadores e docentes da Escola de Chicago.

⁴ Segundo Becker, Robert E. Park, à época um dos organizadores do Departamento de Sociologia e Antropologia da Universidade de Chicago, tinha uma ideia central sobre a história do mundo, sobre o que estava ocorrendo, e a resumia da seguinte forma: “hoje, o mundo inteiro ou vive na cidade ou está a caminho da cidade; então, se estudarmos as cidades, poderemos compreender o que se passa no mundo”. (1996: 180).

⁵ Para Zaluar, a partir da compreensão das “zonas ecológicas” e dos “territórios da cidade”, os investigadores da Escola de Chicago construíram vínculos entre a “desorganização social e a violência, zona de transição e criminalidade, violência urbana e juventude”. De acordo com a autora, a teoria sociológica que singularizava aquele centro de investigações, no período, era a da “desorganização social”; sublinha, ainda, que a Escola de Chicago inovou os estudos urbanos ao desenvolver investigações sistemáticas sobre as “gangues”. Para a autora, dois trabalhos marcaram a produção daquela Instituição, na década de 1920: o de Frederic Trasher, *The gang* (1927), e o de Louis Wirth, *The ghetto* (1928). (Zaluar, 1997: 17)

⁶ A pesquisa de Whyte foi realizada enquanto ele estava filiado à Universidade de Harvard, porém os resultados obtidos em sua investigação da sociabilidade juvenil de Corneville serviram para que defendesse seu doutoramento no Departamento de Sociologia da Universidade de Chicago (Velho, 2005); cf., ainda, Eisenstadt (1968: 14). A versão brasileira do trabalho de Whyte é extremamente recente, datando de 2005.

universo adulto e aos padrões de lealdade dominantes entre jovens no interior de seus coletivos.

Se, nos primeiros estudos sobre os grupos juvenis desenvolvidos pela Escola de Chicago, os coletivos jovens foram apreendidos mais como negatividade, expressões de relações anômicas resultantes da desordem social, grupos marcados pela homogeneidade de condutas e valores,⁷ o estudo de Whyte já os apresenta sob outro enfoque; ainda que dê relevância a certa homogeneidade étnica, destaca também os aspectos diferenciadores existentes entre os coletivos, e por vezes em seu interior. Whyte demonstra a capacidade que tinham em produzir alianças, tensionamentos, atritos entre eles; os coletivos juvenis estudados não são inteiramente marcados pela passividade e negatividade, naturalmente frutos da anomia, mas demonstram o quanto são ativos, pois demarcam e se apropriam de territórios, transitam por diferentes esferas da vida e do cotidiano – lazer, esportes, trabalho precário, agem entre os mundos do lícito e do ilícito.

Entre as décadas de 40 e 60, Talcott Parsons e James Coleman contribuíram para adensar a compreensão dos agregados e cultura juvenis. Parsons os apreendeu no universo social da classe média⁸ americana e a partir de experiências que os jovens formalizavam no interior da escola secundária (*high school*). Segundo esse autor, a expansão das oportunidades de escolarização tinha propiciado a constituição de um mundo juvenil, produtor de cultura também juvenil (*teenagers*), com autonomia relativa da sociedade includente e seu universo adulto, com modos de agir, valores, regras, representações, códigos de lealdade, formas de solidariedade, produção de tensões e conflitos produzidos autonomamente (Parsons, 1968; Eisenstadt, 1968⁹). De acordo com Parsons, os grupos juvenis e sua “cultura” eram produções sociais funcionais à dinâmica societária mais ampla e um importante espaço a favorecer a transição do mundo privado parental para a vida pública, enriquecer seus processos identitários e de transição para a vida adulta.¹⁰ James Coleman, por sua vez, ao estudar a sociedade de adolescentes no contexto americano, referenda e adensa as

⁷ É preciso ressaltar, no entanto, que as pesquisas lá desenvolvidas tiveram o mérito de considerar as variáveis sociais dos comportamentos dos jovens, nem sempre relacionando suas condutas coletivas ao crime. Trasher concluiu em seu estudo sobre as gangues que elas representavam uma modalidade de ação típica de jovens, relativizando o peso do crime organizado nessas formas de agregação.

⁸ Becker afirma que uma diferença básica entre os modos de pensar dos investigadores da Escola de Chicago e as formas de pensamento de investigadores de outros centros norte-americanos – como, por exemplo, Harvard e Colúmbia – residia na compreensão e no uso predominante da noção de “interação simbólica”, diferentemente de autores como Talcott Parsons e Robert Merton que davam maior atenção às noções de “organização social” e “estrutura social” (2005).

⁹ S. Eisenstadt também contribuiu para a compreensão dos grupos juvenis, conforme se pode constatar no livro *De geração à geração*. Um pequeno excerto dessa obra encontra-se em Eisenstadt (1968: 13-30).

¹⁰ Sobre as contribuições e os limites das formulações de Parsons, cf. Sposito (1989).

formulações de Parsons, demonstrando, empiricamente, que o fenômeno das culturas juvenis decorria no interior de um complexo quadro de mudanças econômicas e socioculturais, envolvendo o incremento dos processos de industrialização e de comunicação de massas nos EUA, o que desembocava em irrefutáveis processos de diferenciação nas relações sociais e parentais e contribuía para a emergência dos “grupos de coetâneos” e suas “subculturas juvenis”, portadoras de códigos próprios de comunicação, símbolos específicos e “sistemas de valores” relativamente diferenciados dos esposados pelos adultos (Coleman, 2008: 112).

A partir de outros enquadramentos e preocupações, a articulação entre “sociedade–problemas sociais–teoria social” também está presente nas investigações realizadas no CCCS da Universidade de Birmingham, nos anos da década de 1970. As abordagens que seus pesquisadores puseram em prática situavam-se de modo “equidistante de duas representações dominantes e estereotipadas da cultura juvenil, a formulada pela tradição da Escola de Chicago” e as formulações que, na Inglaterra, compreendiam os jovens trabalhadores como artífices de uma “cultura de consumo juvenil homogênea – um bloco social solidamente integrado (...) prenúncio da prosperidade” que se estenderia a todos. (Freire Filho, 2005: 140) A partir de tais conexões seus pesquisadores investigaram a juventude e suas formas associativas menos a partir do conceito de “cultura juvenil”, e mais fortemente sob o ângulo das “subculturas”¹¹ e “estilos juvenis”, produtos de relações sociais que cumpriam

A função latente de (...) expressar e resolver, ainda que seja ‘magicamente’, as contradições que permanecem escondidas e não equacionadas no seio da cultura parental. A sucessão de subculturas pode ser considerada como diversas variações em torno de um tema central: a contradição ao nível ideológico entre o puritanismo tradicional da classe trabalhadora e a nova ideologia do consumo, em um nível econômico entre a elite ascendente e o novo *lumpen*. [As subculturas e os estilos juvenis] representam todos, de formas diferentes, um intento de reparar alguns dos elementos de coesão social destruídos no interior da cultura parental. (Cohen, *apud* Feixa, 2006: 87)

Ainda nas décadas de 1980 e 1990, nos meios acadêmicos, americano e europeu, veem-se emergir críticas aos temas, pressupostos e metodologia circunscritos pelos estudos das “culturas juvenis” – as “contraculturas” e as “subculturas juvenis”. Uma delas proveio da sociologia da socialidade e do tribalismo maffesoliano, que, aplicando o conceito de tribo aos aglomerados juvenis, os definiu como caracterizados pela emotividade, a fluidez e a volatilidade, por ajustamentos pontuais, a dispersão, a fragilidade e a exacerbada estetização do corpo e movimentos. Para Maffesoli,

¹¹ Críticas aos avanços e limites desta perspectiva teórico-metodológica de compreensão da juventude, dos grupos juvenis e suas culturas, podem ser encontradas em Dubet (1987), Pais (2003), Feixa (2006), Zaluar (1997) e Freire (2005).

é assim que podemos descrever o espetáculo da rua nas megalópoles modernas. O adepto do *jogging*, o *punk*, o *look retro*, os ‘*gente de bem*’, os animadores públicos, nos convidam a um incessante *travelling*. Através de sucessivas sedimentações constitui-se tal ambiência estética que, pontualmente, pode ocorrer essas ‘condensações’ instantâneas (Hocquenghen-Scherer), tão frágeis, mas que, no seu momento, são objeto de forte envolvimento emocional. (Maffesoli, 1987: 107)

Outro veio crítico provém dos chamados estudos pós-subculturais que, beneficiando-se de contributos do tribalismo, da sociologia bourdesiana do gosto, das formulações teóricas da performatividade, das noções da sociedade do espetáculo e do consumo, tencionaram fazer um balanço do paradigma das subculturas juvenis, posto que o conjunto dos resultados obtidos pelos estudos do CCCS sobre essas subculturas e sua apropriação pelos meios da cultura da mídia e do consumo “se revela datado, frente à (...) profusão e volatilidade de estilos, formas e práticas (sub)culturais”, outros críticos foram além, pois insistiram que a “teoria subcultural” estava irremediavelmente enganada desde seus primórdios” (Freire Filho, 2005: 140-1). Os críticos dos estudos culturais argumentam que a

relação entre jovem, música, estilo e identidade, no terreno social cambiante do novo milênio, em que fluxos globais e subcorrentes locais se rearticulam e reestruturam de maneira complexa, produzindo novas e híbridas constelações culturais. Como consequência (...) proliferaram terminologias (canais, subcanais; redes temporárias de subcorrentes; cenas; comunidades emocionais; culturas club; estilos de vida; neotribos), em substituição ao conceito. (Freire Filho, 2005: 142)

José Machado Pais (2003), ao se debruçar sobre a tríade “sociedade–problemas sociais da juventude–problema sociológico da juventude”, critica os modelos teórico-metodológicos de compreensão da juventude, dos grupos e culturas juvenis, na perspectiva estrutural-funcionalista como nas produções dos pesquisadores de CCCS/ Birmingham. Pais defende a ideia de que uma perspectiva teórico-metodológica mais fecunda para a análise da juventude consistiria num olhar multi e interdisciplinar de maneira a apreender os modos de agir dos jovens no interior dos ritmos da vida cotidiana, lugar onde os jovens tecem “culturas juvenis”, exercício social no qual os atores juvenis combinam continuidades/descontinuidades.¹² Pais adota a perspectiva metodológica do “curso de vida”, para compreender as formas de transição dos jovens para a vida adulta e desvelar suas produções culturais. Tal ferramenta permitiria um exame mais abrangente sobre os vínculos que atam o “tempo pessoal e o tempo histórico, o tempo de transição e o tempo de sincronização, as trajetórias individuais e as estruturas sociais” (Pais, 2003: 72-75).

¹² De algum modo, tal proposição também está presente nas reflexões de Alberto Melucci (1997).

O estudo dos grupos juvenis e suas culturas nas Ciências Sociais brasileiras é tardio e oscilante. Eles se inauguram com os estudos sociológicos de Marialice Mencarini Foracchi, que investiga o significado da ação estudantil na sociedade brasileira nos anos 60. Foracchi se beneficia dos estudos produzidos pela Escola de Chicago, mas, sobretudo, das formulações sociológicas de Karl Mannheim (Foracchi, 1965; 1982). Importa aqui considerar que nos estudos desenvolvidos pela autora a articulação entre sociedade, juventude e teoria social era central, conforme observou Martins: Foracchi, ao trabalhar o tema de uma “personagem marginalizada, destituída de poder, como o jovem e o estudante, (...) tocava diretamente nos processos políticos fundamentais de nossa sociedade” (Martins, 1982: 9). Após os trabalhos de Foracchi sobre os jovens e a ação estudantil, os esforços de investigação sobre as temáticas da juventude, seus grupos e movimentos sofreram uma visível estagnação. O tema foi relegado a uma posição marginal no campo das pesquisas acadêmicas, pois pouco se realizou “para ampliar e aprofundar o conhecimento sociológico da juventude, das relações entre as gerações, das relações entre classe social e geração, das relações entre trabalho e o estudante” (Martins, 1982: 8).

De modo geral, somente nos anos da década de 1980 e 90, período da redemocratização da sociedade brasileira, é que se verifica uma retomada dos estudos sobre a juventude, tanto no âmbito das Ciências Sociais como no da Educação. No âmbito das Ciências Sociais as pesquisas se voltaram para a tematização de expressões juvenis contemporâneas pela mediação de práticas culturais, com o fito de compreender o contexto social – interno e externo – em que elas emergiam e adquiriam visibilidade no espaço público. Nessas investigações encontramos referências às produções europeias e norte-americanas sobre as culturas juvenis em seus variados paradigmas: contraculturais, subculturais, pós-subculturais, sendo exemplos dessa produção os trabalhos de Janice Caiaffa (1986), *Movimento punk na cidade: invasão dos bandos sub*, de Maria Eduarda Guimarães (1988), *Do samba ao rap: a música negra no Brasil*, de Hermano Vianna (1988), *O mundo funk carioca*, de Helena Abramo (1992), *Grupos juvenis nos anos 80 em São Paulo: um estilo de ação social*, de Kenia Kemp (1993), *Grupos de estilo jovens: o “rock underground” e as práticas (contra)culturais dos grupos “punks” e “trash” em São Paulo*, de Micael Herschmann (1997), *Abalando os anos 90: funk e hip hop, globalização, violência e estilo cultural*; na área das Ciências Sociais, tivemos, também, as produções de Márcia Regina Costa (1992), *Carecas do subúrbio: caminhos de um nomadismo moderno* e a de Glória Maria dos S. Diógenes (1998), *Cartografias da cultura e da violência – gangues, galeras e o movimento hip hop*.

Na área da Educação, os estudos sobre a juventude, os jovens e suas formas associativas foram escassos, por várias razões, e adquirem algum impulso a partir dos anos da década de 1990, por meio de indagações diversificadas.¹³ Desse momento, são marcos de referência de produção acadêmica na área dois trabalhos de Marília Pontes Sposito, *A sociabilidade juvenil e rua: novos conflitos e ação coletiva na*

¹³ Cf. Sposito (1989 e 2009).

cidade (1993) e *Algumas hipóteses sobre as relações entre movimentos sociais, juventude e educação* (2000). A partir da tríade já indicada, consoante uma perspectiva de não-especialização dos estudos em Sociologia e ancorando-se em teóricos da ação coletiva e dos movimentos sociais, Sposito refletiu sobre as potencialidades e os limites das novas identidades coletivas, no contexto das lutas sociais urbanas pela democratização da sociedade brasileira e da expansão da escola básica para os segmentos juvenis das camadas populares (Sposito, 1989).

Contudo, é preciso concordar com Corti & Sposito (2002) que por aqui, e em particular na área de Educação, ainda “temos pouca tradição teórica” e de estudos empíricos sobre aquelas expressões sociais, pois há um evidente descompasso entre a produção acadêmica nacional e a internacional. Este balanço buscou verificar, também, até que ponto as produções discentes aqui consideradas contribuíram para alterar o estatuto que lhes foi conferido no levantamento anterior e demonstrar se os estudos sobre os grupos juvenis recentemente realizados deram densidade ao campo de estudos da juventude.

Balanço quantitativo dos estudos sobre grupos juvenis

No primeiro Estado do Conhecimento sobre estudos no campo da juventude elaborados na área da Educação, o tema dos grupos juvenis foi incluído no conjunto categorizado como *Juventude e temas emergentes*, que aglutinou 39 dissertações e teses, de cujo total apenas 8 dissertações se ocuparam das formas associativas juvenis. As produções discentes então analisadas foram compreendidas como um campo de estudos que à época ainda não tinha adquirido “tradição de pesquisa nos vários assuntos investigados, tendo assumido importância, cada vez maior, durante a década de 90”¹⁴ (Corti & Sposito, 2002: 289). Neste levantamento, considerando o período 1999-2006 e as três áreas científicas por ele cobertas, tendo sido identificados 64 trabalhos discentes sobre “grupos juvenis”:¹⁵ 21 estudos (33%) tendo sido produzidos em Programas de Pós-Graduação em Educação, 41 deles (64%) em Programas de Ciências Sociais, ao passo que somente 02 trabalhos (3%) provieram de Programas de Serviço Social.

Dos 1.427 estudos analisados, as dissertações e teses sobre grupo juvenis figuram na oitava posição dos temas pesquisados, igual lugar de posicionamento ao dos estudos sobre jovens negros. Entretanto, podemos observar que os estudos sobre a temática ocupam a primeira posição na área das Ciências Sociais, situação

¹⁴ Composto por pesquisas que recobriam quatro temas distintos: i) *grupos juvenis* (8 trabalhos); ii) *violência* (11); iii) *os adolescentes e a mídia* (13) e iv) *jovens e adolescentes negros* (4).

¹⁵ Dos 64 trabalhos discentes, não foi possível acessar 9 estudos: na área da Educação, o de Santos (2006), nas Ciências Sociais, os de Grande (2001), Donato (2001), Torres (2005), Souza (2006), Mattos (2006), Albuquerque (2006) e Santos (2006).

que não encontra similaridade nos conjuntos de trabalhos desenvolvidos nas áreas da Educação e do Serviço Social, nas quais o tema grupos juvenis está posicionado nas 14^a e 13^a posições, respectivamente, tal como apresentado na Tabela 1.

Embora o número de estudos produzidos nas Ciências Sociais englobe mais de 50% dos 64 trabalhos considerados, é preciso esclarecer que eles estão assim distribuídos: 21 foram realizados em Programas de Pós-Graduação em Antropologia, 19 provieram de Programas em Sociologia e apenas 1 foi elaborado em um Programa de Ciência Política (cf. Tabela 1).

Tabela 1 – Frequência e posicionamento do tema grupos juvenis no conjunto de estudos da juventude, por área científica, 1999-2006

Área	Fa e % Juventude	Fa e % Grupos juvenis	Posicionamento no interior de cada área e no total
Educação	971 (68%)	21 (2,16%)	14°.
Ciências Sociais	312 (21,7%)	41 (13,1%)	2°.
<i>Antropologia</i>	21	-	-
<i>Sociologia</i>	19	-	-
<i>Ciência Política</i>	01	-	-
Serviço Social	144 (10,1%)	02 (1,37%)	13°.
Total (100%)	1427 (100,0%)	64 (4,47%)	8°.

É impossível não observar o baixo número de estudos sobre grupo juvenis desenvolvidos na área de Educação; apesar de se constituir um campo poroso a diferentes temas não imediatamente relacionados ao universo institucional escolar, os dados acima levam a crer que os pesquisadores vinculados à área da Educação ainda apresentam resistências em considerar o jovem para além da figura do aluno/estudante, bem como têm dificuldades para reconhecer e legitimar outros espaços/tempos nos quais os atores juvenis agem – individual ou coletivamente –, exercitam autonomamente processos de criação cultural, de relações de poder, gestam representações a partir de seus próprios modos de socialização e sociabilidades, fora do alcance do “instituído e instituinte grupo escola” (Cândido, 1964) ou de outras esferas socializadoras tradicionais como a família e o trabalho.

No período apreciado, mesmo havendo um aumento absoluto de dissertações e teses sobre o tema, verifica-se certa retração do interesse investigativo pelo mesmo, comparativamente ao primeiro balanço, em que foram identificados 08 estudos pós-graduados em Educação. Nesta nova incursão, foram mapeados apenas 21 trabalhos discentes – 15 dissertações e 06 teses. Em termos relativos, o percentual de estudos demonstra um crescimento residual em relação ao constatado no primeiro estado da arte, que cobriu 18 anos da produção discente. Na área do Serviço Social e da subárea da Ciência Política foram identificados apenas 02 estudos, em cada uma. É razoável supor que na área do Serviço Social as escolhas e os interesses temáticos se voltem mais para adolescentes e jovens que vivem

situações de vulnerabilidade ou risco e menos para as formas associativas de base jovem. Já na Ciência Política é plausível considerar que os discentes de seus Programas de Pós-Graduação, quando estudam os segmentos juvenis, se sentem mais sensibilizados por questões que envolvem os jovens e o universo do poder e suas instituições – Estado, agremiações partidárias – ou aos problemas ligados às relações da juventude com o sistema ou valores políticos, em seu conjunto.

Dos 64 estudos, 52 (81,3%) foram desenvolvidos em nível do mestrado e 12 (18,7%) em nível de doutorado. Estes dados indicam que a frequência de pesquisas de doutoramento sobre a temática, em termos relativos, foi ligeiramente maior do que a constatada para o conjunto total de teses do atual Estado da Arte, 16,6%, tal como indicado na Tabela 2. Contudo, os dados são incontestáveis e evidenciam que o fenômeno social dos grupos juvenis despertou um maior interesse investigativo de pós-graduandos situados na soleira da formação acadêmico-científica no país, o que significa que a escolha realizada no mestrado não necessariamente venha a se repetir no nível posterior de formação, situação que pode ser tomada como um indicador para a não consolidação da temática como um eixo de pesquisa nos Programas de Pós-Graduação nas três áreas.

Tabela 2 – Números e percentuais de dissertações e teses sobre juventude e sobre grupos juvenis, por área científica, 1999-2006

Áreas Científicas	Juventude			Grupos Juvenis		
	<i>Total Juventude 100%</i>	<i>Fa e % Dissertações</i>	<i>Fa e % de Teses</i>	<i>Total Grupos Juvenis 100%</i>	<i>Fa e % Dissertações</i>	<i>Fa e % Teses</i>
Educação	971	823 84,7%	148 15,2%	21	15 71,4%	06 28,6
Ciências Sociais	312	243 78,0%	69 22,1%	41	36 87,8	05 12,2
Serviço Social	144	123 85,4%	21 14,5	02	01 50,0%	01 50,0%
Total Geral	1427	1189 83,2%	238 16,6%	64	52 81,3%	12 18,7%

Para os 64 trabalhos, tem-se um conjunto de 52 docentes-orientadores; desses, poucos orientaram mais de um estudo, nas três áreas; os resultados da relação orientador/orientações nesta temática contribuíram para a assinalada dispersão entre número de orientadores por número de orientações no conjunto geral dos estudos. Todavia, nesta temática temos 10 docentes-orientadores com mais de um trabalho orientado e 04 docentes que orientaram entre 2 e 4 estudos, casos de Márcia Regina Costa¹⁶ (PUC/SP), Marília Pontes Sposito (USP), Gilberto Cardoso Alves Velho (UFRJ) e José Guilherme C. Magnani (USP), conforme disposto no

¹⁶ Falecida em junho de 2007.

Quadro 1. Entretanto, é preciso atentar para o fato de que no campo dos estudos pós-graduados da juventude Márcia Regina Costa, no âmbito da Antropologia, e Marília Pontes Sposito, no âmbito da Sociologia, são as docentes que mais orientaram dissertações e teses, desde os anos iniciais da década de 90. Estes não seriam, necessariamente, os casos de Gilberto Velho e Magnani, pois os estudos que ambos orientaram sobre juventude e grupos juvenis estão manifestamente articulados às preocupações centrais das investigações que os dois antropólogos desenvolvem há décadas: o primeiro com consolidada produção científica sobre o mundo urbano, o indivíduo e as religiões no interior das sociedades complexas (Velho, 2006); Magnani, por sua vez, desde seu inovador trabalho sobre cultura popular e lazer no espaço urbano (Magnani, 1984), vem figurando como uma referência incontestante no âmbito da antropologia urbana, com acúmulo de estudos sobre o urbano, seus atores coletivos, e os modos como os mesmos circulam e se apropriam dos espaços metropolitanos; duas coletâneas organizadas por Magnani, com estudos sobre os circuitos de lazer, encontro e sociabilidade juvenil na metrópole paulistana referendam tal afirmação (Magnani & Torres, 1996; Magnani & Souza, 2007). Por fim, é preciso destacar a presença de Janice Tirelli P. de Souza (UFSC), docente vinculada à Sociologia Política, com mais de uma orientação; responsável pela condução de 7 estudos sobre juventude, a docente também orientou dois trabalhos sobre grupos juvenis, expressões do Núcleo de Estudos da Juventude Contemporânea – NEJUC, da UFSC, coordenado por Tirelli.¹⁷

Quadro 1 – Orientadores com dois ou mais trabalhos orientados sobre juventude e sobre grupos juvenis, segundo área do conhecimento, 1999-2006

Ciências Sociais			Educação		
Orientadores	No. Orientações		Orientadores	No. Orientações	
	Juventude	Grupos Juvenis		Juventude	Grupos Juvenis
Márcia Regina Costa	14	4	Marília Pontes Sposito	10(*)	3
Gilberto Cardoso Alves Velho	4	3	Rogério Cunha Campos	5	2
José Guilherme Magnani	3	3			
Irllys Alencar Firmo Barreira	5	2			
Janice Tirelli Ponte de Sousa	7	2			
Lília Katri Moritz Schwarcz	3	2			
Lília Maria Junqueira	4	2			
Luciana Teixeira de Andrade	2	2			
Luiz Henrique Toledo	2	2			
Myriam Sepúlveda dos Santos	2	2			

(*) Com orientação de estudos discentes em mais de uma área científica

¹⁷ Cf. CNPq/Base Lattes e <http://www.nejuc.ufsc.br>

Se os indicadores demonstram que entre 1999 e 2006 o tema adquiriu reconhecimento por discentes e docentes-orientadores de Programas de Antropologia e Sociologia, o mesmo não se verificou nas áreas de Educação e Serviço Social. Embora tenhamos um aumento absoluto dos estudos sobre as formas associativas juvenis e se verifique uma relativa diversificação de experiências coletivas pesquisadas, foram outros 7 temas que incrementaram o campo de estudos da juventude entre 1999-2006. Se a temática dos grupos juvenis foi considerada emergente no balanço anterior, na área de Educação, neste é preciso observar a necessidade de novos esforços investigativos no âmbito dos estudos pós-graduados para tirá-lo da posição que ocupa e dar-lhe outro estatuto.

Elementos comuns e aspectos diferenciadores nos trabalhos sobre grupos juvenis

Nesta incursão, a quase totalidade dos autores se voltou para a investigação das formas associativas juvenis que articularam e orientam suas ações no campo da cultura ou lazer, abordando os grupos ou agregados a partir dos conceitos de “movimento social juvenil”, “culturas”, “contracultura”, “subcultura” ou grupos de “estilo”. Assim temos que a maioria das dissertações e teses (49) se dedicou à investigação do movimento *hip-hop* (e suas quatro vertentes ou eixos expressivos), do movimento *punk*, dos góticos, dos *straight edges*; outras produções se dedicaram ao estudo dos jovens e suas vinculações com o *funk*, o *heavy metal*, a música eletrônica dançante, o forró universitário, o maracatu, as bandas estudantis, o grafite, a pichação, a dança de rua, a capoeira, a confecção de fanzines. No interior deste subconjunto de trabalhos, 5 se distinguem por não se voltarem ao estudo de experiências coletivas juvenis vinculadas a expressões artístico-culturais, mas a agregados ou movimentos que agem em torno da *culture jamming*,¹⁸ do *roleplayng* – RPG, do *surf*, do movimento *antiglobalização* e do movimento do *passe livre* e poucos no espaço virtual da *Web*. Do total de trabalhos apreciados, 6 abordaram as relações entre grupos juvenis e o universo escolar e 5 se voltaram ao exame das relações entre as condutas juvenis e a violência.

Tal mapeamento permitiu ordenar o total de dissertações e teses em 4 subtemas: 1) *grupos juvenis, formas de aparecimento e expressões*; 2) *grupos juvenis e as vivências de seus integrantes*; 3) *grupos juvenis e educação escolar* e 4) *grupos juvenis e violência*. Na Tabela 3, dispomos os trabalhos discentes a partir da reordenação dos mesmos em subtemáticas, por áreas do conhecimento.

¹⁸ *Culture jamming*, expressividade coletiva juvenil envolvida com a produção de críticas e paródias sobre produtos publicitários e bens de consumo de grandes corporações empresariais.

Tabela 3 – Grupos juvenis, por áreas do conhecimento e subtemas

Subtemas	Áreas do Conhecimento					Totais (%)
	Ciências Sociais			Educação	Serviço Social	
	Antropologia	Sociologia	Ciência Política			
Grupos juvenis, formas de aparecimento e expressões	10	09	-	05	-	24 (37,5%)
Grupos juvenis e as vivências de seus integrantes	08	07	1	10	2	28 (44,0%)
Grupos juvenis e educação escolar	01	-	-	06	-	07 (11,0%)
Grupos juvenis e violência	02	03	-	-	-	05 (8,0%)
Totais	21	19	1	21	2	64

Algumas considerações já podem ser extraídas sobre as escolhas e os recortes efetuados pelos discentes dos Programas de Pós-Graduação das áreas selecionadas para promover as incursões no campo de estudos da juventude. A primeira diz respeito ao escasso interesse dos discentes em se envolverem com estudos que contemplem as relações entre os grupos de jovens e a violência, sobretudo nas áreas da Educação e do Serviço Social, subtemática que foi abordada apenas por 5 estudos provenientes de Programas da área de Ciências Sociais (cf. Tabela 3).¹⁹

No conjunto dos trabalhos, somente um reduzido percentual não toma a “categoria juventude” como uma referência analítica para o desenvolvimento da investigação, em seus diferentes tempos: concepção, trabalho de campo, sistematização e interpretação dos resultados obtidos na empiria. Em alguns trabalhos constata-se que os jovens são incorporados à pesquisa apenas como um suporte para a exploração da temática escolhida pelo autor, casos, por exemplo, dos estudos que se voltaram à problematização dos processos que culminam com a configuração de uma determinada cultura ou estilo juvenil ou os modos de aparecimento e os sentidos de suas ações no espaço público. Assim, é preciso considerar que a adscrição ao campo dos estudos das juventudes não se fez de uma única forma: tendo em vista os interesses mobilizados e o problema delimitado para a investigação, há autores que recortaram determinadas dimensões do campo; há outros que apenas o tangenciaram, há outros ainda que adentraram o campo e, no seu interior, realizaram escolhas, fizeram opções por uma ou várias perspectivas teórico-metodológicas, o que implicou a escolha de determinados autores já posicionados no campo, ou seja, no interior dele buscaram se situar e ocupar uma posição.

¹⁹ A este respeito consultar o artigo introdutório desta coletânea.

Em muitos trabalhos é possível encontrar um problema de pesquisa claramente delimitado, porém há uma parcela de estudos em que os autores demonstraram ter um tema geral de investigação, mas não conseguiram dela extrair e delimitar uma questão mais precisa. Assim, os temas ou problemas de pesquisa mais recorrentes foram: 1) as formas de socialização, sociabilidades e processos identitários de jovens vinculados a grupos de estilos musicais, de dança ou coletivos de outra natureza; 2) as representações, percepções, sentidos ou significados que jovens produtores de culturas, ou envolvidos com um estilo específico, formulam sobre a realidade social em que estão inseridos: a escola, a periferia, o bairro, a favela, o local, a cidade, a metrópole, a sociedade; 4) dinâmicas e impasses nos processos de produção e reprodução do estilo, das culturas ou dos movimentos. Somente no conjunto de estudos da área de Educação e em uma tese oriunda de um Programa de Pós-Graduação em Antropologia encontram-se análises sobre as relações entre grupos juvenis e a educação escolar.

Outra característica comum às dissertações e teses se refere às abordagens ou estratégias metodológicas adotadas pelos pesquisadores para abordarem os temas ou problemas investigados: em 61 das 64 dissertações e teses, os autores escolheram formas de abordagem que os filiaram ao campo da pesquisa qualitativa. Encontram-se nos trabalhos opções pelo estudo etnográfico, pelo estudo de caso, pela pesquisa participante. Assim, foi dominante o uso de procedimentos tais como a observação participante, a observação, o registro, o diário de campo, as entrevistas (com o predomínio de roteiro semi-estruturado ou livre), o questionário estruturado (com questões abertas e/ou fechadas), as conversas ou diálogos assistemáticos, em tempo real ou virtual, a análise de conteúdo de letras de música, material gráfico ou imagens. Em dois trabalhos verifica-se apenas a análise do conteúdo de letras de música associada à análise documental (do impresso ou do documento disponível na *Web*). Apenas um estudo, realizado em Programa de Pós-Graduação em Ciências Políticas, a estratégia metodológica filiou-se à pesquisa quantitativa: um *survey*, com estruturação de um banco de dados, em que o instrumento de coleta foi disponibilizado na Internet e o tratamento do resultado parcial foi encaminhado mediante suporte da estatística descritiva.

Não são poucos os trabalhos da área da Educação em que o autor define que seu estudo é de “perfil etnográfico”, de “características etnográficas”, de “ênfase etnográfico” ou ainda de “contornos etnográficos”. Não se trata, aqui, de deslegitimar a pertinência de tal estratégia para a aproximação e o envolvimento como os sujeitos e sua cultura no campo nativo. Ela indica os movimentos positivos de aproximação e diálogo dos pesquisadores da área da Educação com disciplinas próximas nas Ciências Sociais, em específico a Antropologia. Mas é preciso observar que o uso contumaz desta “perspectiva de metodológica” sugere a constituição de um emergente padrão de estudo ou uma “forma de trabalho” de natureza qualitativa. Contudo, nos estudos que seguiram tal perspectiva raramente se encontram justificativas teóricas que deem sustentação à escolha efetuada; assim, seria possível indagar: “o perfil etnográfico” do estudo residiria

na identificação e apropriação de contributos produzidos em alguma das vertentes teórico-metodológicas da Antropologia?²⁰ Ancorar-se-ia no que Cardoso de Oliveira (1996) denominou como “faculdades do entendimento sócio-cultural” que entrelaçam os movimentos do “olhar, ouvir e escrever”? Ou, ainda, estabeleceria uma sintonia com o “sistema de ideias e valores que são próprios” da Antropologia, entre elas a “observação participante e a relativização”?²¹ Tais justificativas ou outras similares estão presentes em um número reduzido de dissertações e teses que assumiram aquela estratégia ou procedimento metodológico.

Nas produções discentes dos Programas de Pós-Graduação em Antropologia, a etnografia ou o relato etnográfico figuram como procedimentos metodológicos mais adotados. Neste caso, identificamos que tais perspectivas metodológicas foram assumidas a partir de referências a autores vinculados à antropologia interpretativa (ou hermeneuta) ou ainda à denominada antropologia pós-moderna, de orientação norte-americana. Os autores mais acionados para fundamentar os trabalhos etnográficos foram Clifford Geertz (1989, 1997), James Clifford (2002) e, ainda, Mariza Peirano (1995), Roberto Da Matta (1979, 1997, 2001), Gilberto Velho (1987, 1994a, 1994b), Roberto Cardoso de Oliveira (1995, 1998), José Guilherme C. Magnani (1984, 1996, 2002, 2003). Nas produções analisadas constata-se a forte presença de autores estrangeiros do campo dos estudos da juventude, contudo, poucos autores lançaram mão das contribuições produzidas diretamente pelos pesquisadores pioneiros da Escola de Chicago, tais como William Foote Whyte (2005), Harold Becker (1977), Erving Goffmann (1975), entre outros. Porém, encontramos nos estudos ancoragens em obras clássicas sobre a juventude produzidas por Samuel Eisenstad (1968, 1976), Karl Mannheim (1982), A. K. Cohen (1968), Georges Lapassade (1968) e Philippe Áries (1978), E. Morin (2001).

Cabe observar, contudo, que as apropriações de autores dos estudos subculturais ou pós-subculturais – Dick Hebdige, (1979, 2004), Sarah Thornton (1995, 1997), Michel Maffesoli (1987, 2001), Massimo Canevacci (2005) – são dominantes nos trabalhos desenvolvidos em Programas de Pós-Graduação em Ciências Sociais e menos produções discentes das áreas de Educação e Serviço

²⁰ A esse respeito ver Caldeira (1988), Peirano (1992) e Cardoso de Oliveira (1995).

²¹ Para Cardoso de Oliveira, *a priori*, as “faculdades de entendimento” estariam comprometidas com o próprio horizonte da Antropologia, em que o olhar, ouvir e escrever estão sempre sintonizados com o *sistema de ideias e valores* que são próprios à disciplina. Seu quadro conceitual abrigaria, portanto, “ideias e valores de difícil separação. (...) Ao trazer essa questão para a prática da disciplina, diríamos que pelo menos duas dessas ‘ideias-valor’ marcam o fazer antropológico: a ‘observação participante’ e a ‘relativização’”. Desse modo, o relativizar implicaria “uma atitude epistêmica, eminentemente antropológica, graças à qual o pesquisador logra escapar da ameaça do etnocentrismo (...). E se poderia estender isso ao escrever, na medida em que o ‘escrever etnografia é uma continuação do confronto’ intercultural, portanto entre pesquisador e pesquisado. Por conseguinte, uma continuidade do olhar e do ouvir no escrever, esse último igualmente marcado pela atitude relativista” (1996: 33). A respeito da pesquisa etnográfica na área da Educação, cf. Cláudia Fonseca (1999).

Social. Nestas duas constata-se uma interlocução mais forte com autores como Philippe Áries (1978), Edgard Morin (2001), Pierre Bourdieu (1986, 1998, 2000), François Dubet (1996, 1998) e Alberto Melucci (1991, 1992a, 1992b, 1996, 1997, 2001). Em grande parte dos estudos se constata interações com os trabalhos de José Machado Pais (1993, 2001, 2004), Carles Feixa Pàmpols (2002, 2004), Rossana Reguillo (2000, 2003), Mario Margulis (1996, 2000) ou, ainda, de Michel Maffesoli (1987) e Massimo Canevacci (1993). Diálogos com autores nacionais do campo dos estudos da juventude se deram, predominantemente, com Hermano Vianna (1988, 2003), Micael Herschmann (1997, 2002), Janice Caiafa (1986), Helena W. Abramo (1994, 1997), Marília Pontes Sposito (1993, 1999, 2000, 2002), Alba Zaluar (1985, 1997), José Manuel Arce Valenzuela (1997, 1999), Márcia Regina Costa (1993), Paulo Carrano (2000, 2002), Juarez T. Dayrell (2001, 2002), Glória Maria Diógenes (2002). Na seqüência, apresentamos e exploramos os subtemas que agruparam a produção discente em torno dos grupos juvenis, considerando cada área em particular e as problemáticas delimitadas pelos autores. Quando possível, adotamos o procedimento de considerar num bloco trabalhos que abordaram os mesmos grupos de estilo ou culturas juvenis.

A produção discente sobre grupos juvenis em Programas de Educação

Grupos juvenis, formas de aparecimento e expressões

Neste subtema foram agrupados os estudos de Maria das Graças Gonçalves (2001), de João Marcos de C. Andrade (2003), de Angélica S. Pereira (2006), de Anderson X. T. Gonçalves (2006), de Tânia Maria X. Ferreira (2005). Os 5 trabalhos se dedicaram à problemática que denominamos de representações, significações, significados, sentidos,²² valores produzidos pelos jovens em seus grupos ou agrupamentos, ou aqueles elaborados por outros atores sociais sobre os jovens e suas condutas coletivas.

Gonçalves (2006) inova no conjunto da produção discente na medida em que concentrou sua atenção nas experiências de 07 jovens cariocas, pertencentes às camadas médio-altas, estudantes universitários, moradores da zona sul do Rio de Janeiro, envolvidos com a arte urbana do grafite. A pesquisa de natureza etnográfica foi inscrita no território fronteiriço que entrelaçou a Antropologia

²² As expressões “representações”, “significados”, “sentidos” são usadas aqui para sermos fidedignos aos objetivos de pesquisas declarados pelos autores das dissertações e teses que integram a base do estudo e como uma possibilidade de categorizá-las no interior do tema, dos subtemas e das problemáticas de investigação.

da Educação, a Epistemologia do Conhecimento e a Semiótica Interpretativa. A partir do conceito bourdesiano de *habitus* e da noção de representação formulada por Clifford Geertz (1989), o autor observou as práticas e os encontros de grafiteiros, percorrendo seus circuitos naquela localidade, visando a compreender “que valores, gestos, e conteúdos compõem o currículo propagado de grafiteiros a grafiteiros, a fim de formar-lhes o *ethos* e agregá-los ao modo de fazer do grafite” (2006: 159). Gonçalves revela que para os grafiteiros a arte do grafite envolve estilos e orientações distintos, havendo o “grafite de ação, o social, o conceitual ou o comercial”. O autor constatou a vigência de “duas gerações bem definidas” de grafiteiros – a velha e a nova escolas –, cujo marco de oposição entre as duas repousa no “*status* de respeito” que os sujeitos adquirem ao se envolverem e produzirem tal arte. É pela atitude demonstrada na produção do grafite que se adquire “moral”, categoria nativa que implica um longo processo de socialização, indica e define os itinerários educativos e os programas de pensamento dessa escrita urbana. Assim, a noção explicataria, simultaneamente, “um percurso que se faz” e “um estado a que se chega”. O estudo de Pereira (2006) se voltou para a interpretação das tramas narrativas pelas quais os jovens *punks* inseridos no tecido urbano de Porto Alegre (RS) significam a si e aos outros e, reciprocamente, como atores externos ao movimento interpretam os *punks* e a cena *punk* porto-alegrense. A investigação foi desenvolvida tomando como referências autores europeus e latino-americanos vinculados aos estudos culturais sobre a juventude. A autora definiu sua empiria como uma “etnografia pós-moderna”, na medida em que se preocupou com o encontro entre subjetividades e buscou assegurar a polifonia dos vários atores na elaboração da dissertação. Examinou o aparecimento, naquela cidade, de jovens envolvidos com a cultura e o estilo *punk* e os espaços/tempos que vêm configurando a “cena *punk*” porto-alegrense, demonstrando como determinados acontecimentos, fatos e práticas culturais têm um sentido para significantes situados no interior da cena e sentidos diversos ou mesmo conflitantes para atores posicionados fora da cena.

A tese de Gonçalves (2001) e a dissertação de Ferreira (2005) examinaram expressões e questões pertinentes ao movimento *hip-hop*. No primeiro trabalho encontra-se a análise de letras de músicas postas em circulação pelo grupo Racionais MC's, nos anos 90, tomadas como expressões da experiência social juvenil configuradas no contexto das periferias urbanas, que fazem circular múltiplos significados ou ideologias. A escolha dos Racionais MC's se deu na medida em que as músicas do grupo têm impacto sobre jovens inseridos em distintos territórios do espaço urbano e pertencentes a diferentes classes sociais. Mesmo que não apresente uma discussão sobre o conceito de ideologia, o estudo de Gonçalves contribui para demonstrar que os *raps* dos Racionais comportam marcadores significativos: o da “negritude” – evocação ao pertencimento étnico-racial; o de “gênero” – em que se evidenciam a dominante masculina e a valorização do feminino sublinhando apenas a figura da mulher-mãe; os “transversais” – que remetem às trajetórias de crescimento de jovens, negros, e pobres em bairros

da periferia; os temas da “violência”, do “território, do trabalho e da religião” e, por último, aquele que se refere à “escola” e sua presença ambígua na vida dos segmentos juvenis, negros, pobres, moradores das periferias urbanas. Ferreira (2005) analisou as ambigüidades, tensões, conflitos e crises presentes no movimento *hip-hop*, tomando como caso de estudo as experiências do movimento na cidade de Campinas (SP). A autora interagiu com 6 *hip-hoppers*, com idades entre 36 e 41 anos – “pioneiros” da “velha escola” –, e outros 3, com idades entre 27 e 30 anos – representantes da “nova escola”. Embora Ferreira parta da premissa do *hip-hop* como um movimento de denúncia, protesto e contestação social, articulado por jovens que vivem uma realidade social excludente e discriminatória, vai além, ao expressar uma visão incomum sobre o movimento no país: ele seria um ator coletivo de contestação não exclusivamente de negros, portador de um único ideário, porém internamente marcado pela multiplicidade de orientações, condutas e propostas. A autora apreendeu que os representantes das duas escolas atribuem os seguintes sentidos ao movimento: alguns o percebem pela sua dimensão artístico-cultural; outros destacam sua dimensão política, pois ator coletivo que interage e constrói parcerias com atores institucionais e não-institucionais que fortalecem suas formas de inserção e atuação no espaço público; outros, ainda, circunscrevem as possibilidades de ganhos financeiros, advindos da indústria cultural e do mercado de consumo de bens simbólicos. A partir dessas falas, Ferreira defende que o *hip-hop* pode ser compreendido por uma dúplice metáfora: “Torre de Babel” – unidade internamente marcada pela pluralidade – e “rizoma” – ente “fluído, dinâmico, sem centro fixo”. Esta dissertação estabelece um corte analítico na compreensão do movimento ao apresentá-lo como um todo aditivo, composto por diferentes gerações de *hip-hoppers* e internamente marcado pela diversidade de orientações, em que as trocas inter e intra-geracionais se dão tanto de modo solidário como a partir de tensões e conflitos.

Em sua dissertação José Marques C. Andrade (2003) percorreu as práticas artístico-culturais juvenis vinculadas à Associação Cultural Arautos do Gueto, coletivo configurado por moradores do Morro da Pedra, periferia de Belo Horizonte (MG). O autor interagiu com 11 jovens negros (homens e mulheres), entre 19 e 29 anos de idade, envolvidos com dança afro. Desse conjunto, selecionou 02 jovens que declinaram sobre os sentidos que elaboram acerca dos processos de exclusão/inclusão que vivenciavam, sobre seus itinerários no interior dos Arautos, os significados atribuídos à participação naquele coletivo e as implicações educativas dela decorrentes. Para Andrade, os jovens protagonistas da Associação se expressavam não só através da música, mas também em torno de valores éticos comunitários, de solidariedade e de cooperação, configurando um *ethos* composto por valores e estratégias de sobrevivência que lhes permite a inserção no universo do trabalho de bens simbólicos. Destaca-se nesse estudo o cuidado teórico-metodológico do autor no trato do conceito de “exclusão”; além disso, esse foi um dos poucos estudos da área de Educação, não voltados ao *hip-hop*, que problematizou o pertencimento étnico dos sujeitos da pesquisa.

Os grupos juvenis e as vivências de seus integrantes

Das 21 dissertações e teses produzidas neste subtema, 09 examinaram os processos de socialização e a sociabilidade gestados por jovens das camadas populares que vivenciam experiências grupais no campo da cultura, cotejando-os com experiências formalizadas nas esferas socializadoras tradicionais (escola, família e trabalho); buscam, ainda, averiguar como múltiplos percursos e vivências juvenis, em espaços-tempos variados, implicam seus processos identitários. Neste sentido, os coletivos, as culturas ou os estilos juvenis foram examinados como novos modos de participação jovem no espaço público, mediações capazes de oferecer situações ou suportes para que jovens pobres pertencentes às camadas populares vivenciem a condição juvenil, elaborem novos modos de ser jovem e se constituam em atores ou sujeitos sociais. São estudos que apreendem a juventude e suas formas associativas, considerando os processos de mutação socioeconômicos e culturais da contemporaneidade – reestruturação do mundo do trabalho, escassez do mercado formal de ocupações, a globalização de bens materiais e simbólicos, a importância que adquirem os campos da cultura e da informação sobre os indivíduos na vida cotidiana, a fragilidade das ações institucionais sobre os jovens, a reordenação dos ciclos da vida e os processo de juvenilização da sociedade; levam em conta, ainda, as implicações desse complexo cenário para a ampliação e diferenciação das situações de desigualdades econômico-sociais que atingem especialmente os jovens. Sob tais enquadramentos temos as dissertações (6) de Carmen Z.V. Gil (2003), Cláudio M. Santos (2003), Márcia M. N. Fleury (2004), Cristiano T. Siqueira (2004), Paula V. P. A. Gonçalves (2005) e Daltro C. Rotta (2006) e as teses (4) de Olga C. S. Durand (2000), Juarez T. Dayrell (2001), Marcos A. Lima (2005) e Felipe Gustasak (2006).

Durand (2000), Gil (2003) e Fleury (2004) constatam que na atualidade os jovens se socializam em tempos e espaços variados e a partir de referências culturais múltiplas. Assim, analisam os processos de socialização e de constituição identitária gestados através de experiências coletivas variadas no espaço urbano: grupos religiosos, artísticos, esportivos, de produção de fanzines ou grupos de estilo – dança de rua-*rap*, *rock*, *punk*. Durand investigou jovens moradores de duas comunidades litorâneas de Florianópolis, compreendendo-as como emblemáticas das mutações socioeconômicas globais que afetam aquela cidade e a sociedade brasileira. Jovens que escolheram viver arranjos socializadores em “grupos de sociabilidade” – musical, esportivo e religioso – foram os sujeitos investigados. Em Gil temos o exame dos seguintes agrupamentos: uma banda *punk-rock hardcore* e grupos vinculados à Pastoral da Juventude, inseridos no meio social de Santo Antônio da Patrulha (RS). As duas autoras tomam a juventude como categoria social e constatam que os jovens estudados, no interior de seus respectivos grupos, exercitaram movimentos de autonomia, estruturaram experiências socializadoras e de formação política, a partir das relações da amizade e solidárias; inferiram, ainda, que eles vivenciam a juventude combinando os signos das tradições locais

com os das mutações do presente, de maneira que “tradição e modernidade” seriam campos diferenciais que fundamentam seus processos identitários. Já Fleury (2004) tomou o tema da juventude no âmbito dos processos culturais juvenis mais amplos e analisou as ações de grupo de dança ligado ao *hip-hop*, composto por 9 jovens, de ambos os sexos, com idades entre 15 e 24 anos, pertencentes a segmentos sociais diferenciados e moradores de bairros populares de Niterói (RJ). O objetivo central da autora foi compreender os processos sociais que implicaram a conformação daquele coletivo, os procedimentos que adotaram para usar uma praça pública daquela localidade e para dela se apropriarem e para desenvolverem, simultaneamente, práticas culturais e atividades de lazer.

Os estudos de Siqueira (2004), Rotta (2006) e Gustasak (2006) exploraram as possibilidades educativas e políticas inerentes às expressividades artísticas do *hip-hop*, com objetivos práticos. Siqueira e Gustasak se propuseram a construir conhecimentos para alimentar a área da educação escolar e a definição de políticas públicas para a juventude. Rotta produziu contribuições para a área da educação não-formal, no campo do lazer. Os três autores buscaram referências nos estudos da juventude, sobretudo em obras que analisaram as experiências do *hip-hop* ou do *rap* no Brasil. Rotta (2006) tomou a cidade de Pelotas (RS) como cenário de investigação e examinou as trajetórias de socialização e as sociabilidades de dois grupos de dança, compreendidos como experiências de “cultura de rua”; dos grupos, escolheu 4 “líderes” para analisar os fazeres e saberes produzidos através da dança, em um contexto social excludente e violento. Um diferencial dessa dissertação reside na articulação feita pelo autor entre as temáticas do “corpo”, das “culturas de rua” e do *hip-hop*. O corpo como possibilidade de saber, de saber-fazer, de resistência, de “invenção astuciosa”, em contextos sociais marcados pela pobreza, ausência de direitos elementares e a violência social. Felipe Gustasak analisou as atividades culturais do *hip-hop* presentes na cidade de Santa Cruz do Sul (RS), a partir de diálogos com 6 homens e 3 mulheres, entre 17 e 24 anos de idade. O *hip-hop* foi definido como um “movimento social” que articula potencialidades educativas, espaço/tempo para sociabilidade prazerosa e possibilidade de ganhos financeiros diretos ou através de bens e recursos indiretos. Gustasak agregou “a atitude” às quatro expressões do *hip-hop*, definindo-a como “negativação” e “recursividade” e toma a identidade como produção “sistêmica, dinâmica e relacional”. A partir de tais elementos, o autor sustentou a ideia de que o movimento é construtor de uma “rede de educabilidades”, que elabora “produções dialógicas e saberes pedagógicos trans-institucionais, portanto, trans-escolares”. Tal “rede”, ao tecer conhecimentos “expressivo-identitário, ético-estético e sócio-político” contribuiria para a formação de um campo identitário para os *hip-hoppers*. Já em Cristiano T. Siqueira temos a investigação de ações do movimento *hip-hop* em São Carlos (SP), com os objetivos de contribuir para a valorização de práticas educativas em movimentos de juventude, com a elaboração de políticas que as considerem e com elementos que permitam redimensionar a educação em espaços escolares. A questão central do estudo foram os processos

educativos que permeiam o cotidiano de jovens do *hip-hop*, ou seja, como eles se educam e como educam outras pessoas de suas comunidades.

A tese de Dayrell (2001) e a dissertação de Gonçalves (2005) se inscrevem na vertente dos estudos sobre juventude e educação, com vistas a ampliar e aprofundar os debates sobre os processos de socialização vivenciados por jovens das camadas populares, pela mediação de grupos estilos musicais. Dayrell visou apreender e desvelar os processos sociais e culturais vivenciados pelos jovens moradores de bairros da periferia de Belo Horizonte (MG) envolvidos com grupos de estilos, que pudessem contribuir para que estes se constituíssem em “sujeitos sociais”. A partir de um rigoroso e sofisticado trabalho de campo que combinou uma etapa quantitativa e outra qualitativa, o autor estudou as culturas e estilos juvenis que mais mobilizavam os segmentos juvenis daquela localidade e, a partir da análise dos resultados obtidos na etapa quantitativa, se definiu por três conjuntos de jovens, do sexo masculino, que se mobilizavam e construíam experiências coletivas através do *pagode*, do *rap* e do *funk*.

Após conviver com os jovens desses grupos de estilo, Dayrell decidiu por acompanhar mais detidamente *rappers* e *funkeiros*, em distintos circuitos; por fim, deliberou por acompanhar mais amiúde as rotinas diárias de 3 jovens – 2 *rappers* e 1 *funkeiro* –, compreendidos como os mais representativos daqueles estilos musicais. Dayrell postulou que o envolvimento dos jovens com o *rap* e o *funk* abriu um espectro de possibilidades que ensejou o delineamento e o envolvimento com projetos na área da música, lhes ofereceu suportes para experimentar novos modos de ser jovem e um modelo de viver a juventude, mesmo sob condições econômicas e sociais constringentes. O autor constatou, ainda, que pela mediação do *funk* e do *rap* os jovens estudados ampliaram as possibilidades de se construírem como sujeitos sociais, contudo, também demonstrou também os limites ou as aporias que aqueles estilos comportam, pois, para além dos pares e seus coletivos, os jovens se viam sós em seus trânsitos – alguns contavam apenas com apoios advindos do núcleo familiar, e não encontravam suportes na esfera estatal para a vivência de uma condição juvenil digna. Nesta medida, as vivências experimentadas através do *rap* ou do *funk*, embora significativas mediações, não foram suficientes para que todos se desvencilhassem de determinadas situações sociais ou as contornassem, como a marginalidade e a precariedade material.

Por sua vez, Paula V.P.A. Gonçalves (2005) escolheu estudar o movimento *punk* paulistano, como um “grupo de estilo”, se dedicando à compreensão das formas de sociabilidade e os processos identitários de integrantes do movimento e cotejando-os com experiências que estes vivenciaram nas esferas da família, da escola e do trabalho. A marca inovadora desse estudo reside no empenho da autora em analisar trajetórias de 3 distintas gerações de *punks*: 22 homens e 9 mulheres, com idades variando entre 17 e 25 anos, 25 e 35 anos e entre 35 e 55 anos. Assim, Gonçalves explorou os processos de socialização vivenciados pelos integrantes das diferentes gerações, bem como analisou as trocas inter e intra-geracionais por eles promovidas. Outro diferencial encontrado nessa dissertação

concerne ao fato de a autora produzir reflexões sobre a posição subalterna do feminino no interior do movimento. Gonçalves conclui o estudo defendendo as ideias de que as marcas da rebeldia e da contestação à ordem, caracterizadoras do movimento *punk*, se constituem em dominantes para os sujeitos que as produzem e vivenciam, dominantes que orientam suas vidas mesmo quando ingressam nos ritmos de outras fases do ciclo vital. Dessa forma, se é possível levantar a hipótese de que *punks* adultos demonstram resistências em deixar a juventude, também é possível inferir que as experiências vividas pela mediação do estilo são mais que conjunturais, pois se constituem em um suporte simbólico que estrutura um estilo, mas também um modo de vida para *punks* jovens e adultos.

As duas últimas produções que se articulam a este subtema tratam de agregados juvenis envolvidos com modalidades musicais distintas: a música percussiva na dissertação de Santos (2003) e banda musical estudantil na tese de Lima (2005). Santos, partindo de referências teóricas e questões similares às dos autores acima e sob declarada influência dos estudos sobre juventude de Juarez Dayrell (2001), investigou os sentidos que teve para jovens (homens e mulheres), moradores da periferia de Belo Horizonte (MG), o envolvimento como a produção da música percussiva, no interior do bloco oficina Tambolé. Para Santos, as experiências dos jovens no interior desta ação comunitária significaram possibilidades reais de se apropriarem do território em que viviam, disputando-o com outros atores, sobretudo os envolvidos com o tráfico de drogas e a criminalidade; contribuiu também para tecerem relações sociais marcadas pela horizontalidade e solidariedade, para rediscutirem e reavaliarem seus processos identitários étnico-raciais e para configurarem modos distintos de circular e se relacionarem com a cidade e seus territórios. Lima analisou as experiências de bandas estudantis em Americana (SP). A partir do paradigma configuracionista de Norbert Elias, o autor examina os processos de interdependência existentes nas etapas de organização, produção, negociações, gestão e apresentações públicas de bandas estudantis juvenis no Estado de São Paulo. A pesquisa que recortou de modo muito tênue o campo da juventude, quando o adentrou, o fez para dar relevância aos ganhos socializadores (morais e culturais) que têm adolescentes das camadas populares – homens e mulheres –, ao se envolverem e produzirem experiências no interior de tal tipo de coletivo e de expressão musical.

Os grupos juvenis e a educação escolar

Neste subtema reúnem-se 7 trabalhos que exploraram interações entre os grupos juvenis e o universo cultural da escolarização. Os autores analisaram as dificuldades que a escola apresenta em (re)conhecer e legitimar os jovens moradores das periferias urbanas e as múltiplas experiências coletivas juvenis que eles estruturam no campo da cultura ou se dedicaram ao escrutínio das representações formuladas pelos jovens sobre o meio e a cultura escolares. Assim, temos as dissertações de Alexandre Takara (2002), Ione da S. Jovino (2005),

Lisiane G. Santos (2006), Carla Valéria L. Maia (2004) e Hildebrando C. Penteadado (2004), Cristiano Tierno de Siqueira (2006) e José Renato Carneiro (2006). Takara e Jovino tomam como sujeitos de investigação jovens integrantes do *hip-hop*. As dissertações de Maia, Penteadado, Santos e Carneiro focalizaram grupos de jovens-estudantes envolvidos, respectivamente, com a capoeira, a elaboração de fanzines, a música, “galeras e tribo” de adolescentes. Enquanto Maia, Penteadado e Carneiro reafirmaram o quanto o grupo escola é pouco poroso aos temas de interesse de seus jovens-estudantes, suas manifestações coletivas e suas formas de expressão cultural, Santos apresenta uma postura contrária, pois vislumbra o espaço-tempo escolar como meio favorável à constituição de ações coletivas juvenis no campo cultural.

Em Maia (2004) temos uma pesquisa situada no âmbito da Antropologia Histórica que interpretou as vivências de jovens no interior das culturas juvenis, suas relações com o cotidiano escolar e os modos como o grupo social escola com elas interage e as incorpora em seu projeto político-pedagógico. O coletivo jovem abordado pela autora se socializa e elabora processos identitários mediante a prática da capoeira, em uma escola pública municipal da cidade de Belo Horizonte (MG). No estudo de Penteadado (2004) encontramos a análise dos movimentos de produção individual e coletiva de fanzines, efetivados por 17 jovens-estudantes, com idades entre 14 e 23 anos, em uma escola pública de ensino médio, na cidade de Franco da Rocha (SP).²³ A partir de referências da sociologia da juventude, de autores que abordaram a cultura juvenil nos anos 60 e de teóricos dos estudos culturais latino-americanos, o autor toma os fanzineiros como atores de uma “contracultura” que se opõem aos produtos elaborados pela indústria de bens simbólicos e defendeu as ideias de seus jovens-estudantes-fanzineiros como responsáveis por enriquecer e diversificar o plano educativo da unidade escolar e do grupo-ensino. Naqueles universos inseriram e problematizaram questões que consideravam cruciais, desde as carências sociais e econômicas existentes no espaço social da periferia, passando por problemas de discriminação e preconceito étnico-racial, até questões consideradas candentes do cenário nacional.

Conhecer melhor as características principais de grupos, tribos, gangues, galeras de adolescentes que marcavam sua presença “invasiva e indisciplinada” no entorno de uma escola pública estadual da cidade de Mococa (SP) foi o tema da dissertação de Carneiro (2006). O autor refletiu sobre as relações de poder no campo da escola, as implicações ligadas ao *habitus*, à indisciplina e às formas de inclusão e exclusão praticadas entre grupos de *estabelecidos* e de *outsiders*. Em sua dissertação, Santos (2006) articulou referenciais teóricos dos campos da sociologia da juventude e dos estudos culturais para analisar como determinadas práticas culturais atreladas à música podem atuar na constituição de identidades juvenis na contemporaneidade. O estudo circunscreveu práticas vivenciadas por alunos do ensino médio noturno, de uma escola pública estadual da cidade de Porto Alegre

²³ Município situado na zona oeste da Região Metropolitana da Grande São Paulo.

(RS). Para Santos, diversamente dos demais autores, o espaço escolar constitui-se como um produtivo lugar de socialização, de convívio, de experiências e de constantes trocas de saberes entre distintas juventudes. A autora ainda chama a atenção para a importância que assume a música nos processos de identificação dos jovens, nas diferentes maneiras pelas quais criam e recriam seus grupos de pertencimento/amizade.

A produção sobre grupos juvenis na área das Ciências Sociais

Tal como explicitado na introdução deste artigo, a temática mais explorada na área das Ciências Sociais foi a dos grupos juvenis, com 41 produções: 21 provenientes de Programas em Antropologia, 19 de Programas em Sociologia e 1 proveniente da Ciência Política. Deste agrupamento, 19 estudos se voltaram à investigação de *grupos juvenis, suas formas de aparecimento e modos de expressão*; 16 examinaram os *grupos juvenis pelo ângulo da vida de seus integrantes*, 5 pesquisas analisaram os *grupos juvenis e a violência*. Apenas um estudo se voltou para as interações entre grupos juvenis e educação escolar. No subtema *Grupos juvenis, formas de aparecimento e expressões* foram nucleados os trabalhos que se dedicaram à análise de condutas ou coletivos juvenis que entrelaçaram elementos de culturas juvenis globalizadas com elementos de culturas locais ou regionais, além de trabalhos sobre manifestações juvenis articuladas às expressões musicais da cultura popular brasileira – o maracatu, o forró, o *manguebeat*, entre outras. Na subtemática *grupos juvenis e a vida de seus integrantes*, temos 10 produções discentes que analisaram condutas juvenis vinculadas ao *hip-hop* ou ao *rap* isoladamente; 02 dissertações focalizaram a participação social e política de jovens em grupos de estilo (*clubbers* ou *rockeiros*) e 05 estudos que investigaram formas associativas juvenis envolvidas com atividades artístico-culturais, não necessariamente relacionadas a movimentos juvenis ou grupos de estilo. Sobre grupos juvenis e a violência foram identificadas 05 trabalhos de mestrado: 02 deles direcionados a análise de vertentes dos *skinheads*; 01 dissertação sobre o *funk* e agregados de *funkeiros*; as outras 02 buscaram compreender as galeras juvenis ou “gangues” em suas relações com determinadas dimensões ou instituições específicas do mundo adulto. Na tese de João Lindolfo Filho (2002) temos uma reflexão sobre as relações entre *rappers* e a educação formal, estudo que foi desenvolvido em Programa de Pós-Graduação em Antropologia.

Uma das regularidades no conjunto destas 41 dissertações e teses diz respeito ao fato de que, em todas as culturas ou manifestações coletivas juvenis investigadas, seus atores agem e estabelecem interações, produzem mecanismos de sociabilidades, constroem processos identitários e ou de alteridade pela inserção nas tramas sociais do universo do simbólico, pelo entrelaçamento de dimensões socioculturais globalizadas com aspectos ou elementos da cultura local ou regional.

Muito embora haja o predomínio de estudos que tomam as formas associativas juvenis que têm nos jovens das camadas populares ou nos “jovens pobres” seus principais protagonistas, temos 9 dissertações ou teses que investigaram expressões coletivas ou culturas juvenis em que os atores predominantes são jovens pertencentes às camadas médias ou altas. Apenas 3 autores concretizaram suas pesquisas em cidades de porte médio; os demais pesquisaram sujeitos juvenis inscritos em regiões metropolitanas ou grandes centros citadinos.

Na seqüência, abordar-se-ão as produções discentes adicionadas a cada uma das subtemáticas, levando em consideração dois critérios: a possível proximidade entre as culturas ou estilos juvenis e as problemáticas recortadas pelos autores.

Grupos juvenis, formas de aparecimento e expressões

No primeiro subtema, temos produções discentes desenvolvidas em grande parte em Programas de Antropologia Social. Os autores tomaram o tema dos jovens e seus coletivos ou agregados, ressaltando os encontros e circuitos que realizam no tecido urbano das metrópoles ou de grandes cidades brasileiras. São estudos que trabalharam sobre culturas juvenis distintas as quais apresentam mundos diferentes e complexos. Pode-se dizer que os trabalhos buscaram compreender e analisar as temáticas dos jovens, dos grupos juvenis e suas diferentes práticas culturais no interior do “grande tabuleiro” do espaço metropolitano ou citadino, na medida em que os autores circunscreveram as formas associativas juvenis, as “visões de mundo” que esposam e valorizam, as formas de sociabilidades que tecem em seus trajetos, circuitos e encontros pelo mundo real ou da *Web*, as gramáticas sociais e morais que constroem e fazem valer entre seus integrantes e nas interações com o outro, como tecem seus processos identitários e de alteridade, a capacidade que demonstram em produzir interpretações, fabulações ou dramatizações, as alianças que formulam, mas também as tensões, os atritos e conflitos intra-grupos e inter-grupos, esses últimos juvenis e não-juvenis. Os estudos nos apresentam realidades paralelas, “por vezes sobrepostas umas as outras, ou mesmo umas dentro das outras ou umas ocupando o mesmo lugar que as outras”, mundos e culturas juvenis que “coabitam a geografia” da espacialidade urbana, no qual um mesmo lugar, um equipamento de uso coletivo, um mesmo acontecimento ou fato, assume “significados completamente diferentes para os grupos culturais também completamente diferentes”, pois os “significantes podem deslizar uns sobre os outros, trocando de significados conforme o contexto” (Vianna, 2007: 10-11). Assim, sob estes enquadramentos, temos dissertações sobre os pichadores, de Alexandre B. Pereira (2005), os grafiteiros, de Lucas T. Ferreira (2006) e Daniela R. M. Munhoz (2003), os *straight edges*, de Bruna M. de Souza (2003), os surfistas, de Cintia S. Albuquerque (2006), os jogadores de *RPG*, de Paula Fabrícia B.A. Mesquista (2006), o universo juvenil *heavy metal* explorado por Pedro Alvim L. Lopes (2006), sobre os grupos de estilos *rock* e *rap*, de José Ricardo M. dos Santos (2006), sobre os *góticos*, de Wilma R.A. Silva (2006), os *clubbers* e *ravers*, de Ivan P. P. Fontanari (2004).

Os estudos de Daniela Munhoz (2003) e Lucas T. Ferreira (2006) trazem os resultados de investigações sobre os modos como grafiteiros circulam em espaços inscritos no tecido urbano da metrópole e deles se apropriam. Os autores percorreram suas experiências, circunscreveram e examinaram os códigos e padrões de condutas que estruturam os encontros e os atritos que estabelecem com outros grupos juvenis e com os atores institucionais ou governamentais. Munhoz (2003) analisou jovens e adultos grafiteiros, moradores da “cidade mural” ou “cidade exemplar” de Curitiba (PR), e buscou compreender como eles se apropriam do espaço urbano à revelia da ordem local estabelecida. Já Ferreira (2006) se dedicou a traçar um panorama do universo do grafite, a partir da análise das redes de sociabilidade configuradas por seus atores, bem como se propôs a debater as relações de grafiteiros com outros agregados juvenis conectados a esta prática cultural, em especial os pichadores, situando-os nas dinâmicas socioespaciais da metrópole paulistana e no seu entorno.

Os estudos etnográficos de Alexandre B. Pereira (2005) e de Bruna Mantese de Souza (2006) foram desenvolvidos no âmbito dos estudos realizados pelo Núcleo de Antropologia Urbana da FFLCH/USP. Pereira (2005) buscou compreender os pichadores, suas ações e circuitos no tecido urbano da metrópole paulistana em um estudo no qual encontramos referências mais contundentes para o fato de que a pichação não é vista com bons olhos por determinados segmentos ou setores da população daquela espacialidade urbana, na medida em que enxergam na pichação uma impropriedade ou um modo de agir que incrementa a degradação da paisagem urbana. Segundo o autor, os pichadores têm uma maneira de conceber o centro e a periferia de São Paulo na dinâmica da metrópole: embora se identifiquem com a periferia, de onde são oriundos, eles têm o centro como importante local de encontro, pois neste território eles estabelecem relações de troca, aliança e conflito entre si e com outros grupos juvenis presentes no espaço citadino paulistano. Souza (2006) pesquisou os usos que os *straight edges* fazem da cidade de São Paulo, as relações que estabelecem com a alteridade e os processos identitários daí decorrentes. Os *edges* foram tomados como uma vertente dentro do estilo *punk*, mas que em muitos momentos se apresenta como opostos a ele, porque adeptos do vegetarianismo radical e da abstenção do consumo de drogas. Para Souza (2006), as posições assumidas pelos *edges* se regem por um conjunto de ideias e valores que também orientam suas escolhas na cidade, o que os leva a desenhar um circuito próprio na geografia da metrópole. Ao observá-los, a autora demonstra que tais atores constroem seus circuitos interagindo de forma harmoniosa ou conflituosa com outros grupos ou culturas juvenis, tais como anarquistas, ambientalistas e *hare krishnas*, entre outros. Esses encontros resultariam em diferentes arranjos na metrópole e obedeceriam a lógicas diversas, ora se traduzindo em declarações identitárias, ora em situações que demarcam as diferenças que há entre os estilos e a alteridade.

Cíntia S. Albuquerque (2006) tomou como pressuposto que o surfe revela um estilo de vida, uma forma singular de ser, viver e ocupar a cidade e interpretou

as formas pelas quais os jovens se apropriam do estilo-surf e o ressignificam na sua relação consigo mesmos, com o outro e com o espaço público da praia. Para a autora, o estilo-surf apresenta características singulares tais como a leveza, a rapidez, a exatidão, a visibilidade e a multiplicidade, bem como um *ethos* que pauta os vínculos entre os surfistas e os rituais que configuram a sociabilidade do estilo. Para ela, o surf como estilo de vida, com seus limites e usos diferenciados representa para os jovens pesquisados uma oportunidade de exercer suas preferências, experimentações, lazer, diversão, profissão, negócio, enfim, a possibilidade que os sujeitos encontram de experimentar um modo de ser jovem e vivenciar dignamente a juventude. Em Fabrícia B. A. Mesquita (2006), por sua vez, temos uma dissertação que entabula um diálogo fronteiriço envolvendo a cultura popular regional nordestina, marcada pela oralidade, e as produções culturais contemporâneas globalizadas. A autora se voltou para as manifestações de jogadores de *roleplayng games* para compreender como jovens envolvidos com este jogo elaboram suas redes de sociabilidades no tecido urbano e no meio virtual da *Web*; além disso, buscou compreender as influências que mitos e heróis de distintas culturas ocupam no imaginário desses jogadores. Ao interagir com 8 jovens (homens e mulheres), com idades entre 19 e 24 anos, moradores de Fortaleza (CE), a autora defende a ideia de que o jogo de dramatizar histórias atrai e impulsiona jovens de distintas origens sociais a se agregarem para desenvolver narrativas dramático-fantásticas, fundamentadas em mitologias de culturas como a nórdica, a celta, a nipônica, a hindu, entre outras, usando, simultaneamente, espaços e equipamentos públicos e privados, paisagens ou o universo da *Web*.

Ravier (2005) abordou de forma rigorosa a *culture jamming* ou os *caçadores de símbolos*, apreendidos como um movimento de resistência que formula recorrentes críticas ou paródias e ações de subversão dos significados de peças e mensagens publicitárias produzidas para servir grandes corporações e empresas, e postas em circulação pela mídia hegemônica, pela *Web* e por produtos de consumo. Ao selecionar e escrutinar as produções dos *jammers*, divulgados em matérias jornalísticas e na *Web*, a autora defende a tese de que o movimento *jammer*, marcado pela juvenildade e internamente heterogêneo, pois articulado por grupos e indivíduos diversos e de diferentes extrações sociais, “circunscribe a revolta numa dimensão simbólica”, pois atualiza uma “função utópica” e lança mão do imaginário (como tática), da interferência (como atitude) e da subversão (como ritual) para gestar uma subcultura móvel, cheia de improvisos, que reivindica e pauta direitos, em especial os direitos à comunicação, ao livre acesso e à fruição da cidadania, tanto para eles como para um grande número de consumidores que têm suas vozes silenciadas.

A tese de Lopes (2006) e as dissertações de Santos (2006), Wilma R.A. Silva (2006) e Ivan P.P. Fontanari (2004) se voltaram para a descrição e o exame dos processos de discriminação e estigmatização de alguns estilos musicais. Lopes (2006) concentrou sua etnografia em territórios da zona sul da cidade do Rio de Janeiro e interagiu com jovens das camadas médias, com vínculos declarados ao

heavy metal. Dentre as principais conclusões dessa pesquisa, duas se destacam: o *heavy metal* tem como fãs jovens, brancos, em sua maioria do sexo masculino, pertencentes às camadas médias intermediárias, mas vem dilatando suas fronteiras espaciais e sociais ao sensibilizar e capturar para sua órbita jovens pertencentes às camadas trabalhadoras das zonas norte, oeste e dos subúrbios da Baixada Fluminense. A outra constatação de Lopes é a de que naquela metrópole há uma desinformação generalizada sobre o universo cultural do *heavy metal*, o que contribui para os processos de preconceito e estigmatização que sofrem o estilo e seus adeptos; mas eles também se explicariam pelos modos de agir de seus atores, pois esses agenciam e operam com símbolos associados ao “domínio ontológico do mal” ou criam conflitividades ao lançar mão de símbolos cristãos e de outras tradições religiosas – islâmicas, afro-descendentes, espíritas kardecistas, esvaziando-os “do caráter de dado constituinte da realidade”, assumindo-os como convenções artísticas que singularizariam aquele estilo em relação a outros estilos musicais. No trabalho de José Ricardo M. dos Santos (2006) temos o esforço de compreensão das formas como se constrói a sociabilidade entre grupos jovens ligados ao *rap* e ao *rock* em 3 cidades de porte médio do interior do estado de São Paulo: São Carlos, São José do Rio Preto e Ribeirão Preto. Abordou como se formula a ideia de juventude pela mediação da música e dos espaços e situou como a pluralidade de estilos musicais presentes nas dinâmicas socioculturais daqueles três espaços urbanos possibilita a configuração de uma lógica de identificação e uma forma de sociabilidade local, concretizada por intermédio de curtos-circuitos.

Wilma R.A. Silva (2006), em seu mestrado, retoma e aprofunda a temática abordada em sua pesquisa de iniciação científica – a cena gótica em São Paulo. Para tanto, a autora associou técnicas da pesquisa quantitativa com entrevistas e observação participante e se concentrou nas mensagens que os “novos góticos” transmitem à “sociedade paulistana através de sua estética mortuária” e nas simbologias e mitos que fazem com que a estética gótica seja agenciada para a construção identitária de um seletivo grupo de jovens oriundos das camadas médias da cidade de São Paulo. Silva define os góticos como “incitadores de máquina da guerra”, andarilhos da noite e *entities* (Canevacci, 2005: 38), pois constroem o estilo mediante a combinação de elementos simbólicos e materiais da cultura global e local: a literatura estrangeira sobre vampirismo, o *RPG*, viagens ao exterior, domínio de idiomas estrangeiros, a apropriação e circulação por determinados territórios da metrópole paulistana. Ao decodificar as apropriações que os góticos fazem dessas referências, a autora apreendeu como eles elaboram “subdivisões dentro da tribo”, como elaboram e se pautam por “códigos e padrões de condutas” que permitem aferir os jovens “mais ou menos engajado no movimento”. Além desses achados, Silva desvela a forma como eles lidam com a sexualidade e as relações de gênero, positivando o tema da androginia. Ao historicizar a emergência e o desenvolvimento da cena gótica no *underground* juvenil paulistano, desde os anos 70, Silva expõe como para os “os novos góticos” os rituais, os códigos e os padrões de conduta que valorizam se tornam capital cultural fortalecedor

de seus processos identitários, capital que reforça a posição de classe deles e é usado para demarcar distinções socioculturais entre um “nós” – os góticos – e um “eles” – *punks, darks, fashions*, entre outros.

Ivan P. P. Fontanari (2004) também desenvolveu um estudo sobre condutas coletivas juvenis que têm na noite, no corpo e na festa elementos centrais para configurar um grupo de estilo no campo da música. O autor situou sua pesquisa na intersecção da antropologia da juventude e das práticas culturais juvenis para analisar e compreender as ações e interações de jovens entre 17 e 30 anos, pertencentes às camadas médias da cidade de Porto Alegre (RS), envolvidos com a cena da música eletrônica e as festas *raves*, estas apreendidas como fenômeno juvenil transcultural. De acordo com o autor, a cena *clubber* e das *raves* porto-alegrense se estrutura pelos encontros, divergências e atritos que há entre o universo *underground* e o da produção comercial – *mainstream* –, cujos atores vivenciam relações diferenciais, pois posicionados num dos dois campos: os dos estabelecidos-*mainstream* e o dos *outsiders-underground* mais o chamado público comercial juvenil. Fontanari demonstrou, também, que os jovens articulados ao *underground* agem no sentido de também estabelecer distinções e hierarquias culturais, produzindo, assim, um subgrupo, um “nós” contrastivo a um “eles” – não homogêneo, pois integrado pelos “produtores comerciais”, *gays-clubbers, patricinhas e mauricinhos*, entre outros.

A dissertação de Vantiê P. C. Oliveira (2003) e a tese de Liberato (2006) se voltaram para movimentos juvenis de fundamentação anarco-*punk* e os modos como apontam para novas formas de convivência, práticas de resistência, rebeldia e valores autonomistas. A indagação central do estudo foi: o movimento *contra-cultural* anarco-*punk* permite aos jovens, “concretamente”, definir seus processos identitários? A autora não dialogou com sujeitos juvenis para a realização de seu estudo, seus suportes empíricos tendo sido matérias jornalísticas publicadas em diários de repercussão nacional. Léo V. M. Liberato (2006) tomou como sujeitos de investigação o movimento antiglobalização da virada do século e o Movimento Passe-Livre; o segundo proeminente na cidade de Florianópolis, mas em vias de adquirir “caráter nacional”; ambos, para o autor, de “características mormente juvenil”, fortemente marcados por uma perspectiva autonomista de ação, no contexto de uma sociedade de consumo ou de massa e ancorados no anarquismo. O trabalho de campo ocorreu em distintos espaços sociais, mediante a realização de entrevistas com jovens integrantes dos distintos movimentos e, ainda, mediante a participação de grupos e uma lista de interesses na *WEB*. O estudo traz como conclusões, entre outras, que as ações de rebeldia dos coletivos estudados nascem “de uma escolha e não de uma necessidade, ao mesmo tempo em que se relacionam mais à forma do que ao conteúdo (tema ou bandeira)”, as motivações que as alimentam seriam “primordialmente de ordem imaterial”.

Por fim, foram inscritos neste subtítulo também as dissertações de Roberta L.A. Ceva (2001), Cláudio M. Souza (2002), Aline Valentim (2005) e Ana Paula Falcão (2002). As quatro produções discentes esquadrinharam a emergência

de expressões coletivas juvenis estruturadas a partir de expressões musicais da cultura popular brasileira ou mediante o intercruzamento de estilos musicais globais e os da cultura local. Ceva (2001) se voltou para o movimento cultural juvenil articulado, sobretudo, por jovens estudantes, pertencentes às camadas médias da cidade do Rio de Janeiro. Tal movimento se interessou pelo resgate e revalorização da “autêntica” cultura nacional e pelo estabelecimento de formas de comunicação e interação com as camadas populares. A partir do universo do *forró universitário*, a investigação foi dedicada a mapear as interações dos jovens com ele envolvidos em diferentes domínios socioespaciais da cidade e a examinar os diferentes padrões culturais e visões de mundo em jogo, seus prováveis pontos de aproximação/distanciamento e eventuais situações de conflito. As interações em torno do *forró universitário* ensejaram a promoção de festas e shows em casas noturnas da zona sul carioca, nas quais predominaram o *forró pé-de-serra*. Por sua vez, Valentim (2005) concentrou-se nos processos de apropriação e ressignificação do *maracatu de baque virado* recifense empreendidos pelo Grupo Rio Maracatu, composto jovens universitários, da classe média do Rio de Janeiro. O interesse desses jovens pela música os impulsionou a uma mobilidade espacial até Recife, em busca do misterioso som do maracatu que chegava aos seus ouvidos através de algumas referências presentes nas obras de reconhecidos artistas da música popular brasileira contemporânea tais como Chico Science e a Nação Zumbi.

As análises das condutas coletivas juvenis articuladoras do híbrido *manguebeat*, movimento artístico-cultural juvenil que emergiu em Recife (PE), nos anos de 1990, são apresentadas no trabalho de mestrado de Souza (2002). O autor destacou as ações que induziram à organização e à realização de ação cooperativada que nucleou atividades de produção, realização e divulgação de bens e serviços culturais no meio metropolitano recifense e que, deste fenômeno coletivo, privilegiou as ações concretizadas em torno da música. Já o estudo etnomusicológico de Falcão (2002) se apropriou da juventude como categoria social e representação cultural, para compreender os modos de expressão política de quatro bandas vinculadas à atual cena musical paraibana, estruturadas por jovens pertencentes às camadas médias, alguns deles universitários, que entrelaçaram estilos musicais da tradição popular nordestina – *coco, forró, ciranda, embola, baião* – com estilos globalizados – *jazz, blues, soul, rock, música eletrônica*.

Os grupos juvenis e as vivências de seus integrantes

Neste Estado da Arte, é significativo o número de estudos que se voltaram à análise do movimento *hip-hop* ou o *rap*. Nesta área, ao todo foram identificados 10 trabalhos: 2 teses e 4 dissertações foram desenvolvidas em Programas de Pós-Graduação em Antropologia e 4 trabalhos de mestrado foram realizados em Programas de Pós-Graduação em Sociologia. Nem todos os estudos se voltaram à compreensão imediata da juventude e dos jovens, no entanto, eles trazem contribuições significativas para a compreensão da condição juvenil no país, os

modos como jovens gestam experiências no plano da cultura, tecendo possibilidades para viverem a juventude. No conjunto de produções sobre o *hip-hop* ou os *rappers*, o trabalho de campo predominante foi o etnográfico, em que aos registros obtidos através da observação foram agregados depoimentos orais, entrevistas, narrativas ou histórias de vida ou, ainda, análises de conteúdo de letras de *rap*. Em nenhum dos estudos encontrou-se a apresentação e análise do perfil sociodemográfico, mínimo que fosse, dos sujeitos que colaboraram com as investigações: são jovens ou jovens-adultos, em sua maioria do sexo masculino, ou grupos de *rap*, tomados pela evidência objetiva de viverem a vida juvenil também como *hip-hopppers*, *breakers*, *DJs*, *MCs* ou *rappers*. Em todos os trabalhos nota-se o esforço de recuperação da história social do movimento, circunscrevendo os atores sociais que lhe deram e dão materialidade e visibilidade no espaço público, bem como as temporalidades de emergência e consolidação desta cultura juvenil: desde as primeiras manifestações no meio social caribenho, passando pelos percursos de hibridação cultural objetivados nos espaços metropolitanos norte-americanos, até sua chegada e enraizamento em espacialidades metropolitanas ou cidades brasileiras, sobretudo em seus “subúrbios”, núcleos de favelas, bairros pobres ou periferias. Nos trabalhos, o *hip-hop* foi invariavelmente tematizado como cultura juvenil mundializada e o *rap*, na maioria dos estudos, assumido como uma manifestação da diáspora africana – *black Atlantic*. Deste modo, tanto o movimento ou o meio sociocultural *rap*, situados em espacialidades como São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Recife, Curitiba, Salvador, Fortaleza, João Pessoa, São Luiz, Teresina, Caruaru (PE), foram explorados como vivências ancoradas em processos de interculturalidade ou de uma multiplicidade de hibridismos, formalizados por jovens negros, pobres, com baixa escolaridade, submetidos a processos de exclusão econômica e social, de discriminação étnico-racial, em meios sociais marcados por variados quadros de violência e pela ausência da ação dos poderes públicos em sua face promotora de garantia de direitos.

Assim, o *hip-hop* e o *rap* foram concebidos como espaços-tempos favoráveis à socialização, à produção de sociabilidade e aos processos de pertencimento e constituição identitária étnico-racial ou étnica; mediações favoráveis à formulação de sentidos, interpretações ou representações sobre a realidade social, a cidade, a periferia urbana, a violência, as relações étnicas e inter-étnicas; como possibilidades indutoras de mobilização e ação política – autônomas, solidárias, voluntárias ou em interface com atores do universo político institucional; como nichos ou territórios férteis para a conformação e realização de projetos ou carreiras morais e profissionais. Além dessas problemáticas, 3 trabalhos se voltaram para a análise das orientações político-culturais internas a esse sujeito coletivo, bem como as interações, nem sempre orgânicas, por vezes tensas ou conflitivas, que há entre o *hip-hop* e o movimento negro brasileiro, casos da tese de João Batista Felix (2005) e das dissertações de Teresa C.E. Bezerra (1999) e Frei Antonio L. da Silva (2006). Apenas em Felix e Silva se consta algum esforço de reflexão sobre o feminino e as relações de gênero no movimento, nas posses ou no meio social da música *rap*.

Na seqüência, apresentaremos as produções discentes dedicadas à investigação do *hip-hop* e posteriormente as que circunscreveram o *rap* e os *rappers* aos problemas privilegiados de estudo.

Em Bezerra (1999), Barreto (2004), Torres (2005), Silva (2006), Alves (2006) e Lima (2006) temos os resultados de estudos que investigaram experiências de jovens integrantes do movimento *hip-hop* nas dinâmicas sócio-espaciais, respectivamente, de Fortaleza (CE), Recife (PE), Belo Horizonte (MG), Teresina (PI), Caruaru (PE) e no trânsito do *rap* entre Salvador (BA) e São Luis (MA). Os autores partiram da premissa do *hip-hop* como uma manifestação cultural juvenil globalizada através dos *media globais* e da indústria cultural cujas expressões artísticas constitutivas, nas localidades estudadas, são apropriadas pelos sujeitos a partir de especificidades sociais, econômicas e étnicas nelas dominantes; desta maneira, os estudos demonstram que naquelas espacialidades determinados segmentos juvenis, pertencentes às camadas populares, negros, de baixa escolaridade se apropriam e recriam o movimento não em sua totalidade, mas valorizando os conteúdos e formas de uma de suas vertentes expressivas, de forma predominante o *break* e não necessariamente o *rap*. Demonstram, ainda, que tal forma de apropriação não impediu que o movimento adquirisse força e se expandisse nos meios juvenis populares, que gerasse redes de intercâmbios culturais e apoios sociais e políticos, que as formas de pertencimento ao *hip-hop* contribuíssem para que os sujeitos juvenis encontrassem referências enriquecedoras e fortalecedoras de seus processos identitários étnicos-raciais, gestassem práticas de denúncia e contestação de valores dominantes. Desse modo, os estudos trazem elementos que confirmam a importância crucial que têm as circunstâncias locais cotidianas na apropriação e modelação de conteúdos e significados culturais inscritos em imagens e bens adquiridos através dos *mass media* e da indústria cultural globalizados (Bennett, 2002 : 51).

Os processos identitários de jovens *rappers* ou vinculados ao *hip-hop* e as representações que constroem sobre as cidades de Curitiba (PR) e Belo Horizonte (MG) foram objetos de investigação de Marcilene G. de Souza (2003) e Ana Cristina R. Faria (2003), respectivamente. Souza (2003) constatou que o poder local e os meios de comunicação de massa constroem representações que promovem Curitiba como “cidade modelo”, “cidade primeiro mundo”, “cidade europeia” e marcada pela coexistência e convivência de múltiplas etnias, produtoras de uma cultura de “harmonia racial”. A partir deste quadro, a autora investigou quais os sentidos que jovens *rappers* apreendem dos discursos e representações elaborados pelo poder local e os *mass media* sobre Curitiba. Souza constatou que os *rappers* dão conta de apreender, denunciar e combater as estratégias de “lateralização” e segregação socioespacial e econômica produzidas pelo poder local curitibano, os quais, porém, não se contrapõem e denunciam as representações da “cidade modelo e europeia” e sua “harmonia racial”. Assim, partilham da crença da existência de uma igualdade entre os indivíduos independentemente da cor/raça ou etnia. Ressalta-se nesse estudo a constatação feita sobre as relações pontuais e também

de estranhamento e atritos entre o movimento negro e o *hip-hop* em Curitiba, e a tese de que, para determinados segmentos desse movimento naquela cidade, inexistia uma polarização entre brancos–não-brancos ou, ainda, de quanto mais branco mais valorizado social e politicamente; para eles, os problemas de fundo de jovens, pobres e negros residem nas desigualdades socioeconômicas, na pobreza e na segregação socioespacial dos pobres. Tais resultados evidenciam que para algumas frações do *hip-hop* e de *rappers* as teses da mestiçagem ou da democracia racial ainda persistem e não são, necessariamente, objeto de tematização; mais, ainda, que o desiderato do Atlântico Negro não tem servido de referência para a mobilização e formas de agir naquele espaço cidadão. Faria (2003) realizou um estudo interdisciplinar, de caráter exploratório, visando compreender as representações sociais do espaço físico e social da cidade contemporânea, de modo a reconhecer como ocorrem em Belo Horizonte a conformação de identidades e do sentimento de pertencimento de jovens moradores da periferia e integrantes do movimento *hip-hop* e *rappers*. A autora explorou o conteúdo de 42 letras de *raps* e constatou que os *rappers* valorizam e têm como referências simbólica e funcional a área central daquela cidade, em especial seu “hipercentro”, espacialidade em que se sentem parte da cidade, confirmam sua identidade e pertencimento e experienciam, de alguma forma, sua cidadania (2003:114). Faria observa, contudo, que mesmo percebendo a cidade através daquela polarização, isto não significa que os *rappers* se conformam com a segregação espacial e social, pois a reconhecem e é “a partir dela que assumem sua opção e estilo de vida” e um modo de apropriação da cidade.

As etnografias de Guasco (2000) e de Tella (2000) se voltaram para a análise das representações sociais produzidas por *rappers* na metrópole paulistana. Em Guasco temos um estudo de perfil monográfico tal como definido no campo da Antropologia e um exemplo de etnografia interpretativa; sua dissertação apresenta algumas singularidades que a tornam diferenciada no conjunto de produções discentes aqui analisadas: a primeira concerne ao rigor que demonstra o autor na condução do trabalho de campo e a visível preocupação em fundamentar teoricamente os passos que o conduziram até os sujeitos de sua pesquisa – *rappers* e grupos de *rappers* que deram projeção regional e nacional ao *rap* paulistano. Além disso, o pesquisador adotou a estratégia metodológica de, se aproximando dela, imergir “na cultura e no cotidiano nativos”, motivo pelo qual residiu por cinco meses em um bairro da zona sul de São Paulo, lugar em que conviveu diuturnamente como os sujeitos do estudo e adensou a apreensão e interpretação de suas “representações”. Tal estratégia foi complementada por uma análise de conteúdo de letras de *rap*, das imagens contidas em capas de discos e, ainda, pela análise de registros laborados sobre o “circuito do *rap*” na metrópole paulistana. O autor defende a ideia de que o *rap*, no Brasil, não pode ser tomado apenas como uma expressão da diáspora africana, pois os *rappers*, jovens, pobres, negros paulistanos viveram experiências de migração, ou são herdeiros delas, que se integraram ao cotidiano das periferias urbanas e nele vivem. Segundo o autor,

os *rappers* estudados formulam críticas e denúncias sobre o racismo, a exclusão social e a violência, criando “categorias de oposições”; ao vocalizarem tais temas, socializam, simultaneamente, normas de condutas e valores morais inerentes à cultura popular brasileira e ao estilo ao qual estão vinculados. Em relação aos seus processos identitários, Guasco estabeleceu uma fórmula segundo a qual os *rappers* assimilam o estereótipo que recai sobre eles, os processam e valorizam aspectos negativos como sinais identitários; pela mediação de *raps*, devolvem as imagens negativas processadas à sociedade ou ao que denominam de “sistema”. Marco Aurélio Tella (2000) investigou o estilo *rap* como um instrumento de contestação de jovens negros capaz de produzir uma leitura crítica da sociedade, de se apropriar de modo seletivo do passado da população negra e realizar denúncias dos problemas étnicos e sociais dos segmentos negros. Os sujeitos do estudo foram três grupos de *rappers* de repercussão nacional; a partir de entrevistas e análise de conteúdo de letras de *raps*, Tella investiu na compreensão crítica dos modos como realizam uma apropriação do passado da população negra, articulados a símbolos internacionalizados da cultura afro do presente. A ideia central do estudo é a de que o fenômeno juvenil *rap*, através das letras de músicas, questiona o imaginário social de nossa sociedade, produzindo novas identificações alicerçadas em três pilares: a cor da pele, a origem social e o lugar social de moradia dos sujeitos. Para o autor, o *rap* se constitui numa prática discursiva de alto teor de agressividade, chegando a se sobressair dentre outras manifestações musicais afro-americanas e afro-brasileiras, pois investe diretamente no processo de fortalecimento e valorização do orgulho negro e no confronto desafiador do domínio cultural e político do branco.

Por fim, temos os estudos de Sandra R. S. Costa (2002) e João Baptista de J. Felix (2005), que apresentam preocupações e modos de abordagens diferenciadas do *hip-hop*. Costa, a partir da análise dos estilos de vida, das visões de mundo e de histórias de vida, investigou as trajetórias individuais e de ocupação de 3 *hip-hoppers* no contexto urbano do Rio de Janeiro. À luz de estudos sociológicos e antropológicos sobre a vida cotidiana, os movimentos sociais e a vida juvenil nas sociedades complexas, o *hip-hop* não foi analisado como um movimento de contracultura nem como subcultura jovem, mas como um movimento social de base juvenil realista e não utópico, difusor de uma mentalidade ou visão de mundo que contribui para o crescimento social, intelectual e profissional dos sujeitos a ele vinculados. Costa apreende o movimento por um ângulo ainda pouco explorado por produções discentes dedicadas a este ator coletivo ou seus integrantes, nas três áreas consideradas por este balanço, qual seja: o *hip-hop* constituiu um território comercial próprio, um “nicho” articulado por uma indústria de produção e um mercado de consumo de bens materiais e simbólicos; tal território permite a construção de carreiras moral e profissional de alguns de seus atores. A autora percorreu os processos de constituição e as trajetórias de carreiras de um *DJ*, de um grafiteiro e de uma produtora de shows e de novos grupos de *rap*. Ao examinar os percursos daqueles sujeitos no universo do *hip-hop*

na cidade do Rio de Janeiro, Costa demonstra que os suportes e os campos de possibilidades abertos às trajetórias ocupacionais examinadas são diferenciadas, tendo em vista as relações sociais e morais que os sujeitos estabelecem com o *hip-hop*, pois são relações marcadas por ambigüidades, tensões e conflitos, mas também por apoios e solidariedades. O estudo constrói uma compreensão pouco comum do movimento e suas orientações sociais, políticas e culturais; orientações que começaram a ser problematizadas e estão presentes em alguns estudos que integram este estado da arte.

O trabalho de João Baptista de J. Felix tem vínculos diretos com a investigação realizada pelo autor no mestrado;²⁴ em seu trabalho de doutoramento, a premissa central é a de que o *hip-hop* pode ser compreendido como uma totalidade social internamente heterogênea em que se constata usos dicotômicos das noções de cultura e política, que se explicitam no par de oposições: o “movimento é cultura” ou “é política”? Ao dialogar criticamente com representantes da produção acadêmica sobre o *hip-hop*, Felix observa que os autores trouxeram contribuições significativas sobre o movimento, porém, apresentaram-no como um todo homogêneo e coeso. Ao discordar de tal visão e após interagir como *hip-hoppers*, integrantes de três posses paulistanas, bem como analisar o conteúdo de letras de música do estilo *gangsta rap*, o autor buscou implodir aquele par de oposições, bem como demonstrar que ele historicamente permeou os movimentos e ações coletivas de base social negra no país desde os anos 70, produzindo divergências e dissidências entre seus atores e que, a seu modo, o *hip-hop*, desde meados dos anos 80, tem se alimentado e reproduzido tal dicotomia produzindo, de um lado, a denominada posição “culturalista” e, de outro, a chamada postura “político-ideológica”. Para o autor, tal polarização engendra uma falsa questão, pois há uma interatividade entre as duas dimensões; ambas, de modo articulado, fecundam as ações do movimento no espaço público e lhes dão visibilidade. Quanto ao estilo *gangsta rap*, Felix chama a atenção para o que denomina como postura “misógina” de seus autores, pois criticam virulentamente o racismo, a violência, a marginalidade social, porém não avançam em suas críticas ao silenciarem sobre o machismo e sobre a subalternidade imposta ao feminino em nossa sociedade e no interior do meio juvenil *hip-hoppiano* ou *rapper*.

Agregados a este subtema, temos mais 7 estudos: o de Ana M. Ecurra (2002), em que o foco recaiu sobre grupos juvenis e estilos musicais diversos, o de Luciana C. Amorim (2004), que analisou a participação política no interior do universo social da música eletrônica dançante – *med*. Já os trabalhos de Marlúcia V. da Silva (2006), Maria I. Lodi (2003), de Miguel R. de Almeida (2006), de Nínive F. Machado (2003) e a tese de Marlos Bezerra (2004) se direcionaram ao exame

²⁴ João B. J. Felix, *Chic Show e Zimbabwe: a construção da identidade nos bailes Black paulistanos*. A dissertação foi incorporada à base de dados do presente levantamento e agregada à temática *Juventude e negros*, pois o autor analisou os processos identitários de jovens e jovens-adultos negros pela mediação daqueles espaços de sociabilidade.

de condutas juvenis e suas práticas artístico-culturais nas relações ou no interior de projetos ou programas desenvolvidos pelo poder público e/ou organizações da sociedade civil.

A música como possibilidade de construção de um território existencial autorreferencial e de processos identitários de jovens integrantes do movimento musical do Alto José do Pinho, subúrbio ao norte da cidade de Recife (PE) – foi o tema do estudo etnomusicológico de Escurra (2002), que traçou uma cartografia do cotidiano de jovens recifenses articulados em bandas de *punk-rock*, *hard-rock*, *reggae*, *pop* e *hip-hop*, buscando demonstrar que através de grupos de estilos musicais eles foram promovendo rupturas com significações negativas e dominantes sobre a vida da comunidade. Para a autora, ao se expressarem publicamente através da música, da “oralidade como máquina estética”, os jovens e suas bandas nomearam para a comunidade, assim como para sociedade abrangente, outras faces do cotidiano do subúrbio e de seus jovens moradores. Amorim (2004) se voltou para os temas da participação e da apatia política no universo juvenil brasileiro da música eletrônica dançante – *med*, visando a identificar os padrões de participação e de apatia política no interior daquela cena. Este é um dos poucos estudos sobre grupos juvenis que buscou fundamentação teórica na produção científica sobre os movimentos sociais e tal estratégia permitiu que a autora operasse com uma noção política de cultura e abordasse de forma rigorosa a dimensão política nos movimentos culturais. Para Amorim, a *med* pode ser vista como um movimento cultural centrado na produção e no consumo coletivo de bens simbólicos. Nessa pesquisa a estratégia metodológica dominante foi a quantitativa-estatística, pela realização de um *websurvey*. O instrumento de coleta de dados foi disponibilizado em uma página eletrônica da Internet, e os indivíduos que se autopercebiam como vinculados à cena puderam acessá-lo e respondê-lo. Tal procedimento permitiu a autora interagir com 814 sujeitos, predominantemente do sexo masculino, com idades entre 12-49 anos de idade, pertencentes às camadas médias, grande parte deles com acesso ao ensino superior, inseridos em diferentes localidades de 20 estados do país. Os itinerários assumidos no trabalho de campo induziram a configuração de uma amostra relativamente “elitizada” de indivíduos vinculados a *med*, porém não menos significativa do universo social juvenil *clubber no país*; algumas das conclusões encontradas pelo estudo revelam que o universo sociocultural *med* não exerce influência na ação política dos sujeitos, tampouco induz a sentimentos positivos ou negativos em relação à política, de maneira que não se pode creditar ao universo *clubber* um fator de politização nem de alienação política, portanto, a participação subcultural e a participação política não necessariamente estariam correlacionadas.

Os processos de constituição identitária de jovens, na especificidade da modernidade brasileira, foi a preocupação central da tese de Marlúcia V. da Silva (2006), entretanto, nesse estudo, verifica-se o cuidado teórico-metodológico da autora em explicitar que os sujeitos de sua pesquisa estão situados e agem no interior de uma ordem societária que tem como singularidade histórica ser fruto de uma “multiplicidade cultural híbrida” (Martins, 2008:42), que combina e faz

coexistir temporalidades de relações desiguais – o arcaico e o moderno, posição incomum no conjunto de estudos inseridos neste subtema. É de se destacar, ainda, a intencionalidade da autora em se voltar para as experiências coletivas de jovens pertencentes aos estratos médios da cidade de Florianópolis (SC). De acordo com Silva (2006), dada a especificidade histórica dos modos de se concretizar a modernidade em nossa sociedade, bem como as formas como ocorre a sua inserção no processo de mundialização dos modos de vida, os jovens estudados se deparam com um vasto campo de sentidos com os quais interagem, fazem escolhas, a fim de se constituírem como sujeitos sociais, sujeitos que tecem suas vivências em redes capilares do cotidiano nas quais constituem seus processos identitários. Em Bezerra (2004) temos o estudo sobre vínculos grupais e subjetividades de jovens (de ambos os sexos) moradores de bairros populares da cidade Natal (RN), envolvidos com programas de desenvolvimento comunitário, implementados por ONGs, a UFRN e organização empresarial filantrópica, em especial o Projeto Engenho dos Sonhos.

As formas de mobilização e organização de grupos juvenis moradores de um núcleo de favela localizado na periferia de Belo Horizonte – Aglomerado da Serra – e seus processos de construção identitária foram os temas do estudo de Almeida (2006). Contribuíram com a pesquisa jovens com idades entre 15 e 24 anos e adultos, integrantes de coletivo de dança, de grupos de *rap* e de um Projeto comunitário mais amplo. Segundo o autor, ao se integrarem aos grupos artísticos, os jovens criam possibilidades de viver a condição juvenil de forma mais intensa, mas ampla e livre de instituições como a família e a escola, e inventaram sentidos para a vida e para a participação social. Maria I. Lodi (2003) percorreu as condutas coletivas de jovens moradores de bairros pobres – pichadores e grafiteiros vinculados ao *hip-hop*, suas práticas de escrita de rua e as interações que estabelecem com o Projeto Guernica, iniciativa do Executivo municipal de Belo Horizonte. Lodi considerou que os grafiteiros apresentavam um discurso mais elaborado que os jovens pichadores; aqueles, por seus vínculos com o *hip-hop*, assimilaram e vocalizaram elementos de uma ideologia mais elaborada, porém aparentemente mais “fechada” e menos permeável a outras “visões de mundo”; entretanto, tal situação não os impedia de buscar uma formação ancorada num “discurso arrojado, com elementos de vanguarda contemporânea, para desenvolverem ação coletiva com conotações revolucionárias”. Nesta busca, dão sentido ao mundo e estabelecem ações comunicativas com rede de atores juvenis; entretanto, conclui Lodi, tal discurso engendra seu próprio limite, pois se fecha nas reivindicações e denúncias que elabora, não demonstrando grande eficácia em promover, por si só, as mudanças que defende. Machado (2003) abordou as novas formas de participação juvenil, analisando ações coletivas juvenis que disputaram junto à comunidade e os poderes públicos a apropriação e o uso de um prédio público localizado na periferia de Olinda – Peixinhos (PE). A autora entrevistou 11 jovens do sexo feminino, integrantes de grupo de dança, 3 jovens vinculados a uma biblioteca multicultural comunitária e 2 adultos. Para Machado, a mobilização e a ação coletiva daqueles segmentos juvenis permitiram a ocupa-

ção e a apropriação do antigo Matadouro Industrial de Olinda, o que permitiu conferir-lhe novo uso e valor de uso, mediante a instauração e manutenção de ações artísticas e culturais para eles e diferentes segmentos daquela comunidade. Deste modo, ao colocarem questões de interesse comunitário na agenda política do Estado, aturam tanto no plano da cultura como no da política.

Os grupos juvenis e a educação escolar

A tese de Lindolfo Filho (2002) também tem ligações com estudo que realizou no mestrado (Lindolfo Filho, 1993), em que examinou o *reggae* como cultura e estilo musical. No doutorado, o autor investigou os confrontos entre o *rap*, a cultura *hip-hop* e o universo da educação escolar. Lindolfo Filho concentrou-se na gênese, nos alcances e limites das mensagens difundidas pela música negra *rap*, as trajetórias de vida e construção de identidades de seus atores, seus caminhos escolares, bem como nas relações que estabelecem com o saber letrado e com a indústria cultural. Os “sujeitos paradigmáticos” da pesquisa foram 2 jovens *rappers* paulistanos e 2 jovens *rappers* africanos, moradores do espaço urbano de Lisboa. Além das atividades de observação e entrevistas, o estudo também se dedicou à análise do conteúdo de letras de *raps* – elaboradas pelos 4 *rappers*. De modo diverso dos estudos sobre a cultura *hip-hop* cobertos por este balanço, para tratar dos processos identitários dos *rappers*, o autor se valeu da teoria da identidade afrocentrada desenvolvida por William Cross Jr. (1991), para quem as identidades negras são construídas por níveis de consciência étnico-racial, que variam tanto no nível individual como no coletivo, estando em constante processo de mutação. Ao analisar as vozes dos 4 *rappers*, o estudo traz como principais conclusões que as questões abordadas por eles são convergentes no que é estrutural ao *rap*, isto é, na denúncia contra o racismo, na crítica à violência institucional e social, porém se distanciam no que se refere às situações de guerras e de uma africanidade que em nossa sociedade os *rappers* só conhecem a distância. Quanto à educação escolar, o autor defendeu a tese de que aquele mundo vive uma ambigüidade que consiste na aceitação e na resistência simultâneas com relação ao *hip-hop*, pois este produz e reproduz uma cultura que questiona a cultura escolar dominante ou se contrapõe a ela: os *rappers* têm posicionamentos ambíguos em relação à escola: ela pode ser ou não importante, embora também acreditem no saber letrado como possibilidade de aquisição de um discurso de cidadania e de seu melhor exercício.

Os grupos juvenis e a violência

Em páginas anteriores observamos o pequeno número de estudos voltados à investigação das relações dos grupos juvenis com a violência. Na área das Ciências Sociais, das 5 dissertações incluídas nesta subtemática, 2 foram produzidas em Programas de Pós-Graduação de Antropologia (Almeida, 2004 e Xavier, 2000) e

3, em Programas de Sociologia (Grande, 2001; Donato, 2001 e Mattos, 2006).

Grande (2001) e Almeida (2004) retornaram à problemática abordada anteriormente por Márcia Regina Costa (1993): o movimento dos carecas, coletivo de jovens oriundos das camadas populares ou das classes médias que têm como padrões de conduta e modo de afirmação identitária a rejeição da alteridade, a incitação ou o cultivo da violência e formas de aparecimento espetacular no espaço urbano. Almeida (2004) se dedicou à análise de uma vertente *skinhead*, autodenominada *poder branco paulista*. Já Grande (2001) também focou o tema da violência urbana e a juventude no espaço citadino paulistano e tomou como sujeito de investigação o grupo autoidentificado como “carecas do subúrbio”, o coletivo de *skinheads* mais antigo e numeroso do Brasil. O estudo explorou as relações de segmentos dos “carecas” com a violência, discriminação, intolerância, alteridade, o racismo e o neonazismo. Diversamente daqueles trabalhos, a etnografia de Xavier (2000) se voltou para a sociabilidade de “galera juvenil” situada no bairro Val-de-Cans, tecido urbano de Belém (PA), e a de Mattos (2006) teve por objetivo compreender as interações entre jovens *funkeiros* e a violência em comunidades e bairros da região metropolitana do Rio de Janeiro. Xavier (2000) articulou “o fenômeno social gangues” com as questões sociais mais amplas, como a pobreza, a falta de infra-estrutura nas condições materiais de vida, os embates do cotidiano, o que gera discursos oficiais, da mídia, dos próprios integrantes das galeras e da sociedade como um todo, que por vezes assume dimensões sociais distorcidas. Mattos (2006) promove uma discussão sobre os significados e experiências de violência entre jovens *funkeiros*, considerando suas vivências no âmbito do lazer e na vida cotidiana no Complexo da Maré e no bairro Jardim Catarina, na cidade do Rio de Janeiro. A autora visou compreender a organização da violência com a consolidação de facções criminosas, bem como explicar o impacto da “guerra” entre facções nos modos como se vivenciam a rivalidade e as brigas entre jovens ex-integrantes de galeras *funk*.

Para Donato (2001), há pelo menos dois fatores que explicam a existência de jovens organizados para práticas culturais violentas: um deles residiria na grave crise no processo civilizatório que se reflete nas instituições responsáveis pela formação cultural das novas gerações; o outro radicaria no fato de a sociedade brasileira ter uma história marcada pela violência – deste a tortura até a violência da mídia – sem conseguir avançar para práticas mais democráticas. Diante de tal situação os jovens demonstram uma insatisfação pelos modelos atuais, sem, contudo, conseguir formular com clareza novos caminhos para o futuro, o que gera um sentimento de simplesmente viver o presente, muitas vezes permeado pelas drogas; além disso, os jovens se sentem incomodados e contestam de múltiplas formas, muitas vezes usando práticas violentas. A violência seria, para o autor, uma forma de manifestação cultural juvenil, muitas vezes motivada pela inexistência ou ineficácia de outras formas de manifestação e contestação da realidade presente.

Os grupos juvenis na área do Serviço Social

Os 2 estudos elaborados na área do Serviço Social foram adscritos à subtemática *grupos juvenis e a vida de seus integrantes*. Fernanda dos S. Rodrigues (2005) examinou condutas juvenis pela intermediação de bailes *funk*, realizados em Padre Miguel, bairro da cidade do Rio de Janeiro. Através de “diálogos informais” com 70 jovens frequentadores de bailes *funk* daquela localidade e mediante a análise de letras de *funk* produzidas nos anos 90 – as de caráter “proibido” e as “liberadas” –, a autora defende as ideias de que cultura *funk*, sobretudo suas músicas, demonstra a cotidianidade dos jovens, pobres, negros; constata, ainda, que, nos anos 80, o estilo *funk* foi veículo de denúncias contra o racismo e a violência, já nos anos 90 ele tem se pautado mais “na fórmula da erotização de suas letras”. Ao analisar a sociabilidade dos bailes *funks*, a autora apreendeu que os sujeitos que os mantêm e a ele afluem diluem as fronteiras do lícito e do ilícito, na medida em que são atores do tráfico local que patrocinam e mantêm aquele espaço de encontro. Verificou também a contínua produção, distribuição e o consumo de CDs piratas, bem como a estratificação do público juvenil frequentador dos bailes: os “jovens caretas” – estudantes e trabalhadores – e os “jovens rebeldes” – envolvidos com o tráfico de drogas e a criminalidade, dentre outras situações. A produção de Vera Maria L. P. Rodrigues (2005) traz os resultados da investigação sobre os processos de aprendizados e vivências de jovens moradores da periferia de São Paulo, em esferas sociais como família, escola, trabalho, local de moradia e em coletivos juvenis. Rodrigues tomou como suporte o *Mapa da Juventude de São Paulo* (2003)²⁵ e dele selecionou como sujeitos da pesquisa três grupos: dois que desenvolviam “ação social” e o terceiro classificado como “grupo de manifestações artísticas”. Nas considerações finais, o estudo chama a atenção para a importância que teve para os jovens pesquisados o pertencimento àquelas formas associativas, pois por intermédio delas acessaram processos educativos, assumiram condutas protagonistas no meio social em que estavam inscritos, produziram e socializaram saberes e conhecimentos, fortaleceram seus coletivos e puderam, ainda, problematizar valores relativos às relações sociais, étnicas, de gênero.

Comentários finais

No primeiro Estado da Arte sobre Juventude, compreendendo apenas a produção na área da Educação, Corti & Sposito (2002) constataram que dos 8 trabalhos identificados, seis se voltaram para grupos juvenis envolvidos com o universo da

²⁵ Elaborado por uma parceria que envolveu a Coordenadoria Especial da Juventude da PMSP e o Centro de Estudos de Cultura Contemporânea – CEDEC, em 2003.

cultura, em especial coletivos musicais e de grafiteiros. Nesta incursão, considerando as 3 áreas científicas, verifica-se uma realidade semelhante: das 64 produções discentes, 43 trataram os grupos juvenis e suas incursões no mundo da cultura. Dos estudos elaborados na área da Educação, apenas 1 fugiu àquele imperativo e mais de dois terços das 21 produções abordaram grupos ou agregados envolvidos com a música (15). Nas Ciências Sociais, 41 discentes também filiaram suas produções na esfera cultural: 28 deles abordaram formas associativas produtoras de estilos musicais diversos e 10 se preocuparam com expressões tais como o *RPG*, os *caçadores de símbolos*, o *surf*, o *grafite*, a *pichação*, grupos *esportivos* e de *lazer*, o movimento *antiglobalização* e o *Movimento do Passe-Livre*. As duas produções elaboradas na área do Serviço Social confirmaram tal orientação.

Mesmo constatando algum equilíbrio entre o número de produções oriundas das áreas de Educação e Ciências Sociais, neste levantamento, a temática dos grupos juvenis foi predominantemente tratada por estudos realizados em Programas de Antropologia, que geraram investigações adscritas às quatro subtemáticas construídas para reordenar os 64 estudos.

As produções discentes sobre grupos juvenis têm a marca do urbano, apreendido em espaços e escalas distintos – a “cidade”, a “metrópole”, a “região central”, as “periferias”, os “bairros periféricos”, “núcleos de favela” ou ainda o “subúrbio”. As formas associativas juvenis que se constituem e agem no mundo rural – de cultura tradicional ou não – ainda são negligenciadas ou estão esfumaçadas aos olhos de discentes dos Programas de Pós-Graduação das três áreas.²⁶ Entretanto, encontramos no conjunto dos estudos um mosaico mais representativo da diversidade do meio urbano brasileiro, pois temos 12 pesquisas em que manifestações juvenis investigadas estavam inscritas em espaços citadinos de pequeno e médio porte. Isto não quer dizer que todos os autores se esforçaram para explicitar as singularidades sociais, econômicas e culturais que elas apresentam em relação às espacialidades metropolitanas ou grandes cidades, o que sem dúvida permitiria um conhecimento enriquecido das culturas juvenis.

Parte significativa dos estudos voltou-se para as experiências grupais de jovens pertencentes às camadas populares, invariavelmente apreendidos como “jovens pobres”, “jovens da periferia”, “jovens pobres e negros” ou, ainda, pela estranha categoria de “jovens periféricos”. Do total de trabalhos apenas 10 (nove provenientes das Ciências Sociais e um, da Educação), contemplaram práticas culturais articuladas por jovens pertencentes às “classes médias” e “alta”, quer seja em virtude de uma deliberada escolha teórico-metodológica, quer seja em função de que determinadas culturas ou estilos juvenis que se expandem através do processo de globalização cultural são apropriadas e recriadas no espaço/tempo local predominantemente por jovens pertencentes às camadas sociais mais

²⁶ No tema juventude rural estão localizadas duas dissertações e uma tese voltadas à investigação de grupos juvenis no meio rural, são elas: Sales (2003), Melo (2003) e Neves (2006).

abastadas da sociedade brasileira, pois implicam, em termos bourdesianos, a posse combinada de capital econômico e capital cultural, caso típico de estilos ou culturas como o gótico, a música eletrônica dançante (ou de pista), o *heavy metal* ou a *culture jamming*.

Outra convergência produzida pelos trabalhos diz respeito à ausência de uma preocupação com o tema relativo às diferenças entre os sexos: apenas 5 estudos, com ênfases diferenciadas, exploraram as pertencas sexuais dos integrantes dos grupos juvenis e, no seu interior, trataram as relações de gênero (Gonçalves, 2001; Gonçalves, 2005; Rodrigues, 2005; Felix, 2005; Silva, 2006). Sob este ângulo, os jovens foram apreendidos como idênticos sexuais, quando muito foram contabilizados como homens e mulheres nas caracterizações ou nos perfis formulados sobre os sujeitos estudados. Embora em muitos trabalhos a mulher jovem tenha colaborado na empiria, nas condições de sujeitos observados, entrevistadas ou informantes, não se verifica nas dissertações e teses a preocupação em considerar questões atinentes ao feminino no interior das experiências associativas juvenis. Na maioria dos estudos, predominantemente de natureza qualitativa, imperou o pressuposto de que as jovens mulheres se envolvem, participam, produzem e reproduzem os coletivos juvenis ou o estilo em condições símile aos pares masculinos. Nos estudos em que os temas do feminino e das relações de gênero foram abordados, as análises foram tímidas ou frágeis, as referências teóricas que as fundamentaram foram escassas, pouco atualizadas ou não figuraram na bibliografia final dos trabalhos.

A grande maioria dos autores desconsiderou que uma das singularidades das relações sociais que estruturam nossa sociedade consiste em relegar a mulher a uma condição de desigualdade e subalternidade. Desse modo, deixaram de investigar como nas experiências internas às formas associativas juvenis se estabelecem as relações entre os sexos, se há esforços por tematizá-las e torná-las menos assimétricas, como elaboram as questões em termos de gênero numa perspectiva intra-geracional.²⁷ Desse modo, mais de 80% dos trabalhos sobre grupos juvenis contribuíram para produzir o que Weller (2005: 107-8) chamou de “invisibilidade das jovens-adolescentes” ou “lacuna da participação feminina nas (sub)culturas juvenis”, quer seja porque a literatura científica de referência pouco se refere ou não trata da presença e da participação feminina nas experiências coletivas jovens, quer seja por uma opção consciente, ou não, dos autores.

O mesmo pode ser afirmado sobre o pertencimento étnico-racial dos integrantes dos grupos ou culturas juvenis focalizados. Excetuando-se as dissertações e teses que tomaram como sujeitos de análise o movimento *hip-hop*, o *rap* ou os *rappers*, em que a temática étnico-racial tinha centralidade, nos demais trabalhos aquele recorte empírico-analítico esteve também ausente. Nas dissertações e teses em

²⁷ Estas considerações levaram em conta o conjunto dos trabalhos e as análises contidas no texto, desta coletânea, *Jovens, sexualidade e gênero*. Foi localizado apenas um estudo sobre a presença feminina nas culturas juvenis: trata-se da tese de Magro (2003).

que o pertencimento étnico-racial se fez presente ela foi articulada às temáticas do racismo, do preconceito, da discriminação, do estigma que envolve os jovens negros na sociedade brasileira, inscritos na dinâmica sócio-econômica das periferias urbanas.

Embora os estudos apresentem um mapeamento mais alargado dos grupos juvenis e suas culturas, há uma concentração de estudos (22) sobre o movimento *hip-hop* ou o *rap*, apreendidos sob recortes variados e analisados a partir de ênfases diversas, e o quadro montado se ressinta da ausência de outros sujeitos coletivos juvenis, que tornem mais diverso e complexo “o tabuleiro da cidade e o jogo da cultura” (Vianna, 2007), ainda persiste a ausência de estudos sobre as expressões coletivas juvenis LGBTTT, de segmentos feminino, religiosos – de diferentes confissões, socioambientais, rurais ou do campo, indígenas, das múltiplas comunidades virtuais, entre outros.

A despeito destas lacunas, os estudos reafirmam a tese de que é ainda pela dimensão da cultura que os jovens se mobilizam, se organizam e disputam, com outras formas associativas, as possibilidades de inserção e integração na dinâmica societária e de construção de processos de identificação. Nos estudos provenientes de Programas das Ciências Sociais encontramos esforços que aprofundam a complexidade inerente às culturas juvenis, na medida em que parte significativa dos trabalhos buscou demonstrar a variedade de orientações, tensões e distinções que há no seio dos grupos ou culturas juvenis. Assim, apresentaram uma visão menos romântica e idealizada dessas formas sociais, em que os coletivos são tomados como um todo aditivo internamente homogêneo e coeso. Vão além, pois buscaram explorar como os grupos juvenis que disputam presença e visibilidade na “geografia da cidade” produzem atritos ou conflitos entre si (Vianna, 2007). Ao tomarem essa via analítica, constata-se que seus autores empreenderam uma interação com os distintos paradigmas existentes no interior dos estudos do campo da juventude, sobretudo aqueles produzidos pela literatura científica internacional das Ciências Sociais, em especial os das contraculturas, das subculturas e os das pós-subculturas juvenis; neste último, pelo viés do neotribalismo ou do subcapital cultural (Freire, 2005).

Tais perspectivas implicam que os grupos juvenis foram teoricamente apreendidos e analisados sob o paradigma da mudança social, menos sob o prisma da anomia ou da desordem e mais pela capacidade de resistência, contestação, combate, enfrentamento à ordem, mesmo quando esta foi apreendida como expressão da “sociedade de massas”, da “sociedade de consumo” ou do “espetáculo”.

As contribuições que trazem os estudos incluídos nesta temática se tornariam mais fecundas se seus autores tivessem calibrado melhor as análises sobre a sociedade brasileira, os tempos e ritmos desiguais combinados que a qualificam como uma sociedade peculiar, fruto do entrelaçamento do velho com o novo, da tradição e do moderno, uma “multiplicidade cultural híbrida”, conforme sublinhou Martins (2008). No esforço de demonstrar como as culturas juvenis analisadas entrecruzam dimensões e elementos das culturais globais com os da

cultura local, os estudos apresentaram e trataram a ordem societal brasileira a partir de esquemas dualistas e empobrecedores – centro-periferia, moderno-tardo-moderna, modernidade-atraso –, ou se esforçaram por apresentá-la como inapelavelmente marcada por tempos e ritmos da denominada pós-modernidade. Desta forma, deixaram de considerar, ainda, como em nossa sociedade as desigualdades sócio-econômicas se articulam – as velhas e as novas – e se combinam ou se sobrepõem às diferenças etárias, de gênero, de cor ou étnicas, espaciais, entre outras.

O mesmo pode ser dito sobre os modos como foram trabalhadas as noções de “periferia” e “exclusão”, pois são escassos os trabalhos que se esforçaram por tematizar tais unidades; não são poucos os estudos cujos autores se deixaram seduzir pela ideia de que “periferia é periferia em qualquer lugar”, tal como proclamou o *rapper* sobre a realidade da periferia de Brasília. Ainda que haja alguma veracidade nessa expressão, pode-se dizer que, nos estudos em que ela teve centralidade, seu uso se deu mais como apropriação de uma “expressão nativa” ou em uma acepção “ideológica de periferia”, um conceito sociológico “pobre da pobreza”, para usar os termos de Martins (2001; 2008). Um lugar “unicamente da exclusão social e da violência, coisa que ela é apenas em parte ou nem sempre é” (Martins, 2001; 2008). Nos estudos em que a periferia tem peso significativo, sobretudo nos que abordaram o *hip-hop* e o *rap*, paradoxalmente, não chega a uma dezena o número de autores que não sublimaram o fato concreto de que nela os jovens “proclamam as virtudes próprias da condição jovem e de negro (ou, às vezes, de migrante, desenraizado e sem-lugar). O morador descobre suas singularidades etárias e étnicas. Sua prática proclama a diferença e o direito à diferença, ao específico e o singular. Nessa descoberta e nessa prática temos a recusa das categorias que se tornaram, com o tempo, genéricas e acobertadas, como a categoria de ‘trabalhador’” (Martins, 2001; 2008).

Os estudos demonstraram a exaustão a capacidade educativa que possuem e exercem as formações coletivas juvenis, capacidade esta que o mundo adulto, suas associações e instituições hesitam – quando não recusam – em reconhecer e legitimar, como bem demonstrou a pequena fração de produções discentes que trataram das relações entre grupos juvenis e escola. Por fim, e não esgotando as possibilidades analíticas que os estudos apresentam, vale sublinhar que eles concretamente minaram a categoria sócio-antropológica de moratória social, pois demonstram como os jovens, de diferentes classes e estratos sociais, em distintos lugares do urbano, inseridos em grupos produtores de estilos ou culturas, constroem modos e modelos para viverem a idade da juventude, de circularem e se apropriarem da cidade, do espaço urbano e tecerem arranjos no trânsito para a vida adulta (Melucci, 2001).

Referências bibliográficas

- ABRAMO, Helena Wendel, *Cenas juvenis: punks e darks no espetáculo urbano*, São Paulo : Scritta/ANPOCS, 1994
- ABRAMO, Helena Wendel, Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil, in *Juventude e contemporaneidade, Revista Brasileira de Educação*, São Paulo: ANPEd, ns.5,6,7, 1997
- ARIÉS, Philippe, *História social da criança e da família*, Rio de Janeiro : Guanabara, 1981
- BECKER, Howard, Arte como ação coletiva, BECKER, H. *Uma teoria da ação social*, Rio de Janeiro : Zahar, 1977
- BENNETT, Andy, Estilos globais, interpretações locais: reconstruindo o “local” na sociologia da cultura juvenil, in *Fórum Sociológico*, no. 7/8 (2ª. série), 2002, p. 49-67
- BENNETT, Andy, *A Escola de Chicago*, in MANA 2(2) : 177-188, 1996 (Conferência)
- BOURDIEU, Pierre, De quoi parle-t-on quand on parle du probleme de la jeunesse, in *Les jeunes et les autres*, Vancresson : CRIV, 1986
- BOURDIEU, Pierre, A ‘juventude’ é apenas uma palavra, in BOUDIEU, P. *Questões de Sociologia*, Rio de Janeiro : Marco Zero, 1998
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro : Bertrand, 2000
- BOURDIEU, Pierre, Fieldwork in philosophy, In BOURDIEU, P. *Coisas ditas*, São Paulo : Brasiliense, 2004
- CALDEIRA, Teresa Pires do Rio, A presença do autor e a pós-modernidade em antropologia, in *Novos Estudos*, n. 21, julho de 1988
- CANEVACCI, Massimo, *Culturas eXtremas; mutações juvenis nos corpos das metrópoles*, Rio de Janeiro : DP&A, 2005
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto, O trabalho do antropólogo, Brasília/São Paulo : Paralelo 15/Ed.UNESP, 1998
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto, Antropologia e a crise dos modelos explicativos, in *Estudos Avançados*, 9(25), 1995
- CARRANO, Paulo C. Rodrigues, Juventude: as identidades são múltiplas, in *Movimento*, Revista da Faculdade de Educação da UFF, Rio de Janeiro, DP&A, n.1, mai, 2000, 52-72
- CARRANO, Paulo C. Rodrigues, *Os jovens na cidade: identidades e práticas culturais em Angra de tantos reis e rainhas*, Rio de Janeiro, Dumará/FAPERJ, 2002
- CLIFFORD, James, Sobre a autoridade etnográfica, in CLIFFORD, J. *A experiência etnográfica e literatura no século XX*, Rio de Janeiro, UFRJ, 2002
- COHEN, A.K. A delinqüência como subcultura, in BRITO, S. *Sociologia da juventude, III*, Rio de Janeiro : 1968
- COLEMAN, James S. La sociedad adolescente, in PERÉZ ISLAS, J.A. et al. *Teorías sobre la juventud: las miradas de los clásicos*, Ciudad del México, México, 2008
- COSTA, Márcia Regina, *Os carecas do subúrbio: caminhos de um nomadismo moderno*, Petrópolis. RJ, Vozes, 1993

- COSTA, Márcia Regina, Culturas juvenis, globalização e localidades, in COSTA, M.R. & SILVA, E.M. (orgs.) *Sociabilidade juvenil e cultura urbana*, São Paulo : EDUC, 2006
- COSTA, Sérgio, A construção sociológica da raça no Brasil, in *Estudos Afro-Asiáticos*, Ano 24, no.1, 2002, PP. 35-61
- CRIADO, Enrique Martín, *Producir la juventud*, Madrid : Ediciones Istmo, 1998
- CROSS Jr, William, *Shades of black*, Temple University Pres, 1991
- DA MATTA, Roberto, *Carnavais, malandros e heróis*, Rio de Janeiro, Zahar, 1979
- DA MATTA, Roberto, *Relativizando: uma introdução a antropologia social*, Rio de Janeiro, Rocco, 1997
- DA MATTA, Roberto, *O que faz o Brasil, Brasil?* Rio de Janeiro : Rocco, 2001
- DAYRELL, Juarez T. *A música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude em Belo Horizonte*, 2001, Tese (doutoramento em Educação) – USP
- DAYRELL, Juarez T. O rap e o funk na socialização da juventude, in *Educação e Pesquisa*, ao Paulo, n.1, v.28, jan/jun, 2002, p.117-136
- DUBET, François, *La galère: jeunes en survie*, Paris : Fayard, 1987
- DUBET, François, Des jeunesses et des sociologies: les cas français, in *Sociologie et Sociétés*, vol. XXVIII, no. 1, printemps, 1996
- DUBET, François, A formação dos indivíduos: a desinstitucionalização, in *Contemporaneidade e Educação*, ano III, no. 3, mar/1998
- EISENSTADT, S. N. Grupos informais e organizações juvenis nas sociedades modernas, in BRITO, S. *Sociologia da juventude, IV*, Rio de Janeiro : 1968
- EISENSTADT, S. N. *De geração à geração*,
- ESCOSTENGUY, Ana Carolina, Os estudos culturais em debate, in *UNRevista*, vol. 1, n.3, julho, 2003, p. 1-8
- FEIXA, Carles, *De jóvenes, bandas y tribus*, Barcelona : Editorial Ariel, 2006
- FEIXA PÀMPOLS, Carles, A construção histórica da juventude, in CACCIA-BAVA, A., FEIXA PÀMPOLS, C., GONZALES CANGAS, Y. (orgs.) *Jovens na América Latina*, São Paulo : Escrituras Editora, 2004
- FONSECA, Cláudia, Quando cada caso NÃO é um caso, in *Revista Brasileira de Educação*, Jan/Fev/Mar/Abr, 1999, no. 10, p.58-78
- FORACCHI, Marialice M. *O estudante e a transformação da sociedade brasileira*, São Paulo : Companhia Editora Nacional, 1965
- FORACCHI, Marialice M. *A participação social dos excluídos*, São Paulo : HUCITE, 1982
- FREIRE FILHO, João, Das subculturas às pós-subculturas: música, estilo e ativismo político, in *Contemporânea*, Revista de Comunicação e Cultura, vol. 3, no. 1, p. 138-166 janeiro/junho, 2005
- GARCÍA CANCLINI, Néstor, *Culturas híbridas: estratégias pra entrar e sair da modernidade*, São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 2006
- GARCÍA CANCLINI, Néstor, *Diferentes, desiguais e desconectados*, Rio de Janeiro : Editora UFRJ, 2007
- GEERTZ, Clifford, *A interpretação das culturas*, Rio de Janeiro : LTC, 1989
- GEERTZ, Clifford, *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*, Petrópolis, Vozes, 1997

- GOFFMAN, Erving, *Estigma: notas sobre a identidade deteriorada*, Rio de Janeiro : Zahar, 1975
- HEBDIGE, Dick, *Subculture: the meaning of style*, Londres : Routledge, 1979
- HEBDIGE, Dick, *Sulbultura: el significado del estilo*, Barcelona, Paidós, 2004
- IANI, Octávio. O jovem radical, in BRITO, S. *Sociologia da juventude, I*, Rio de Janeiro : 1968
- HERSCHMANN, Micael (org.), *Abalando os anos 90: o funk e hip hop – globalização, violência e estilo cultural*, Rio de Janeiro : Rocco, 1997
- HERSCHMANN, Micael, *O funk e o hip-hop invadem a cena*, Rio de Janeiro, UFRJ, 2002
- LAPASSADE, Georges, Os rebeldes sem causa, in BRITO, S. *Sociologia da juventude, III*, Rio de Janeiro : 1968
- LENOIR, Remi, Objeto sociológico e problema social, in MERLLIÉ, Dominique et al, *Iniciação à prática sociológica*, Petropolis, RJ : Vozes, 1996
- MAFFESOLI, Michel, *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*, Rio de Janeiro : Forense, 1987
- MAFFESOLI, Michel, *Sobre o nomadismo: vagabundagens pós-modernas*, Rio de Janeiro/ São Paulo : Record, 2001
- MAGNANI, José Guilherme C., Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade, São Paulo : Brasiliense, 1984
- MAGNANI, José Guilherme C., A antropologia urbana e os desafios da metrópole, in *Tempo Social – USP*, abril, 2003
- MAGNANI, José Guilherme C., De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana, in *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v.17, no. 49, 2002
- MAGNANI, José Guilherme C. & TORRES, Lilian de L. *Na metrópole : textos de antropologia urbana*, São Paulo, Editora da USP; FAPESP, 1996
- MAGNANI, José Guilherme C. & SOUZA, Bruna Mantese (orgs.), *Jovens na metrópole: etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade*, São Paulo : Editora Terceiro Nome, 2007
- MANNHEIM, Karl, O problema da juventude numa sociedade moderna, in BRITO, S. *Sociologia da juventude, I*, Rio de Janeiro : 1968
- MANNHEIM, Karl, O problema sociológico das gerações, in FORACCHI, M.M., *Karl Mannheim : sociologia*, São Paulo : Ática, 1982
- MARGULIS, M. (ed.) *La juventud es más que una palabra: ensayos sobre cultura y juventud*, Buenos Aires, Ed. Biblos, 1996
- MARGULIS, M. et at., *La cultura de la noche: la vida nocturna de los jóvenes en Buenos Aires*, Buenos Aires, Biblos, 2005
- MARTINS, José de Souza, Depoimento, in *Espaço & Debates*, Ano XVII, número 21 (“Periferia revisitada”), NERU, São Paulo, 2001, p. 75-84
- MARTINS, José de Souza, *A sociabilidade do homem simples: cotidiano e história na modernidade anômala*, São Paulo : Contexto, 2008
- MELUCCI, Alberto, *A invenção do presente: movimentos sociais na sociedade moderna*, Petrópolis, RJ : Vozes, 1991
- MELUCCI, Alberto, *Il gioco dell’io; Il cambiamento di sé in una società global*, Milano : Feltrinelli, 1992a

- MELUCCI, Alberto, Juventude, tempo e movimentos sociais, in Juventude e contemporaneidade, *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo ; ANPEd, ns.5,6,7, 1997
- MELUCCI, Alberto, *Vivencia y convivencia: teoria social para una era de la información*, Madrid, Editorial Trotta, 2001
- MELUCCI, Alberto & FABBRINI, Anna, *Letà dell'oro: adolescenti tra sogno ed esperienza*, Milano : Feltrinelli, 1992b
- MORIN, Edgard, *Cultura de massas no século XX*, Rio de Janeiro, Forense, 1987
- PAIS, José Machado, *Culturas juvenis*, Lisboa : Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1993
- PAIS, José Machado, *Ganchos, tachos e biscates: jovens, trabalho e futuro*, Porto : Âmbar, 2001
- PAIS, José Machado, *Tribos urbanas: produções artísticas e identidades*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, 2004
- PAIS, José Machado, Buscas de si: expressividade e identidades juvenis, in ALMEIDA, M.I.M. & EUGÊNIO, F. (orgs.) *Culturas jovens: novos mapas do afeto*, Rio de Janeiro : Zahar, 2006 (Prefácio)
- PARSONS, Talcott, A classe como sistema social, in BRITO, S. *Sociologia da juventude, III*, Rio de Janeiro : 1968
- PEIRANO, Mariza, *A favor da etnografia*, Rio de Janeiro : Relume Dumará, 1995.
- REGUILLO CRUZ, Rossana, *Emergencias de culturas juveniles: estratégias del desencanto*, Buenos Aires : Norma, 2000
- REGUILLO CRUZ, Rossana, Las culturas juveniles: um campo de estúdio; breve agenda para la discusión, in *Revista Brasileira de Educação*, n.23, mai/jun/ago, 2003
- SANSONE, Livio, *Da África ao afro: uso e abuso da África entre os intelectuais e na cultura popular brasileira durante o século XX*, Rio de Janeiro : Centros de Estudos Afro-Asiáticos – UCAM, Trad. Patrícia Farias
- SOUSA, Janice Tirelli Ponte, *Gênero, movimentos juvenis e contestação política*, s.l.p, sd. (mimeo)
- SPOSITO, Marília P. Uma perspectiva não escolar no estudo sociológico da escola, *Revista USP*, n.1 (mar./mai, 1989), São Paulo, USP, CCS, 1989
- SPOSITO, Marília P. A sociabilidade juvenil e a rua: novos conflitos e ação coletiva na cidade, in *Tempo Social – Revista de Sociologia USP*, São Paulo, 5(1-2) : 161-178, 1993
- SPOSITO, Marília P. Educação e juventude, in *Educação em Revista*, Belo Horizonte : FAE/UFMG, no. 29, 1999
- SPOSITO, Marília P. Algumas hipóteses sobre as relações entre movimentos sociais, juventude e educação, *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo : ANPEd, n. 13, 2000
- SPOSITO, Marília P. (coord.), *Juventude e escolarização (1980-1998)*, Brasília : MEC/Inep/Comped, 2002
- SPOSITO, Marília P. *Considerações preliminares sobre o estudo das relações entre ação coletiva, cultura e juventude no Brasil*, São Paulo : FEUSP, 2009 (mimeo)
- THORNTON, Sarah, *Club cultures: music and subcultural capital*, Cambridge, Polity Press, 1995
- THORNTON, Sarah, *The subculture reader*, Londres, Rontledge, 1997

- TOLEDO, Luiz Henrique, Corporalidade e festa na metrópole, in MAGNANI, J. G.C. & SOUZA, B. M. (orgs.), *Jovens na metrópole*, São Paulo : Editora Terceiro Nome, 2007 (Posfácio)
- VALENZUELA ARCE, José, O funk carioca, in HERSCHMANN, M. (org.) *Abalando os anos 90*, Rio de Janeiro : Rocco,
- VALENZUELA ARCE, José, *Vida de barro duro: cultura popular juvenil e grafite*, Rio de Janeiro : Ed. UFRJ, 1999
- VELHO, Gilberto, *O fenômeno urbano*, Rio de Janeiro : Zahar, 1987
- VELHO, Gilberto, *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*, Rio de Janeiro : Zahar, 1994a
- VELHO, Gilberto, Individualismo e cultura: notas sobre uma antropologia da sociedade contemporânea, Rio de Janeiro : Zahar, 1994b
- VELHO, Gilberto, Juventudes, projetos e trajetórias na sociedade contemporânea, in ALMEIDA, M.I.M. & EUGÊNIO, F. (orgs.) *Culturas jovens: novos mapas do afeto*, Rio de Janeiro : Jorge Zahar, 2006 (Prefácio)
- VIANNA, Hermano, *O mundo funk carioca*, Rio de Janeiro : Zahar Ed, 1988
- VIANNA, Hermano, (org.) *Galeras cariocas*: Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1997
- VIANNA, Hermano, Jovens na metrópole: etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade, in MAGNANI, J. G.C. & SOUZA, B. M. (orgs.), *Jovens na metrópole*, São Paulo : Editora Terceiro Nome, 2007 (Prefácio)
- VIANNA, H. *Galeras cariocas: territórios de conflitos e encontros culturais*, Rio de Janeiro : Editora UFRJ, 1997
- ZALUAR, *A máquina e a revolta*, São Paulo : Brasiliense, 1985
- ZALUAR, Gangues, galeras e quadrilhas: globalização, juventude e violência, in VIANNA, H. *Galeras cariocas: territórios de conflitos e encontros culturais*, Rio de Janeiro : Editora UFRJ, 1997
- WELLER, Wivian, A presença feminina nas (sub)culturas juvenis, in *Estudos Feministas*, Florianópolis, 113(1): 107-126, janeiro-abril/2005
- WHYTE, William Foote, *Sociedade de esquina: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada*, Rio de Janeiro : Jorge Zahar Ed., 2005

Dissertações e Teses

EDUCAÇÃO

Dissertações

- ANDRADE, João M. de Castro. **Falas, práticas e sons: vivendo e educando-se nos arautos do gueto**. 2003. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.
- CARNEIRO, José Renato. **Constituição e a atuação de grupos, tribus, gangues e galeras no entorno de uma escola pública de Ensino Médio: Uma coexistência possível?** 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2006.

- FERREIRA, Tania M. G. **Hip-Hop e educação: mesma linguagem, múltiplas falas.** 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.
- FLEURY, Marcia M. N. **Dançarinos de rua: Jovens entre projetos de lazer e trabalho.** 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2006.
- GONÇALVES, Paula, V.P. de A. **Ser Punk: A narrativa de uma identidade jovem centrada no estilo e sua trajetória.** 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.
- JOVINO, Ione da Silva, **Escola: as minas e os manos têm palavra.** 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2005.
- MAIA, Carla V. V. L. **Entre gingas e berimbaus: um estudo de caso sobre cultura juvenis, grupos e escola.** 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Minas Gerais, 2004.
- PENTEADO, Hildebrando Cesário. **Fanzine: Expressão cultural de jovens em uma escola da periferia de São Paulo.** 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.
- PEREIRA, Angélica S. **Somos expressão, não subversão!!! – A gurizada punk em Porto Alegre.** 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.
- ROTTA, Daltro C. **O Hip-Hop (En) cena: problemáticas acerca do corpo e da formação.** 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.
- SANTOS, C. E. dos. **A música percussiva: uma experiência sociocultural dos jovens do bloco oficina tambolelê.** 2003. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.
- SANTOS, Lisiane G. **Sons das tribos? Compondo identidades juvenis no instituto de educação.** 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.
- SIQUEIRA, Cristiano T. de. **Construção de saberes, criação de fazeres: educação de jovens no hip hop de São Carlos.** 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2004.
- SOUZA, Carmem Z. V. G. de. **No tecer da vida, a juventude; no tecer da juventude, a vida: práticas educativas de jovens de Santo Antônio da Patrulha, em grupos de música e religião.** 2003. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio grande do Sul, Rio Porto Alegre, 2003.
- TAKARA, Alexandre. **Contribuições do movimento Hip-Hop para uma educação emancipadora: Movimento Hip-Hop em Santo André.** 2002. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Metodista de São Paulo, São Paulo, 2002.

Teses

- DAYRELL, Juarez T. **A música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude em Belo Horizonte.** 2001. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

- DURAND, Olga C. da S. **Jovens da ilha de Santa Catarina: socialização, sociabilidade.** 2000. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.
- GONÇALVES, Maria das G. **Racionais me's: o discurso possível de uma juventude excluída.** 2001. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.
- GONSALVES, Anderson X. T. **A pedagogia do spray: o que faz o grafiteiro, grafiteiro.** 2006. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.
- GUSTSACK, Felipe. **Hip-Hop: Educabilidades e traços culturais em movimento.** 2003. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.
- LIMA, Marcos A. de. **A banda estudantil em um toque além da música.** 2005. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

CIÊNCIAS SOCIAIS

Dissertações

- ALBUQUERQUE, Cynthia S. **Nas ondas do Surfe: estilos de vida, territorialização e experimentação juvenil no espaço urbano.** 2006. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2006.
- ALMEIDA, Alexandre de. **“Skinheds: os “mitos ordenados” do poder branco paulista”.** 2004. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2004.
- ALMEIDA, Miguel R. de. **Favela, arte e juventude: Pensando a relação entre ações artístico-culturais e identidade no aglomerado da serra em Belo Horizonte.** 2006. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.
- ALVES, Adjair. **Cartografias culturais na periferia de Caruaru: Hip-Hop, construindo campos de luta pela cidadania.** 2005. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2005.
- AMORIM, Luciana da C. **Eletrônia um continente político? Participação e apatia política vistas através de um movimento cultural da juventude.** 2004. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.
- BARRETO, Silvia Gonçalves Paes. **Sociabilidade, identidade e política: o movimento Hip-Hop no Recife.** 2004. Dissertação (Mestrado em Sociologia)- Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2004.
- BEZERRA, Marlos A. **Subjetividades juvenis e vínculos grupais: sendas existenciais de jovens da zona norte de Natal.** 2004. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2004a.
- BEZERRA, Teresa Cristina Esmeraldo. **O estetismo difuso na experiência HIP-HOP.** 2000. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2004b.

- CEVA, Roberta L. de A. **Na batida da zabumba: uma análise antropológica do forró universitário**. 2001. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.
- COSTA, Sandra R. S. da. **Bricoleur de rua: um estudo antropológico da cultura hip-hop carioca**. 2002. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.
- DONATO, Rosoé Francisco. **Os jovens organizados em grupo: cultura e violência**. 2001. Dissertação (Mestrado em Sociologia)- Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2001.
- ESCURRA, Ana Maria. **As fugas musicais: A movimentação das bandas do Alto José do Pinho**. 2002. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife , 2002
- FALCAO, Ana P. P. **Juventude contemporânea: expressões culturais e novos significados políticos (a cena musical paraibana)**. 2004. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2004.
- FARIA, Ana Cristina Reis. **Mapeando a cidade: Uma percepção urbana a partir das representações da periferia**. 2003. Dissertação (Mestrado em Sociologia)- Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.
- FERREIRA, Lucas T. **O traçado das redes: Etnografia dos grafiteiros e a sociabilidade na metrópole**. 2006. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2006.
- FONTANARI, Ivan P. de P. **Rave a margem do guaíba: música e identidade jovem na cena eletrônica de Porto Alegre**. 2004. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.
- GRANDE, Sérgio V. de L. **Violência urbana e juventude em São Paulo: um estudo de caso sobre os skinheads**. 2001. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade do Estado de São Paulo, Araraquara, 2001.
- GUASCO, Pedro P. M. **Num país chamado Periferia: identidade e representação da realidade entre os “rappers” de São Paulo**. 2001. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.
- LIMA, Aldenora C. C. **Saltando e Quebrando: o Rap... Pensar identidades no trânsito entre a Bahia e o Maranhão**. 2006. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006.
- LODI, Maria Inês Helio. **A escrita das ruas e o poder público no projeto guerrilha de Belo Horizonte**. 2003. Dissertação (Mestrado em Sociologia)- Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.
- MACHADO, Nínive F. **A criação de novos espaços de participação juvenil: o caso de Peixinhos - PE**. 2003. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003.
- MATTOS, Carla dos S. **No ritmo neurótico: Cultura Funk e performances “proibidas” em contexto de violência no Rio de Janeiro**. 2006. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.
- MESQUITA, Paula F. B. A. **Roleplaying games: A sociabilidade e o imaginário de jovens contadores de outras histórias**. 2006. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2006.

- MUNHOZ, Daniella R. M. **Graffiti: uma etnografia dos atores da escrita urbana de Curitiba**. 2003. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2003.
- OLIVEIRA, Vantiê P. C. de. **“O movimento Anarco-Punk (A identidade e a autonomia nas produções e nas vivências de uma tribo juvenil)”**. 2003. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2003
- PEREIRA, Alexandre B. **De rolê pela cidade: os pixadores em São Paulo**. 2005. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005
- SANTOS, José R. M. dos. **Malandros sem carnavais, carnavais sem heróis: Juventude, geração e sociabilidade entre jovens ligados ao rap e ao rock nas cidades de São Carlos, São José do Rio Preto e Ribeirão Preto**. 2006. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade de São Carlos, São Carlos, 2006.
- SILVA, Antonio L. da. **Música rap: narrativa dos jovens da periferia de Teresina**. 2006. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006a.
- SILVA, Wilma R. A. da. **Relatos etnográficos à meia-noite: O universo estético dos góticos na cidade de São Paulo**. 2006. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006b.
- SOUZA, Bruna M. de. **Os Straight Edges e sua relações com a alteridade na cidade de São Paulo**. 2006. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.
- SOUZA, Claudio Morais de. **Da lama aos caos: A construção da metáfora manguê como identidade/identificação da cena manguê recifense**. 2002. Dissertação (Mestrado em)- Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2002.
- SOUZA, Marcilene G. de. **Juventude negra e racismo: o movimento hip hop em curitiba e a apreensão da imagem de “capital européia” em uma “harmonia racial**. 2003. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2003.
- TELLA, Marco A. P. **Atitude, arte, cultura, autoconhecimento: rap como voz da periferia**. 2000. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2000.
- TORRES, Junia. **Movimento Hip-Hop como cultura política expressiva: fluxos simbólicos e re-significações locais**. 2005. Dissertação (Mestrado em Sociologia)- Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005.
- VALENTIM, Aline. **As nações de maracatu do Recife e o maracatu do Rio: Algumas reflexões sobre tradição, ressignificação e mediação cultural**. 2005. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.
- XAVIER, Mário J. B. **Nem anjos, nem demônios! Etnografia das formas de sociabilidade de uma galera de Belém**. 2000. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade Federal do Pará, Belém, 2000.

Teses

- FELIX, João Batista de J. **Hip-Hop: cultura e política no contexto paulistano**. 2006. Tese (Doutorado em Antropologia)- Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.
- LINDOLFO FILHO, João **Tribos urbanas - o rap e a radiografia das metrópoles**. 2002. Tese (Doutorado em Antropologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2002.
- LOPES, Pedro A. L. **Heavy Metal no Rio de Janeiro e dessacralização de símbolos religiosos: A música do demônio na cidade de São Sebastião das Trevas de Vera Cruz**. 2006. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.
- RAVIER, Valéria M. **Caçadores de símbolos: Culture Jamming: A publicidade e seu duplo**. 2005. Tese (Doutorado em Antropologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.
- SILVA, Marlúcia V. da. **Identidade juvenil na modernidade brasileira: Sobre o constituir-se entre tempos, espaços e possibilidades múltiplas**. 2006. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Curitiba, 2006.

SERVIÇO SOCIAL*Dissertação*

- RODRIGUES, Fernanda dos S. **O Funk enquanto narrativa: uma crônica do cotidiano**. 2005. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2005.

Tese

- RODRIGUES, Vera M. L. P. **Grupos juvenis na periferia: Reconpondo relações de gênero e de raça/etnia São Paulo 2004/2005**. 2005. Tese (Doutorado em Serviço Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.

Estudos sobre jovens na interface com a política

Marilia Pontes Sposito¹

Ana Karina Brenner²

Fábio Franco de Moraes³

O balanço dos estudos que relacionam os jovens com algum aspecto da prática política constitui um desafio importante para o campo de pesquisa, uma vez que essa ótica marcou os estudos pioneiros sobre juventude no Brasil, no início dos anos 1960. Nesse período, as pesquisas desenvolvidas por Marialice Foracchi (1972, 1977, 1982), sobre a participação política de jovens universitários nos movimentos estudantis, marcaram o início consistente de uma reflexão sobre a juventude no Brasil.

Se considerarmos que a política, como afirma Arendt (2007), se dá na interação dos homens entre si, ou seja, a “política surge no *entre-os-homens*; portanto, totalmente *fora* dos homens” (Arendt, 2007: 23), o campo de estudos sobre juventude e política tem como desafio investigar um conjunto de relações mantidas pelos jovens não só com seus iguais (os pares), mas, também, com o mundo adulto, situando-se, assim, no âmbito intergeracional no interior da esfera pública.

Para além de uma definição estrita da política como disputa de poder,⁴ as análises de Rancière (1996) circunscrevem um campo importante de delimita-

¹ Professora titular da área de Sociologia da Educação da Faculdade da Educação, USP.

² Doutoranda em Educação, Faculdade de Educação, USP.

³ Aluno do curso de Ciências Sociais da FFLCH e Bolsista de Iniciação Científica da Faculdade de Educação, USP.

⁴ É importante lembrar que a própria noção de política divide profundamente a comunidade acadêmica em torno da definição dos objetos considerados legítimos: “Por aqueles que a consideram (a política), a exemplo de Maurice Duverger como ‘a ciência do poder’, a sociologia política deve circunscrever seus objetos de estudos às formas instituídas da atividade política: o Estado, os partidos políticos, a competição eleitoral, a participação convencional – o voto, o militantismo – e não convencional – as manifestações, as rebeliões – daqueles que não fazem dela uma profissão, etc. Entretanto, para aqueles que consideram que nada é em si político, mas que tudo pode torná-lo a ser, uma tal concepção do objeto peca pelo essencialismo e conduz a negligenciar os efeitos políticos dos fatos sociais não identificados como políticos” (Dulong, 2007: 596).

ção da prática política, pois para ele a política “é primeiramente o conflito em torno da existência de uma cena comum, em torno da existência e a qualidade daqueles que estão ali presentes (...) existe política porque aqueles que não têm direito de ser contados, como seres falantes conseguem ser contados e instituem uma comunidade pelo fato de colocarem em comum o dano que nada mais é que o próprio enfrentamento, a contradição de dois mundos alojados num só: o mundo em que estão e aquele em que não estão, o mundo onde há algo ‘entre’ eles e aqueles que não os conhecem como seres falantes e contáveis e o mundo onde não há nada” (1996: 40). Introduzindo o elemento do dissenso e do conflito, Rancière considera que a atividade política “é a que desloca um corpo do lugar que lhe era designado ou muda a destinação de um lugar; ela faz ver o que não cabia ser visto, faz ouvir um discurso ali onde só tinha lugar o barulho” (1996: 42). Esses operadores conceituais em torno da atividade política conduzem, inevitavelmente, a um conjunto de temas que poderão ou não estar presentes nos estudos sobre os jovens brasileiros.

Se os estudos iniciais privilegiaram a vida universitária juvenil, é preciso reconhecer que houve substantivas mudanças na composição social dos estudantes universitários, sobretudo se considerarmos a recente expansão de vagas no ensino superior (mesmo que tímida e insuficiente), o que demandaria um esforço conceitual e temas de investigação que pudessem retratar essas novas realidades em suas relações com a construção do agir político. Além disso, novas formas de ativismo político e de práticas coletivas têm aglutinado os jovens e podem vir a se constituir em objeto de estudo relevante nesse campo temático, diante de alguns impasses já consagrados pelas investigações em torno da participação estudantil, em geral muito reiterativas dos estudos desenvolvidos em décadas anteriores, sem considerar mudanças sociais importantes observadas na sociedade brasileira.

Outro aspecto da prática política pode, também, influenciar a pesquisa sobre juventude, dessa vez colada na reflexão sobre o processo de redemocratização e os desafios para a consolidação democrática em países recém-saídos de regimes autoritários, enfatizando um recorte geracional. Nessa vertente investigativa estão as pesquisas sobre comportamento político, cultura política, socialização política e valores políticos, tendo os jovens como grupo a ser perscrutado quanto aos seus interesses, atitudes e formas de ação.

Por outro lado, temas ligados à própria ideia da ação juvenil na esfera pública, na interação com as denominadas políticas públicas ou políticas sociais desenvolvidas por governos, muitas das quais em parceria com a sociedade civil, também ampliam a esfera de preocupações nos estudos sobre as relações dos jovens com o mundo da política, estando presentes no atual balanço, ainda que de forma bastante incipiente.⁵

⁵ É preciso lembrar que o tema das “políticas públicas de juventude” alcançou o debate público apenas a partir dos últimos anos da gestão de Fernando Henrique Cardoso, apesar de integrar a reflexão latino-americana há mais tempo.

No primeiro Estado do Conhecimento sobre juventude (Sposito, 2002), tendo como abrangência apenas a área de Educação, foram localizados no tema *Jovens e participação política* um lote de 33 estudos, neles estando incluídos os trabalhos sobre os movimentos estudantis dos anos 1960 e 1970.⁶ O balanço atual ampliou o espectro de áreas a serem recenseadas, compreendendo as Ciências Sociais e o Serviço Social. Com isso, um conjunto de trabalhos trouxe questões até então pouco presentes no levantamento anterior. Nesse conjunto, ênfases diversas podem ser apontadas.

Na área da Educação a preocupação com algum aspecto da dimensão política alcançou 3,5% dos estudos sobre juventude, o que revela, ainda, um interesse bastante incipiente sobre a temática e a ausência de sua consolidação no período após a realização do último balanço (Carrano, 2002). Em Serviço Social a produção também é pequena (3,5% da produção total), mas nas Ciências Sociais algumas peculiaridades importantes podem ser observadas. O tema não atraiu a atenção dos antropólogos, embora estes tenham uma presença significativa no conjunto dos estudos sobre juventude (apenas um, dos 118 trabalhos de Antropologia sobre jovens, trata da relação desses segmentos com a política). O tema atraiu, de forma mais intensa, os sociólogos, e é dominante entre os cientistas políticos que têm como universo de pesquisa a juventude. Nesta última subárea, em um conjunto de apenas 13 trabalhos sobre jovens, 8 trataram de aspectos da relação desses segmentos com a política.

Para efeitos de análise, de modo a evidenciar as diferentes preocupações que orientaram as pesquisas dos alunos na Pós-Graduação, os trabalhos foram agrupados em cinco distintos subtemas que recobriram: a participação e militância política estudantil; outras modalidades de ação coletiva de jovens; os valores, a socialização e a cultura política; os deslocamentos em torno da ideia de participação política, traduzidos nos estudos sobre protagonismo juvenil; e as interfaces entre as políticas públicas, sociedade civil e juventude, como um eixo ainda emergente no conjunto desses estudos.⁷

⁶ Os estudos (foram identificados 10 trabalhos) que retratam as experiências do movimento estudantil nos anos 1960 e 1970 estão agrupados, no atual Estado da Arte, no tema *Estudos históricos sobre juventude*.

⁷ Do conjunto de 62 trabalhos reunidos neste tema, 06 estão aqui referidos apenas a partir de seus resumos, devido à impossibilidade de recuperá-los na íntegra. São as seguintes dissertações: Schwarz (2000), Oliveira (2004), Souza (2005), Carvalho (2006), Silva (2006a), Silva (2006b).

Tabela 1 – Distribuição do tema Jovens e Política, por subtema e área do conhecimento

Subtemas	Áreas do conhecimento					Total
	Educação	Serviço Social	Sociologia	Ciência Política	Antropologia	
Participação e mobilização estudantil	20	-	3	-	-	23
Outras modalidades de ação coletiva de jovens	4	1	7	-	-	12
Protagonismo juvenil	7	3	-	-	-	10
Cultura política, socialização política e capital social	2	1	2	8	-	13
Políticas públicas / sociedade civil/jovens	1		2	-	1	4
Total	34	5	14	8	1	62

O primeiro balanço realizado apontava o interesse da área de Educação em investigar a participação dos jovens, sobretudo, a partir da experiência estudantil, com ênfase em uma perspectiva histórica das lutas travadas por estudantes (Carrano, 2002). Na Educação esse interesse permanece, mas não é observado nas Ciências Sociais e no Serviço Social, uma vez que, dos 23 trabalhos localizados, somente 03 não foram produzidos na área da Educação. Inversamente, temas vinculados à prática política de jovens não derivadas de sua condição estudantil, ou mesmo os estudos sobre a cultura e socialização política de jovens, são mais atrativos aos discentes do Serviço Social e das Ciências Sociais. O maior interesse das áreas de Educação e de Serviço Social em estudar o denominado “protagonismo juvenil” revela a preocupação dessas áreas em investigar os projetos e programas destinados a jovens no Brasil, que adotaram como discurso a promoção da cidadania e, conseqüentemente, atribuíram outro lugar aos jovens pobres na sociedade brasileira, preocupação ausente nas Ciências Sociais.

Assim como observado por Carrano (2002), reitera-se uma dispersão das orientações, visto que foi encontrada a presença de 53 orientadores para um conjunto de 62 trabalhos, aqui reunidos. Apesar disso, os estudos na Ciência Política são marcados pela presença dominante de Marcello Baquero (UFRGS), com 5 orientações. Na Sociologia os 02 trabalhos orientados por Janice Tirelli (UFSC) aparecem ao lado de outras orientações sobre juventude, assim como Maria Aparecida Morgado (UFMT) e Maria Susana Vasconcelos Jimenez (UFCE) na área de Educação.⁸

⁸ Destacam-se também alguns orientadores que neste tema apresentam apenas uma orientação, mas que no conjunto dos trabalhos coletados no banco de dados apresentam 5 ou

Tabela 2 – Orientadores de trabalhos sobre Juventude e no tema Política

<i>Orientador/a</i>	<i>Juventude</i>	<i>Juventude e Política</i>	<i>Área do Conhecimento</i>
Cesar Marcello Baquero Jacome	5	5	Ciência Política
Janice Tirelli Ponte de Sousa	7	2	Sociologia
Maria Aparecida Morgado	14	2	Educação
Maria Susana Vasconcelos Jimenez	3	2	Educação

Participação e mobilização estudantil

Neste subtema foram agregados os trabalhos que se referem aos tradicionais estudos dos movimentos estudantis e também aqueles que procuraram compreender a experiência construída por estudantes em suas trajetórias de mobilização e suas formas de organização. Há dois enfoques claramente distintos neste grupo de trabalhos. O primeiro se refere às mobilizações, organizações e experiências de estudantes secundaristas (12 trabalhos) e o segundo, aos estudantes universitários (11 trabalhos).

Como já observado, os estudos sobre as mobilizações estudantis são quase exclusivos da área de Educação.⁹

No enfoque sobre os estudantes secundaristas é possível identificar três eixos temáticos. O primeiro eixo tem como questão o papel dos grêmios, da participação estudantil e da comunidade escolar na democratização da gestão da escola. Para a realização desses trabalhos (Silva, 2002; Garcia, 2003; Cunha, 2005; Sanches, 2006)¹⁰ os pesquisadores entrevistaram alunos de grêmios estudantis, alunos representantes de classe e alunos comuns, além de professores, coordenadores, diretores, funcionários e, eventualmente, pais de alunos. Em linhas gerais, esse conjunto de trabalhos pretendeu compreender como os alunos participavam da gestão escolar, estabelecendo relações com os modos de participação dos demais atores, e, também, qual o sentido atribuído pelos alunos a esta participação, e ainda, como os demais atores percebiam ou avaliavam a presença dos alunos

mais orientações sobre juventude: Marília Sposito, Maria Nobre Damasceno, Paulo Carrano, Augusto Caccia-Bava, entre outros.

⁹ Todas as teses e dissertações sobre estudantes secundaristas foram defendidas na Educação e apenas três das 11 pesquisas sobre estudantes ou mobilizações universitárias foram apresentadas na área de Sociologia, sendo o restante da Educação. Outro dado interessante deste subtema é a presença majoritária de estudos realizados em capitais ou regiões metropolitanas, sendo pouco expressiva a temática em cidades de médio e pequeno porte.

¹⁰ Garcia (2003) desenvolveu uma tese de doutorado, enquanto Silva (2002), Cunha (2005) e Sanches (2006) produziram dissertações de mestrado.

nos canais institucionais de participação na gestão da escola.¹¹ Esses estudos são parte de um espectro maior de pesquisas realizadas na área da Educação, sobre o processo de democratização da gestão escolar, a partir dos anos 1980. Por outro lado, os trabalhos também dialogam com a última reforma do Ensino Médio de 1996, que estimula a criação de grêmios estudantis nas escolas como mecanismo de participação e mobilização de alunos.¹²

As referências teóricas mais presentes neste conjunto de trabalhos dizem respeito aos autores que se debruçaram sobre o tema da democratização e da gestão da escola, sendo Vitor Paro (1993, 1995, 2001, 2003) e Lima (1992, 2000) os mais citados, além de Arroyo (1979, 2000), Frigotto (2000, 2001a, 2001b e 2004), e Benevides (1991 e 1994). Todos os estudos nesse eixo são de natureza qualitativa e recorreram a entrevistas semiestruturadas, análise de documentos e observações como instrumentos para o levantamento de dados.

Ainda que apresentem práticas inovadoras de algumas escolas, como rádios conduzidas por alunos, os trabalhos concluem que a simples existência de mecanismos institucionalizados de “gestão democrática” não garante a ampliação efetiva da participação e de práticas democráticas de gestão. Os trabalhos apontam para resistência de professores, diretores e dos próprios alunos na realização de gestão compartilhada, muitas vezes pela falta de percepção sobre os papéis e funções que cada um deve assumir no compartilhamento de responsabilidades. Afirmam, ainda, que muitas vezes os conselhos de escola e os grêmios existem apenas como uma formalidade, sem que estejam efetivamente em atividade.

Mais próximo dos estudos tradicionais sobre movimento estudantil, o segundo eixo temático diz respeito às lutas empreendidas por estudantes, através das organizações estudantis, que extrapolam os muros das instituições de ensino. As reivindicações implicam em articulações maiores entre diversas escolas, nas quais aparecem as entidades estudantis regionais e não apenas os grêmios escolares. A dissertação de Marjorie Botelho (2006) trata da ação coletiva de jovens estudantes pela conquista e manutenção do direito ao passe-livre na cidade do Rio de Janeiro. O trabalho remonta às mobilizações dos anos 1980, entrevistando alguns líderes estudantis daquela época que estiveram presentes nesse tipo de movimento; atualiza a discussão entrevistando lideranças das mobilizações, ocorridas nos anos 2001-2002, para garantir a manutenção do direito que estava em risco pela edição de nova lei. Ainda que o trabalho não aprofunde a discussão

¹¹ Todas as escolas pesquisadas pelos autores acima referidos são públicas. Um dos estudos foi desenvolvido na capital de Mato Grosso (Cuiabá) e os outros três foram realizados no estado de São Paulo (um na capital, um em Diadema e um em três diferentes municípios, não identificados, do interior do estado).

¹² Os três estudos realizados em São Paulo citam, ainda, uma lei específica deste estado que, para incentivar a criação de grêmios estudantis, instituiu, entre outras medidas, a figura de um professor coordenador, que recebe um adicional no salário a fim de estimular, junto aos estudantes, a criação e a manutenção dos grêmios nas escolas através de eleições anuais.

sobre a ação coletiva de jovens, representa um estudo importante por remontar lutas estudantis do final dos anos 1980 e do início dos anos 1990, período de mobilizações pouco estudado e, portanto, pouco conhecido.

O terceiro eixo temático dos trabalhos sobre os estudantes secundaristas diz respeito às experiências de participação dos estudantes em grêmios estudantis, os sentidos desta experiência, os impactos na socialização dos estudantes, na construção de capitais sociais e culturais. Neste conjunto de trabalhos (Moreira, 2000; Fernandes, 2001; Ferreira, 2002; Souza, 2005; Duarte, 2005; Sciamana, 2005 e Carlos, 2006), interessou aos pesquisadores saber das relações que se estabelecem entre alunos gremistas e seus colegas, entre esses e seus professores, e com a direção das escolas. A experiência individual no interior de um coletivo de estudantes ganha centralidade. No conjunto destes 07 trabalhos podem ser localizados quatro com claras referências ao fato de o pesquisador ser – ou ter sido – professor na escola estudada. Em nenhum desses casos a proximidade com o objeto de estudo foi problematizada, nem foram apontadas as possíveis tensões e limites existentes ao se investigarem sujeitos que são os próprios alunos do pesquisador em sua atuação profissional.¹³

Ainda que organizados em um mesmo eixo temático, vale ressaltar que cada trabalho possui especificidades, seja pela abordagem teórica, metodológica ou pelo modo de escrita. A dissertação de Cássia Elisa Sciamana (2005) foi elaborada de uma forma muito parecida a um texto literário, sendo a escola, a cidade e o país tratados como ficções. Personagens e fatos reais misturam-se a fictícios, sendo difícil distinguir o material empírico resultante da pesquisa na escola. A tese de Sueli Camargo Ferreira (2002) diferencia-se pelo referencial teórico sobre a Teoria de Campo de Lewin (1970) e pelas fundamentações ligadas à psicologia social no estudo dos grupos (Levy, 1993, 1998; Anzieu, 1971, 1993; Lapassade, 1983), assim como por se apoiar em pensadores pós-estruturalistas, como Deleuze (1974, 1976, 1988) e Guattari (1972, 1997, 1997a) e na Escola de Frankfurt, sobretudo em Adorno (1973). Tais referências, com exceção de Sciamana (2005), que também se refere aos pós-estruturalistas, não são encontradas nos demais trabalhos que abordam as trajetórias de participação de estudantes secundaristas. A dissertação de Manuel José Pina Fernandes (2001) investiga a participação de estudantes trabalhadores sindicalizados no grêmio estudantil da escola onde cursam o ensino médio regular noturno, tendo os clássicos marxistas como referencial teórico. Tanto Milton Joeri Fernandes Duarte (2005) quanto Marco Antonio Moreira (2000) buscam estabelecer conexões entre os estudantes de hoje e os estudantes dos anos 1960. O primeiro buscou investigar, através de entrevistas e “provas projetivas” – apresentação de imagens e

¹³ Dos sete trabalhos acima relacionados, um foi desenvolvido no Ceará (na capital e na região metropolitana), um em Mato Grosso (Cuiabá), dois no Rio de Janeiro (ambos na capital) e 3 em São Paulo (um na capital, um em um município da região metropolitana e outro em um município não identificado do interior do estado).

músicas produzidas nos anos 1960/1970 – as representações dos atuais alunos de ensino médio sobre os estudantes secundaristas mobilizados nos anos 1960. O segundo, fundamentado nos conceitos de capital social e capital cultural de Bourdieu (1975, 1989a, 1999b), buscou perceber qual o impacto da participação nos grêmios na vida dos jovens.

A dissertação de Aparecida da Graça Carlos (2006) lançou mão de um instrumento de coleta de dados diferente da comum tríade observação, análise documental e entrevista. A pesquisadora aplicou um questionário para a elaboração de “escalas de atitudes”, com o intuito de analisar o grau de relacionamento dos estudantes gremistas com os demais colegas e com as demais pessoas da escola. O questionário é complexo e longo, mas permitiu, por meio de cruzamentos de dados, incluindo variáveis como escolaridade dos pais e perfil da escola, delinear a atuação, a percepção e os valores dos alunos gremistas nas quatro escolas estudadas. A aplicação dos questionários com alunos que estavam iniciando seu mandato no grêmio e com alunos em final de mandato permitiu analisar diferenças entre as visões de cada grupo sobre a relação dos profissionais que atuam na escola com a entidade. Aqueles que já haviam percorrido a experiência e estavam no fim do mandato apresentavam uma visão mais crítica da ação dos professores e demais profissionais da escola.

O segundo enfoque reúne onze trabalhos que problematizaram a organização e mobilização dos estudantes universitários, sendo 3 doutorados (Almeida, 1999; Paula, 2004 e Araujo, 2006) e 8 mestrados (Almeida, 2001; Mesquita, 2001; Castilho, 2002; Santos, 2003; Costa, 2004; Pereira, 2005; Carvalho, 2006 e Santiago, 2006).¹⁴

Se nos trabalhos sobre os estudantes secundaristas muitos dos autores eram professores dos alunos pesquisados, nos estudos sobre os jovens universitários encontramos pesquisadores que são ex-militantes de movimentos. Neste conjunto, quatro pesquisadores informaram que foram militantes do Movimento Estudantil quando eram alunos de graduação, sendo esta experiência uma das motivações para a escolha do tema de pesquisa. Se essa forte motivação impulsiona a realização dos trabalhos, ela demanda ao mesmo tempo um reconhecimento das tensões subjacentes à interação entre a produção de conhecimento e a trajetória pessoal do pesquisador, o que nem sempre ocorre.

Quase todos os trabalhos tomaram as lideranças do movimento estudantil como sujeitos privilegiados de suas pesquisas. Investigações sobre outros setores dos estudantes mobilizados, ou, ainda, sobre alunos não mobilizados, são praticamente

¹⁴ Três pesquisas se localizam no Rio de Janeiro (duas na capital e uma na região metropolitana), duas em Cuiabá-MT, duas em Fortaleza-CE (sendo que uma também inclui municípios do interior onde há unidades de extensão da universidade estadual do Ceará), uma no interior de São Paulo (Bauru), uma em Palmas (TO), uma em Florianópolis (SC) e uma que não investiga jovens de lugares específicos – trata-se de um estudo documental sobre o Movimento de Educação Física no Brasil.

inexistentes. No geral, os estudos privilegiaram os modos de organização e as conquistas alcançadas pelas mobilizações dos universitários.

Os trabalhos de Raquel Dias Araujo (2006), Rosa Maria Corrêa da Costa (2004), Valéria Fernandes Carvalho (2006) e Nelson Soares dos Santos (2003) buscam compreender como o movimento estudantil universitário se organiza e se posiciona em relação à universidade e como ocorre o processo de representação dos alunos em um Conselho Estadual de Educação.

As pesquisas de Marcos Ribeiro Mesquita (2001), Lucília Augusta Lino de Paula (2004), Suely Dulce de Castilho (2002) e Ilana Eleá Santiago (2006) acompanham as trajetórias de militantes no movimento estudantil universitário, os reflexos dessa militância na vida desses jovens e as diferenças e semelhanças existentes entre as formas de participação estudantil no passado e no presente. Paula (2004), em sua tese de doutorado em Educação, entrevistou lideranças e ex-lideranças do movimento estudantil da UFRRJ (Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro). Buscou representantes do DCE desde os anos 1970, remontando um mosaico histórico sobre o movimento estudantil daquela universidade. Por se tratar de uma universidade rural, situada na região metropolitana do Rio de Janeiro, a pesquisadora também apresenta como característica marcante desta instituição receber, em sua origem, apenas alunos oriundos do interior do país (pequenas cidades e zonas rurais). Afirma que a entrada de estudantes oriundos da cidade nesta Universidade só ocorreu com a realização de vestibulares unificados no estado do Rio de Janeiro, a partir dos anos 1980. Fundamentada nos conceitos de *habitus*, *capital cultural*, *capital social*, *trajetória* e *campo*, de Bourdieu (1983a, 1983b, 1989b, 1996, 1997b, 1998, 1999a, 1999b), a pesquisadora aponta que o relativo isolamento geográfico da universidade, e o fato de grande parte dos estudantes morar no campus (em moradia universitária), produziu uma experiência comum de vida que parece minimizar diferenças de classe e de capital cultural e social entre eles. Ao entrevistar pessoas que foram estudantes há décadas e estudantes do momento em que realizou o trabalho de campo, foi possível à pesquisadora perceber diferenças entre as experiências vividas e os significados atribuídos a essas experiências posteriormente, bem como delimitar marcas que distinguem diferentes gerações de estudantes. Discorre, ainda, sobre as “contradições da herança” (Bourdieu, 1983a, 1989a, 1997b, 1998), ao falar sobre a chegada à universidade dos filhos de pais oriundos de camadas populares e pouco escolarizados, que pela “herança” social e cultural estariam fadados a se manter pouco escolarizados, mas contradizem esta herança dos pais e conseguem chegar à universidade. A entrada na universidade desse grupo de estudantes é, muitas vezes, atribuída pela autora à infraestrutura oferecida aos alunos pela universidade (moradia, alimentação, entre outros).

Com algumas exceções, a produção discente aqui reunida, sobretudo na área de Educação, tende a reiterar aquilo que Carrano (2002) denominou de “tendência antecipadora das análises”, pois, diante de filtros políticos de diferentes cores e matizes, a complexidade das práticas reais muitas vezes não é enfrentada (2002: 197). Mesmo nos estudos que problematizam a questão da ação coletiva de jovens,

ou daquilo que classicamente é descrito como movimento social, ainda não se observam referências teóricas ou análises referentes a essas categorias analíticas. O conceito de movimento social ou de movimento estudantil não é construído como categoria analítica ancorada nas teorias dos movimentos sociais ou da ação coletiva. Ele torna-se apenas uma categoria empírica descritiva.

A tese de doutorado em Sociologia de Loriza Lacerda de Almeida (1999) deixa de lado o enfoque clássico dos estudos sobre as mobilizações estudantis universitárias para questionar sobre quais os modos e formas de participação de jovens universitários, sem se ater exclusivamente ao movimento estudantil, mas buscando estabelecer sua posição em relação às demais formas de mobilização e participação política atuais. Depois de entrevistar 11 estudantes – não mobilizados e com diferentes adesões de participação –, a pesquisadora concluiu que a juventude universitária está comprometida com a construção de novos valores éticos e políticos; que muitos estão apenas interessados nos conhecimentos instrumentais e técnicos requeridos para o exercício da profissão, mas que também há aqueles que buscam diferentes formas de intervenção durante a vida acadêmica. Para a autora os estudantes demonstram descrédito e rejeição para com a vida política. Mostra que mesmo os estudantes envolvidos com o movimento estudantil não são vinculados a partidos políticos, ainda que possam demonstrar simpatia por partidos de esquerda. Afirma que muitas das ações dos universitários são desarticuladas, não havendo mecanismos que permitam canalizar práticas dispersas ou transformar ideias em ações concretas e direcionadas.

Outras modalidades de participação e mobilização

Neste subtema estão agrupados os trabalhos que tratam das mobilizações e organizações juvenis, que buscaram enxergar os jovens em outros espaços de mobilização, diferentes dos clássicos estudos sobre os movimentos estudantis. Tais pesquisas partem da percepção de que novos espaços de mobilização foram construídos por jovens e também que há novas formas de produzir a ação coletiva, como veremos a seguir.

Em relação à distribuição dos trabalhos pelas áreas do conhecimento, percebemos a predominância dos trabalhos da Sociologia, diferentemente do que ocorreu com os estudos sobre mobilizações estudantis. Dos doze trabalhos aqui agrupados (Martins, 2000; Gonçalves, 2001; Sander, 2001; Santos, 2001; Gonçalves, 2003; Lima, 2003; Sofiati, 2004; Terahata, 2004; Hammes, 2005; Carminatti, 2006; Liberato, 2006 e Silva, 2006b) sete foram defendidos na Sociologia. Apenas duas teses de doutorado foram desenvolvidas, sendo uma na Educação e outra na Sociologia.

Do total de trabalhos aqui reunidos, 5 se dedicam ao estudo da Pastoral da Juventude em diferentes municípios do país (Martins, 2000; Sander, 2001; Sofiati,

2004; Hammes, 2005; Silva, 2006b). Em relação ao conjunto de estudos sobre o tema, há um diferencial nos trabalhos que abordam as Pastorais, pois os estudos foram realizados em cidades do interior do país. Nenhum trabalho comenta a possível interiorização da Pastoral de Juventude, restando a indagação se há, de fato, um deslocamento dessas formas de participação que se tornam mais rarefeitas nos grandes centros ou se há apenas ausência de estudos.¹⁵

Os trabalhos de Suely Aparecida Martins (2000) e Flavio Munhoz Sofiati (2004) traçam o contexto em que as pastorais foram criadas na Igreja Católica, abordam a Teologia da Libertação como origem desta proposta, apresentam as tensões internas à Igreja produzidas pela Teologia da Libertação, as resistências às Pastorais e o surgimento do Movimento de Renovação Carismática como resposta conservadora à Pastoral da Juventude. Ao fazê-lo, apresentam o pano de fundo do qual seus objetos de pesquisa são recortados e permitem um maior aprofundamento das análises. Ambos os trabalhos se utilizam de renomados teólogos ou estudiosos da religião católica e se apoiam, também, em teorias dos movimentos sociais (Dagnino, 1994; Paoli, 1986, 1992, 1995; Wanderley, 1984, 1985, 1999). Esses trabalhos problematizam, ainda, em suas conclusões, questões relacionadas à interferência e direção dada por adultos em uma organização dita de jovens. Ainda que a relação intergeracional não seja abordada teoricamente, as conclusões desses trabalhos apresentam o problema de forma a lançar novas possibilidades de pesquisas e análises sobre a questão.

A tese de Lucio Jorge Hammes (2005) é o único trabalho que aborda diferentes grupos de jovens – Pastoral de Juventude, MST e Rede em Busca da Paz – e analisa as diversas possibilidades de participação e engajamento. Além disso, é um dos poucos trabalhos que estudaram jovens de cidade pequena e de características rurais.¹⁶ Neste trabalho o pesquisador, além das entrevistas com os jovens, realizou, com estes, grupos focais. O autor expande a fundamentação do conceito de capital social utilizando, além da clássica referência de Bourdieu (1999b), teóricos como Atria (2003), Flora (2003), Fukuyama (1992, 1995, 1999, 2003), Durston (2003) e Baquero (2003a, 2003b, 2004, 2006). Motivado por indagações sobre as razões do engajamento de jovens em grupos juvenis, sobre os processos de formação desenvolvidos e sobre as mudanças sócio-culturais percebidas pelos jovens, o pesquisador conclui que a convivência em grupos

¹⁵ O trabalho que trata de 3 diferentes grupos foi realizado em 3 cidades do Rio Grande do Sul, duas do interior (Santa Cruz do Sul e Encruzilhada do Sul) e uma da região metropolitana (São Leopoldo). Os outros trabalhos foram realizados em João Pessoa (PB), São Carlos (SP), Santo Ângelo (RS) e Londrina (PR). O estudo de Olga Celestina da Silva Durand, que investigou vários grupos juvenis, examina Pastorais de Juventude em Florianópolis, mas o foco está na sociabilidade e não nos mecanismos da participação (Durand, 2000). Seu estudo está incorporado no texto *Grupos Juvenis* desta coletânea.

¹⁶ Por aprofundarem o tema da religiosidade de jovens, esses trabalhos encontram interface com os estudos sobre juventude e religião, cuja produção é ainda incipiente no Brasil. Foram identificados apenas 15 trabalhos em torno dessa temática no conjunto das três áreas.

juvenis melhora a confiança interpessoal e nas instituições; capacita-os para a vida em sociedade devido à experiência do trabalho em grupo; constrói redes de cooperação que permitem o acesso a recursos atuais e potenciais.

Observa-se, de modo geral, que o engajamento político dos jovens, a partir de suas formas organizativas ancoradas em instituições religiosas, clássicas nos anos 1960, particularmente com o estudo da Ação Católica, e retomadas com o período da renovação proposta pela Teologia da Libertação, tende a se tornar menos evidente. A continuidade dos estudos das Pastorais da Juventude e de outras formas de agregação de jovens, a partir da religião, demanda, por outro lado, deslocamentos de enfoques: das vinculações dessa forma associativa com o campo político da participação começam a emergir novas problemáticas mais afeitas ao tema da religiosidade em seus aspectos socializadores e como lócus de sociabilidade entre jovens, muito pouco investigado no país.

A dissertação de Fabio Carminati (2006) e a tese de Léo Vinícius Maia Liberato (2006) lançam um olhar para aquilo que Liberato define, em sua tese, como juventude autonomista. Estudam as mobilizações de jovens que integram movimentos de crítica ao processo de globalização. Ambos estudam o Acampamento da Juventude do Fórum Social Mundial – em diferentes anos – e Liberato expande seu campo de estudos para os movimentos a favor de outras formas de mundialização, os denominados “alteromundistas” observados na Europa. O pesquisador utilizou a Internet e os grupos de mobilização virtual europeus para realizar sua pesquisa, entrevistando jovens militantes de diversos países, através de formulários eletrônicos; apresenta abrangente levantamento de pesquisas e análises sobre os movimentos antiglobalização europeus para estabelecer as bases de seu campo de pesquisa e de suas análises. Seus aportes teóricos transitam por conceitos diversos e pertinentes ao tema, como rebeldia (Bakunin, 1998, 2000, 2001; Camus, 1999; Castoriadis, 1982, 1983, 1987; Holoway, 2003), anarquismo, movimento operário (Bakunin 1998, 2000, 2001; Proudhon, 1988, 1998, 2001, 2003), sociedade de consumo (Baudrillard, 1985, 1995a, 1995b, 1996) e sociedade de massa (Martin-Barbero, 1997).

A dissertação de Agnaldo dos Santos (2001) é a única que se dedica exclusivamente ao estudo de jovens sindicalizados. Utilizando questionários como ferramenta principal de coleta de dados, ele levantou informações sobre o perfil dos sindicalizados, jovens e veteranos; levantou questões ainda sobre as relações que se estabeleciam entre os antigos operários e os jovens que estavam iniciando a carreira metalúrgica e participando do sindicato. Conclui que a representação de jovens no sindicato dos metalúrgicos do ABC é pequena em relação ao conjunto de sindicalizados e que a militância sindical envelheceu nos anos 1990 em relação aos anos 1970; atribui a menor participação de jovens na vida política sindical à *conjuntura sócio-econômica atual*, que não estimularia as ações coletivas como fizera na crise da ditadura militar, além do pouco investimento em arregimentação dos jovens por parte dos dirigentes sindicais. O pesquisador afirma que, apesar de o discurso ser contrário, percebe-se um

maior “investimento” nos sindicalizados, que já estão “enraizados” com mais tempo de empresa e sindicato.

Os trabalhos de Donizete José Lima (2003), Julimar da Silva Gonçalves (2003) e Adriana Miritello Terahata (2004) investigam a participação de jovens em grupos juvenis derivados de projetos sócio-culturais de ampla abrangência etária, ou seja, grupos de jovens que surgiram no interior de organizações que não têm esses segmentos como único público-alvo. Buscam compreender os impactos da participação nesses grupos na vida dos jovens.¹⁷ Gonçalves (2003) perguntou a jovens do Fórum Engenho de Sonhos-Natal, a partir de um diagnóstico ao qual teve acesso, sobre as condições de vida, lazer, educação e violência no lugar em que vivem. Percebeu na fala deles a importância que dão ao Fórum como espaço de organização, troca de experiências e afirmação de identidades positivas relacionadas ao lugar de moradia, para combater o estigma de pobreza e delinquência, geralmente imputados a jovens de periferias urbanas.

A dissertação de Danyelle Nilin Gonçalves (2001) traz um tema ainda pouco comum nas pesquisas sobre juventude. A pesquisadora busca compreender os modos de recrutamento de jovens para participarem de campanhas eleitorais. Agenciando votos para os candidatos que representam, os jovens podem ser voluntários ou contratados e se inserem nas campanhas através de aproximações com os partidos, por seleções realizadas antes e durante as campanhas, ou ainda, por aproximação ideológica com o candidato. A pesquisa busca estabelecer traços comparativos entre Fortaleza, Acaraú (uma cidade do interior do Ceará) e a Cidade do México. Conclui que para os jovens mexicanos a política se apresenta como trabalho – pelo qual se recebe remuneração; os jovens de Acaraú avaliam a política como uma festa e os de Fortaleza aparecem divididos entre uma concepção e outra – em parte trabalho, em parte festa.

Cultura política, socialização política e capital social

Como já foi apontado, neste subtema concentra-se a maior parte dos estudos de juventude realizados pela Ciência Política, com oito trabalhos, seguidos de dois realizados na Sociologia, dois na Educação e um no Serviço Social. Duas características fundamentais, deste subtema, fazem com que os trabalhos nele reunidos ganhem destaque no conjunto da produção sobre juventude no atual Estado da Arte: a presença de um orientador (Marcello Baquero, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul) responsável por um conjunto de estudos com uma estratégia metodológica e um quadro teórico comuns e a realização de pesquisas quantitativas do tipo *survey*, com campos empíricos de grande abrangência.

¹⁷ O Fórum de Adolescentes, o Fórum Engenho de Sonhos e o Projeto Nossa Casa agregam jovens das cidades de São Paulo, Natal e Florianópolis, respectivamente.

Qual a cultura política dos jovens no contexto atual e qual o papel das instituições socializadoras (escola, família, religião e meios de comunicação) na formação desta cultura, e no desenvolvimento do capital social dos jovens, são preocupações comuns a esses trabalhos. São pesquisas que se perguntam e procuram desvendar como pensam e como agem os jovens diante das diversas dimensões da política, como a democracia, a participação, a ideologia, a relação com o Estado, e quais as orientações, atitudes, valores e comportamentos dos jovens no contexto atual.

O referencial teórico utilizado pelos autores, relativamente comum, também contribui para dar certa unidade aos trabalhos aqui agrupados. Teorias referentes à cultura política, ao capital social, à socialização política, à participação, à democracia e à cidadania são recorrentes nos quadros teóricos dessas pesquisas. Neste sentido, aparecem como principais referências os autores Gabriel Almond (1965, 1969, 1980 e 1989), Sidney Verba (1989), G. Bingham Powell (1980), Ronald Inglehart (1997), James Coleman (1961, 1969, 1990 e 1998), Robert Putnam (1996 e 2000), Carole Pateman (1992), além de Norberto Bobbio (1994, 1997 e 2000), Pierre Bourdieu (1980, 1982, 1986 e 1998), Robert Dahl (1989 e 1997), Ann Mische (1996 e 1997), Joseph Schumpeter (1962), Alex de Tocqueville (1987) e Thomas Marshall (1976). Já os autores brasileiros mais utilizados são Marcello Baquero (1995, 1997, 2001a, 2001b e 2004), Jose Álvaro Moisés (1992, 1995a e 1995b), João Pedro Schmidt (1996, 2001a e 2001b), Leonardo Avritzer (1994, 1995 e 2004), Bolívar Lamounier (1981, 1989 e 1991), Paulo Krischke (1997, 2000 e 2004), Janice Tirelli Sousa (1999 e 2002), Maria Victória Benevides (1996 e 1998), Marilena Chauí (1993, 1997 e 2000), Wanderley Guilherme dos Santos (1978, 1994 e 1998) e José Murillo de Carvalho (1992, 1997 e 2003).

Levando em consideração quem são os jovens pesquisados nesses estudos, percebe-se que o foco recai, principalmente, sobre o jovem a partir de sua condição de estudante, principalmente dos ensinos fundamental e médio, o que não significou, no geral, levar em conta as singularidades desta condição. Somente dois autores tiveram como preocupação o jovem universitário: Lúcia Maria da Silva Soares (2002) terá como objetivo compreender a relação que as universitárias, do curso de Serviço Social da UFRJ, estabelecem com a política, enquanto João Ignácio Pires Lucas (2003) estabelecerá as diferenças na atitude política dos jovens, levando em conta as especificidades de estudantes do ensino médio e do ensino superior. Já as diferenças de valores e comportamentos políticos, existentes entre estudantes de escolas públicas e particulares, foram destacadas nos trabalhos de Rosana Kátia Nazzari (2003), Angelita Fialho Silveira (2005), Ana Maria Klein (2006) e João Ignácio Pires Lucas (2003). Do conjunto dos trabalhos neste subtema, dois deles se diferenciaram quanto aos sujeitos pesquisados: Patrícia Lessa Santos (2003) realizou entrevistas com egressos (entre 28 e 43 anos) de um colégio técnico de uma Fundação, a fim de verificar como a ação formativa desta instituição contribuiu para o incremento do capital social e influenciou na cultura política desses ex-alunos. Já Hermes Zanetti (1999) não pesquisou

os jovens a partir da escola.¹⁸ Sua estratégia de pesquisa foi desenhada a partir de amostras representativas da população, segundo a renda familiar, apoiando-se nas informações da Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílios (PNAD), realizada anualmente pelo IBGE.

Uma das principais diferenças entre os trabalhos desse subtema, assim como de grande parte da produção sobre juventude no atual Estado da Arte, refere-se à estratégia de pesquisa utilizada no levantamento de dados. As metodologias empregadas e a abrangência da pesquisa nos permitiram, assim, formar dois grupos distintos.

Os trabalhos orientados por Baquero (Schmidt, 2000, Lucas, 2003, Nazzari, 2003, Cunha, 2005 e Silveira, 2005), assim como Zanetti (1999), realizaram pesquisas quantitativas de tipo *survey*. Além disso, lançaram mão de outras pesquisas realizadas no Brasil, ampliando o universo empírico utilizado em suas análises.¹⁹ Além dos levantamentos quantitativos, Nazzari (2003) e Zanetti (1999) também realizaram entrevistas individuais. Nazzari (2003) entrevistou os alunos, seus pais, os professores e diretores das escolas pesquisadas, enquanto Zanetti coletou o relato de 14 “revolucionários brasileiros da década de 1960”.²⁰

João Pedro Schmidt (2000) e Zanetti (1999) desenvolveram estudos pioneiros, de abrangência nacional, sobre a cultura política da juventude brasileira. Investigaram as orientações e atitudes políticas dos jovens e dos adultos, buscando verificar a existência ou não de mudanças na cultura política brasileira, conforme as gerações. Além disso, construíram variáveis como características de localização (tipo de cidade e região geográfica), situação socioeconômica, sexo (Schmidt, 2000), religião e condição estudantil (Zanetti, 1999) para verificarem a existência ou não de diferenças de padrões atitudinais. Schmidt (2000) desenvolveu uma pesquisa com estudantes do ensino médio de escolas públicas e com seus pais. Realizou um *survey* abrangendo oito cidades brasileiras (quatro capitais e quatro de porte-médio) em quatro diferentes regiões geográficas do Brasil (Nordeste, Sudeste, Sul e Centro-Oeste), onde foram aplicados 2.644 questionários (1.787 estudantes e 857 pais) em 44 escolas públicas de ensino médio. Zanetti (1999) aplicou um questionário em todas as cinco regiões do país. Foram 21 cidades abrangendo 2.082 pessoas, que responderam a um questionário, formando gru-

¹⁸ Apesar disso, Zanetti levou em consideração a condição estudantil como variável importante em sua análise.

¹⁹ Foram utilizados levantamentos quantitativos realizados por IBGE, INEP, ISER, Fundação Perseu Abramo, SEDUC-CE, Latinobarômetro, UNICEF e UNESCO.

²⁰ Na definição de Zanetti, “Chamamos de atitude revolucionária a disposição de adotar a revolução como saída para os problemas políticos e sociais. (...) A revolução pode buscar a transformação da realidade social, política e econômica de forma violenta. (...) Dois aspectos distintos caracterizam uma revolução: a razão e a finalidade. A razão que motiva uma revolução é o descontentamento com o *status quo*. Sua finalidade, em geral, é a construção de uma ordem nova” (1999: 28-29).

pos etários de jovens (entre 16 e 25 anos) e maduros (com 26 anos ou mais). Seu objetivo foi avaliar a relação existente entre a idade e a presença ou não (e a intensidade) de “atitudes revolucionárias”.

Com abrangência relativamente menor, Nazzari (2003), Lucas (2003) e Silveira (2005) realizaram suas pesquisas em cidades da região sul do Brasil (Porto Alegre, Caxias do Sul, Curitiba e Cascavel), enquanto Patrícia Rodrigues Chaves da Cunha (2005) investigou a cultura política de jovens cearenses. A intenção de Cunha (2005) foi examinar se as políticas implementadas por um novo modelo de gestão propiciaram uma nova concepção de cidadania entre os jovens. Para isso, aplicou 652 questionários em 10 escolas estaduais de ensino médio, que participaram (duas não o fizeram) de um projeto, fruto de parceria entre o Governo Estadual e o Banco Mundial. Traçou o perfil dos jovens cearenses, verificando suas práticas e percepções sobre política, segundo ela, num contexto de mudanças de orientações políticas, ou seja, de neoliberalismo.

Com base em dois *surveys* realizados na cidade de Porto Alegre, Silveira (2005) teve como objetivo verificar se as escolas contribuem para a formação de uma cultura política participativa e democrática entre os jovens. Para isso, analisou as atitudes e os comportamentos de alunos do ensino fundamental (a partir da 7ª série) e médio, através de variáveis como participação, confiança interpessoal e institucional, cooperação e atividades associativas, além de suas crenças, valores e expectativas. Com a mesma finalidade de Silveira (2005), de verificar a formação e aferir os índices de capital social dos jovens, Nazzari (2003) realizou, além de entrevistas informais, levantamento de opinião através de um questionário aplicado nas cidades de Curitiba e Cascavel. Com isso, e com dados de outras pesquisas, desenvolveu um estudo comparativo, buscando saber até que ponto agências socializadoras (família, escola e meios de comunicação) têm contribuído para a geração de capital social entre a juventude e para que tipo de atitudes e valores este processo tem contribuído: envolvimento e participação ou apatia e indiferença. É o que Lucas (2003) também procurou descobrir, ao se perguntar qual o universo político da juventude brasileira atualmente. Quis saber sobre o capital social, os valores democráticos e os níveis de participação dos jovens, avaliando até que ponto está presente, entre eles, uma “ideologia de atitudes antipolíticas”. Sua análise teve como base de dados dois *surveys* realizados na cidade de Caxias do Sul (RS), pelas Universidades de Pittsburgh e Houston, dos EUA, e pela Universidade Caxias do Sul. Foram 2.663 entrevistas domiciliares, com maiores de 16 anos, no primeiro caso, e 1.181 questionários aplicados em sala de aula, no segundo caso. Além disso, Lucas (2003) também utilizou pesquisas realizadas pela UNESCO, pelo ISER e pela Fundação Perseu Abramo, com o fim de ampliar sua capacidade de inferência sobre a cultura política da juventude brasileira.

Com intenções semelhantes, mas com estratégias de pesquisa distintas, Farina (2005), Soares (2002), Santos (2003) e Klein (2006) realizaram pesquisas qualitativas através de entrevistas semiestruturadas individuais, grupos focais,

relatos escritos e observações *in loco*. São pesquisas com campos empíricos de menor abrangência, em comparação aos *surveys*, mas que procuram aprofundar suas análises com estudantes de uma única instituição de ensino. São os chamados “estudos de caso”.

Se os trabalhos da Ciência Política estão alocados no grupo dos que realizaram *surveys*, aqui estão os estudos da Sociologia (dois), da Educação (dois) e do Serviço Social (um).

Como já comentado, Santos (2003) pesquisou o impacto da ação de uma instituição de ensino na formação dos indivíduos, entrevistando 29 egressos e analisando materiais produzidos e referentes à instituição (relatórios e jornais). Soares (2002) e Farina (2005) buscaram identificar o grau de influência (ou não) que a escola e a família exercem na cultura política dos jovens. Farina (2005) quis saber os valores que norteiam o comportamento dos jovens e se entre estes existiria uma cultura política democrática. Para isso, entrevistou 50 alunos do ensino médio de uma escola pública, numa cidade do interior de Santa Catarina, além de realizar observação *in loco*. Destaca-se no trabalho de Farina (2005) o fato de seu campo empírico ser numa região predominantemente agrícola, com a maioria da população residindo na zona rural. Já Soares (2002), da área do Serviço Social, além das entrevistas, se utilizou de grupos focais para saber qual a bagagem, a compreensão, o comportamento e a participação das jovens universitárias (em sua maioria mulheres entre 21 e 30 anos) do curso de Serviço Social, conforme também já comentado. Nesse caso, Soares (2002) quis saber a influência da Universidade, mas também da família, da escola (formação básica), da religião e dos meios de comunicação, na relação das jovens com a política.

Os dois trabalhos da área da Educação, deste subtema, se utilizaram de questionários como instrumento de pesquisa. Klein (2006) teve a intenção de compreender quais as representações de 80 alunos, do ensino médio da cidade de São Paulo, sobre democracia e sobre escola democrática, verificando se há diferenças nessas representações conforme o sexo e o tipo da rede de ensino (pública e particular). Josélio Monteiro de Melo (2000) aplicou 540 questionários entre alunos (de 14 a 22 anos) do Centro de Educação Tecnológica de Alagoas (CEFET/AL), tendo como objetivo verificar suas percepções e atitudes diante do consumo. O autor fará uma análise sobre as possibilidades de a escola desenvolver, entre seus alunos, uma atitude responsável diante do consumo como exercício da cidadania.

Entre os trabalhos deste subtema foi praticamente unânime a conclusão de que os jovens não estão satisfeitos com várias das dimensões da sociedade, que sentem a necessidade de mudanças, acreditam na importância da participação e têm predisposição em participar.²¹ Já em 1999 Zanetti constatava a existência de um “alto índice de atitude revolucionária” entre os jovens. Dizia ele que “os jovens

²¹ Klein (2006), em suas conclusões, aponta que os jovens pesquisados consideram a participação e a expressão política como necessidades, mas também como direito.

pesquisados mostram uma atitude negativa (89%) diante da realidade existente. Estão inconformados com o *status quo* e não aceitam as coisas como estão. O ‘problema social’ e ‘um país melhor’ aparecem como os principais motivos para a necessidade de revolução que, para 71%, significava mudança” (1999: 180).

Esses trabalhos também constataram que entre os jovens pesquisados é generalizado o sentimento (e uma postura) de desconfiança, descontentamento, rejeição, desencanto e insatisfação com o sistema político convencional (instituições políticas e políticos profissionais), fenômeno que, para Zanetti (1999), indicaria um desgaste das instituições políticas, dos políticos e seus partidos. Nesse sentido, Schmidt (2000) destaca que entre os jovens há maior intenção de participar em formas não-convencionais de ação coletiva (como movimentos ecológicos, direitos humanos, movimentos feministas, contra o racismo, entre outros).²² Vale dizer que tal fenômeno não é exclusivo entre os jovens brasileiros, sendo também apontado com recorrência pela literatura internacional dedicada ao assunto, como afirma Schmidt (2000).

Uma das principais constatações de Schmidt, em 2000, confirmada por outros autores deste subtema, foi de que a cultura política dos jovens é condizente com a cultura política prevalecente hoje no Brasil e de que ela não forma uma subcultura diferenciada da cultura política dos adultos. Tal cultura seria caracterizada como “híbrida” ou “dualista”, o que significa a existência concomitante de atitudes e valores autoritários e democráticos. É o que Cunha (2005) encontra no Ceará, quando afirma a presença de uma situação contraditória: “um discurso e prática que apregoam uma nova mentalidade e cultura política (...) em convívio aparentemente harmonioso com práticas arcaicas, como o clientelismo e o patrimonialismo (...), uma dualidade entre as práticas do passado e a democracia moderna” (2005: 93). Nesse sentido, sua dissertação “reforça a tese de João Pedro Schmidt de que a juventude brasileira possui uma cultura política híbrida, que mescla traços democráticos e autoritários” (2005: 138). Zanetti (1999) também chegará a semelhante conclusão. Em suas conclusões aponta, surpreendido, o “alto índice de atitude revolucionária presente entre os entrevistados em geral, e não somente entre os jovens” (1999: 179).²³

Soares (2002), Santos (2003) e Farina (2005) apontam, em suas pesquisas, que as instituições socializadoras influenciam os valores e atitudes dos jovens, afirmando encontrarem, entre estes, um posicionamento politizado, interessado, crítico e comprometido. Por outro lado, Klein (2006) terá como um dos resultados de seus questionários o fato de que os alunos consideram as escolas antidemocráticas, enquanto Melo (2000) apontará contradições na capacidade

²² O diagnóstico (a que tivemos acesso somente por meio de seu resumo) de Gabriela de Oliveira (2004) também será nesse sentido. Aponta, em seu mestrado, a existência, no Brasil, de uma cultura política “pós-materialista” associada a “uma geração mais jovem”.

²³ Zanetti (1999) dirá que a diferença na “atitude revolucionária” entre jovens e adultos será de intensidade.

da escola de contribuir para uma “cidadania ativa” em que seus alunos tenham um posicionamento crítico diante do consumo. Nesse sentido, Silveira (2005) conclui que as instituições de ensino falham na promoção de uma cultura política participativa e democrática e Nazzari (2003) vê que existe uma deficiência das agências socializadoras (escola, mídia e igrejas) em promoverem capital social relacionado à cooperação e à democracia.

Por fim, é interessante notar que as conclusões de Schmidt (2000) e Klein (2006) apontam para o fato de não haver diferenças significativas na cultura política dos jovens conforme o sexo, enquanto as diferenças sócio-econômicas desempenham um papel importante na percepção que eles constroem sobre a democracia. Segundo Schmidt, “A variável *situação sócio-econômica* mostrou-se também fecunda para a compreensão do processo de socialização política. No geral, ficou comprovada a ideia, defendida na literatura internacional, de que quanto mais elevado é o nível socioeconômico do indivíduo, mais condizentes com a democracia são as suas atitudes (...) nos índices de sofisticação política: há uma escala decrescente de sofisticação política dos jovens das classes economicamente mais abastadas para os das menos abastadas (Schmidt, 2000: 347). Já o fato de os jovens serem de regiões geográficas distintas não resultou em diferenças significativas de valores e posicionamento democráticos, conforme Zanetti (1999) e Schmidt (2000).

(Des)Figurações do sentido da ação política de jovens: os estudos sobre protagonismo juvenil

As diversas ações educativas, que têm como principal objetivo a formação política dos jovens, é um tema central nos dez trabalhos reunidos neste subtema. São pesquisas que procuram analisar e avaliar, no interior de programas de governo ou de projetos desenvolvidos pela sociedade civil organizada (em alguns casos ações surgidas da parceria destas duas instâncias), as denominadas formas de desenvolvimento do “protagonismo juvenil”. De que maneira ocorrem estes processos educativos, como os jovens percebem estas experiências, quais suas repercussões na vida dos jovens participantes e qual o sentido destas práticas realizadas, ou seja, qual a concepção, os princípios e orientações que estão por trás destas ações, encontram-se entre as principais questões colocadas pelos autores desses trabalhos. O que se quer saber, no geral, é se estas ações contribuem ou não para o desenvolvimento de uma “consciência política” entre os jovens, e se estas formações resultam ou não numa maior participação deles em suas comunidades. Por essas razões, esses trabalhos foram alocados neste tema das interfaces entre os jovens e a política.²⁴

²⁴ Os projetos destinados a jovens pobres são analisados, de forma mais abrangente, no artigo Adolescentes em processo de exclusão social, desta coletânea.

Sete destes trabalhos foram desenvolvidos nos programas de pós-graduação da área da Educação e três no Serviço Social. Nenhuma pesquisa, com tais preocupações, foi realizada na área das Ciências Sociais.²⁵

Mesmo que haja uma categoria – protagonismo juvenil – e um autor – Antonio Carlos Gomes Costa (1998a, 1998b, 1999, 2000 e 2001) – permeando, de uma forma ou de outra, praticamente todos esses trabalhos, não se pode afirmar que exista, a partir dessa produção, a consolidação de um debate mais adensado em torno do que significa a formação política dos jovens e as ações a eles destinadas. Há, ao contrário, uma dispersão entre os estudos, não havendo um diálogo entre os textos produzidos, o que poderia contribuir, se existisse, para o acúmulo de conhecimentos sobre a questão.

Parte do tema foi tratada sob o ângulo das práticas escolares, uma vez que a reforma do ensino médio de 1996 incentivou a incorporação da ideia do protagonismo no plano político pedagógico das unidades escolares. Ana Lorena de Oliveira Bruel (2003) e Bianca Larissa Klein (2004) realizaram análises críticas sobre tais projetos.

Os outros estudos trataram de ações não-escolares de formação, principalmente com jovens de camadas populares, moradores das periferias ou regiões de baixa renda. Percebe-se, com isso, uma preocupação subjacente, não só das ações investigadas, mas também das pesquisas, com a consciência política e a participação desse jovem, revelando, pela ausência de produção acadêmica, falta de interesse sobre os jovens de outras classes sociais.

Vera Maria Lion Pereira Rodrigues (2001), Branca Sylvia Brener (2004) e Ivna de Holanda Pereira (2006) realizaram estudos de caso com o objetivo de verificar a contribuição das ONGs (uma entidade social, no caso de Brener) para a formação política dos jovens em bairros da cidade de São Paulo (Rodrigues, 2001 e Brener, 2004) e numa cidade no Ceará (Pereira, 2006). Apesar de identificar aspectos positivos relativos ao incremento da participação dos jovens e de avaliação positiva das atividades realizadas, Rodrigues aponta que essa participação diminuía a partir do momento em que os jovens saíam da esfera de proteção da ONG.

Dois programas, um da rede SENAC-SP na cidade de Ribeirão Preto e outro do Governo Federal em duas cidades, São Paulo e Cuiabá, são analisados, respectivamente, por Maria Cristina Durante Esteves (2005), Giselle Silva Soares (2004) e Maricelia Padilha da Costa (2005).²⁶ As autoras avaliaram como estes

²⁵ O trabalho “A participação do banco mundial na formação cidadã dos jovens cearenses” de Patrícia Rodrigues Chaves da Cunha, do subtítulo “Cultura política e capital social”, também tem interface com este subtítulo, ao lado dos estudos de Ana Lorena de Oliveira Bruel (2003), Bianca Larissa Klein (2004) e Andréia Boeira da Silva (2006).

²⁶ Os programas analisados foram: Programa Educação para o Trabalho (PET), desenvolvido pelo SENAC com 55 jovens entre 14 e 17 anos, e o Projeto Agente Jovem, realizado com aproximadamente 85 jovens, entre 15 e 17 anos, nos distritos de Santo Amaro, Capela do

programas são implementados e até que ponto contribuem para que os jovens tomem “consciência da realidade social”, incentivando-os a se inserirem em suas comunidades de forma participativa. Para isso, Soares (2004) e Esteves (2005) realizaram grupos focais com os jovens, para compreender como eles percebem sua participação no Programa e os tipos de ações sociais que desenvolveram na comunidade.

Não há consenso entre essas autoras quanto às repercussões das iniciativas. Se Esteves (2005) percebe que os jovens identificam as aprendizagens do Programa como importantes e conclui que elas favorecem a formação de atitudes “protagônicas”, Soares (2004) e Costa (2005) levantam questionamentos relevantes sobre o alcance de tais iniciativas. Apesar de afirmar que na experiência em São Paulo o Projeto Agente Jovem²⁷ cumpriu sua função social de preparar os jovens para a vida social, Soares (2004) ressalta que, ao centrar-se no local de moradia, sem ampliar a circulação e a comunicação desses jovens com outros “pedaços” da cidade, o Projeto parece gerar uma espécie de confinamento desses usuários em suas comunidades. Costa (2005) aponta aspectos positivos e aspectos negativos sobre o mesmo programa em Cuiabá. Admite que a participação no Projeto possibilitou aos jovens uma maior atuação na comunidade e que houve uma educação política que os permitiu se apropriarem de qualidades, como saber administrar seus próprios recursos, compreender a realidade com vistas a modificá-la e ter maiores esclarecimentos sobre questões vivenciadas por eles, como drogas e sexualidade. Porém, segundo ela, o “Estado de modelo neoliberal” não propiciaria políticas consistentes que possibilitassem a transformação social, concebida pela autora a partir de categorias do pensamento marxista.

Bruel (2003), Klein (2004)²⁸ e Andréia Boeira (2006a) também farão críticas às ações voltadas para o estímulo à atuação política dos jovens, buscando compreender os aspectos macropolíticos e macroestruturais subjacentes às ideias de protagonismo juvenil e de voluntariado, ideias que muitas vezes são estimuladas

Socorro e Campo Limpo, região sul de São Paulo, e em Cuiabá, com 30 jovens também entre 15 e 17 anos.

²⁷ Programa do governo federal voltado para jovens em situação de risco social, criado na gestão de Fernando Henrique Cardoso. Teve como objetivo integrá-los na sociedade mediante ações voltadas para a escolarização, qualificação profissional e formação para a cidadania. No governo Lula o Programa foi incorporado às propostas relativas ao emprego de jovens.

²⁸ É interessante ressaltar que Klein (2004) faz referências a Bruel (2003) no sentido de ampliar o conhecimento sobre “as relações existentes entre princípios e orientações de Organismos Internacionais de Financiamento” e as reformas conduzidas pelo governo do Estado do Paraná. Bruel (2003) tentou “verificar as relações existentes” entre a reforma do ensino médio, realizada pela Secretaria de Educação do Estado do Paraná, as ações de incentivo ao protagonismo juvenil, através de projetos nas escolas e “as determinações dos Organismos Internacionais de Financiamento”.

e relacionadas à juventude. Nesse sentido, realizaram amplas análises de documentos e materiais (documentos oficiais, relatórios, contratos e materiais utilizados em projetos de incentivo ao protagonismo juvenil em escolas).

Esses trabalhos são unânimes na conclusão de que a propagação das ideias de protagonismo juvenil e de voluntariado estaria relacionada à ofensiva neoliberal, articulada ao processo de desresponsabilização do Estado pelas questões sociais. Estariam sendo transferidas para a sociedade civil funções relativas à resolução de problemas da comunidade e, mais ainda, estariam os próprios indivíduos sendo responsabilizados pela solução de problemas de natureza social.

Por fim, também entre os trabalhos críticos às ações desenvolvidas com jovens, George Saliba Manske (2006) problematizou as práticas realizadas na formação de jovens como líderes para o exercício do voluntariado social. Inspirado em Michel Foucault (1992; 1995; 1997; 2002; 2003a; 2003b; 2004a; 2004b; 2004c), a partir de entrevistas, análise de documentos e dos registros em diários feitos através de suas observações, o autor procura levantar os conteúdos e saberes selecionados pela Associação Cristã de Moços (ACM-Porto Alegre) na formação de jovens lideranças, e chega à conclusão de que o currículo colocado em movimento pela Associação produz um tipo de normatividade calcada na autodisciplina, nos bons costumes e nas práticas cristãs a serem desenvolvidas entre os jovens.

Não obstante o caráter incipiente dessa produção e o próprio desenvolvimento do debate na esfera pública, alguns estudos realizados por pesquisadores e a produção acadêmica posterior ao período coberto pelo Estado da Arte²⁹ já permitiram traçar um quadro crítico da ideia de protagonismo. Na melhor das hipóteses, para aqueles que encontraram nas experiências locais aspectos positivos, muitas vezes levantados pelos próprios jovens, o conceito se efetivou, de fato, como uma espécie de “metodologia de trabalho com jovens pobres” (Corti e Souza, 2005) que favorece o plano das interações interpessoais ou o desenvolvimento de algumas habilidades.

Os desafios teóricos e metodológicos para o adensamento dessa temática de pesquisa não são pequenos, pois os estudos traçam inferências de efeitos positivos da ação a partir de universos muito circunscritos no tempo, ouvindo os jovens muitas vezes no momento em que participam das atividades promovidas pelas associações. Impactos e efeitos dessas ações exigem aproximações metodológicas que sejam mais bem discutidas quanto aos seus limites e potencialidades, considerando-se que, neste caso, a variável tempo (de realização da pesquisa e da experiência na vida do sujeito) não é desprezível. Por outro lado, quadros teóricos construídos a partir de paradigmas macroestruturais tendem a funcionar, muitas vezes, como modelos a serem aplicados nas análises empíricas, as conclusões estando dadas no ponto de partida, de modo que resta

²⁹ O doutorado de Regina Magalhães, defendido em 2007, portanto em um período posterior a este Estado da Arte, reitera as críticas traçadas nesses estudos a partir de uma base documental.

pouca margem para o surpreendente, para o novo, para aquilo que já não era previsto nos referenciais adotados.³⁰

Mesmo nesse quadro repleto de desafios, os estudos não evidenciaram que essa noção tenha configurado, de fato, um novo sentido para a prática política de jovens e sua inserção na sociedade. Sob esse ponto de vista, o debate acadêmico pode ser considerado encerrado.

Jovens na intersecção das políticas públicas e sociedade civil

Um pequeno conjunto de quatro estudos finaliza o tema em questão. Trata-se de estudos recentes que buscam compreender as interações entre os jovens – isoladamente ou como atores coletivos – e as ações públicas voltadas para esses setores, sobretudo a partir dos últimos dez anos. O doutorado em Educação de Elmir de Almeida (2001) percorre o nível da administração municipal, elegendo como foco de análise as iniciativas da prefeitura de Santo André, uma das primeiras no Brasil a propor ações e organismos especialmente destinados à juventude. Seu trabalho reconstrói as vicissitudes da interação do Executivo Municipal com os segmentos juvenis, tanto sob o ponto de vista da promoção de novas institucionalidades como sob a ótica das relações com os jovens da cidade.

João Paulo Macedo e Castro, em seu doutorado em Antropologia (2005), estuda, a partir das ações da UNESCO no Brasil, os modos como a questão juvenil alcança a esfera pública e se transforma em objeto de ação, não só do Poder Público, mas também das redes e associações da sociedade civil. O organismo é visto como um agente político de um processo com maior ressonância nas décadas de 1990 e 2000 que culmina, em 2005, com a criação da Secretaria Nacional de Juventude. O mestrado em Sociologia de Mirlene Severo (2006) examina a conjuntura recente, a partir de 2003, quando instâncias federais, inicialmente o Poder Legislativo e depois o Executivo, tomaram para si a tarefa de examinar os temas que dizem respeito às demandas dos jovens. Não só é foco da análise a iniciativa dos poderes públicos, mas a própria interlocução que é realizada com os segmentos juvenis organizados, sendo privilegiada a ação federal.³¹ Para a autora, a participação dos movimentos juvenis foi reduzida, mas a recente discussão na esfera pública brasileira trouxe novas visibilidades para a condição juvenil no país.

Deslocando o foco para a sociedade civil, a dissertação de mestrado em Sociologia de Rita de Cássia Advincula (2006) realiza um mapeamento de associações

³⁰ Brunel (2003) admitirá a necessidade de aprofundamento desses estudos, apontando perspectivas de continuidade das pesquisas: “estudos que procurem desvelar as contradições que se estabelecem entre as orientações dos organismos que defendem os programas de protagonismo e a execução dos projetos pelos jovens” (2003: 127-8).

³¹ A autora acompanha, em seu trabalho, as ações do Centro Popular de Cultura da União Municipal de Estudantes Secundaristas de São Paulo.

e redes da sociedade civil que atuam com adolescentes e jovens na cidade de Natal. Inspirada em Boaventura Sousa Santos (2002), a autora realiza o que ela própria denomina como uma “cartografia simbólica das representações sociais” desses atores.

Algumas conclusões

Um tema subjacente a esses estudos, nem sempre formulado como problema teórico, incide sobre a velha pergunta “O que significa fazer política?” (Lechner, 1982). Presente na reflexão dos pesquisadores latino-americanos nos anos 1980, tendo em vista a transição para a democracia, a investigação sobre as relações entre os possíveis caminhos para que a política se constitua, para além dos limites tracejados pelos sistemas institucionais, mesmo na conjuntura democrática, ainda se faz necessária. A própria noção de democracia (Moisés, 2008), os valores que orientam a vida coletiva, formas de socialização política, práticas políticas e militantismo são temas que ainda demandam um amplo conjunto de estudos no campo da juventude. Por outro lado, as fronteiras entre as instituições políticas que constituem o arcabouço dos sistemas representativos da democracia e as práticas ilícitas, os vários ilegalismos e o crime tendem a ficar cada vez mais porosos, como vários estudos afirmam (Telles, 2006, 2007). Certamente esse quadro mais complexo apresenta fortes imbricações com a experiência dos jovens em várias cidades brasileiras que sequer foi constituída como problemática de pesquisa.

Uma maior interlocução entre as áreas poderia contribuir no aprofundamento e enriquecimento dos estudos, ainda que se preservem suas especificidades teóricas e metodológicas. Os estudos sobre capital social e cultural, por exemplo, nas áreas de Ciência Política, Sociologia e Educação podem ser complementares, se forem olhados pelas diferentes áreas. Neste estado do conhecimento percebem-se algumas aproximações entre Sociologia e Educação, mas há poucas interlocuções com a Ciência Política. Por outro lado, os trabalhos tendem a privilegiar a condição estudantil como lócus de investigação, ao passo que outras aproximações, como os locais de trabalho, de práticas associativas e de lazer, ou mesmo jovens que não são mais estudantes, têm sido pouco estudados.

Uma forte agenda de pesquisa poderia ser constituída a partir dos estudos desenvolvidos por meio de *surveys*, sobretudo na dimensão da cultura política dos jovens. Imersões qualitativas poderão ser importantes para examinar com maior profundidade temas relacionados aos valores e comportamento político de jovens de várias classes sociais, as associações entre adesão à democracia e classe social, socialização política de elites econômicas e culturais, entre outros. Discussões mais densas em torno dos instrumentos de pesquisa, tipo de indagações contidas nos questionários, universo empírico selecionado, poderiam expandir as técnicas quantitativas para patamares cada vez mais relevantes no âmbito da pesquisa sobre juventude. Mas, sobretudo, o forte diálogo entre os procedimentos quali-

tativos e quantitativos propiciaria um acúmulo de conhecimentos que resultaria em novos problemas de pesquisa, revelando o caráter provisório e incompleto de algumas conclusões.

Os estudos sobre as mobilizações estudantis (secundarista e universitária) estão muito centrados nos impactos produzidos nos indivíduos que delas participam; o tema da própria ação coletiva de estudantes aparece pouco nesse conjunto de estudos. Para além das metas a serem atingidas pelas organizações estudantis, mas a própria dinâmica da ação coletiva, relações entre lideranças e bases, novas modalidades de práticas coletivas no interior da vida estudantil, ainda não constituem interesse para a produção discente.

Há alguns indícios inovadores que poderão, provavelmente, oferecer um conjunto de novas problemáticas no eixo das formas não-escolares de participação e ação coletiva juvenil. Não há pesquisas sobre a presença dos jovens em partidos, sindicatos,³² associações de moradores, etc. Não há estudos sobre as diversas formas de ativismo político ou militantismo na sociedade atual (movimentos GLBTT, ambientalistas, pacifistas, negros, entre outros) e, na outra ponta, sobre jovens que se tornam profissionais da política ao ocupar cargos eletivos. Nessa temática poderiam também estar fortemente concentradas as análises que resgatassem o universo das interações entre as gerações.

No entanto, se algo sobre as relações dos jovens com a política pode-se anunciar, a partir desse conjunto da produção discente, fica ainda muito obscura a distinção analítica entre a esfera da participação política nos sistemas institucionais, o campo político em senso estrito e as novas formas da ação coletiva no interior das teorias sobre os movimentos sociais e culturais. Essas práticas emergentes, ao serem estudadas, poderiam alargar a própria noção da política, como afirmamos na introdução, porque interrogariam sobre as possibilidades de construção coletiva de novos conflitos e de formação de dissensos no âmbito da experiência dos jovens brasileiros.

Referências bibliográficas

- ADORNO, Theodor W; HORKHEIMER, Max. *Temas básicos da sociologia*. São Paulo: Cultrix, EDUP, 1973.
- ALMOND, Gabriel e COLEMAN, James. *A política das áreas em desenvolvimento*. Rio de Janeiro/São Paulo: Freitas Bastos, 1969.
- ALMOND, Gabriel e POWELL, G. Bingham. *Uma teoria de política comparada*. Rio de Janeiro, Zahar, 2^a ed.1980.
- ALMOND, Gabriel e VERBA, Sidney. *The civic culture: political attitudes and democracy in five nations*. Boston: Little, Brown & Company. 1965.

³² Só foi localizado um trabalho que examinou as relações dos jovens com a vida sindical.

- ALMOND, Gabriel e *The Civic Culture Revisited*. Califórnia: Sage Publications, 1989.
- ANZIEU, Didier. O grupo e o inconsciente: o imaginário grupal. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1993.
- ANZIEU, Didier; MARTIN, Jacques-Yves. *La dinámica de los grupos pequeños*. Buenos Aires: Kapeluz, 1971.
- ARENDDT, Hannah. *O que é política?*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 7a edição, 2007.
- ARROYO, Miguel G. Ofício de mestre: imagens e auto-imagens. Petrópolis: Vozes, 2000.
- ARROYO, Miguel G. *Administração da educação, poder e participação*. Educação e Sociedade. Campinas, ano I, nº 2, jan. 1979.
- ATRIA, Raúl. Capital social: concepto, dimensiones y estrategias para su desarrollo. In: ATRIA, Raúl, SILES, Marcelo, ARRIAGADA, Irma, ROBIMSON, Lindon J. & WHITERFORD, Scott. (comps.). *Capital social y reducción de la pobreza en América Latina y el Caribe: en busca de un nuevo paradigma*. Santiago do Chile: Comisión Económica para América Latina y el Caribe- University of Michigan Press, 2003, p. 581-590.
- BAKUNIN, Mikhail. *Deus e o Estado*. São Paulo: Imaginário, 2000.
- AVRITZER, Leonardo. *Sociedade civil: além da dicotomia Estado-mercado*. In: Leonardo Avritzer (org.) Sociedade civil e democratização. Belo Horizonte: Del Rey, 1994.
- AVRITZER, Leonardo. “Cultura política, atores sociais e democratização – uma crítica às teorias da transição para a democracia”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, nº 28, jun. 1995, pp. 109-122.
- AVRITZER, Leonardo. *Cultura política, associativismo e democratização: uma análise do associativismo no Brasil*. disponível em <http://www.rits.org.br> (acesso em 18 de dezembro de 2004).
- AVRITZER, Leonardo. *Escritos contra Marx*. São Paulo: Imaginário, 2001.
- AVRITZER, Leonardo. *Federalismo, Socialismo e Antiteologismo*. São Paulo: Cortez, 1988.
- BAQUERO, Marcello. O papel dos adolescentes no processo de construção democrática no Brasil – um estudo preliminar de socialização política. In: *Cadernos de Ciência Política*. Programa de pós-graduação em Ciência Política, IFCH, UFRGS. Evangraf: Porto Alegre, 1997. p. 34.
- BAQUERO, Marcello. Alcances e limites do capital social na construção democrática. In: Marcello Baquero (org). *Reinventando a sociedade na América Latina – cultura política, gênero, exclusão e capital social*. Porto Alegre e Distrito Federal: Editora da UFRGS e Conselho Nacional dos Direitos da Mulher, p. 19-49, 2001a.
- BAQUERO, Marcello. *A vulnerabilidade dos partidos políticos e a crise da democracia na América Latina*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2001b.
- BAQUERO, Marcello. *A Dimensão oculta da democracia contemporânea desigualdade, cultura política e capital social no Brasil*. Revista Redes, Santa Cruz do Sul, v. 8, n. 3, p. 9-35, 2003 (a).
- BAQUERO, Marcello. Um caminho alternativo no empoderamento dos jovens: capital social e cultura política no Brasil. In: Marcello Baquero (org). *Democracia, juventude e capital social no Brasil*. Editora da UFRGS, Porto Alegre, 2004a.

- BAQUERO, Marcello. Construindo uma outra sociedade: o capital social na estruturação de uma cultura política participativa no Brasil. *Revista de Sociologia e Política*. n.21 Curitiba nov. 2003, p.p. 83-108. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em abr. 2004 (b).
- BAQUERO, Marcello & PRÁ, Jussara Reis. Matriz histórico-estrutural da cultura política no Rio Grande do Sul e padrões de participação política. *Cadernos de Ciência Política*. Serie Pre-edicoes. N° 3. Porto Alegre, UFRGS, 1995.
- BAQUERO, Rute. (Des) construindo a democracia: a educação política dos jovens (Revista de Ensino – 1964-1978). In: M. BAQUERO (org). *Democracia, juventude e capital social no Brasil*. Porto Alegre: Ed. Universidade / UFRGS, 2004.
- BAQUERO, Rute; HAMMES, Lúcio Jorge. Educação de jovens e construção de capital social: que saberes são necessários? In: BAQUERO, Marcello e CREMONESE, Dejalma. *Capital Social: Teoria e prática*. Ijuí: Editora da Unijuí, 2006.
- BAUDRILLARD, Jean. *A Sociedade de Consumo*. Rio de Janeiro: Elfos, 1995a.
- BAUDRILLARD, Jean. *A Troca Simbólica e a Morte*. Rio de Janeiro: Loyola, 1996.
- BAUDRILLARD, Jean. *Le miroir de la production: ou, l'illusion critique du matérialisme historique*. Paris: Editions Galilée, 1985.
- BAUDRILLARD, Jean. *Para Uma Crítica da Economia Política do Signo*. Rio de Janeiro: Elfos, 1995b.
- BENEVIDES, Maria Victória de Mesquita. *Cidadania e Democracia*. In: Lua Nova, n° 33, 1994. P. 5-16.
- BENEVIDES, Maria Victória de Mesquita. *Educação para a democracia*. Lua Nova, n.38, 1996.
- BENEVIDES, Maria Victória de Mesquita. *A cidadania ativa: referendo, plebiscito e iniciativa popular*. 3ª ed. São Paulo: Ática, 1998.
- BOBBIO, Norberto. *Liberalismo e democracia*. 6ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BOBBIO, Norberto. *Estado, governo e sociedade: para uma teoria geral da política*. 6ª ed. Rido de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- BOBBIO, Norberto. *O futuro da democracia: uma defesa das regras do jogo*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2000.
- BOURDIEU, P.; PASSERON, J.C. *A reprodução. Elementos para uma teoria do sistema de ensino*. Rio de Janeiro: Edições Francisco Alves, 1975.
- BOURDIEU, Pierre. *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro, Marco Zero, 1983 (a).
- BOURDIEU, Pierre. Esboço de uma teoria da prática. In: ORTIZ, R. (Org.) *Pierre Bourdieu: Sociologia*. São Paulo, Ática. 1983. pp.46-81. (b)
- BOURDIEU, Pierre. *O poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989 (a).
- BOURDIEU, Pierre. *La noblesse d'État: grandes écoles et esprit de corps*. Paris: Minuit, 1989 (b).
- BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas: Sobre a teoria da ação*. Campinas: Papirus, 1996.
- BOURDIEU, Pierre. *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997 (a).
- BOURDIEU, Pierre. *A Miséria do Mundo*. Vários tradutores. Petrópolis: Vozes, 1997 (b).
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998
- BOURDIEU, Pierre. *La Distinción: criterios y bases sociales del gusto*. Buenos Aires, Taurus, 1999 (a).

- BOURDIEU, Pierre. *Escritos de Educação*. Petrópolis: Vozes, 1999 (b).
- CAMUS, Albert. *O Homem Revoltado*. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- CARRANO, Paulo. Jovens e participação política. In: SPOSITO, Marília (coord). *Juventude e Escolarização (1980-1998)*. Série Estado do Conhecimento. Brasília: MEC/Inep/Comped, 2002.
- CARVALHO, José Murilo. Interesses contra a cidadania. In: *Brasileiro: Cidadão?* Roberto da Matta et all. São Paulo – SP, Cultura Editores Associados, 1992.
- CARVALHO, José Murilo. “Mandonismo, coronelismo, clientelismo: uma discussão conceitual”. *Dados*, vol. 40, nº 2, 1997, pp. 229-250.
- CARVALHO, José Murilo. *Cidadania no Brasil: o longo caminho*. 4.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CASTORIADIS, Cornelius. *A Instituição Imaginária da Sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2ªed., 1982.
- CASTORIADIS, Cornelius. *As Encruzilhadas do Labirinto 2: os domínios do homem*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- CASTORIADIS, Cornelius. *Socialismo ou Barbárie: sobre o conteúdo do socialismo*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- CHAUÍ, Marilena. *Conformismo e resistência: aspectos da cultura popular no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- CHAUÍ, Marilena. *Cultura e democracia – o discurso competente e outras falas*. 7ª ed. São Paulo: Cortez, 1997.
- CHAUÍ, Marilena. *Brasil: mito fundador e sociedade autoritária*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.
- COLEMAN, James. *The adolescent society. The social life of the teenager and its impact on education*. New York: Free Press of Glencoe, 1961.
- COLEMAN, James. *Foundations of Social Theory – The belknap*. Cambridge: Press of Harvard University Press, 1990.
- COLEMAN, James. Social capital and creation of human capital. In: *American Journal of Sociology*, n.94, 1998.
- CORTI, Ana Paula & SOUZA, Raquel. *Diálogos com o mundo juvenil – subsídios para educadores*. São Paulo, Ação Educativa, 2005.
- COSTA, Antônio Carlos Gomes. *Afetividade e sexualidade na educação*. Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais e Fundação Odebrecht, Belo Horizonte, 1998a.
- COSTA, Antônio Carlos Gomes. *Tempo de Crescer: adolescência, cidadania e participação*. Salvador: Fundação Odebrecht, 1998b.
- COSTA, Antônio Carlos Gomes. O Adolescente como Protagonista. In: *Cadernos Juventudes, Saúde e Desenvolvimento*. Brasília: Ministério da Saúde, Secretaria de Políticas de Saúde, 1999.
- COSTA, Antônio Carlos Gomes. *Protagonismo Juvenil: Adolescência, Educação e Participação Democrática*. Salvador: Fundação Odebrecht, 2000.
- COSTA, Antônio Carlos Gomes. *Tempo de Servir: o protagonismo juvenil passo a passo - um guia para o educador*. Belo Horizonte: Editora Universidade, 2001.
- DAGNINO, Evelina. Os movimentos sociais e a emergência de uma nova noção de cidadania. In: DAGNINO, Evelina (org.). *Os anos 90: política e sociedade no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 103-115.

- DAHL, Robert. *Um prefácio à teoria democrática*. RJ: Jose Zahar, 1989.
- DAHL, Robert. *Poliarquia: participação e oposição*. São Paulo: Edusp, 1997.
- DELEUZE, Gilles. *Diferença e repetição*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- DELEUZE, Gilles. *Nietzsche e a filosofia*. Rio de Janeiro: Rio, 1976.
- DELEUZE, Gilles. *Lógica do sentido*. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- DELEUZE, G; GUATTARI, F. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995, vol.1, e São Paulo: Editora 34, 1997, vol. 2,3,4,5.
- DELEUZE, G; GUATTARI, F. *O que é a filosofia*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997. (a)
- DELEUZE, G; GUATTARI, F. *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. Lisboa: Assírio e Alvim, 1972.
- DURAND, Olga. *Jovens da ilha de Santa Catarina: socialização e sociabilidade*, 2000. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, 2000.
- DULONG, Delphine. Politique. In *Dictionnaire de Sociologie*. Paris: Encyclopedia Universalis et Albin Michel, 2007.
- DURSTON, John. Capital social: parte del problema, parte de la solución, su papel en la persistencia y en la superación de la pobreza en América Latina y el Caribe. In: ATRIA, Raúl, SILES, Marcelo, ARRIAGADA, Irma, ROBIMSON, Lindon J. & WHITERFORD, Scott. (comps.). *Capital social y reducción de la pobreza en América Latina y el Caribe: en busca de un nuevo paradigma*. Santiago do Chile: Comisión Económica para América Latina y el Caribe-University of Michigan Press, 2003, p. 147-202.
- FLORA, Jan L. & FLORA, Cornelia Butler. Desarrollo comunitario en las zonas rurales de los Andes. In: ATRIA, Raúl, SILES, Marcelo, ARRIAGADA, Irma, ROBIMSON, Lindon J. & WHITERFORD, Scott. (comps.). *Capital social y reducción de la pobreza en América Latina y el Caribe: en busca de un nuevo paradigma*. Santiago do Chile: Comisión Económica para América Latina y el Caribe-University of Michigan Press, 2003, p. 555-587.
- FORACCHI, Marialice. *A juventude na sociedade moderna*. São Paulo: Pioneira, 1972
- FORACCHI, Marialice. *O estudante e a transformação da sociedade brasileira*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977.
- FORACCHI, Marialice. *A participação social dos excluídos*. São Paulo: Hucitec, 1982.
- FRIGOTTO, Gaudêncio. *A produtividade da escola improdutiva*. São Paulo: Cortez, 2001(a).
- FRIGOTTO, Gaudêncio. A educação e a formação técnico-profissional frente à globalização excludente e o desemprego estrutural. In: SILVA, L.H. (Org) *A escola cidadã no contexto da globalização*. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 218-238.
- FRIGOTTO, G.; CIAVATTA, M. Educação básica no Brasil na década de 1990: subordinação ativa e consentida lógica de mercado. *Educação e Sociedade*. Campinas, nº82, p. 93-130, abr. 2001. (b)
- FRIGOTTO, G.; CIAVATTA, M. (orgs). *Ensino médio: ciência, cultura e trabalho*. Brasília: MEC, Secretaria de educação média e tecnológica, 2004.
- FUKUYAMA, Francis. Capital social y desarrollo: la agenda venidera. In: ATRIA, Raúl, SILES, Marcelo, ARRIAGADA, Irma, ROBIMSON, Lindon J. & WHITERFORD, Scott. (comps.). *Capital social y reducción de la pobreza en América Latina y el Caribe: en busca de un nuevo paradigma*. Santiago do Chile: Comisión Económica para América Latina y el Caribe-University of Michigan Press, 2003, p. 33-48.

- FUKUYAMA, Francis. *O fim da história e o último homem*. Trad. de Aulyde Soares Rodrigues. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.
- FUKUYAMA, Francis. *The great disruption: human nature and the reconstitution of social order*. New York: Touchstone, 1999.
- FUKUYAMA, Francis. *Trust: the social virtues and the Creation of Prosperity*. Nueva York: The Free Press, 1995.
- HOLLOWAY, John. *Mudar o mundo sem tomar o poder: o significado da revolução hoje*. São Paulo: Viramundo, 2003.
- INGLEHART, Ronald. *Modernization and posmodernization: cultural, economic and political change in 43 societies*. Princeton, Princeton University Press, 1997.
- KRISCHKE, Paulo. Cultura política e escolha racional na América Latina: interfaces nos estudos de democratização. In: *BIB*, n.43, 1º sem. De 1997.
- KRISCHKE, Paulo. Juventude e socialização no Sul do Brasil, In: Paulo Krischke (org.). *Ecologia, juventude e cultura política: a cultura da juventude, a democratização e a ecologia nos países do Cone Sul*. Florianópolis: UFSC, 2000.
- KRISCHKE, Paulo. Perfil da juventude brasileira: questões sobre cultura política e participação democrática. In: *Revista Internacional Interdisciplinar Interthesis*. UFSC, 2004.
- LAMOUNIER, Bolívar. *Direito, cidadania e participação*. São Paulo: TAQ, 1981.
- LAMOUNIER, Bolívar. *Partidos e utopias: o Brasil no limiar dos anos 1990*. Coleção temas brasileiros, São Paulo: Loyola, 1989.
- LAMOUNIER, Bolívar & SOUZA, Amaury. Democracia e reforma institucional no Brasil: uma cultura política em mudança. In: *Dados – revista de Ciências Sociais*, vol.34, n.3, Rio de Janeiro, 1991.
- LAPASSADE, Georges. *Grupos, organizações e instituições*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.
- LECHNER, Noberto (editor). *Que significa hacer política?*. Lima: Desco, 1982
- LÉVY, Pierre. *A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço*. São Paulo: Loyola, 1998.
- LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993
- LEWIN, Kurt. *Problemas de dinâmica de grupo*. São Paulo: Cultrix, 1970.
- LIMA, Licínio C. *A Escola como Organização e a Participação na Organização Escolar. Um estudo da escola secundária em Portugal (1974 – 1988)*. Braga: Instituto de Educação / Universidade do Minho, 1992.
- LIMA, Licínio C. *Organização Escolar e Democracia Radical, Paulo Freire e a governação democrática da escola pública*. São Paulo: Cortez / Instituto Paulo Freire, 2000. (Guia da escola Cidadã). Vol. 4.
- MARSHALL, Thomas. *Cidadania, classe social e status*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.
- MARTIN-BARBERO, Jesus. *De los medios a las mediaciones: comunicación, cultura y hegemonia*. Mexico: G. Gili, 4ª ed., 1997.
- MISCHE, Ann. “Redes de Jovens”. *Teoria e Debate*, São Paulo, nº 31, abr.-junho 1996, pp. 23-29.
- MISCHE, Ann. “De estudantes a cidadãos”. In: PERALVA, Angelina T. e SPOSITO, Marília P. (org.) *Juventude e contemporaneidade*. *Revista Brasileira de Educação*, nº 5/6, mai.-dez. 1997, pp. 134-150.

- MOISÉS, José Álvaro. “Democratização e cultura de massas no Brasil”. *Dados*, nº 26, 1992, pp. 5-52.
- MOISÉS, José Álvaro. *As bases da democracia brasileira*. Petrópolis: Vozes, 1995a.
- MOISÉS, José Álvaro. *Os brasileiros e a democracia. Bases sociopolíticas da legitimidade democrática*. São Paulo: Ática, 1995b.
- MOISÉS, José Álvaro. Os significados da democracia segundo os brasileiros. Versão revista do texto apresentado à mesa redonda “Os significados da democracia na América Latina e suas medidas” no IV Congresso da Associação Latino-americana de Ciência Política – ALACIP, de 05 a 07 de agosto, e no I Seminário Internacional de Estudos sobre o Legislativo – 20 anos da Constituição, de 09 a 11 de no departamento de Sociologia da Universidade de Brasília, 2008.
- PAOLI, Maria Célia. *Movimentos sociais no Brasil: em busca de um estatuto político*. In: HELMANN, Michaela (org.). *Movimentos sociais e democracia no Brasil*. São Paulo: Marco Zero/Ildefes/Labor, 1995, p. 24-55.
- PAOLI, Maria Célia. *Movimentos sociais; cidadania e espaço público – anos 90. Humanidades*, Brasília, v. 8, n. 4, p. 498-504, 1992.
- PAOLI, Maria Célia; SADER, Eder. Sobre classes populares no pensamento sociológico brasileiro. In.: CARDOSO, R. (org.). *A aventura antropológica*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. p. 39-67
- PARO, Vitor Henrique. *Administração Escolar: Introdução Crítica*. 6ª ed. São Paulo: Cortez, 1993. 175 p.
- PARO, Vitor Henrique. *Gestão Democrática da Escola Pública*. 3ª ed. São Paulo: Ática, 2003, p. 15-27.
- PARO, Vitor Henrique. *Escritos sobre Educação*. São Paulo: Xamã, 2001 a., p. 49 – 62.
- PARO, Vitor Henrique. *Por Dentro da Escola Pública*. São Paulo: Xamã, 1995. 335 p.
- PATMAN, Carole. *Participação e teoria democrática*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- PROUDHON, Pierre-Joseph. A Sociedade sem Autoridade. *Novos Tempos* n.1, pp.11-18. São Paulo: Imaginário, 1998.
- PROUDHON, Pierre-Joseph. Do Princípio Federativo. São Paulo: Imaginário; Nu-Sol, 2001.
- PROUDHON, Pierre-Joseph. *O que é a propriedade?*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- PROUDHON, Pierre-Joseph. *Sistema das Contradições Econômicas ou Filosofia da Miséria*. v.1. São Paulo: Ícone, 2003.
- PUTNAM, Robert. *Comunidade e democracia: a experiência da Itália Moderna*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- PUTNAM, Robert. *Bowling Alone. The collapse and revival of American Community*. New York. Simon and Schuster, 2000.
- RANCIÈRE, Jacques. *O desentendimento. Política e filosofia*. São Paulo: Editora 34, 1996.
- SANTOS, Boaventura Souza. *A globalização e as ciências sociais*. São Paulo: Cortez, 2002.
- SANTOS, Wanderley G. *Poder e política: crônica do autoritarismo brasileiro*. Rio de Janeiro: Forense/Universitária, 1978.

- SANTOS, Wanderley G. *Cidadania e justiça: a política social na ordem social brasileira*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Campus, 1994.
- SANTOS, Wanderley G. *Décadas de espanto e uma apologia democrática*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- SCHMIDT, João Pedro. *O que pensam os jovens, hoje: elementos do imaginário social da juventude dos vales do Rio Pardo e Taquari*. Santa Cruz do Sul, 1996. (publicação própria).
- SCHMIDT, João Pedro. Equilíbrio de baixa intensidade: capital social e socialização política dos jovens brasileiros na virada do século. In BAQUERO, M. (Org). *Reinventando a Sociedade na América Latina: cultura política, gênero, exclusão e capital social*. Porto Alegre/Brasília: Ed Universidade UFRGS/Conselho Nacional dos Direitos da mulher (CNDM), 2001a.
- SCHMIDT, João Pedro. *Juventude e Política no Brasil: a socialização política dos jovens na virada do milênio*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC-RS, 2001b.
- SCHUMPETER, Joseph. *Capitalismo, socialismo e democracia*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1962.
- SOUSA, Janice Tirelli P. DE. *Reinvenções da utopia: a militância política de jovens nos anos 90*. São Paulo: Hacker, 1999.
- SOUSA, Janice Tirelli P. DE. As insurgências juvenis e as novas narrativas políticas contra o instituído. In: *Cadernos de Pesquisa*. N.º. 32, ou/2002; Pós-Graduação de Sociologia Política da Universidade Federal de Santa Catarina.
- SOUZA, Regina Magalhães de. *O discurso do protagonismo juvenil*. 2007. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.
- SPOSITO, Marília. *Juventude e Escolarização (1980-1998)*. Série Estado do Conhecimento. Brasília: MEC/Inep/Comped, 2002.
- TELLES, Vera Silva e CABANES, Robert (orgs). *Nas tramas da cidade. Trajetórias urbanas e seus territórios*. São Paulo: Humanistas, 2006.
- TELLES, V. e HIRATA, Daniel. *Cidade e práticas urbanas: nas fronteiras incertas entre o ilegal, o informal e o ilícito*. ANPOCS, 31º Encontro Anual, 2007
- TOCQUEVILLE, Alexis de. *A democracia na América*. Belo Horizonte, São Paulo: Itatiaia, Edusp, 1987.
- WANDERLEY, Luiz Eduardo. *Educar para Transformar: educação popular, Igreja Católica e política no Movimento de Educação de Base*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1984.
- WANDERLEY, Luiz Eduardo. Movimentos populares, política e igreja. In: FLEURI, Reinaldo Matias (org.). *Movimento popular, política e religião*. São Paulo: Loyola, 1985, p. 9-26.
- WANDERLEY, Luiz Eduardo. Igreja Católica e política no Brasil, *Teoria e Debate*, São Paulo, ano 12, n.º 40, p. 40-45, fev.mar.abr. 1999.

*Teses e Dissertações analisadas***EDUCAÇÃO***Teses*

- ALMEIDA, Elmir. **Política pública para a juventude proposta para uma “moderna condição juvenil”**. 2001. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.
- ARAÚJO, Raquel D. **O movimento estudantil nos tempos da barbárie: a luta dos estudantes da UECE em defesa da universidade pública**. 2006. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2006.
- FERREIRA, Sueli C. **Grêmios estudantis: um disparador de subjetividades emancipatórias**. 2002. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.
- GARCIA, Teise O. G.. **Gestão democrática e a participação dos educandos: um caso em estudo**. 2003. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.
- HAMMES, Lucio J. **Aprendizados de convivência e a formação de capital social: um estudo sobre grupos juvenis**. 2005. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2005.
- PAULA, Lucília A. L. **O movimento estudantil na UFRuralRJ: memórias e exemplaridade**. 2004. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.
- PEREIRA, Ivna H. **De jovens figurantes a jovens protagonistas: a contribuição das ONG’s que trabalham com a juventude**. 2006. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2006.

Dissertações

- ALMEIDA, Erica C. **Movimento estudantil e cultura: reflexões a partir da teoria crítica da sociedade**. 2001. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2001.
- BOTELHO, Marjorie A. **A ação coletiva dos estudantes secundaristas: passe livre na cidade do Rio de Janeiro**. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2006.
- BRUEL, Ana L. O. **As reformas do ensino médio no estado do Paraná (1998-2002): relações entre o PROEM e os projetos de protagonismo juvenil**. 2003. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2003.
- CARLOS, Aparecida G. **Grêmios estudantis e participação do estudante**. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2006.
- CARVALHO, Valéria F. **A prática educativa do movimento estudantil universitário no contexto do neoliberalismo: o curso de Ciências Sociais da UFRJ**.

2006. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2006.
- CASTILHO, Suely D. **Sobre os saberes construídos no processo de socialização: os líderes do movimento estudantil da UFMT – Cuiabá.** 2002. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2002.
- COSTA, Maricelia P. **Protagonismo juvenil e consciência política (um estudo sobre o projeto agente jovem em Cuiabá-MT).** 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2005.
- COSTA, Rosa M. C. **A participação de jovens estudantes no Conselho Estadual de Educação de Mato Grosso (1999 a 2002).** 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2004.
- CUNHA, Maristela B. **O novo ensino médio e o exercício da cidadania: controvérsias e desafios.** 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Marília, 2005.
- DUARTE, Milton J. F. **Representações dos movimentos político-culturais da década de 1960 nos jovens de ensino médio.** 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.
- ESTEVES, Maria C. D. **O protagonismo juvenil na percepção de jovens em um programa de educação para o trabalho na cidade de Ribeirão Preto.** 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2005.
- FERNANDES, Manuel J. P. **Entre o sindicato e o grêmio: como se organiza o trabalhador aluno.** 2001. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2001.
- KLEIN, Ana M. **Escola e democracia: um estudo sobre a representação de alunos e alunas do ensino médio.** 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.
- KLEIN, Bianca L. **Protagonismo juvenil e cidadania: uma proposta pedagógica burguesa.** 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.
- LIMA, Donizete J. **Só sangue bom – construção de saberes e resistência cultural como expressão do protagonismo juvenil.** 2003. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.
- MANSKE, George S. **Um currículo para a produção de lideranças juvenis na Associação Cristã de Moços de Porto Alegre.** 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.
- MELO, Josélio M. **O Consumo enquanto prática de cidadania ativa em alunos do CEFET-AL: realidade ou possibilidades?** 2000. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2000.
- MOREIRA, Marco A. **Grêmios estudantis: contestação e distinção social.** 2000. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.
- PEREIRA, Maria S. **A política como espetáculo da juventude: lutas estudantis em fortaleza.** 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2005.

- SANCHES, Ydeliz C S. **A formação do aluno para a participação: uma utopia da escola pública?** 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.
- SANTIAGO, Ilana E. **O movimento pela democratização da comunicação por jovens universitários: o caso da ENECOS e sua regional no Rio de Janeiro.** 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.
- SANTOS, Nelson S. **Caminhos pedregosos: a tentativa de organização do movimento estudantil no Tocantins na década de 1990 (1988/1999).** 2003. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2003.
- SANTOS, Patrícia L. **“Procuram-se bons alunos” a ação participativa filantrópica contemporânea.** 2003. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2003. (a)
- SCIAMANA, Cássia E. B. **Labirintos: encontros e (des) encontros na escola e na vida.** 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.
- SILVA, Adejaira L. **A participação do aluno no processo da gestão democrática escolar: coadjuvante ou protagonista? Um estudo de caso.** 2002. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2002.
- SILVA, Andréia B. **Trabalho voluntário em Florianópolis.** 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006 (a).
- SILVA, Isaac A. **Juventude e cidadania na perspectiva da educação popular: contribuição e limites da PJMP, na arquidiocese da Paraíba (1981-2006).** 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2006 (b).
- SOUZA, Nara T. **Educação política da juventude: a organização do grêmio estudantil no colégio Salesiano São Gonçalo (Cuiabá, Mato Grosso).** 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2005.
- TERAHATA, Adriana M. **O sentido de participação: um estudo com jovens de uma comunidade de baixa renda.** 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2004.

CIÊNCIAS SOCIAIS

Teses

- ALMEIDA, Loriza L. **O jovem estudante universitário: um estudo sobre o comportamento sócio-político.** 1999. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1999.
- CASTRO, João P. M. **UNESCO - Educando os jovens cidadãos e capturando redes de interesses: uma pedagogia da democracia no Brasil.** 2006. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

- LIBERATO, Léo V. M. **Expressões contemporâneas de rebeldia: poder e fazer da juventude autonomista**. 2006. Tese (Doutorado em Sociologia Política) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.
- LUCAS, João I. P. **Juventude e a antipolítica no Brasil**. 2003. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.
- NAZZARI, Rosana K. **Capital social, cultura e socialização política: a juventude brasileira**. 2003. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.
- SCHMIDT, João P. **Juventude e política nos anos 1990: um estudo de socialização política**. 2000. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000.

Dissertações

- ADVÍNCULA, Rita C. A. S. **Sociedade civil no espaço de atuação com a juventude: uma cartografia social**. 2006. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2006.
- CARMINATI, Fabio. **Juventude e rebeldia: ações coletivas contemporâneas e a produção e reprodução do projeto de militância de esquerda**. 2006. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.
- CUNHA, Patrícia R. C. **A participação do Banco Mundial na formação cidadã dos jovens cearenses**. 2005. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.
- FARINA, Marli B. **O papel da escola frente ao processo de democratização no Brasil: um estudo de caso sobre cultura política e as dimensões de civismo e cidadania entre as novas gerações**. 2005. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.
- GONÇALVES, Danyelle N. **Jovens na política: animação e agenciamento em campanhas eleitorais**. 2001. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2001.
- GONÇALVES, Julimar da Silva. **Nas sombras da exclusão: cotidiano juvenil na Zona Oeste de Natal-RN**. 2003. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2003.
- MARTINS, Suely A. **Caminhos e descaminhos da socialização política na Pastoral da Juventude: o caso de Londrina**. 2000. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.
- MESQUITA, Marcos R. **Juventude e movimento estudantil**. O “velho” e o “novo” na militância 2001. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.
- OLIVEIRA, Gabriela. **A nova elite: as bases culturais da estabilidade democrática**. 2004. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

- SANTOS, Agnaldo. **Debutantes e “outsiders”: juventude metalúrgica e sindicato no ABC Paulista**. 2001. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.
- SCHWARZ, Vera L. S. **Eleições e eleitores no Rio Grande do Sul: a experiência do Partido dos Trabalhadores no município de Pelotas (1992-1996)**. 2000. Dissertação (Mestrado em Ciência Política), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000.
- SEVERO, Mirlene F. S. W. **Os movimentos sociais de juventude e os direitos dos jovens no Brasil**. 2006. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, 2006.
- SILVEIRA, Angelita F. **Capital social e educação: perspectiva sobre empoderamento da juventude em Porto Alegre**. 2005. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.
- SOFIATI, Flávio M. **Jovens em movimento: o processo de formação da Pastoral da Juventude do Brasil**. 2004. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2004.
- ZANETTI, Hermes. **Juventude e revolução: uma investigação sobre a atitude revolucionária no Brasil**. 1999. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Universidade de Brasília, Brasília, 1999.

SERVIÇO SOCIAL

Dissertações

- BRENER, Branca S. **Jovens em cena: o desenvolvimento do protagonismo juvenil numa entidade social de São Paulo**. 2004. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2004.
- RODRIGUES, Vera M. L. P. **Quando jovens se tornam agentes de direitos humanos: uma experiência de formação política IBEAC - Cidade Tiradentes - 1999/2001**. 2001. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001.
- SANDER, Cristiane. **Pastoral da Juventude e formação de lideranças**. 2001. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.
- SOARES, Giselle S. **Juventude em ação! Um estudo sobre as experiências do Projeto Agente Jovem de Desenvolvimento Humano e Social na região sul da cidade de São Paulo**. 2004. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2004.
- SOARES, Lucia M. S. **Universidade e participação política: um estudo de caso com os estudantes da Escola de Serviço Social da UFRJ**. 2002. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

Estudos históricos sobre a juventude: estado da arte

Maria Lucia Spedo Hilsdorf¹

Fernando Antonio Peres²

Há poucos trabalhos acadêmicos sobre a história da juventude no Brasil. Por que o tema não tem despertado o interesse dos pesquisadores?

É emblemático que em publicação comemorativa dos 500 anos de história da educação brasileira (Lopes et al., 2000), o tema da infância apareça com um artigo na coletânea, enquanto não há nenhuma menção sequer ao tema da juventude. Dentre os temas imprescindíveis para a compreensão da história da educação brasileira, além da infância, nessa obra há referências diretas a gênero, etnia, instituições, níveis e modalidades de ensino, dentre outros. Nada sobre juventude, nem de forma transversal; a não ser que se entenda que o estudo sobre o colégio jesuítico (o importante texto de abertura do volume, de João Adolfo Hansen) constitua uma possibilidade de aproximação, pela via dos alunos atendidos. Mas, de qualquer forma, o *tema* juventude não foi enfrentado.

Considerando o panorama internacional, uma das poucas obras de exploração da temática da juventude na Europa, o livro *História dos jovens*, organizado por Levi e Schmitt, não desencadeou estudos no Brasil. Publicado na Itália em 1994 e dois anos depois traduzido para o português, essa obra não entusiasmou o campo dos estudos históricos de forma consistente e sistemática a ponto de estabelecer uma linha de pesquisa. Não podemos dizer que se trata do resultado de uma publicação tardia em língua portuguesa. Pelo contrário: a edição brasileira ocorreu apenas dois anos após a publicação europeia. A considerar o viés editorial, esta temática aparecia como uma vertente promissora, que não se concretizou.

Comparativamente, a publicação do livro de Philippe Ariès em 1960 na França (e, no Brasil, somente em 1978) suscitou, ainda que quase duas décadas depois, o aparecimento de várias obras que têm o tema da infância como enfoque principal (Del Priore, 1991; Kishimoto, 1992; Marcílio, 1998; Kuhlmann Jr., 2001). O tema da infância, em suas ricas e múltiplas vertentes – tais como os jogos e

¹ Doutora em História da Educação, Professora da Faculdade de Educação da USP.

² Graduado em História (FFLCH-USP) e doutorando em Historiografia e História da Educação (FE-USP).

as brincadeiras, a educação infantil, o abandono e as instituições de guarda, os aspectos demográficos, a família – foi acolhido pelos pesquisadores, enquanto o da juventude não obteve o mesmo destaque, com uma ou outra exceção.

Retomamos assim a questão inicial: por que o tema da juventude não frutificou?

Uma possível explicação pode aparecer ao associarmos o jovem com o grau escolar no qual sua inserção é prevista e prescrita. Além de numericamente inferior ao ensino fundamental (este concentra 61% da população escolar, segundo o PNAD 1999), a falta de identidade do ensino médio é uma característica da história recente destas instituições escolares no Brasil, principalmente após a desastrosa remodelação imposta pelos governos militares neste nível de ensino, como demonstrou Nelson Piletti (1983). Apesar da revogação do ensino profissionalizante compulsório pela Lei 7.044/82, antes mesmo da redemocratização do país, esta situação de indefinição e desestruturação do ensino médio não se alterou e também não suscitou problemas de pesquisa na área acadêmica, mesmo considerando-se a relevância do estudo do citado autor.³ Aqui podemos fazer um contraponto com o caso mexicano, acerca do qual conhecemos uma coletânea de 23 textos sobre os precedentes, a gênese e a evolução do ensino secundário naquele país. Sem menção a crises identitárias, o livro organizado por Maria Adelina Arredondo López (2008) faz emergir, pela via da história da educação, um ensino apresentado na obra como rico, fecundo, diversificado para jovens e, simultaneamente, esta também diversificada área de estudos acadêmicos. Pensando no Brasil, cabe-nos uma questão: esta falta de identidade do ensino médio transferiu-se para a temática dos jovens alunos das instituições de ensino ou o desinteresse pela questão mais geral dos jovens *contaminou* os estudos sobre as instituições escolares destinadas a esta faixa etária?

De qualquer forma, pela via da história da educação há estudos sobre as instituições dedicadas ao ensino médio em suas várias modalidades; entretanto, raros são os trabalhos que tomam os jovens como objeto de estudo: a documentação institucional é mais acessível do que a dos alunos, pois esta pressupõe o trabalho com a memória e com depoimentos, fontes de relativa complexidade para a pesquisa historiográfica. Um bom exemplo é o caso dos ginásios vocacionais, experiência institucional que tem sido abordada em excelentes trabalhos acadêmicos, mas apenas recentemente uma dissertação de mestrado se preocupou com o resgate da autocompreensão dos seus alunos a respeito de suas práticas; e ainda assim timidamente, pois contrastada à luz das diretrizes da proposta (Albuquerque, 2007).

Homologamente, o primeiro ciclo do ensino fundamental não padece da mesma crise identitária do ensino médio. Ainda que diante de problemas seculares – em relação a acesso, ingresso, permanência, função social e outros –, os profissionais

³ Convém lembrar que a sua tese de doutorado de 1983, citada, foi publicada em Montevideu, em 1984, e em São Paulo, em 1988.

do ensino e da pesquisa têm bastante objetividade e fortes convicções sobre o que é a educação da criança. Compreensivelmente, o interesse pela criança fez florescer estudos acadêmicos na própria área da história da educação escolar (assim como em relação à formação dos professores para este nível e dos próprios alunos), e resultou numa das mais proíferas vertentes dos estudos pós-graduados.

Ambas as tendências acima descritas confirmam-se na produção dos encontros e congressos científicos (como o Brasileiro de História da Educação, o Luso-Brasileiro, o HISTEDBR). Na mesma linha, entre os prestigiosos Grupos de Trabalho da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd), não há nenhum dedicado à pesquisa da juventude ou dos jovens.

Alargando a perspectiva de análise, para além do mundo escolar, é possível constatar a participação dos jovens nos movimentos de contestação política e de contracultura nas décadas de 1960 e 1970. No entanto, esta possibilidade de investigação propicia um enfoque maior sobre os próprios movimentos do que sobre os jovens. Uma vez que a imensa maioria dos jovens brasileiros não se engajou nestes movimentos, fatalmente deixarão de ser objeto de análises acadêmicas. Por outro lado, estas análises poderiam encontrar farto material empírico caso se voltassem para o jovem trabalhador (mais recentemente, o jovem desempregado), figuras onipresentes na realidade social brasileira. Outra vertente bastante promissora poderia ser encontrada nas manifestações da cultura popular, tais como o futebol, as rodas de samba e outras.

Aliás, a fertilidade desta linha de reflexão centrada nos movimentos sociais e culturais confirma-se com a recentíssima publicação do livro *A criação da juventude*, de Jon Savage (2009), que utiliza notícias publicadas em jornais como fonte para investigar as origens da cultura *teenage* na Inglaterra, nos Estados Unidos e na Alemanha. Trata-se antes de tudo, de uma obra que apresenta a “pré-história do *teenager*” (2009: 11). Contrariamente a uma primeira impressão, esta cultura não surgiu no pós-Segunda Guerra, mas é o resultado de “precedentes vívidos e voláteis” identificados pelo autor entre 1875 e 1945.

Este *teenager*, ao ser apreendido pelo autor a partir de suas manifestações extraordinárias (e não pelo comum), em nosso entendimento, poderia constituir uma limitação, porque não representa aquele jovem *médio* que carecemos conhecer. Para dar conta da quase invisibilidade do jovem médio, da dificuldade de este ser apreendido pelos estudos históricos, Savage compensa com o emprego da dialética entre a rotina e a vanguarda. Este movimento permite ao autor identificar nos jovens os precursores do futuro, numa concepção romântica, mas profundamente otimista. Será que esta provocação servirá como um sedutor incentivo aos pesquisadores brasileiros no campo historiográfico?

A apresentação feita acima, aparentemente impressionista, quase gestaltiana, e carregada nas cores do mercado editorial, mas conectada com a produção universitária, pode servir como uma sugestiva prévia das nossas análises sobre o estado da arte da produção estritamente acadêmica acerca da perspectiva histórica na pesquisa sobre juventude no Brasil, pois aponta para tendências que nos parecem

comprováveis nos estudos que analisamos. Antes desta discussão, efetuamos uma aproximação com a temática a partir de dados quantificáveis, pois esta análise quantitativa trouxe outros elementos para a compreensão dos estudos históricos sobre a juventude, como veremos.

O rol de trabalhos de pesquisa submetido à análise engloba um *corpus* de trinta e oito estudos históricos sobre a temática da juventude e foi definido previamente pela equipe solicitante da análise, a partir de descritores que lhes permitiram selecionar os textos no Banco de Teses e Dissertações da CAPES. São, ainda, trabalhos dos anos de 1999 a 2006, ou seja, remetem a uma parte dessa específica modalidade de produção acadêmica, recobrando as áreas de Educação, Ciências Sociais e Serviço Social. Dos 38 textos citados, 33 foram analisados mediante leitura na íntegra e 5 a partir dos resumos,⁴ sendo objetos apenas de análise quantitativa, em função de sua natureza sintética. Não foi localizado nenhum trabalho na área de Serviço Social.

Mais amplamente, o presente *corpus* expressa uma *parcela* da pesquisa acadêmica brasileira sobre o tema da juventude, que poderia ser encontrada ainda sob outras modalidades de escrita, como artigos, livros e comunicações científicas.

Portanto, a análise que fizemos explora o tema da juventude e simultaneamente desvela considerações sobre os alunos de pós-graduação, seus orientadores, a própria academia e a política científica das agências financiadoras, que nos parece compor uma rede que sugere, acolhe ou rejeita temáticas e explicita os problemas e as questões que emergem no campo científico e são efetivamente enfrentados pelos pesquisadores no Brasil. No limite, esta reflexão acaba por dizer mais da pesquisa e dos pesquisadores acadêmicos que da própria temática em pauta, e num aspecto muito importante da pesquisa, ou seja, na fase da formação dos pesquisadores, ao envolver produções das etapas iniciais da pós-graduação. É no entendimento acima que consideramos este *corpus* documental como significativo da produção brasileira atual, mesmo sendo numericamente restrito e fragmentado, disperso por várias instituições e áreas acadêmicas, o que, se, por um lado, conota a resistência (ou indiferença) da academia a considerar a juventude como uma linha de pesquisa ou campo de estudo, por outro indicia algumas férteis possibilidades de investigação, como veremos.

Análise quantitativa

Fizemos uma primeira aproximação com o *corpus* documental de 38 textos pela via quantitativa, descrevendo sua configuração mediante tabelas construídas a partir dos seguintes critérios: sexo dos pesquisadores; nível do trabalho acadêmico (teses e dissertações); área de conhecimento; local de produção, entendido

⁴ São eles: Oliveira (2000); Silva (2000); Ávila (2005); Camacho (2005); Rocha (2005).

como instituição acadêmica e como estado da federação; ano de produção (data do depósito do trabalho); e agências financiadoras. Estes dados foram extraídos dos próprios textos dos trabalhos analisados, com exceção daqueles referentes às agências financiadoras, localizados no sítio da CAPES.

Tabela 1 – Sexo dos pesquisadores

<i>Sexo do pesquisador</i>	<i>Masculino</i>	<i>Feminino</i>
Quantidade de trabalhos	14	24
Percentual	37%	63%

Vemos, pela tabela acima, que os trabalhos realizados por mulheres equivalem a quase o dobro dos trabalhos realizados por homens.

Tabela 2 – Produções por nível do trabalho acadêmico

<i>Natureza do trabalho</i>	<i>Mestrado</i>	<i>Doutorado</i>
Quantidade de trabalhos	30	8
Percentual	79%	21%

Tabela 3 – Produções por sexo e nível do trabalho acadêmico

<i>Natureza do trabalho</i>	<i>Mestrado</i>		<i>Doutorado</i>	
	<i>Masculino</i>	<i>Feminino</i>	<i>Masculino</i>	<i>Feminino</i>
<i>Sexo</i>				
Quantidade de trabalhos	11	19	3	5
Percentual por nível	37%	63%	37,5%	62,5%

Tabela 4 – Sexo dos orientadores do trabalho acadêmico

<i>Natureza do trabalho</i>	<i>Mestrado</i>		<i>Doutorado</i>	
	<i>Masculino</i>	<i>Feminino</i>	<i>Masculino</i>	<i>Feminino</i>
<i>Sexo</i>				
Quantidade de trabalhos	10	20	1	7
Percentual por nível	33%	67%	12,5%	87,5%

Neste *corpus* documental de estudos históricos sobre o tema juventude, percebe-se pelas tabelas 1, 3 e 4 a predominância das mulheres em ambos os níveis da pós-graduação, assim como na atividade de orientação. O processo de afunilamento da pós-graduação também aparece na produção sobre a temática dos jovens, com 8 doutorados para 30 mestrados (tabela 2). Este fator, combinado

com a predominância feminina neste nível, resulta em que a quantidade de doutorados apresentados por mulheres é quase o dobro daqueles apresentados por homens (5 para 3). Pelo *corpus* que examinamos, as mulheres são a maioria na pós-graduação; apresentam uma proporção significativamente maior no doutorado em relação ao mestrado; e trabalham mais o tema em ambos os níveis em relação aos homens. Juventude é um tema ligado ao sexo feminino, tanto no plano dos discentes quanto no dos docentes orientadores: se em virtude da simples maioria numérica das mulheres ou se por um interesse de gênero, não temos elementos para afirmá-lo.

Tabela 5 – Produções por ano

Ano	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006
Qtd.	3	4	5	5	2	6	8	5

Constata-se uma regularidade quanto à quantidade de produções por ano ao longo do período examinado (1999-2006), com uma leve tendência de crescimento, praticamente irrelevante e comprobatória do pouco interesse pelo tema.

Tabela 6 – Produções por área de conhecimento

Área do conhecimento	Quantidade de trabalhos	Percentual
Educação	27	71%
Ciências Sociais	11	29%
Antropologia	4	11%
Ciência Política	1	3%
Sociologia	6	16%

A tabela 6, elaborada a partir de elementos apresentados nos textos, nos mostra que quase três quartos dos trabalhos produzidos sobre o tema da juventude, neste *corpus*, provêm da área da educação. Num primeiro olhar, isto ocorre pelo fato de esta área conter a história da educação como subárea. Parte importante da história da educação trata das instituições escolares, um dos canais potencialmente privilegiados para a emergência dos jovens e do tema da juventude. Depois, podemos considerar que a área da Educação tem uma abrangência facilitadora do diálogo com outros campos científicos como, por exemplo, a psicologia, através da qual se chega à questão da identidade dos jovens. Por outro lado, é preciso deixar claro que a pesquisa deste Estado da Arte não incidiu sobre a área de História, a qual, se contemplada, provavelmente traria para o *corpus* um número maior de trabalhos.

Tabela 7 – Produções por área do conhecimento e sexo

<i>Área do conhecimento</i>	<i>Quantidade de trabalhos</i>		<i>Percentual por área</i>		
	<i>Sexo</i>	<i>Masculino</i>	<i>Feminino</i>	<i>Masculino</i>	<i>Feminino</i>
Educação		9	18	33%	67%
Ciências Sociais		5	6	45%	55%
Antropologia		1	3	25%	75%
Ciência Política		-	1	-	100%
Sociologia		4	2	67%	33%

A tabela 7 é reveladora de que, na área das Ciências Sociais (Antropologia, Ciência Política e Sociologia), há um equilíbrio entre os sexos quanto ao interesse pelo tema; já na área da Educação há a predominância das mulheres, com 67% dos trabalhos sobre juventude. Ou em outras palavras, neste contexto, o tema da juventude é trabalhado por mulheres pela via da área da Educação.

Tabela 8 – Produções por estado federado e instituição acadêmica

<i>Estado</i>	<i>Instituição</i>	<i>Quantidade de mestrados</i>	<i>Quantidade de doutorados</i>
SP	UNICAMP	1	3
	USP	1	-
	PUC-SP	1	2
	USF	2	-
	UNISO	2	-
MG	UFMG	2	-
	UFU	2	-
	PUC-MG	2	-
RS	UFRGS	3	1
	UFSM	2	-
RJ	UERJ	3	-
	UFF	-	1
PR	UFPR	1	-
	UEM	1	-
BA	UFBA	2	-
SE	UFS	2	-
RN	UFRGN	1	-
CE	UFCE	-	1
DF	UnB	1	-
GO	UFG	1	-

Ao contrário dos resultados das tabelas 2 a 7, a análise da produção por estados mostrou-se relativamente previsível. Em relação ao *corpus* considerado, as universidades das regiões Sudeste e Sul representam a maioria dos trabalhos sobre juventude (com 79% do total); os demais são originários das regiões Nor-

deste e Centro-Oeste (com 21% do total); e não há nenhum trabalho da região Norte. Este resultado reflete a concentração da pesquisa e dos recursos nos grandes centros do país. Vinte e nove trabalhos são de universidades públicas, o que significa 76% do *corpus* considerado. Convém destacar a produção na UNICAMP e UFRGS, com quatro trabalhos cada. Neste recorte das instituições caberiam dois comentários. O primeiro leva em conta o fato de que universidades que têm os dois níveis de pós-graduação, hipoteticamente, poderiam apresentar uma concentração maior de trabalhos sobre o tema dos estudos históricos sobre a juventude, configurando uma linha de pesquisa, o que não ocorre. O segundo diz respeito à quase que absoluta ausência de trabalhos da USP no *corpus*, com um único estudo originário da área que nele apareceu como a mais profícua (Educação). De qualquer modo, é preocupante constatar o desinteresse pelo tema da história da juventude nas áreas da Pós-Graduação cobertas por este Estado da Arte: trata-se de apenas 38 trabalhos produzidos por 20 instituições universitárias brasileiras ao longo de oito anos.

Tabela 9 – Produções por instituição acadêmica e área de conhecimento

<i>Instituição</i>	<i>Educação</i>	<i>Antropologia</i>	<i>Ciência Política</i>	<i>Sociologia</i>	<i>Total</i>
UFRGS	2	1	1	-	4
UNICAMP	2	1	-	1	4
PUC-SP	2	1	-	-	3
UERJ	3	-	-	-	3
FUFSE	1	-	-	1	2
PUC-MG	1	-	-	1	2
UFBA	-	-	-	2	2
UFMG	1	-	-	1	2
UFSM	2	-	-	-	2
UFU	2	-	-	-	2
UNISO	2	-	-	-	2
USF	2	-	-	-	2
UEM	1	-	-	-	1
UFC	1	-	-	-	1
UFF	1	-	-	-	1
UFG	1	-	-	-	1
UFPR	1	-	-	-	1
UFRN	1	-	-	-	1
UNB	-	1	-	-	1
USP	1	-	-	-	1

Percebe-se na tabela 9 que os trabalhos sobre a temática encontram-se dispersos por diferentes áreas e instituições brasileiras. A área da Educação comporta a produção sobre o tema em 18 das 20 instituições consideradas. Além disso, em 12 destas 18 instituições só há trabalhos na área da Educação. Ou seja, além da predominância quantitativa, há também um viés qualitativo, associado à presença marcante da área da Educação nesta temática da juventude. Nas demais instituições (oito) a produção se fragmenta em mais de uma área: Educação e Ciências Sociais (Antropologia, Ciência Política e Sociologia). Em todas as instituições não se percebe, a partir da análise do *corpus*, a existência de uma linha de pesquisa, de modo a suscitar a continuidade entre mestrado e doutorado.

Tabela 10a – Agências financiadoras e área do conhecimento (mestrado)

Agência Financiadora	CAPES		CNPq		FAPESP		CAPES e CNPq		Sem indicação	
	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F
Sexo										
Educação	1	2	-	1	-	-	-	-	7	12
Ciências Sociais	1	2		2	-	-	-	-	2	-
Antropologia	-	1	-	-	-	-	-	-	1	-
Ciência Política	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-
Sociologia	1	1	-	1	-	-	1	-	1	-
Total por sexo/agência	2	4		3	-	-	1	-	9	12

Tabela 10b – Agências financiadoras e área de conhecimento (doutorado)

Agência Financiadora	CAPES		CNPq		FAPESP		CAPES e CNPq		Sem indicação	
	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F
Sexo										
Educação	1	3	-	-	-	-	-	-	-	-
Ciências Sociais	-	1	1	-	-	1	-	-	-	-
Antropologia	-	1	-	-	-	1	-	-	-	-
Ciência Política	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Sociologia	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-
Total por sexo/agência	1	4	1	-	-	1	-	-	-	-

As tabelas 10a e 10b, construídas a partir de informações extraídas dos resumos publicados no sítio da CAPES, nos mostram que 45% dos estudos históricos sobre a juventude (17 pesquisas) considerados neste *corpus* tiveram financiamento das agências de fomento. A CAPES foi responsável por mais de 65% dos financiamentos; não sabemos se por conta da estreita vinculação desta agência com os programas de pós-graduação (em todo o país) ou por uma sutil tentativa de apoio à configuração de uma linha de pesquisa. Todos os sete estudos

considerados em nível de doutorado tiveram apoio das agências financiadoras, sendo cinco pela CAPES, um pela FAPESP e outro pelo CNPq. Dos mestrados, dez foram financiados, apenas pela CAPES e pelo CNPq. Dos 21 estudos que não trazem informações sobre agência financiadora na fonte pesquisada (todos do mestrado) – indício de que não receberam financiamento nos moldes acima – 90% (19 estudos) concentram-se na área da Educação, sendo que 12 destes são pesquisas elaboradas por mulheres. Ou seja, 12 textos foram produzidos por mulheres, na área da Educação, sem o apoio das agências de fomento, o que representa 32% do *corpus* documental considerado neste artigo.

Análise qualitativa

As tabelas acima foram construídas a partir de informações coletadas diretamente dos 38 textos, sobre os quais já temos algumas conclusões analíticas de base quantitativa. A mais importante delas diz mais da pesquisa e dos pesquisadores acadêmicos que da própria temática em pauta, ao demonstrar que os estudos históricos sobre a juventude são feitos ao nível de mestrado, sem financiamento, por mulheres (discentes e orientadoras) na área da Educação e na região Sudeste. A considerar-se o *corpus* deste artigo, é possível afirmar também que o tema da juventude sob a perspectiva histórica é adequado para a formação inicial dos pesquisadores, pela concentração da produção no nível de mestrado; no entanto, ele não parece sustentar uma linha de pesquisa nem conformar um campo. Por que isto ocorre?

Para encaminhar esta questão e acrescentar refinamento à análise dos dados quantificáveis, adotamos em seguida uma abordagem essencialmente qualitativa, construída a partir da identificação de outros elementos presentes nos textos. Assim, é possível apreender como os pesquisadores desses estudos históricos sobre a juventude se aproximaram do tema, como o problematizaram, como enfrentaram os problemas levantados (tanto do ponto de vista das fontes quanto do referencial teórico) e a que conclusões chegaram. Lembramos que, neste momento da análise, serão considerados apenas os 33 textos lidos na sua integralidade e que resultaram no quadro abaixo, o qual mapeia palavras-chave, período abrangido pela pesquisa, questão ou subtema, e objeto de pesquisa. Com exceção das palavras-chave, constantes no sítio da CAPES e apontadas pelos próprios autores em seus trabalhos, os demais itens são da ordem da reflexão, pois foram por nós atribuídos como resultado do processo de leitura dos textos.

Quadro 1 – Mapeamento do corpus documental

<i>Autor</i>	<i>Palavras-chave (sítio da CAPES)</i>	<i>Palavras-chave (textos)</i>	<i>Período abrangido pela pesquisa</i>	<i>Questão ou subtema</i>	<i>Objeto de estudo</i>
Alberti (2002)	Práticas educativas, seminários e história de vida	-	1970-1980	Juventude e identidade	Instituição
Amaral (2003)	Educação laica; educação católica; história da educação	-	1930-1960	Juventude e educação escolar (educação laica x católica)	Instituição
Andrade (2006)	Escolas rurais; professores; formação	Escola rural, formação de professores e práticas de formação	1956-1959	Juventude e educação escolar (escola normal)	Instituição
Barletto (2006)	Formação de professores; gênero; memória	-	Anos 1980	Juventude e educação escolar (curso superior de pedagogia)	Instituição e gênero
Benevides (1999)	Juventude - estudante - política	-	Dec. 1960-1970	Juventude e movimento estudantil	Movimento estudantil
Cardoso (2001)	Educação, História da Educação	-	Brasil Colônia e Império (fins do séc. XIX)	Juventude e instituição militar	Instituição / legislação
Cintra (2005)	Educação feminina, ensino profissional, educação católica	Educação feminina, educação católica, educação do século XX, ensino profissional e Curitiba (PR)	1942-1955	Juventude e educação escolar (ensino profissionalizante) Ensino profissional técnico feminino	Instituição
Cruz (2003)	Identificação social, cultura, movimento estudantil, Juventude universitária, Sergipe	Sociologia da juventude, juventude universitária e identificação social	1960-1964	Juventude e identidade	Práticas culturais / identidade social
Cunha (2001)	Educação; identidade; trabalho	-	1973-1996	Juventude e educação escolar (ensino profissionalizante)	Instituição
Dulac (2002)	Feminilidade; estudos culturais	-	1940-1960	Juventude e identidade feminina (feminilidade)	Imagens da Revista do <i>Globo</i>
Dulci (2004)	Moda, cinema brasileiro, cultura de massa, Eliana Macedo	-	Anos 1950	Juventude e identidade feminina (moda e cinema, cultura de massa)	Identidade feminina



Ghantous (2006)	Disciplinarização, saberes escolares, comportamento	Disciplinarização, saberes escolares e comportamento	1937-1945	Juventude e cultura escolar	Instituição
Groppi (2000)	Movimentos estudantis, movimentos da juventude, globalização	-	Anos 1960	Juventude e movimento juvenil (revolta)	Movimento estudantil
Gurgel (2001)	Ensino profissionalizante, Colégio de Educandos Artífices, educação popular	-	1858-1862	Juventude e educação escolar (ensino profissionalizante)	Instituição
Lopes (2004)	Movimento estudantil, Ensino superior, Centro XI de Agosto	Movimento estudantil, ensino superior, CA XI de Agosto, Faculdade de Direito, UNE e Estado Novo	1937-1964	Juventude e movimento estudantil	Movimento estudantil
Magalhães (1999)	Geração, características, sociodemográficas.	-	1926-1975	Gerações e identidade	Perfil sócio-demográfico
Matos (2006)	Instituto disciplinar; recuperação; disciplina	-	1924-1938	Juventude e instituição disciplinar	Instituição
Nascimento (2002)	Movimento estudantil, movimentos sociais, história da educação	Estudantes, história e Goiás	1960-1985	Juventude e movimento estudantil	Movimento estudantil
Oliveira (2002)	Movimentos sociais, estudantes, ditadura militar	-	Dec. 1970	Juventude e movimento estudantil	Movimento estudantil
Oliveira (2006)	Sorocaba, história, educação, grupo escolar	Sorocaba, história, educação, perfil sócio-econômico e corpo discente	1937-1945	Juventude e educação escolar (meio urbano)	Perfil sócio-econômico dos alunos de uma instituição
Passos Junior (2004)	Racionalidade - Crise da Racionalidade - Protagonismo Juvenil	Racionalidade, crise da racionalidade e protagonismo juvenil	Dec. 1960-1970	Juventude e educação escolar (meio urbano) – protagonismo juvenil	Instituição
Pederiva (2004)	Juventude, Década de 60, Música, Gênero	-	Anos 1960	Juventude e movimento social (artístico musical)	Movimento cultural / artístico / musical
Pinsky (1999)	História do Brasil (1945-1960); Juventude; Sionismo	-	1945-1959	Juventude e movimento político	Movimento social
Portilho (2004)	Educação secundária pública;	-	1971-1982	Juventude e educação escolar (meio urbano)	Legislação



Ramos (2000)	Movimento estudantil (JUC); Igreja; Educação	MEJUC, Igreja e educação	1958-1964	Juventude e movimento estudantil	Movimento estudantil
Raposo (2000)	Grupo JULIBER	-	Dec. 1980	Juventude e identidade política	Grupo político de base
Reis (2001)	Partidos Políticos, Teoria do Discurso, Política Brasileira	-	Anos 1970	Juventude (geração) e movimento político	Movimento político
Reis (2005)	Produção artística	-	1975-1985	Juventude e identidade (produção artística)	Mercado artístico (produção)
Rocha (2005)	SENAI, Constituição, Identidade, Alunos	-	Não identificado	Juventude e identidade (SENAI)	Instituição
Rosa (2005)	Memória, identidade, escola, currículo	Memória, identidade, escola, currículo, educação e aprendizagem	1974-1990	Juventude e educação escolar (meio urbano)	Instituição
Silva (2001)	Movimento Estudantil; grupos políticos organizados	-	1964-1968	Juventude e movimento estudantil	Movimento estudantil
Silva (2005)	Educação da Mulher, Modernidade, Evangelização Católica	Educação da mulher, modernidade, evangelização católica	1928-1935	Juventude, educação escolar e evangelização católica	Instituição
Viana (2004)	Ginásio Mineiro, civilização e mocidade	-	1898-1914	Juventude e educação escolar (meio urbano)	Instituição

O campo de referência

As palavras-chave (colunas 2 e 3) permitem que se faça uma análise do campo percorrido pelos respectivos autores. Trata-se de um instrumento dotado de certa imprecisão, porque construído a partir da auto-atribuição, em resposta a uma exigência normativa e que traz, portanto, uma dificuldade intrínseca de delimitação. Não obstante, o quadro é autoexplicativo no sentido de que expõe a opção de alguns poucos pesquisadores da amostra (Pinsky, 1999; Benevides, 1999; Groppo, 2000; Cruz, 2003; Passos Jr, 2004; e Pederiva, 2004) em desenvolver suas investigações tendo o tema da juventude como chave interpretativa.

Por outro lado, é possível perceber a grande incidência de termos ligados à educação escolar (práticas educativas, saberes escolares, modalidades de ensino, tipos de escola, instituições escolares, disciplinarização, currículo) e, secundariamente, aos movimentos (estudantis, religiosos, políticos, sociais e culturais) e à identidade. A alta incidência de estudos cujas palavras-chave remetem ao universo escolar significa que os autores procuraram dar conta da temática da

juventude por intermédio do aluno, de interesse da instituição. Ou seja, esses autores, ao percorrerem o campo da história da educação, estavam preocupados com o aluno no interior das instituições e, portanto, o interesse pela temática da juventude é neles coerentemente secundarizado. Podemos dizer que talvez eles não se reconheçam neste mapeamento, mas certamente contribuem ao seu modo para a formação do campo dos estudos sobre a juventude.

Curiosamente, nas palavras-chave também aparecem termos relacionados a identidade e gênero, categorias que já constituem campos próprios de estudo.

Além disso, fica evidente que a ocorrência de palavras-chave ligadas a movimentos conecta-se mais intensamente ao tema da juventude, em comparação com aquelas ligadas à educação e educação escolar. Isto ocorre em função da linha de interpretação que representa o jovem associado à renovação, à quebra da rotina, à contestação, à rebeldia, seja no âmbito do político, do religioso, do cultural ou do artístico, e que pode vir a ser realimentada pelas discussões provocadas por obras como a da Savage, já citada, e assim adensar o campo dos estudos históricos sobre a juventude.

Enfim, neste *corpus*, as palavras-chave revelam exatamente o campo percorrido pelos pesquisadores entre 1999 e 2006 e, por isso, indiciam uma sobreposição de campos distintos ou, em última análise, a inexistência de um campo próprio para os estudos históricos sobre a juventude.

O período abrangido

Outro elemento presente no quadro – o período abrangido pela pesquisa (coluna 4) – permite o reconhecimento da temática da juventude pela via do recorte cronológico trazido pelos autores em seus textos, evidenciando que há uma concentração dos estudos sobre as décadas de 1960 e 1970. Outras épocas bastante trabalhadas referem-se a fatos ocorridos na Era Vargas, na década de 1950 e no período mais recente (1980 e 1990). Os períodos anteriores a 1930 quase não são explorados: tem-se a impressão de que não havia jovens na Colônia, no Império e na Primeira República no Brasil.⁵ Um dos autores (Rocha, 2005) não faz referência explícita à periodização que adota, embora esta possa ser depreendida do objeto de estudo (SENAI). Um dado que deve ser ressaltado é a presença de vários períodos abordados ao longo de um mesmo texto. Tal fato pode ser explicado por uma prática historiográfica comum e equivocada, que aborda o objeto como se o mesmo só pudesse ser compreendido se tomado na sua diacronia: é frequentemente o caso dos pesquisadores que trabalham as instituições escolares centenárias do ano de fundação até o término das atividades ou os dias de hoje. Há também os que fazem a operação complementar, tomando o objeto em sua sincronia, enfoque no qual um mesmo fenômeno é examinado na medida em que ocorre simultaneamente em diversas partes do mundo.

⁵ Honrosa exceção pode ser apontada no estudo de Cardoso (2001).

Não é demais lembrar que o historiador, em seu ofício, convive com a difícil e imprecisa operação de estabelecer balizas cronológicas. Mas, a despeito disso, a periodização é substantiva, porque ajuda a trazer à cena o contexto em que a narrativa histórica decorre. Parafraseando uma observação de Kuhlmann Jr. e Fernandes (2004: 29) acerca da infância, podemos dizer que a juventude é um discurso histórico cuja significação está consignada ao seu contexto e às variáveis de contexto que o definem, de natureza econômica, social, política, cultural, demográfica, pedagógica, etc. Ao historiador, faz-se necessário identificar quais destas variáveis são atuantes em cada conjuntura e, portanto, pertinentes na delimitação do território em causa – no nosso caso, os estudos históricos sobre a juventude. Tentar escapar do recorte cronológico pode resultar num contra-senso: um estudo histórico que seja atemporal. Por outro lado, estudos nos campos da Sociologia, da Psicologia, da Demografia e da Antropologia, que não têm a exigência da periodização, produzem resultados e conclusões que podem ser aproveitados em estudos históricos sobre o tema da juventude.

No *corpus* documental que dá suporte a este artigo, o fato de os estudos concentrarem-se nas décadas de 1960 e 1970 explica-se porque o contexto da época foi de grande efervescência política e cultural, numa conjuntura de transformações econômicas e sociais. O contexto era de revolta e o jovem, representado como rebelde ou revolucionário, foi trazido como sujeito privilegiado das pesquisas históricas e foco de interesse dos pesquisadores. Ou seja, ao se tomarem os estudos sobre a juventude pelo critério do período abordado, tem-se a impressão de que os pesquisadores do tema voltaram-se para o extraordinário, secundarizando aquilo que se mostrasse como rotineiro.

Mas a abordagem da temática da juventude pelo critério do período abrangido revela-se insuficiente para o alargamento do campo. Isto porque relacionar de forma unívoca o jovem como um rebelde, um revolucionário em potencial, pode levar o pesquisador a concentrar suas lentes históricas nos períodos de maior efervescência e abundância de “fatos extraordinários”, fazendo-o desprezar os períodos rotineiros, de calma, nos quais o jovem passa despercebido. Savage (2009) ensina-nos como escapar desta armadilha. Para a pesquisa sobre o Brasil, isto significará buscar os jovens em outros períodos da história, escapando da sedução dos míticos anos 1960.

Cruzando os dois critérios até aqui empregados em nossa análise (palavras-chave e periodização), percebe-se que o interesse pela instituição parecia estar absorvendo o foco de atenção do pesquisador, como se o impedindo de adentrar a análise do movimento (Cardoso, 2001; Cintra, 2005). Quando o movimento (estudantil, político, religioso, etc.) pode ser apreendido diretamente, sem intermediação, como no caso das efervescentes décadas de 1960 e 1970, é o interesse pelo universo escolar que entra em refluxo (Benevides, 1999; Oliveira, 2002). Mas não é demais lembrar que *aluno* e *jovem* não são termos equivalentes, o que requer do pesquisador precisão conceitual e rigorosa definição de seus objetos

de análise. Neste sentido, talvez a história das instituições não se apresente como a forma mais adequada para a abordagem da história dos jovens.

Objeto focalizado

O terceiro critério de análise compreende as duas últimas colunas do quadro: questão ou subtemas; e objeto. A partir destes elementos, construímos três grandes conjuntos. O primeiro deles – o mais numeroso – inclui os textos em que o tema da juventude aparece “ao largo”, de forma oblíqua ou indireta, diluído em outros objetos de pesquisa e configurando uma ampla variedade de subtemas. No discurso acadêmico deste conjunto do *corpus*, o ser concreto – o jovem – não é recortado como objeto. À semelhança do que vimos a partir de outros critérios, o jovem não aparece, a não ser como subtema de outras temáticas, às vezes tão irrelevante, que desaparece por completo. Mais uma vez, considerando-se os critérios de subtema e objeto, esta marca é majoritariamente observada nos textos do *corpus* concernentes ao universo escolar.

No segundo conjunto encontram-se os estudos que abordam o tema da juventude como problema, mas o fazem de forma instrumental, como pretexto, sem discutir seus significados e implicações. Além do subtema da educação escolar, os textos deste conjunto também abordam movimentos (estudantil, político, social e juvenil), identidade e protagonismo juvenil. Observa-se que a juventude é trabalhada através de sua participação nos diversos movimentos da sociedade. É por esta chave, que compreende o jovem como um “ser rebelde”, que se pode explicar a ocorrência dos estudos concentrados nas décadas de 1960 e 1970, a que nos referimos acima. Ou seja, o objeto de estudo são os movimentos (religiosos, sociais, políticos, culturais) nos quais os jovens estão inseridos, com uma maior presença para o movimento estudantil. O vínculo mais evidente e constante ocorre entre o jovem e os marcos do movimento estudantil, ou seja, a origem, o ideário, a organização, a crise, o ressurgimento na década de 1970 e, principalmente, o seu desmantelamento no auge da repressão durante o governo militar. Mas há também estudos que se voltam para os movimentos culturais, artísticos, seja da contracultura ou da cultura de massas ou mesmo da popular. O jovem encontra-se presente, porém o foco do estudo recai sobre os movimentos. Estuda-se o jovem em/no movimento, operação recorrente entre os produtores de estudos históricos sobre a juventude em virtude da naturalização da associação tempos de juventude-tempos de mudança.

Por último, no terceiro conjunto estão os textos que, em nosso entendimento, enfrentam a questão da juventude, como objeto de pesquisa ou como um tema a ser problematizado. É o conjunto menos numeroso (Pinsky, 1999; Groppo, 2001; Reis, 2001; Oliveira, 2002; Cruz, 2003; Dulci, 2004; Pederiva, 2004; e Viana, 2004), mas que parece oferecer maior consistência teórico-metodológica dentre aqueles que nos foram propostos para análise. As questões que eles trabalham – movimentos e identidade – também já apareceram nos conjuntos anteriores, porém estes estu-

dos caracterizam-se por conseguirem explicar o jovem num determinado contexto da história brasileira, a partir de um conjunto de variáveis, principalmente políticas e culturais. A diferença, portanto, não vem dos subtemas, mas de terem estes autores procurado fazer duas operações: recuperar uma visão histórica do jovem num dado contexto; e/ou desenhar para o leitor um tipo de jovem – o judeu revolucionário, o líder estudantil, o líder político, o músico, o modelo de atriz – emblemático da realidade histórica brasileira. Trata-se, é claro, de modelos extraordinários que, entretanto, nos permitem captar os jovens presumivelmente inseridos na rotina, pois, ao participar dos movimentos, mostram não serem tão rotineiros assim!

Estes oito autores conseguiram transitar entre a recuperação histórica da juventude e o jovem no contexto brasileiro. Além disso, todos trabalharam com critério as fontes que elegeram para as pesquisas: textuais, depoimentos, memórias e outras. Contudo, em nosso entendimento, a grande força deste terceiro conjunto de estudos é a aproximação que os autores fazem, de forma explícita, ou nem tanto, com o conceito de geração.

Paradoxalmente, o autor do *corpus* que toma a geração como questão central, construindo e operando com este conceito, é o que mais se distancia do que se espera de um estudo histórico, uma vez que focaliza o perfil sócio-demográfico de gerações brasileiras no século XX (Magalhães, 1999). Isto não deve constituir-se em um empecilho para a formação dos historiadores que pretendam explorar o tema da juventude, pois, como bem disse Machado (2004), a história pouco tem trabalhado este tema, o que exige que se repensem os conceitos, as categorias, as fontes e os métodos de pesquisa, o que pode incluir um fértil apelo à demografia sociohistórica...

No entanto, a autora também alerta para o fato de que o historiador precisa definir com precisão o que é “ser jovem” e trabalhar com limites pouco nítidos entre as diferentes faixas etárias. Caso contrário, o pesquisador poderá cair nas armadilhas do anacronismo, abstrair os conceitos de classe social e gênero ou mesmo tentar criar uma categoria que possa ser aplicada a qualquer tempo, espaço ou cultura. Concordando com esta linha de argumentação, parece-nos que o caminho mais promissor seja realmente aquele que procure captar os jovens no contexto de uma geração, tal como a análise do *corpus* documental nos sugeriu.

Referências bibliográficas

- ALBUQUERQUE, Daniela G. F. Ginásio Vocacional Estadual Candido Portinari de Batatais: história, sujeitos e práticas. São Paulo: FEUSP, 2007.
- ARIÈS, Philippe. História social da criança e da família. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- ARREDONDO LÓPEZ, Maria Adelina (comp.). Entre la primaria y la universidad, la educación de la juventud en la historia de México. México: Santillana y Universidad Nacional Editorial, 2008.

- DEL PRIORE, Mary (org.). História da criança no Brasil. São Paulo, SP: Editora Contexto/CEDHAL, 1991.
- KISHIMOTO, Tizuko Morchida. O jogo, a criança e a educação São Paulo: FEUSP, 1992 (Tese de Livre Docência).
- KUHLMANN JR., M.; FERNANDES, R. Sobre a história da infância. In: FARIA FILHO, Luciano Mendes de. (Org.). A infância e sua educação: materiais, práticas e representações (Portugal e Brasil). Belo Horizonte: Autêntica, 2004, v. 1, p. 15-33.
- KUHLMANN JUNIOR, Moisés. Infância e educação infantil: uma abordagem histórica. 2ª ed. Porto Alegre: Mediação, 2001.
- LEVI, Giovanni e SCHMITT, Jean-Claude (org.). História dos jovens. 2 vol. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- LOPES, Eliane M. T.; FARIA FILHO, Luciano M. e VEIGA, Cynthia G. (orgs.). 500 anos de educação no Brasil. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2000.
- MACHADO, Fernanda Quixabeira. “Por uma história da juventude brasileira”. Revista da UFG. Vol. 6, No. 1, jun 2004.
- MARCÍLIO, Maria Luíza, História social da criança abandonada. São Paulo: Hucitec, 1998.
- PILETTI, Nelson. Profissionalização compulsória no ensino de segundo grau. S. Paulo: FEUSP, 1983 (Tese de doutorado).
- REVISTA Educação e Pesquisa, vol. 30, n.1. Faculdade de Educação da USP, São Paulo (jan/abr 2004). Número especial dedicado à publicação de artigos de revisão.
- SAVAGE, Jon. A criação da juventude. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

Teses e Dissertações

**Trabalhos analisados apenas sob o ponto de vista quantitativo*

EDUCAÇÃO

Teses

- AMARAL, Giana L. *Gatos pelados x galinhas gordas: desdobramentos da educação laica e da educação católica na cidade de Pelotas*. 2003. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.
- BARLETTTO, Marisa. *Uma experiência de curso de formação de pedagogas? Diálogos entre diferentes trajetórias*. 2006. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2006.
- MAGALHÃES, Lúvia D. R. *A trajetória das gerações brasileiras nascidas entre 1926 e 1975 - um perfil sociodemográfico*. 1999. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

- OLIVEIRA, Milton R. P. *Formar cidadãos úteis: os patronatos agrícolas e a infância pobre na Primeira República*. 2000. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2000.*
- ROCHA, Pedro A. S. *O Senai na constituição da identidade de seus alunos: um estudo sobre egressos que se tornaram instrutores*. 2005. Tese (Doutorado em Educação), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.

Dissertações

- ALBERTI, Dirceu L. *Memórias e saberes nas narrativas de ex-seminaristas da Congregação dos Padres do Sagrado Coração de Jesus - (1970-1980)*. 2002. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2002.
- ANDRADE, Therezinha. *O quê os diários revelam: práticas de formação de professoras para a escola rural, Curso Normal Regional Sandoval Soares de Azevedo - Ibitaré, Minas Gerais, 1956-1959*. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação), Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.
- AVILA, Marilene R. *Educação feminina e missão: o Colégio Cristo Rei na visão das mulheres (São Paulo, década de 1960)*. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade de Sorocaba, Sorocaba, 2005.*
- CAMACHO, Suzana B. *Cadernos de segredos: marcas da educação católica na escrita íntima*. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.*
- CARDOSO, Maria L. *História da educação de crianças e jovens carentes nas instituições militares: do Brasil colônia até o final do Segundo Reinado*. 2001. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.
- CINTRA, Érica P. U. *Ensino profissional feminino em Curitiba: a Escola Técnica de Comércio São José (1942-1955)*. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2005.
- CUNHA, Marion M. *A identidade profissional e a preparação para o trabalho no Centro de Formação Profissional de Santa Maria (RFFSA/SENAI) - 1973 a 1996*. 2001. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2001.
- DULAC, Elaine B. F. *Beleza, sedução e juventude: a revista da Globo ensinando feminilidade*. 2002. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.
- GHANTOUS, Daniella S. R. A. *Gymnasio Mineiro de Uberlândia: o processo de disciplinarização escolar (1937-1945)*. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2006.
- GURGEL, Rita D. F. *O colégio de educandos artífices: a primeira instituição destinada ao ensino profissionalizante na província do Rio Grande do Norte (1858-1862)*. 2001. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2001.
- LOPES, Marta A. R. *O movimento estudantil brasileiro e o ensino superior no período de 1937 a 1964*. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade São Francisco, Itatiba, 2004.

- MATOS, Izalto Jr. C. *Em busca da memória perdida: a história dos órfãos e vadios no Instituto Disciplinar de Mogi Mirim*. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.
- NASCIMENTO, Marcus J. *A participação política da juventude goiana no movimento estudantil universitário: a crise de um projeto social (1960-1985)*. 2002. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2002.
- OLIVEIRA, Ana C. *Grupo escolar municipal noturno de Sorocaba (1937 - 1945)*. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade de Sorocaba, Sorocaba, 2006.
- PASSOS JR. DILSON. *A emergência do protagonismo juvenil: a crise do paradigma “razão” na Faculdade Salesiana de Lorena nas décadas de 1960 e 1970*. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade São Francisco, Itatiba, 2004.
- PORTILHO, Lydia R. F. R. *Abrindo elos da cadeia: leis, paradigmas e vozes da educação secundária pública no Rio de Janeiro (1971-1982)*. 2004. Dissertações (Mestrado em Educação), Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.
- RAMOS, Antônio C. *Movimento estudantil: a juventude universitária católica em Sergipe (1958-1964)*. 2000. Dissertação (Mestrado em Educação), Fundação Universidade Federal de Sergipe, Aracajú, 2000.
- ROCHA, Dário C. *A UNE e a reforma universitária: as motivações históricas e a luta dos estudantes por um projeto de universidade*. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2005.*
- ROSA Jussara V. *Memórias de uma escola: uma história da Escola de Aplicação da FEUSP contada a partir de entrevistas com ex-alunos (1974 a 1990)*. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.
- SILVA, Maria A. F. A. *A educação das mulheres no Vale do Paraíba através da ação das Irmãs Salesianas: o Colégio do Carmo de Guaratinguetá: 1892/1910*. 2000. Dissertação (Mestrado em Educação), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2000.*
- SILVA, Michelle P. *Educação da mulher e evangelização católica: um olhar sobre a Escola Normal*. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2005.
- VIANA, Natércia M. *Belo Horizonte e o Ginásio Mineiro: um projeto de civilização da mocidade (1898-1914)*. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.

CIÊNCIAS SOCIAIS

Teses

- GROPPO, Luís A. *Uma onda mundial de revoltas: movimentos estudantis nos anos 1960*. 2000. Tese (Doutorado em Sociologia) Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.
- PEDERIVA, Ana B. A. *Anos dourados ou rebeldes: juventude, territórios, movimentos e canções nos anos 1960*. 2004. Tese (Doutorado em Antropologia), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2004.
- PINSKY, Carla S. B. B. *“Pássaros da Liberdade” - jovens judeus sionistas socialistas: rapazes*

e moças do Movimento DROR (1945-1960). 1999. Tese (Doutorado em Antropologia), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

Dissertações

- BENEVIDES, Sílvio C. O. Proibido Proibir - uma geração na contramão do poder: o movimento estudantil na Bahia e o jovem. 1999. Dissertação (Mestrado em Sociologia), Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1999.
- CRUZ, José V. Juventude e identificação social: experiências culturais dos universitários em Aracaju/SE (1960-1964). 2003. Dissertação (Mestrado em Sociologia), Fundação Universidade Federal de Sergipe, Aracajú, 2003.
- DULCI, Luciana C. Moda e cinema no Brasil dos anos 1950: Eliana e o “tipo mocinha” nas chanchadas cariocas. 2004. Dissertação (Mestrado em Sociologia), Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.
- OLIVEIRA, Antônio E. A. O ressurgimento do movimento estudantil baiano na década de 1970. 2002. Dissertação (Mestrado em Sociologia), Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2002.
- RAPOSO, Erivan S. A direita de Deus, à esquerda do homem - em torno à identidade de ex-católicos militantes. 2000. Dissertação (Mestrado em Antropologia), Universidade de Brasília, Distrito Federal, 2000.
- REIS, Eliana T. Juventude, intelectualidade e política: espaços de atuação e repertórios de mobilização no MDB dos anos 1970. 2001. Dissertação (Mestrado em Ciência Política), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.
- REIS, Nicole I. “Dançar nos fez pular o muro” - um estudo antropológico sobre a profissionalização na produção artística em Porto Alegre (1975-1985). 2005. Dissertação (Mestrado em Antropologia), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.
- SILVA, Maria E. C. C. Ideário do movimento estudantil em Belo Horizonte entre 1964 e 1968: utopias e desencantos. 2001. Dissertação (Mestrado em Sociologia), Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2001.

Apêndice¹

Teses e Dissertações

Tema: Estudos psicológicos/psicanalíticos sobre juventude

EDUCAÇÃO

Mestrados

- ABTIBOL, Margareth S. *A constituição do sujeito-autor: entrecruzando realidades*. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2005.
- AGUIAR, Maira P. de. *Um olhar sobre o autoconceito de alunos adolescentes: indícios da constituição social e histórica da subjetividade*. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2004.
- ALFREDO, Raquel A. *Aproximações explicativas a partir da análise de sentidos e significados constituídos em espaços/momentos/situações de escolha na escola*. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.
- ARDITO, Maria T. M. *A raiva na escola: um estudo com adolescentes*. 1999. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1999.
- BARBOSA, Andréa H. *A motivação do adolescente e as percepções do contexto social em sala de aula*. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2006.
- BARROSO, Larissa M. de S. *As idéias das crianças e adolescentes sobre seus direitos: um estudo evolutivo à luz da teoria piagetiana*. 2000. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.
- BENACHIO, Marly das N. *A relação dos adolescentes com as atividades escolares*. 2003. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2003.
- CABRAL, Marta L. de S. *Auto-estima no processo ensino-aprendizagem*. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal da Paraíba/João Pessoa, João Pessoa, 2006.
- COLOMBO, Silvia C. S. *Escola: espaço para o adolescer*. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Ijuí, 2004.
- COSTA, Luzia Ap. F. *O olhar do jovem para o futuro profissional: descrença ou esperança? (Um estudo de caso junto à Escola de Aplicação da Feusp)*. 2002. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

¹ Essa listagem foi elaborada pelos bolsistas de Iniciação Científica: Carla Rafaella dos Santos, Cristiane Armesto, Fabio Franco de Moraes, Fernanda Souza e Renata Pietropaolo.

- DRAGO, Rogério. *Fracasso escolar e subjetividade: análise e intervenção numa sala de aula*. 1999. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 1999.
- FLOR, Edson A. *Uma moratória ética para adolescentes: uma perspectiva educacional*. 2003. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2003.
- FREITAS, Maria de F. V. de. *Barreiras e condições facilitadoras do desenvolvimento de carreira percebidas por estudantes do ensino médio*. 2002. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.
- GALLEGO, Andrea B. *Adolescência e moralidade: o professor que faz a diferença*. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.
- GODOY, Vera R. M. de. *Sentimentos em relação à suplência do ensino fundamental: um estudo com alunos da 8ª série*. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.
- GOMES, Vitor. *Três formas de ser resiliente: (des)velando resiliência no espaço escolar*. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2004.
- KESSLER, Elide A. *Tempos adolescentes: vida e discurso*. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.
- LIMA, Carlos A. R. *Ser adolescente: o que alunos de 8ª série pensam sobre a escola*. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.
- LÚCIO, Maria V. *A construção da auto-imagem em adolescentes com dificuldades em leitura e escrita: uma perspectiva histórico-cultural*. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro Universitário Moura Lacerda, Ribeirão Preto, 2006.
- MALAVOLTA, Leticia Z. *Sentido e significado de violência na escola para o aluno de 8ª série*. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.
- MANCINI, Anna M. P. *Subjetivação e objetivação: a educação de jovens mediada pela relativização das normas escolares (Escola Cooperativa Coopema, Barra do Garças, Mato Grosso)*. 2002. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2002.
- MEIER, Marcos. *O professor mediador na ótica dos alunos do ensino médio*. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.
- OLIVEIRA, Ivan J. S. de. *Resgate do imaginário dos jovens infratores pela leitura de imagens de uma produção artística: relato de uma experiência*. 2003. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Cidade de São Paulo, São Paulo, 2003.
- PADOVANI, Ricardo da C. *Resolução de problemas com adolescentes em conflito com a lei: uma proposta de intervenção*. 2003. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2003.
- PEREIRA, Eli C. *Buscando caminhos entre violência e fé*. 2003. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.
- PERIPATO, Roberta M. *“O que você vai ser quando você crescer” a subjetividade e as*

- trajetórias dos sujeitos recém-formados no ensino médio*. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro Universitário Moura Lacerda, Ribeirão Preto, 2005.
- PINEIRO, Regiane Ap. R. *Vocação, tradição ou profissão: um estudo sobre a escolha profissional e a evasão escolar na Escola Preparatória de Cadetes do Exército*. 2001. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.
- PINHEIRO, Edson Ap. D. *As instituições educativo-assistenciais e seus protagonistas: um estudo sobre a constituição da subjetividade de adolescentes de camadas populares*. 2003. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.
- PLENTZ, Margarete B. *Relações interpessoais no ensino médio: adolescentes na sala de aula*. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.
- PRATTA, Márcia Ap. B. *Adolescentes e jovens*. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2006.
- SACRAMENTO, Mercia H. *O impacto das emoções vivenciadas por alunos e professores na dinâmica de sala de aula*. 2000. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2000.
- SANCHEZ, Regina S. *Plantão psicoeducativo para jovens em uma periferia da cidade de São Paulo: uma experiência provocadora de uma reflexão sobre práticas educativas*. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.
- SILVA, Denise R. Q. da. *“Fracasso” escolar: um lugar (re)pensado a partir de uma perspectiva psicanalítica*. 2003. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.
- SILVA, Raimundo N. *Concepções, valores e crenças de professores e alunos: analisando situações de conflito na sala de aula*. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Brasília, Brasília, 2004.
- SUASSUNA M, Virginia E. *Costa*. 2002. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2002.
- TAIOLI, Sergio. *Imaginário e adolescência: o trajeto antropológico no processo de orientação profissional*. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.
- THOMÉ, Melissa. *O que ajuda a aprender? Características da relação entre professores e alunos segundo adolescentes*. 2001. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001.
- WASKOW, Silvana de B. *Os processos disciplinares na escola e a dimensão moral na representação de alunos adolescentes*. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

Doutorados

- FERRARI, Shirley C. *Dar voz ao aluno do supletivo: mudanças pessoais e suas razões*. 2001. Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001.
- FRANCO, Adriana de F. *A construção social da auto-estima de alunos que viveram histórias de fracasso no processo de escolarização*. 2006. Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

- GALLO, Alex E. *Adolescentes em conflito com a lei: perfil e intervenção*. 2006. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2006.
- GALVÃO, Andrea C. *Adolescência: dos rabiscos ao traço - estudo psicanalítico sobre a educação e o adolescente*. 2002. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2002. .
- JUSTO, Carmem S. S. *Crianças e adolescentes em situação de rua - estudo qualitativo realizado na cidade de Marília - SP*. 2001. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual Paulista, Marília, 2001.
- SCHIRATO, Maria Ap. R. *O percurso do jovem executivo na arquitetura do poder das organizações sob o ponto de vista psicanalítico*. 2006. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.
- SHIMIZU, Alessandra de M. *Representações sociais e julgamentos morais de jovens: um estudo intercultural comparando duas abordagens teórico-metodológicas*. 2002. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual Paulista, Marília, 2002.

SERVIÇO SOCIAL

Mestrados

- CABALLERO, Alejandro L. K. *Um estudo da adolescência desde as imagens que suscita, suas condições de emergência e o disciplinamento adolescentizante*. 2002. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Montevideú, 2002.

Doutorados

- CABALLERO, Alejandro L. K. *Adolescente sem adolescência: reflexões sobre a construção da subjetividade no contexto neoliberal*. 2006. Tese (Doutorado em Serviço Social) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Montevideú, 2006.

Tema: Jovens e Corpo

EDUCAÇÃO

Mestrados

- FREITAS, Sylvania A. *Corpo e imaginário social: o discurso de jovens*. 2003. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.
- JÚNIOR, Alvaro M. *Pós-modernidade e corpo: a Educação Física escolar na sociedade de consumo*. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Sorocaba, Sorocaba, 2005.
- SLOMKA, Marcelo. *Corpo e juventude: a nomeação do outro*. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.
- ZUNINO, Volney. *O corpo em discurso*. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Regional de Blumenau, Blumenau, 2006.

*Tema: Jovens e Esporte***EDUCAÇÃO***Mestrados*

- AGRÍCOLA, Nestor P. A. *Jogos studentis do estado de Goiás: o proposto, o realizado e o vivenciado*. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2005.
- BANDEIRA, Hélio R. *Percepções de alunos de karatê sobre agressividade/violência: aplicações educacionais no ensino de artes marciais*. 2006. Dissertação (Mestrado Em Educação) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.
- BARBIRATO, Fernanda R. *A socialização no contexto de projetos esportivos: um estudo de caso na fundação gol de letra*. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2005.
- MELO, M. P. *Vila olímpica da maré e as políticas públicas de esporte em favelas no rio de janeiro: novas dinâmicas da relação estado e sociedade civil em tempos neoliberais*. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2004.

CIÊNCIAS SOCIAIS*Mestrado*

- FILHO, Washington G. *Esporte e ascensão social - histórias de vida de jovens bolsistas de uma escola metodista de Porto Alegre*. 2004. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2004.
- SANTOS, Antonio P. *Esporte de rendimento e sacrifício corporal: a prática do atletismo*. 2004. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2004.

Doutorados

- DAMO, Arlei S. *Do dom à profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França*. 2005. Tese (Doutorado em Antropologia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.
- PIMENTA, Carlos A. M. *O processo de formação do jogador de futebol no Brasil: sonhos, ilusões, frustrações e violências*. 2001. Tese (Doutorado em Antropologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001.
- SILVA, Jamerson A. A. *Política de esporte e lazer como educação emancipatória da juventude: contradições e possibilidades das políticas democráticas e populares*. 2005. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005.

Tema: Jovens e família

EDUCAÇÃO

Mestrados

- ABREU, Rosemarie E. *Influências da família da escola e da escolha profissional na determinação do perfil psicossocial do adolescente*. 1999. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 1999.
- ANGÉLICO, Antonio P. *Estudo descritivo do repertório de habilidades sociais de adolescentes com síndrome de Down*. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2004.
- FRANCESCO, Marcia I. B. *Família e trabalho: elo importante para a integração social do deficiente mental*. 1999. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.
- LOCATELLI, Adriana C. D. *A perspectiva de tempo futuro como um aspecto da motivação do adolescente na escola*. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2004.
- MACHADO, Ana P. O. *Filhos de professores = profissão professor?* 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2004.
- MIYASHIRO, Sandra R. G. *Filhos de presidiários: um estudo sobre estigma*. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.
- PANIAGO, Maria L. F. S. *A aquisição de capital lingüístico: quatro casos particulares do (im)provável*. 2000. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2000.
- PITANGA, Maria E. S. *As representações sociais da família construídas pelas meninas atendidas na casa mãe margarida na cidade de Manaus/AM*. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2006.
- RIBEIRO, Marisa M. *Violência doméstica contra a criança e a adolescência: a realidade velada e desvelada*. 2003. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2003.
- TELLES, Rosana R. G. S. *Mudanças nas práticas educativas da família contemporânea e suas relações com a escola*. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estácio de Sá, 2006.
- WERNECK, Ana P. L. *Nove famílias: visões de mundo e estilos de vida*. 1999. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999.

Doutorados

- CUNHA, Maria A. A. *Trajetos sinuosos: o bairro, a família e a juventude a um só tempo*. 2003. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.
- SALES, Eliana M. B. *Percepção de adolescentes sobre suas relações familiares conceitos de justiça e de auto-respeito*. 2004. Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2004.

CIÊNCIAS SOCIAIS*Mestrado*

QUEIROZ, Danielly S. *Jovens e valores: a construção de projetos de vida*. 1999. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade de Brasília, Brasília, 1999.

SERVIÇO SOCIAL*Mestrados*

BÁBARA, Daniele R. V. O. L. S. *Diários sobre a ditadura: o que seus filhos têm a dizer?* 2004. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

CAVALCANTE, Lilia I. C. *Violação de direitos da criança e do adolescente: cenas familiares*. 2006. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Universidade Federal do Pará, Belém, 2006.

*Tema: Jovens e Meio Ambiente***EDUCAÇÃO***Mestrados*

ALBINO, Fabiana E. *Comunicação ambiental em ambientes não-formais: a experiência do fórum juvenil da Agenda 21 na cidade de Santos (2000 A 2005)*. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2006.

BARBETI, Gilberto C. *A construção da cidadania por meio de um projeto de educação ambiental: limites e possibilidades*. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro Universitário Moura Lacerda, Ribeirão Preto, 2005.

BARBOSA, Sanny R. M. *A percepção da legislação ambiental brasileira entre alunos do CEFET-RP e produtores rurais de Rio Pomba: considerações sobre a intervenção educacional como elemento de divulgação e conscientização*. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2006.

BERNARDI, ALEXANDRE C. M. *A percepção sobre o ambiente escolar na construção de práticas e conceitos de educação ambiental*. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro Universitário Moura Lacerda, Ribeirão Preto 2006.

CARNEIRO, Danielle. *Educação ambiental: processo e fronteiras*. 2002. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2002.

DIAS, Sonia M. S. *Educação ambiental: a construção de seus sentidos e significados na dimensão simbólico-imaginária dos alunos do colégio de aplicação da UCP*. 2000. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Católica de Petrópolis, Petrópolis, 2000.

FREITAS, Renata A. *A educação ambiental com filhos de pescadores: uma experiência na casa familiar do mar "Wilson Pedro Kleinubing", Laguna, SC*. 2003. Dissertação

- (Mestrado em Educação) - Fundação Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2003.
- GONÇALVES, Marcio L. Q. *Educação ambiental e fenomenologia: a contribuição da excursão para as percepções de meio ambiente em estudantes de ensino médio*. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Sorocaba, Sorocaba, 2005.
- GONCALVES, Paulo M. C. *A educação ecoprofissional de jovens em zonas periurbanas: reflexões em torno de uma experiência*. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.
- GONZÁLEZ, SOLER. *Educação ambiental biorregional: a comunidade aprendente na Ilha das Caieiras-Vitória (ES)*. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2006.
- IZAU, Vitória R. *O olhar dos jovens de periferia sobre qualidade e meio ambiente: um estudo em Belo Horizonte*. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.
- LEAL, Joana C. P. *A percepção ambiental: um estudo de caso com uma escola de ensino fundamental em Capão da Canoa – RS*. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.
- LIMA, Maria F. F. *As concepções de educação, meio ambiente e sustentabilidade no contexto da formação profissional do técnico em agroindústria do Centro Federal de Educação Tecnológica de Rio Pomba – MG*. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2006.
- MARCHITO, Raquel M. *Recuperação de áreas degradadas na contextualização dos temas ambientais*. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2005.
- MENDES, Renato P. R. *Percepção sobre meio ambiente e educação ambiental: o olhar dos graduandos de ciências biológicas da PUC Betim (2005)*. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.
- MERCÚRIO, MARIA C. B. *Alinhavando: um estudo sobre as representações de meio ambiente desconstruídas através de práticas sociais, artísticas e pedagógicas*. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Sorocaba, Sorocaba, 2005.
- NARDI, Anna M. *Educação ambiental é o instrumento para que se alcance o desenvolvimento sustentável - uma pesquisa realizada em Petrópolis*. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Católica de Petrópolis, Petrópolis, 2004.
- RODRIGUES, Tereza C. *A articulação entre cidadania e educação ambiental: o projeto do nicho ao lixo*. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica De Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005.
- SANTOS, Antônio N. F. *A tecnologia hidropônica como prática pedagógica na construção de concepções de ambiente*. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2006.
- SILVA, Joana A. *Educação ambiental: representações sociais de alunos de 8ª série de ensino fundamental de escolas públicas estaduais de Teresina-PI*. 2000. Dissertação (Mestrado em Educação) - Fundação Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2000.
- VALLE, Marilda R. R. *Educação ambiental e práticas consumistas de jovens do ensino médio*. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro Universitário Moura Lacerda, Ribeirão Preto, 2004.

CIÊNCIAS SOCIAIS*Mestrados*

VICTAL, Maria I. F. *Retrato ambiental da cidade de São Paulo: o sentido de ligação de crianças e adolescentes paulistanos com a natureza*. 2000. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2000.

*Tema: Jovens e Religião***EDUCAÇÃO***Mestrados*

ANDRADE, Alenice M. dos S. *Surfistas de Cristo: um estudo da sociabilidade juvenil*. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

BUNDCHEN, Célia M. *Significados de religião em diferentes contextos educativos*. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Luterana do Brasil, Canoas, 2005.

CAMPOS, Luciana de A. *Em nome de Jesus: um estudo sobre religião, política e cultura na escola pública laica*. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2004.

COSTA, Leide B. de B. A. da. *Pluralidade religiosa no contexto escolar: possibilidades de um sentido vivencial*. 2002. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2002.

FORTUNATO, Cynthia T. D. *Os usos e os sentidos da fé: sobre religião, ciência e outras formas de violência e de esperança no/do cotidiano escolar*. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2005.

OLIVEIRA, Heli S. de. *Jovens pentecostal e escola noturna: significados atribuídos às práticas escolares*. 2000. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2000.

SILVA, Jairo A. da. *Religiosidade e educação religiosa da juventude: aproximações e distanciamentos em Cuaibá e baixada cuiabana*. 2003. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2003.

Doutorados

GUEDES, Maristela G. de S. *Educação nos terreiros e como a escola dialoga com crianças que praticam Candomblé*. 2005. Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

PARADA FILHO, Carlos J. *Entre sentidos e saberes: a religião na educação universitária (um estudo de caso: a FE-UFF)*. 2006. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

CIÊNCIAS SOCIAIS

Mestrados

- BATISTA, Paulo C. *Da mística á utopia : um estudo antropológico do movimento mística e revolução para novas reflexões sobre juventude, religião e política*. 2005. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.
- FABIÃO, Maurício F. *A busca de johvens: participação e pertencimento da juventude messiânica a partir do Johrei Center Andaraí*. 2005. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.
- GABRIEL, Eduardo. *A evangelização carismática católica na Universidade: o sonho do grupo de oração universitária*. 2005. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2005.
- GRUMAN, Marcelo. *Sociabilidade e aliança entre jovens judeus no Rio de Janeiro*. 2002. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Niterói, 2002.
- MELO, Jacyara P. L. De. *Juventude e pentecostalismo: conversão religiosa, mídia, festa e música Gospel*. 2005. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade Federal do Maranhão, São Luis, 2005.

Doutorados

- FERNANDES, Silvia R. A. *Ser padre pra ser santo; ser freira pra servir: a construção social da vocação religiosa - uma análise comparativa entre rapazes e moças no rio de janeiro*. 2004. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade do Estado do Rio De Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.
- GALINKIN, Ana Lúcia. *Os filhos dos mandamentos*. 2001. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.
- SIEPIERSKI, Carlos T. *De bem com a vida - o sagrado num mundo em transformação: um estudo sobre a Igreja Renascer em Cristo e a presença evangélica na sociedade brasileira*. 2001. Tese (Doutorado em Antropologia) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

Tema: Jovens e saúde

EDUCAÇÃO

Mestrados

- CAMPOS, Ely. *Educação e comportamento de risco no contexto da indústria cultural*. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2005.
- COSTA, Marilice M. G. *As teias de desmame no processo de amamentação de mães adolescentes*. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) - Fundação Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2005.

- FONTANIVE, Cristine S. *Hábitos e comportamentos alimentares de estudantes adolescentes de escola privada da cidade de Brasília-DF*. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2004.
- PALUMBO, Giuliana A. *Representações sociais da AIDS: um estudo com alunos da 8ª série do ensino fundamental em uma escola municipal de Ribeirão Preto*. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro Universitário Moura Lacerda, Ribeirão Preto, 2005.

CIÊNCIAS SOCIAIS

Mestrados

- CACHET VARELLA, Luís C. P. L. - *A solitária trajetória para a loucura: jovens internos e egressos do instituto de psiquiatria do estado de Santa Catarina*. 2006. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

Tema: Jovens e Substâncias Psicoativas

EDUCAÇÃO

Mestrados

- BAPTISTA, Gustavo C. *Adolescência e drogas: um estudo exploratório na região metropolitana de São Paulo*. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.
- BRESIGHELLO, Maria L. M. *Jovens universitários e álcool: conhecimentos e atitudes*. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2005.
- CRUZ, Luciana A. N. da. *Uso de álcool e julgamento sócio-moral de estudantes do Ensino Médio*. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual Paulista, Marília, 2006.
- FLORES, Mariel H. **Motivos** que levam jovens a recusar drogas: subsídios a propostas de prevenção à drogatização na escola, com ênfase na saúde cerebral. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande Do Sul, Porto Alegre, 2004.
- MARTINS, Maria do C. C. *Jovens Estudantes: interdição e inserção no consumo de substâncias psicoativas*. 2003. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2003.
- MELO, Maria E. X. *As drogas sob a perspectiva de jovens estudantes de 11 a 15 anos da rede pública de Cuiabá em 2002 e 2003: um estudo de representações sociais*. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2004.
- MOREIRA, Ângela K. *Contribuições da escola para a prevenção ao abuso de drogas*. 2002. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

- RIBEIRO, Wânier A. *Abordagens pedagógicas de prevenção do uso indevido de drogas por adolescentes: da prática da opressão à “prática da opressão” à “prática da liberdade”*. 2001. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2001.
- SANCHES, Maria U. C. *A visão dos jovens do centro federal de educação tecnológica de Mato Grosso sobre o consumo de drogas ilícitas*. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2005.
- SANTOS, Emerson dos. *Combate ao tabagismo através de Políticas Públicas e campanhas preventivas*. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade São Marcos, São Paulo, 2005.
- SILVA, Lilian C. T. F. da. *Representação social de jovens sobre drogas*. 2002. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2002.
- VIANNA, Fernanda de C. *Histórias da periferia: a maconha no mundo de jovens estudantes de uma escola pública de São Paulo - uma análise fenomenológica*. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.
- VIANNA, Silvana R. O. *Adolescentes do ensino médio & uso do álcool: compreendendo essa relação*. 2002. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2002.

Doutorados

- LEPRE, Rita M. *Raciocínio moral e uso abusivo de álcool por adolescentes*. 2005. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual Paulista, Marília, 2005.
- MEZZAROBBA, Solange M. B. *Bebidas alcóolicas na adolescência: relação entre uso e domínios sociais*. 2006. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual Paulista, Marília, 2006.
- OLIVEIRA, Luiz C. de. *O universitário e o universo das drogas: contribuições da psicologia para uma educação preventiva*. 2005. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2005.

CIÊNCIAS SOCIAIS

Mestrados

- MILAGRES, Jovirson J. *Para além da “porta de entrada”: usos e representações sobre o consumo da cannabis entre universitários*. 2003. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2003.

Doutorados

- VARGAS, Eduardo V. *Entre a extensão e a intesidade: corporalidade, subjetividade e uso de drogas*. 2001. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2001.

SERVIÇO SOCIAL*Mestrados*

- CUNHA, Clara M. P. C. C. da. *Lazer e sociabilidade juvenil de usuários de drogas em contexto de risco*. 2006. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Universidade Federal da Paraíba/João Pessoa, João Pessoa, 2006.
- KAWALL, Beatriz G. *Verso e reverso: a trajetória de jovens que optaram por dizer não às drogas*. 2006. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.
- OLIVEIRA, Maria Inês Toledo de. *Adolescentes usuários de drogas e a questão do abandono do tratamento*. 2004. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.
- SILVA, Karina B. da F. E. *O consumo do álcool entre adolescentes estudantes de escolas privadas católicas de Natal*. 2006. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2006.
- VIEIRA, Ires de F.. *Uso de drogas e prática de ato infracional: vozes de jovens num cenário de pobreza e exclusão*. 2005. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Universidade Federal da Paraíba/João Pessoa, João Pessoa, 2005.

*Tema: Jovens e Violência***EDUCAÇÃO***Mestrados*

- FERNANDEZ, Regina M. R. A. *Do imaginário da libido/destruido: as imagens da violência e as imagens da solidariedade na cultura latente de um grupo de adolescentes no serviço de qualificação profissional centro de acolhida Anna Lapini*. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.
- PINHEIRO, Veralúcia. *Família, violência e silêncio: um estudo sobre meninas vítimas de abuso sexual*. 2000. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2000.
- SANTOS, Joseleno V. *A exploração sexual comercial de adolescentes na região metropolitana de Goiânia: um estudo de depoimentos da CEI*. 2002. Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2002.
- SILVA, Alvaro C. *Os jovens e suas representações sociais de violência*. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade Estácio de Sá, 2006.

Doutorados

- PINHEIRO, Veralúcia. *Socialização, violência e prostituição*. 2006. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

CIÊNCIAS SOCIAIS

Mestrados

- ALENCAR, Edson R. P. *Mortes violentas na cidade de São Paulo na década de noventa: os números da violência na América latina e Caribe nos anos 90*. 2001. Dissertação (Mestrado em Sociologia)- Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.
- ALVES, Ariadna Q. N. *O abuso sexual no itinerário da revelação notificação: caminhos e descaminhos*. 2006. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2006.
- BEZERRA, Débora O. *Do menor ao adolescente: representações sociais da delinquência juvenil*. 2002. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2002.
- COLARES, Maria C. S. *Poder, dominação e violência: um olhar sobre a exploração comercial de adolescentes*. 2006. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2006.
- DUARTE, Daniele B. *Delinquência juvenil: um estilo de vida na modernidade contemporânea*. 2004. Dissertação (Mestrado em Sociologia)- Instituto Universitário de Pesquisa do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.
- MATIAS, Antônio A. N. *As galeras violentas de classe média*. 2003. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.
- MORAES, Luciana S. C. *Polifonia discursiva: a internação de adolescentes infratores no Rio de Janeiro no início da República e na conjuntura atual*. 2004. Dissertação (Mestrado em Sociologia)- Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2004.
- OLIVEIRA, Jonas H. *A polícia e os jovens: um estudo sobre histórias de vida, práticas corporativas e conflitos urbanos*. 2005. Dissertação (Mestrado em Antropologia)- Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.
- PEREIRA, Lúcia M. M. *Matei porque*. 2003. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Fundação Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2003.
- PERINO, Ermenegilda F. D. *A violência entre jovens no conjunto habitacional Orlando Quagliato no município de Ourinhos: Realidade ou mito*. 2005. Dissertação (Mestrado em Antropologia)- Universidade Estadual Paulista, Marília, 2005.
- SILVA, Mariana P. *A representação da violência para os jovens na cidade de Marília – SP*. 2005. (Mestrado em Sociologia) – Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2005.
- SOBRINHO, José C. *Thánatos: Os dilemas da juventude excluída do bairro de Felipe Camarão em Natal-RN*. 2001. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2001.
- SOLIGO, Luciana G. ***Entre o sonho e a morte: o cotidiano dos malandros em São Paulo***. 2005. Dissertação (Mestrado em Antropologia)- Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.

Doutorados

- SEQUEIRA, Vania C. *Vidas abandonadas: crime, violência e prisão*. 2005. Tese (Doutorado em Antropologia)- Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.
- SILVA, Elisabeth M. *A violência diletante: um estado sobre as brigas juvenis no contexto do lazer*. 2003. Tese (Doutorado em Antropologia)- Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2003.
- SPAGNOL, Antonio S. *Garotos perdidos, um estudo sobre jovens delinquentes na cidade de São Paulo*. 2003. Tese (Doutorado em Sociologia)- Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

SERVIÇO SOCIAL*Mestrados*

- ALMEIDA, Sonia M. F. *O desvendar da violência doméstica infanto juvenil: um desafio para a sociedade*. 1999. Dissertação (Mestrado em Serviço Social)- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.
- CACHO, Liliane S. R. *A violência sexual contra crianças e adolescentes na cidade do natal: direitos garantidos ou negados?* .2006. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2006.
- LIMA, Silvia L. C. *Violência sexual doméstica contra crianças e adolescentes: histórias e destinos*. 2003. Dissertação (Mestrado em Serviço Social)- Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003.
- MEURER, Dirte S. *Os condicionantes sociais potencializadores do risco de reiteração da violência sexual contra crianças e adolescentes*. 2006. Dissertação (Mestrado em Serviço Social)- Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.
- REBOUÇAS, Maurício C. *Heranças e conflitos: o legado da prostituição e a violência familiar na constituição da exploração sexual comercial de crianças e adolescentes na cidade de Santos – SP*. 2004. Dissertação (Mestrado em Serviço Social)- Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2004.
- ROCHA, Kássia C. F. *Exploração sexual de crianças e adolescentes: embates de uma expressão da questão social*. 2005. Dissertação (Mestrado em Serviço Social)- Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.
- RODRIGUES, Alissandra A. *A violência doméstica contra crianças e adolescentes: análise da realidade no distrito federal a partir do atendimento realizado pelo s*. 2000. Dissertação (Mestrado em Serviço Social)- Universidade de Brasília, Brasília, 2000.
- SEABRA, Maria P. S. S. D. *Negligência contra crianças e adolescentes no distrito federal, segundo o discurso dos atores sociais envolvidos*. 1999. Dissertação (Mestrado em Serviço Social)- Universidade de Brasília, Brasília, 1999.
- TEIXEIRA, Desirée M. *A interdisciplinaridade da intervenção na violência intrafamiliar contra crianças e adolescentes*. 2005. Dissertação (Mestrado em Serviço Social)- Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

Tema: Jovens indígenas

EDUCAÇÃO

Mestrados

- BOTH, S. J. *Da aldeia à cidade: o cotidiano de estudantes paresi em escolas urbanas de Tangará da Serra-MT*. 2006. Dissertação ((Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Mato Grosso, 2006.
- MATTE, Dulci Claudete. *Etnicidade entre os universitários*. 2001. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, 2001.
- NETO, Joaquim J. *Jovens tapuios do Carretão: processos educativos de reconstrução de identidade indígena*. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Católica de Goiás, 2004.
- REZENDE, G. C. *A Relação entre indígenas e não indígenas em escolas urbanas: um estudo de caso na cidade de Campinápolis/MT*. 2003. Dissertação ((Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Mato Grosso, 2003.

CIÊNCIAS SOCIAIS

Mestrados

- MACEDO, Silvia L. S. *Jovina, Cacique, Professor e Presidente: as relações entre o conselho Apiria e os cursos de formação de professores Waiãpi*. 2000. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo 2000.
- VITTI, Vaneska T. *Jovens Kamaiurá no século XXI*. 2005. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Pontifca Universidade Católica de São Paulo, São Paulo 2005.

Doutorado

- PALADINO, Mariana. *Estudar e experimentar na cidade: trajetórias sociais, escolarização e experiência urbana entre “jovens” indígenas ticuna, Amazonas*. 2006. Tese (Doutorado em Antropologia) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006.

Tema: Jovens no/do estrangeiro

EDUCAÇÃO

Mestrados:

- GOMES, José M. S. G. *Estudantes na terra dos outros: a experiência dos universitários angolanos da Universidade Federal de Minas Gerais*. 2002. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002.

Doutorados:

PRADO, Ceres L. *Intercâmbios culturais como práticas educativas em famílias das camadas médias*. 2002. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002.

CIÊNCIAS SOCIAIS*Mestrados*

CHEREM, Youssef A. *Islã, legitimidade e cultura política: o movimento estudantil no Irã durante o período khatami (1997-2005)*. 2006. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

JOÃO. Dulce M. C. *“O mito atlântico”: relatando experiências singulares de mobilidade nos estudantes africanos em Porto Alegre no jogo da reconstrução de suas identidades étnicas*. 2006. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

MENEZES, Gustavo H. S. *Filhos da imigração: sobre a segunda geração de imigrantes brasileiros nos estados unidos*. 2002. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade de Brasília, Brasília, 2002.

OCAMPOS, Ricardo Y. D. *Juventude organizada: a construção de novas participações no Paraguai*. 2005. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

PEDRO, Verônica T. *Identidades traduzidas num mundo globalizado: os estudantes africanos em Florianópolis*. 2000. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000.

Doutorados

OLIVEIRA, Abel J. A. de. *Rinkebysvenska: identidade e linguagem do jovem de origem estrangeira em um bairro de Stockholm, Suécia*. 2002. Tese (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

SERVIÇO SOCIAL*Mestrados*

SOSA, Gustavo A. S. *A descolonização na vida cotidiana: outras formas de fazer política no “movimento de agosto de 1996 dos jovens uruguaios”*. 1999. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999.

Doutorados:

OKAMURA, Laura K. S. *Delinquência juvenil - filhos de trabalhadores brasileiros no Japão*. 2003. Tese (Doutorado em Serviço Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2003.

- NAKAGAWA, Kyoko Y. *Crianças e adolescentes brasileiros no Japão: províncias de Aichi e Shizuoka*. 2005. Tese (Doutorado em Serviço Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.
- SUBUHANA, Carlos. *Estudar no Brasil: imigração temporária de estudantes moçambicanos no Rio de Janeiro*. 2005. Tese (Doutorado em Serviço Social) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

Tema: Jovens portadores de necessidades especiais

EDUCAÇÃO

Mestrados

- ALAMINOS, Claudia. *Discursos sobre a inclusão escolar: a espera do efeito Janus*. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.
- ALVES, Teresa C. L. S. *Educação de surdos: anotações de uma professora surda*. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade de Sorocaba, Sorocaba, 2005.
- BECHE, Rose C. E. *A sexualidade do surdo: retalhos silenciosos na constituição da sua identidade*. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.
- BORGES, Ladimari T. *Imaginários de jovens com Síndrome de Down*. 2001. Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2001.
- CECHINEL, Lenita C. *Inclusão do Aluno Surdo no Ensino Superior: um estudo do uso de Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) como meio de acesso ao conhecimento científico*. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí, 2005.
- CHAHINI, Thelma H. C. *Os desafios do acesso e da permanência de pessoas com necessidades educacionais especiais nas instituições de educação superior de São Luís- MA*. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2006.
- CONCEIÇÃO, Ligia N. *Crianças e jovens portadores de necessidades educativas especiais institucionalizados: um estudo sobre suas interpretações em relação às práticas sócio-educativas para a reinserção social*. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004.
- COSTA, Gisele M. M. *A construção social do significado musical: o que a música está fazendo na escola*. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005.
- COSTA, Mara R. N. *Um estudo sobre o adolescente portador de altas habilidades: seu “olhar” sobre si mesmo*. 2000. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000.
- DALBÉRIO, Maria C. B. *Quem são e onde estão os alunos egressos da educação especial?* 2000. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2000.
- FAGUNDES, Édina V. *A inclusão do estudante com necessidade educacional especial na escola regular em Pelotas-(RS): limites e possibilidades*. 2002. Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2002.

- FORGIARINI, Roberta R. *Adolescentes com necessidades educacionais especiais: seus sonhos, anseios e perspectivas*. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação)- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.
- FORTES, Vanessa G. G. F. *A inclusão da pessoa com deficiência visual: a percepção dos acadêmicos*. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2005.
- FREITAS, Vilma C. G. *A inclusão social do deficiente visual em Sorocaba*. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2006.
- LIRA, Miriam C. F. *Lembranças de escola: um estudo sobre a inclusão do aluno com diferenças visuais*. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí, 2005.
- MENDONÇA, Suelene R. D. *Refletindo sobre o processo de escolarização de alunos surdos: um estudo sobre a constituição da identidade*. 2002. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2002.
- MOREIRA, Geraldo E. *Perfeccionismo em adolescentes superdotados atendidos em um programa para alunos com altas habilidades/talentosos*. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2005.
- NEBEL, Marita Z. *Mãos que falam da construção de identidades surdas na escola ouvinte*. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2006.
- OLIVEIRA, Elaine T. G. *Acessibilidade na universidade estadual de Londrina: o ponto de vista do estudante com deficiência*. 2003. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual Paulista, Marília, 2003.
- PELA, Mary A. P. *A biblioteca universitária, espaços formativos e inclusão: a perspectiva de graduandos com deficiência visual*. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Cidade de São Paulo, São Paulo, 2006.
- PERINI, Thelma I. *O processo de inclusão no ensino superior em Goiás: a visão dos excluídos*. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2005.
- RAGAZZI, Carmen L. M. *Emprego com apoio: alternativa viável para inserção de pessoas com deficiência mental no mercado de trabalho?* 2001. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2001.
- RAPOSO, Patricia N. *O impacto do sistema de apoio da universidade de Brasília na aprendizagem de universitários com deficiência visual*. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Brasília, Brasília, 2006.
- SANTOS, Wanderley J. P. *Do ensino médio à universidade: trajetória escolar de alunos surdos formados em uma escola especial de São Paulo, no período de 1965 à 1996*. 2002. Dissertação (Mestrado em Educação)- Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2002.
- SPARZINHO, Susana G. P. B. P. *Vai à escola: um estudo sobre as características do aluno com altas habilidades produtivo-criativo*. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.
- TARABORELLI, Marli A. *O processo de inclusão do aluno surdo: expressões sobre o cotidiano escolar*. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Sorocaba, Sorocaba, 2006.

TARTUCI, Dulcéria. *A experiência escolar de surdos no ensino regular: condições de interação e construção de conhecimento*. 2001. Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2001.

Doutorados

DIAS, Maria A. *Do corpo controlado ao corpo vivido: a trajetória terapêutica e educacional de um grupo de jovens com limitrofia*. 2006. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2006.

GIORDANI, Liliane F. *Quero escrever o que está escrito nas ruas: representações culturais da escrita de jovens e adultos surdos*. 2003. Tese (Doutorado em Educação) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

GUHUR, Maria L. P. *As emoções na dimensão afetiva das condutas de jovens e adultos com deficiência mental e sua imersão no processo dialógico: perspectivas teóricas de Wallon e Bakhtin e observações num programa de intervenção educativa*. 2005. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2005.

KASSAR, Mônica C. M. *Modos de participação e constituição de sujeitos nas práticas sociais*. 1999. Tese (Doutorado em Educação)- Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

SANTOS, Roseli A. *Processos de escolarização e deficiência: trajetórias escolares singulares de ex-alunos de classe especial para deficientes mentais*. 2006. Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

SILVA, Luciene M. *A negação da diferença: um estudo sobre as interações de alunos com deficiência visual na escola pública*. 2004. Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2004.

Tema: Jovens, modo de vida e socialização

EDUCAÇÃO

Mestrados

ALVES, Adriana. *Relações de saber e com o saber em jovens das camadas populares - o caso do programa Avizinhar/USP*. 2006. Dissertação (Mestrado em EDUCAÇÃO) - Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2006.

BROD, Anelise. *Práticas e trajetórias juvenis pelo espaço da cidade de Erechim*. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

MIRANDA, Mônica G. *Representações sociais do espaço urbano e a revelação do sujeito geográfico: um estudo com jovens de Ceilândia/DF*. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

RIBES, Sandra C. *Histórias de vida - saberes informais e formais do sujeito jovem da comunidade Chico Mendes*. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

Doutorados

NASCIMENTO, Carmen T. B. *A casa, a escola e a rua: espaços de múltiplas práticas sociais no cotidiano de meninos e meninas que freqüentam três escolas públicas na periferia da cidade de Porto Alegre*. 2005. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal Do Rio Grande Do Sul, Porto Alegre, 2005.

CIÊNCIAS SOCIAIS*Mestrados*

CORRÊA, Viviane R. *Nós e os outros o impacto das migrações e dos programas de moradia em Florianópolis: relações sociais e conflitos na ótica de moradores adultos e de jovens no bairro Saco Grande*. 2005. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis 2005.

PUTTINI, Marcelo S. *Jovens e vulneráveis: um estudo sobre a exclusão social entre os jovens de Santa Maria / DF*. 2004. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade de Brasília, Brasília, 2004.

Doutorados

ARAÚJO, Lidice M. S. *Os jovens do Recife e o lugar de cada um*. 2002. Tese (Doutorado em Sociologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2002.

FONSECA, Maria F. *Jovens urbanos dos povos da Amazônia na cidade de Belém/PA*. 2006. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2006.

ULRICH, Sandra R. G. *Entre a tradição e a modernidade: estudo de uma comunidade tirolo-trentina no interior do estado de São Paulo*. 2001. Tese (Doutorado em Antropologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001.

SERVIÇO SOCIAL*Mestrado*

ARAÚJO, Késia M. S. ***Discute-se o lugar social ocupado pela juventude de bairros periféricos no imaginário social urbano***. 2005. Dissertação (Mestrado Em Serviço Social) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2005.

*Tema: Juventude Rural***EDUCAÇÃO***Mestrados*

AGUIAR, Fábio L. De. *Juventudes de um rural catarinense: trajetórias cotidianas no contexto da agricultura familiar*. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

- ALENCAR, Maria C. de M. *“Eu sou da roça, jovem rural*. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2005.
- BARBOSA, Maria de F. R. *Escolarização e trabalho: o desafio do discente trabalhador no ambiente rural - um estudo de caso*. 2001. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2001.
- BENFICA, Welessandra A. *A escola rural na década de 90: expectativas e significados da experiência escolar para os alunos e suas famílias*. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.
- CAMPOLIN, Adalgiza I. *Quando alunos e alunas são rurais e a escola é urbana: o significado do ensino médio para jovens rurais*. 2000. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.
- FARIA, Ivan. *Projetos de vida e juventude : um diálogo entre a escola, o trabalho e o Mundo? : (uma experiência de Etnopesquisa no Vale do Iguape)*. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006.
- FERNANDES, Debora R. de O. *Educação no campo: o caso do assentamento Dona Helena*. 2000. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal da Paraíba/João Pessoa, João Pessoa, 2000.
- GNOATTO, Almir A. *A casa familiar rural e a pedagogia da alternância*. 2000. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual Paulista, Marília, 2000.
- JESUS, Vania C. P. de. *Proposta para educação no campo e demandas dos trabalhadores*. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2006.
- LUNARDI, José C. T. *Olhares camponeses escola uma terra de educar*. 2000. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2000.
- LUZ, Deisy M. R. Da. *Casa familiar rural em Santa Catarina: contradições no encaminhamento político da proposta*. 2002. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.
- MELO, Danielly S. P. de. *Somos o que podemos ser, sonhos que poderemos ter: o conceito de sociabilidade no grupo de jovens do assentamento Pedro e Inácio - Camarazal/ Pernambuco*. 2003. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2003.
- MENDES, Laudénir O. *A colheita do não-cidadão: da evasão escolar ao trabalho infanto-juvenil na região da laranja*. 2000. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2000.
- NICÁCIO, Rosemary T. *A pedagogia da alternância na visão dos alunos de assentamentos: um estudo da pedagogia da alternância implantada em uma escola agrícola do estado de São Paulo*. 2002. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2002.
- PAESE, Mylene W. *Educação, discriminação e luta: alunos dos assentamentos Bojuí e Caeté na escola pública de ensino fundamental Benedito Moreira da Silva*. 2002. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2002.
- REIS NETO, Antonio. *Escola rural: o caminho da cidade - o caso do município de Floriano-PI*. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2005.

- RUSCHEL, Vanderci B. *Cooperação e trabalho na escola do mst: a cooperativa dos estudantes da escola agrícola de 1º grau 25 de maio*. 2001. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.
- SANTOS, Antonia F. da S. *O programa nacional de educação na reforma agrária e a importância da escolarização na opinião de assentados rurais do sertão do estado de Sergipe*. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.
- SANTOS, Fabiano A. dos. *Trabalho e educação do campo: a evasão da juventude nos assentamentos de reforma agrária*. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2006.
- SANTOS, Fabio J. S. dos. *Nem matuto(a), nem doutor(a) o aluno(a) o aluno(a) da roça na escola da cidade: um estudo sobre representações e identidades*. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2006.
- SILVA, Rita de Cássia C. da. *Os sem-terra e o desejo de aprender*. 2000. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal da Paraíba/João Pessoa, João Pessoa, 2000.
- SILVA, Vanda A. da. *Eles não tem nada na cabeça*. 2000. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.
- SOARES, Wilson J. *Escola rural de primeiro grau padre Dionísio Kuduavicz: educação e consciência política na formação do trabalhador do campo*. 2002. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2002.
- SOUZA, Márcia S. de. *Meio rural: quando a saída é a saída*. 1999. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1999.
- SOUZA, Ulisses N. de. *O cooperativismo na formação político-pedagógico de egressos das cooperativas-escolas das instituições federais de ensino agropecuário do Centro Oeste*. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2005.
- VIEIRA, Rosângela S. *Juventude e sexualidade no contexto escolar de assentamentos do movimento dos trabalhadores rurais sem terra*. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

Doutorados

- AZEVEDO, Alessandro A. de. *Quando trabalho é ensinamento pra rude e estudo é bom pro caba conseguir emprego melhor: falas, representações e vivências da educação popular na Reforma Agrária*. 2006. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2006.
- BRANCO, Maria T. C. *Produção da identidade dos jovens “sem-terra” da fazenda Ipanema, Iperó, SP*. 1999. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal De São Carlos, São Carlos, 1999.
- CECÍLIO, Maria A. *Os aspectos sócioeconômicos e biopsicológicos da formação do trabalhador precoce em atividade penosa na zona rural brasileira*. 2002. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual Paulista, Marília, 2002.
- CUYABANO, Emilia D. de S. *Nas lições das águas: sensibilidades em movimento - um estudo sócio-antropológico de alunos ribeirinhos do alto pantanal do Mato Grosso*, 2005.

- fronteira Brasil-Bolívia*. 2005. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.
- ESTRADA, Adrian A. *Imaginário e educação: um estudo culturanalítico numa escola de reassentamento*. 2004. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.
- PASSADOR, Claudia de S. *Um estudo do projeto escola do campo - casas familiar rural (1990-2002) do estado do Paraná: a pedagogia da alternância como referencial de permanência*. 2003. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.
- SALES, Celecina de M. V. *Criações coletivas da juventude no campo político: um olhar sobre os assentamentos rurais do MST*. 2003. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2003.
- SANTOS, Neila R. C. dos. *Educação do campo e alternância: reflexões sobre uma experiência na transamazônica*. 2006. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2006.
- SOUZA, Regina S. de. *Razão e movimento social: as racionalidades vividas do MST*. 2002. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual Paulista, Marília, 2002.

CIÊNCIAS SOCIAIS

Mestrados

- BONI, Valdete. *Produtivo ou reprodutivo: o trabalho das mulheres nas agroindústrias familiares - um estudo na região oeste de Santa Catarina*. 2005. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal De Santa Catarina, Florianópolis, 2005.
- COTTA JUNIOR, Humberto. *Mudança social nos arranjos familiares, trabalho e conhecimento do meio ambiente em uma sociedade tradicional amazônica: o caso de Igarapé-Açu*. 2001. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2001.
- DIAS, Emerson dos S. *A maioria do MST e o futuro dos universitários sem-terra*. 2004. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2004.
- HAYGERT, Maria L. L. *De pai para filho: tecendo um novo território familiar*. 2000. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000.
- MACHADO, Victor. *Estudantes em assentamentos: um estudo de aspirações por educação*. 2000. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2000.
- MARQUES, Francisco R. de S. *Juventude rural e assentamentos de Reforma Agrária: trajetórias e experiências coletivas*. 2006. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal da Paraíba/João Pessoa, João Pessoa, 2006.
- NEVES, Fernando L. das. *Nas encruzilhadas do eu e do nós: juventude, auto-imagem e interação social numa pequena cidade*. 2006. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.
- PEREIRA, Josete M. S. *Os espaços dos jovens nos processos de transformação do meio*

- rural: um estudo de caso no município de Camboriú.* 2001. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.
- PINCELLI, Angela C. S. *Trabalho infanto-juvenil na fumicultura e responsabilidade social empresarial: o discurso da Souza Cruz.* 2005. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.
- SILVA, Marcelo S. da. *Entre o bagaço da cana e a doçura do mel: migrações e as identidades da juventude rural.* 2006. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal da Paraíba/João Pessoa, João Pessoa, 2006.
- WEISHEIMER, Nilson. *Os jovens agricultores e seus projetos profissionais: um estudo de caso no bairro Escadinhas, Feliz/RS.* 2004. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

Doutorados

- CASTRO, Elisa G. de. *Entre ficar e sair: uma etnografia da construção social da categoria Jovem Rural.* 2005. Tese (Doutorado em Antropologia) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Niterói, 2005.
- SILVA, Vanda A. da. *Menina carregando menino.* 2005. Tese (Doutorado em Antropologia) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

SERVIÇO SOCIAL

Mestrados

- BRAGA, Libânia M. *Assentamento Hipólito: realidade e perspectivas dos jovens assentados.* 2006. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2006.
- RAFFAINI FILHO, Hercilio. *Família e trabalho : análise das relações familiares de trabalhadores rurais de Altinópolis SP.* 2001. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Universidade Estadual Paulista, Franca, 2001.
- VIEIRA, Jadcely R. *Jovens assentados rurais: um estudo sobre os valores e aspirações de jovens num contexto de assentamento rural.* 2002. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Universidade Federal da Paraíba/João Pessoa, João Pessoa, 2002.

Tema: Juventude, lazer, consumo e sociabilidade

EDUCAÇÃO

Mestrados

- ABREU, Rita de C. M B. de. *Um sujeito chamado adolescente - uma reflexão sobre suas práticas culturais na contemporaneidade.* 2002. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.
- ANTUNES, Maria P. F. *Educação da juventude em espaços urbanos: jovens na praça pública em Cáceres-MT.* 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2006.

- BAGGIO, Katia F. *Significados e implicações da arte do movimento - dança no processo de transformação pessoal: vivência artística no programa escolar do ensino básico*. 2001. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.
- LAGO, Miguel C. *Concepção e prática do lazer em alunos universitários*. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade São Francisco, Bragança Paulista, 2004.
- MARTINS, Carlos H. S. *O charme: território urbano-popular de elaboração de identidades juvenis*. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2004.
- MARTINS, Celso V. *Estação adolescência: identidades na estética do consumo*. 2002. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.
- MIGUEL, Carla L. *O campo da moda e jovens estudantes trabalhadoras: da produção da crença à necessidade cultural*. 2003. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2003.
- QUADRADO, Raquel P. *Adolescentes: corpos inscritos pelo gênero e pela cultura de consumo?* 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) - Fundação Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2006.
- RAMALHO, Erisvaldo. *Lazer: um estudo de caso no CEFET - AL*. 2000. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal da Paraíba/João Pessoa, João Pessoa, 2000.
- RIPA, Roselaine. *Indústria cultural e educação: qual é a minha marca*. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2005.
- ROSA, Tatiane S. *Lazer: concepções e vivências de uma juventude*. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

Doutorados

- CASELLI, Sibebe. *Ciência, cultura, museus, jovens e escolas: quais as relações*. 2005. Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.
- CARRANO, Paulo C. R. *Angra de tantos Reis: práticas educativas e jovens tra(n)çados da cidade*. 1999. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1999.
- PINTO, Leila M. S. M. *Sentidos e significados de tempo de lazer na atualidade: estudo com jovens belo-horizontinos*. 2004. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.

CIÊNCIAS SOCIAIS

Mestrados

- ABREU, Carolina C. *Raves: encontros e disputas*. 2006. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

- BARRAL, Gilberto L. L. *Espaços de lazer e culturas jovens em Brasília: o caso de bares*. 2006. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade de Brasília, Brasília, 2006.
- CARDOSO, Paulo M. M. *Lourival Cavalcanti e o universo das bandas de música*. 2005. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2005.
- CAVALCANTE, Tiago C. *O êxtase urbano: símbolos e performances nos festivais de música eletrônica*. 2005. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.
- DEMARCHI, André L. C. *Legionários do rock: um estudo sobre quem pensa, ouve e vive a música do Legião Urbana*. 2006. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.
- GUTIÉRREZ, Mónica L. F. *Tardes ao léu: um ensaio etnográfico sobre o tempo livre entre jovens de periferia*. 2000. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2000.
- MACINTOSH, Joana. *Usos e significados do vestuário entre adolescentes*. 2004. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2004.
- PEREIRA, Valdir M. A. *Herança rural no imaginário dos jovens de classe média na cidade de Goiânia*. 2002. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2002.
- TEODORO, Rosa J. *Fazendo festa, criando história(s) e contando estória(s): o doze em Ouro Preto, MG*. 2003. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.

Doutorados

- ALVES, Arivaldo L. *A experiência do samba na Bahia*. 2003. Tese (Doutorado em Antropologia) - Universidade de Brasília, Brasília, 2003.
- GRANDE, Sérgio V. L. *O impacto do rock no comportamento do jovem*. 2006. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2006.
- MACHADO, Fernanda E. *Hedonismo competente: antropologia de urbanos afetos*. 2006. Tese (Doutorado em Antropologia) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.
- PÍCCOLO, Fernanda D. *Sociabilidade e conflito no morro e na rua: etnografia de um centro comunitário em Vila Isabel/RJ*. 2006. Tese (Doutorado em Antropologia) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.
- PIRES, Eliane N. *Juventude, lazer e sociabilidade - trajetos e percursos na noite*. 2004. Tese (Doutorado em Antropologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2004.

SERVIÇO SOCIAL

Mestrados

- BATISTA, Rachel A. *Funk, cultura e juventude carioca: um estudo no morro da Mangueira*. 2005. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2005.

SALES, Francineide S. *Adolescente-etiqueta: consumo, significados e conflitos*. 2005. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

Doutorados

BAPTISTA, Tatiane A. *Ideologia do consumo e juventude em mosaico: as formas de consumo dos jovens da Mangueira*. 2005. Tese (Doutorado em Serviço Social) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

Outros

EDUCAÇÃO

Mestrados

GIOVINAZZO JÚNIOR, Carlos A. *A produção acadêmica sobre a educação escolar do aluno-adolescente: 1981-1995*. 1999. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1999.

NASCIMENTO, Francisco J. R. do. *A linguagem como apropriação da existência: reflexões sobre a formação juvenil*. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Católica de Petrópolis, Petrópolis, 2006.

Outras publicações

ARGUMENTVM Editora

As Origens da Educação Pública
A instrução na Revolução Burguesa do Século XVIII
Eliane Marta Teixeira Lopes

Memória, Subjetividade e Educação
Isabel de Oliveira e Silva e Martha Lourenço Vieira (org.)

A Educação e seus Sujeitos na História
Maria de Araújo Nepomuceno e Elianda Figueiredo Arantes Tiballi (org.)

Educação e Reforma
O Rio de Janeiro no anos 1920-1930
Diana Gonçalves Vidal (org.)

Lições de Casa
Discursos pedagógicos destinados à família no Brasil
Ana Maria Bandeira de Mello Magaldi

História das Punições e da Disciplina Escolar
Grupos Escolares de Belo Horizonte
Rita de Cássia de Souza

O Impresso como Estratégia de Formação
Revista do Ensino de Minas Gerais (1925-1940)
Maurilane de Souza Biccas

Qualidade na Educação Fundamental Pública nas Capitais Brasileiras
Tendências, Contextos e Desafios
Fátima Alves

As Escolas dos Dirigentes Paulistas
Ensino médio, vestibular, desigualdade social
Ana Maria Fonseca de Almeida

Escola e Destinos Femininos
São Paulo, 1950/1960
Graziela Serroni Perosa

Desigualdade e Desempenho:
uma introdução à sociologia da escola brasileira
Maria Ligia de Oliveira Barbosa

Coleção
EDVCERE

1ª EDIÇÃO: Novembro, 2009

IMPRESSÃO: Del Rey Indústria Gráfica

FORMATO: 15,5 x 22,5 cm; 264 p.

TIPOLOGIA: Bodoni

PAPEL DA CAPA: Supremo 250 g/m²

PAPEL DO MIOLO: Offset 90 g/m²

PRODUÇÃO EDITORIAL: Daniela Antonaci

CAPA & PROJETO GRÁFICO: Milton Fernandes

REVISÃO DE TEXTOS: Erick Ramalho

ARGUMENTVM
Editora

A produção de conhecimento, qualquer que seja o campo do saber, não pode prescindir do esforço sistemático de inventariar e fazer balanço sobre aquilo que foi produzido em determinado período de tempo e área de abrangência. Isso é o que se convencionou denominar de “estado do conhecimento” ou “estado da arte”. Organizada em dois volumes, esta coletânea é resultado de pesquisa nacional desenvolvida em rede e coordenada pela pesquisadora Marília Sposito (USP) sobre o Estado da Arte da produção de conhecimentos discente de Mestrado e Doutorado no tema **Juventude**. A pesquisa sondou o banco de teses do Portal Capes no período de 1999 até 2006, nas áreas da Educação, Ciências Sociais (Antropologia, Ciência Política e Sociologia) e Serviço Social e produziu artigos sobre diferentes eixos temáticos. A publicação dos dois volumes deste livro foi possível com o apoio do Projeto *Diálogos com o Ensino Médio*, uma parceria iniciada no ano de 2009 entre o Observatório da Juventude da UFMG, o Observatório Jovem da UFF e a Secretaria de Educação Básica do MEC.

ISBN 978-85-98885-77-3



9 788598 885773

Ministério
da Educação

